A LIAHONA

RELATÓRIO DA 164ª CONFERÊNCIA GERAL ANUAL • JULHO DE 1994

Daniel Interpreta o Sonho de Nabucodonosor, de Grant Romney Clawson

Com a ajuda de Deus, Daniel interpreta a visão que o Rei Nabucodonosor teve dos reinos da Terra—a "grande estátua"—sendo consumidos pelo reino de Deus (ver Daniel 2).

Relatório da 164ª conferência geral anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Sermões e Procedimentos dos Dias 2 e 3 de abril de 1994, no Tabernáculo da Praça do Templo, Cidade do Lago Salgado, Utah

"Hoje é comemorado o aniversário do maior milagre da história da humanidade", disse o Presidente Hinckley, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, na sessão matutina do domingo de Páscoa da conferência geral de abril. "Um milagre que envolve todos os que viveram, todos os que vivem e que viverão nesta terra. Nada que foi feito antes ou depois afetou de tal maneira a humanidade quanto a expiação realizada por Jesus de Nazaré, que morreu na cruz do Calvário, foi sepultado na tumba de José de Arimatéia e, no terceiro dia, ergueu-se da sepultura como o Filho Vivo do Deus Vivo, o Salvador e Redentor do mundo."

O Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência, em sua mensagem de encerramento na sessão vespertina de domingo, declarou: "Gosto do pensamento que diz: 'Antes da Páscoa, deve haver uma cruz'. E muitos têm que carregar cruzes pesadas. Com o nascimento do Infante de Belém, surgiu uma grande investidura—um poder maior do que as armas. (. . .) Ele dá a ordem, e aos que Lhe obedecem, sejam sábios ou humildes, Ele se revelará no azáfama, nos conflitos, nos sofrimentos que irão enfrentar ao se associarem a Ele. (. . .) Que

possamos louvar Seu nome, seguir-lhe o exemplo, e incorporar Suas verdades à nossa vida, e então esta conferência terá sido bem sucedida.

O Presidente Hinckley e o Presidente Monson conduziram as sessões da conferência devido a ausência do Presidente Ezra Taft Benson que, devido à idade e condição de saúde, não participou da conferência, assistiu às sessões pela televisão em seu apartamento.

A parte administrativa da conferência ocorreu na sessão vespertina de sábado, 2 de abril. O Bispo Presidente Robert D. Hales foi apoiado membro do Quórum dos Doze Apóstolos, ocupando a vaga deixada pela morte de Élder Marvin J. Ashton dos Doze, em fevereiro último (ver página 25). O Élder Cree-L Kofford do Segundo Quórum dos Setenta foi apoiado membro do Primeiro Quórum dos Setenta (ver página 25). Cinco irmãos foram apoiados para o Segundo Quórum dos Setenta, os Élderes: Cláudio Roberto Mendes Costa, de São Paulo, Brasil, W. Don Ladd, de Potomac, Maryland, James O. Mason, de Farmington, Utah, Dieter F. Uchtdorf, de Mannheim, Alemanha e Lance B. Wickman, de Poway, Califórnia (ver páginas de 118 a 120). O Élder Merrill J. Bateman do Segundo Quórum dos Setenta foi apoiado Bispo Presidente e os dois conselheiros no Bispado Presidente Anterior—Bispos H. David Burton e Richard C. Edgley—foram mantidos e apoiados como primeiro e segundo conselheiros do Bispo Bateman, respectivamente (ver página 25).

As sessões da conferência foram transmitidas via satélite a milhares de locais no hemisfério norte em inglês e em muitas outras línguas. Fitas de vídeo da conferência serão enviadas às unidades da Igreja onde não há possibilidade de se realizar transmissões ao vivo ou posteriores.

—*Os Redatores*

JULHO de 1994, Vol. 18, nº 7
A LIAHONA, 94987 059 - São Paulo - Brasil

Publicação oficial em português de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

A Primeira Presidência: Howard W. Hunter, Gordon B. Hinckley, Thomas S. Monson

Quórum dos Doze: Gordon B. Hinckley, Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott, Robert D. Hales

Editor: Rex D. Pinegar, Joe J. Christensen

Consultores: William R. Bradford, Spencer J. Condie, John H. Groberg

Administradores do Departamento de Currículo:
Diretor Gerente: Ronald L. Knighton
Diretor de Planejamento e Editorial: Brian K. Kelly
Diretor Gráfico: Allan R. Loyborg
Gerente Gráfico da Revista: M. M. Kawasaki

International Magazines:
Editor Gerente: Marvin K. Gardner
Editor Gerente Assistente: R. Val Johnson
Editor Associado: David Mitchell
Editora Assistente/Seção Infantil: DeAnne Walker
Controlador: MaryAnn Martindale
Diretor de Arte: Scott D. Van Kampen
Desenho: Sharri Cook
Produção: Reginald J. Christensen, Jennifer Datwyler, Jane Ann Kemp, Denise Kirby

Equipe de Subscrições:
Diretor de Circulação: Thomas L. Peterson
Gerente de Circulação: Joyce Hansen
Gerente de Marketing: Kent H. Sorensen

A Liahona:
Diretor Responsável e Produção Gráfica: Dario Mingorance
Editor: Luiz Alberto Andrade Silva (Reg. 17.605)
Tradução e Notícias Locais: Ana Gláucia Ceciliato
Assinaturas: Loacir Severo Nunes

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao:

Departamento de Assinaturas
Caixa Postal 26023
05599-970, São Paulo, SP.

Preço da assinatura anual para o Brasil: **R$ 7,80**; para Portugal – Centro de Distribuição Portugal, Rua Ferreira de Castro, 10 - Miratejo, 2800 - Almada. Assinatura Anual Esc. 500; para o exterior, simples: US$ 5,00; aérea: US$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: **R$ 0,65**.
As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

A LIAHONA – © 1977 A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, nº 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de 9-11-1930.
Impressão: Ultraprint Impressora, Ltda. - Rua Bresser, 1224 - Brás - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine".
Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430 - 05512-300, São Paulo - SP - Telefone (011) 816-5811.

The A LIAHONA (ISSN 0885-3169) is published monthly by The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 50 East North Temple, Salt Lake City, Utah 84150. Second-class postage paid at Salt Lake City, Utah and at additional mailing offices. Subscription price $9,00 a year. $1.00 per single copy. Thirty days' notice required for change of address. When ordering a change, include address label from a recent issue; changes cannot be made unless both the old address and the new are included. Send U.S.A. and Canadian subscriptions and queries to Church Magazines, 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A. Subscription information telephone number 801-240-2947.

Printed in Brazil

POSTMASTER: Send address changes to A LIAHONA at 50 East North Temple Street, Salt Lake City, Utah 84150, U.S.A.

ÍNDICE DE ASSUNTOS

Amor 4, 14, 77
Arrependimento 20
Conselhos 27
Convênios 47
Coragem 71, 74
Crianças 35, 94
Cura 7, 20
Dízimo 37
Escolhas 47, 90, 92, 98
Exemplo 52
Família 22, 41, 100
Fé 105, 107, 109, 37
Felicidade 77
Gratidão 31
Jesus Cristo 63, 71, 85, 88, 92, 107, 111
Joseph Smith 81
Liderança 50
Livre-Arbítrio 90
Moças 109
Noite Familiar 41
Obediência 77, 92, 98
Obra Missionária 72
Oposição 63
Pais 22
Paz 67
Perdão 4
Progresso Eterno 14, 16
Ressurreição 10, 81
Sacerdócio 50, 55, 63)
Serviço 4, 33
Tolerância 77

Na capa:
O Templo de Lago Salgado, detalhe de uma aquarela de 1990, *Praça do Templo*, de Rebecca W. Hartvigsen; usado por cortesia de Richard e Jean Watts.

OS ORADORES DESTA CONFERÊNCIA ESTÃO ALISTADOS EM ORDEM ALFABÉTICA

Asay, Carlos E. 10
Ballard, M. Russell 27
Bateman, Merrill J. 72
Burton, H. David 74
Choules, Albert, Jr. 14
Didier, Charles 47
Faust, James E. 4
George, Lloyd P. 31
Haight, David B. 85
Hales, Janett C. 109
Hales, Robert D. 88
Hammond, F. Melvin 92
Hinckley, Gordon B. 63, 81
Hunter, Howard W. 71
Jack, Elaine L. 16
Jensen, Marlin K. 52
Jeppsen, Malcolm S. 20
Johnson, Kenneth 33
Lindsay, Richard P. 50
Lybbert, Merlin R. 35
Maxwell, Neal A. 100
Melchin, Gerald E. 90
Monson, Thomas S. 25, 55, 67, 103
Nelson, Russell M. 77
Oaks, Dallin H. 37, 111
Packer, Boyd K. 22
Pearce, Virginia H. 105
Perry, L. Tom 41
Pinegar, Patricia P 107
Ringger, Hans B. 98
Scott, Richard G. 7
Wirthlin, Joseph B. 44
Wright, Ruth B. 94

ÍNDICE

Relatório da 164ª Conferência Geral Anual de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Sessão Matutina de Sábado

Cinco Pães e Dois Peixes
Élder James E. Faust 4

Ser Curado
Élder Richard G. Scott 7

"Morrendo o Homem, Porventura Tornará a Viver?"
Élder Carlos E. Asay 10

O Amor Maduro de uma Criança
Élder Albert Choules, Jr. 14

Anda Comigo
Presidente Elaine L. Jack 16

Uma Receita Divina para a Cura Espiritual
Élder Malcolm S. Jeppsen 20

O Pai e a Família
Élder Boyd K. Packer 22

Sessão Vespertina de Sábado

Apoio aos Oficiais da Igreja
Presidente Thomas S. Monson 25

Relatório do Comitê de Auditoria da Igreja
Ted E. Davis 26

Relatório Estatístico de 1993
F. Michael Watson 27

Aconselharmo-nos com os Conselhos da Igreja
Élder M. Russell Ballard 27

Gratidão
Élder Lloyd P. George 31

Todos Temos um Pai em Quem Podemos Confiar
Élder Kenneth Johnson 33

A Condição Especial das Crianças
Élder Merlin R. Lybbert 35

Dízimo
Élder Dallin H. Oaks 37

"Fui, portanto, instruído"
Élder L. Tom Perry 41

Sessão do Sacerdócio

Viver em Obediência
Élder Joseph B. Wirthlin 44

Lembrar-se dos Convênios
Élder Charles Didier 47

"Apascenta Meus Cordeiros"
Élder Richard P. Lindsay 50

O Poder de uma Vida Digna
Élder Marlin K. Jensen 52

O Sacerdócio—uma Responsabilidade Sagrada
Presidente Thomas S. Monson 55

Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias 60

Deus Está ao Leme
Presidente Gordon B. Hinckley 63

Sessão Matutina de Domingo

O Caminho para a Paz
Presidente Thomas S. Monson 67

"Que Classe de Homens Devereis Ser?"
Presidente Howard W. Hunter 71

Estender as Cordas da Tenda
Bispo Merrill J. Bateman 72

Coragem para Ouvir
Bispo H. David Burton 74

"Ensinai-nos Tolerância e Amor"
Élder Russell M. Nelson 77

O Maior Milagre da História da Humanidade
Presidente Gordon B. Hinckley 81

Sessão Vespertina de Domingo

"Jesus de Nazaré"
Élder David B. Haight 85

A Mensagem Ímpar de Jesus Cristo
Élder Robert D. Hales 88

Decisões
Élder Gerald E. Melchin 90

Tentar Ser como Jesus
Élder F. Melvin Hammond 92

Ensinar as Crianças a Andarem em Retidão Perante o Senhor
Ruth B. Wright 94

Que Faremos
Élder Hans B. Ringger 98

"Toma Especial Cuidado de Tua Família"
Élder Neal A. Maxwell 100

O Que Ele Desejaria que Fizéssemos
Presidente Thomas S. Monson 103

Reunião Geral das Moças

Fé É a Resposta
Virginia H. Pearce 105

Crescer na Fé
Patricia P. Pinegar 107

Crescer Espiritualmente
Presidente Janette C. Hales 109

Fé no Senhor Jesus Cristo
Élder Dallin H. Oaks 111

Eles Falaram para Nós 114

Notícias 116

Sessão Matutina de Sábado
2 de Abril 1994

Cinco Pães e Dois Peixes

Élder James E. Faust
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Uma das principais razões de esta Igreja ter crescido (. . .) até alcançar sua força atual, é a fidelidade e devoção de milhões (. . .) que têm somente cinco pães e dois peixinhos para oferecer no serviço do Mestre.

Venho perante vós, meus irmãos e amigos, com a sincera esperança de que me ofereçereis vossa fé e orações enquanto procuro, nos próximos minutos, reconhecer a mão do Senhor em nossa vida.

Estendo à Irmã Norma Ashton nosso amor e orações pelo falecimento de nosso amado companheiro, Élder Marvin J. Ashton, do Quórum dos Doze Apóstolos.

Há alguns meses, Élder Spencer J. Condie e eu estávamos no aeroporto da Cidade do Lago Salgado quando, inesperadamente, encontramos um casal devotado e fiel, amigo nosso há vários anos. Humilde, fiel e eficientemente, esse casal tem passado a vida tentando edificar a Igreja em diferentes locais do mundo. Élder Condie observou: "Não é notável o que pessoas com cinco pães e dois peixes fazem para construir o reino de Deus?" Esse tipo de serviço silencioso e devotado é, para mim, com certeza, o cumprimento da palavra de Deus, que diz: "Para que a plenitude do meu evangelho seja proclamada pelos fracos e humildes aos confins do mundo, e diante de reis e governadores". (D&C 1:23.) Hoje gostaria de falar a respeito daqueles, entre nós, que podem oferecer ao Salvador talento equivalente apenas a cinco pães e dois peixes para alimentar a multidão.

"Então Jesus, levantando os olhos, e vendo que uma grande multidão vinha ter com ele, disse a Felipe: Onde compraremos pão para estes comerem?

Mas dizia isto para o experimentar; porque ele bem sabia o que havia de fazer." (João 6:5–6.)

Felipe rapidamente respondeu que não havia dinheiro suficiente para comprar pão para tanta gente. Então André, irmão de Pedro, disse: "Está aqui um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos" (v. 9).

"E, tomando ele os cinco pães e os dois peixes, levantou os olhos ao céu, abençoou e partiu os pães, e deu-os aos seus discípulos para que os pusessem diante deles. E repartiu os dois peixes por todos;

E todos comeram, e ficaram fartos.

E levantaram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe.

E os que comeram os pães eram quase cinco mil homens." (Marcos 6:41–44.)

Posteriormente, tornaram-se insensíveis, tendo eles esquecido a divina missão de Jesus, "pois não tinham compreendido o milagre dos pães" (v. 52).

Em nossos dias, parece que nos esquecemos do milagre dos cinco pães e dois peixes, trocando-os pelos milagres realizados pela mente e mão do homem. Refiro-me às maravilhas do transporte moderno e à crescente sofisticação que acompanha o conhecimento científico, incluindo o novo sistema de transmissão eletrônica. Esquecemo-nos de que este espantoso conhecimento chega à humanidade apenas quando Deus decide revelá-lo e deveria ser usado para propósitos mais nobres e sábios do que o simples entretenimento. Os recursos modernos permitem que as palavras dos profetas sejam retransmitidas por satélites na órbita da Terra e cheguem aos ouvidos de boa parte da humanidade.

Esse grande conhecimento traz consigo certo ceticismo quanto às simples e profundas verdades eternas ensinadas no milagre dos pães e dos peixes: que Deus governa nos céus e na Terra por meio de sua infinita inteligência e bondade.

Devemos ainda entender e lembrar-nos de que nós também, como o jovem citado no relato do Novo Testamento, somos filhos espirituais do Pai Celestial, que Jesus é o Cristo, nosso Salvador e o Redentor do mundo. Acreditamos que nos séculos que se seguiram ao estabelecimento de Seu reino na Terra, as doutrinas e ordenanças foram mudadas, resultando na apostasia e perda das chaves da autoridade do sacerdócio na Terra. Um milagre até maior que o dos pães e dos peixes aconteceu quando o Profeta Joseph Smith viu o Pai e o Filho no Bosque

Sagrado, perto de Palmyra, Estado de Nova York. Posteriormente, as chaves, o sacerdócio e as ordenanças de salvação foram restauradas em sua plenitude e a igreja de Cristo foi restabelecida em nossos tempos. Assim, Deus novamente nos "alimentou" e fez transbordar nossos "cestos".

Diz-se que esta Igreja não atrai necessariamente os grandes homens, mas muitas vezes transforma pessoas simples em grandes. Muita gente anônima com dons equivalentes apenas a cinco pães e dois peixes magnificam seus chamados e servem sem receber atenção ou reconhecimento, literalmente alimentando a muitos. Em larga escala, eles realizam o sonho de Nabucodonosor de que o evangelho nos últimos dias seria como uma pedra cortada da montanha, sem mãos, rolando adiante até encher toda a Terra (ver Dan. 2:34–35; D&C 65:2). São as centenas de milhares de líderes e professores de todas as organizações auxiliares e quóruns do sacerdócio, os mestres familiares, as professoras visitantes da Sociedade de Socorro. São os vários bispos humildes da Igreja, muitos sem educação formal, mas grandemente magnificados, sempre aprendendo, com o humilde anseio de servir ao Senhor e às pessoas das alas.

Qualquer homem ou mulher que se deleita com o toque do Mestre é como barro de oleiro em Suas mãos. Mais importante do que conseguir fama e fortuna é ser o que Deus quer que sejamos. Antes de virmos a esta Terra, podemos ter sido preparados para fazer, nesta vida, um bem, talvez pequeno, mas que ninguém mais poderia fazer. O Senhor disse a Jeremias: "Antes que te formasse no ventre te conheci, e antes que saísses da madre te santifiquei: às nações te dei por profeta". (Jer. 1:5.) Se o Senhor tem um trabalho para as pessoas de muitos talentos, acredito que também tenha um trabalho importante para as de poucos talentos.

Qual a característica central daqueles que têm apenas cinco pães e dois peixes? O que lhes torna possível, pelo toque do Mestre, servir, edificar e abençoar centenas e até milhares de pessoas? Após toda uma vida lidando com problemas de homens e mulheres, acredito que essa característica seja a capacidade de vencer o ego e o orgulho—ambos adversos à presença plena do Espírito de Deus e à humildade perante Ele. O ego interfere quando marido e mulher precisam pedir perdão um ao outro. Evita que se desfrute toda a doçura de um amor profundo. O ego freqüentemente impede que pais e filhos se entendam totalmente. Aumenta nossa presunção e nosso convencimento. Ceganos para a realidade. O orgulho impede-nos de confessar pecados e imperfeições ao Senhor e de buscar o arrependimento.

Que dizer das pessoas que têm talentos apenas equivalentes a dois pães e um peixe? Elas realizam boa parte do trabalho árduo, inferior, sem desafios e mal remunerado do mundo. A vida pode não ter sido exatamente justa para com eles. Eles lutam a fim de conseguir o bastante para manter corpo e alma unidos. Não são, porém, esquecidos. Caso seus talentos sejam usados para construir o reino de Deus e servir ao próximo, eles desfrutarão todas as promessas do Senhor. A grande promessa do Salvador é de que eles "[receberão] a sua recompensa, sim, paz neste mundo e vida eterna no mundo vindouro". (D&C 59:23.) Aquele que recebeu apenas dois talentos pôde dizer: "Senhor, entregaste-me dois talentos; eis que com eles granjeei outros dois talentos". Disse-lhe o Senhor: "Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor". (Mat. 25:22–23.)

Para alguns, é uma bênção receber faculdades mentais e talentos equivalentes a quinze pães e dez peixes. Eles têm muito a contribuir; outros, porém, tornam-se menos do que poderiam ser. Não atingem todo o seu potencial para servir, talvez porque tenham muito orgulho daquilo que pensam que sabem e do que possuem. A pessoa que é assim não parece disposta ou capaz de ceder "ao influxo do Espírito Santo, . . . chegando a ser como criança, submisso, manso, humilde, paciente, cheio de amor e disposto a se submeter a tudo quanto o Senhor achar que lhe deve infligir, assim como uma criança se submete a seu pai". (Mosiah 3:19.)

Durante boa parte de minha vida, tenho ouvido alguns jornalistas e dissidentes predizerem a iminente derrocada da Igreja. Eles freqüentemente apontam o pretenso descontentamento da juventude da Igreja. A vida e a dedicação dos quase 50.000 jovens missionários são testemunho suficiente da fidelidade de muitos de nossos jovens.

Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência, à direita; Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência; e três membros do Quórum dos Doze ouvem um interlúdio apresentado pelo coral durante uma sessão da conferência.

Além disso, no decorrer de minha vida, o número de membros da Igreja cresceu de 525.000 para mais de 8.500.000. Eu acredito que isso se deva à restauração da plenitude das chaves e da autoridade do evangelho de Cristo por meio de Joseph Smith. Disso presto testemunho.

Recentemente, um jornalista de outro estado disse que estavam aparecendo "rachaduras nas paredes do templo", falando, é claro, figurativamente. Com isso eu suponho que ele tenha pretendido dizer que os alicerces da Igreja estavam sendo abalados por um número muito pequeno de membros que não apóiam completamente os líderes ou que não guardam os convênios da Igreja. Para eliminar essa idéia de rachaduras na fé de nossos membros, devemos simplesmente observar o alegre povo que freqüenta qualquer um de nossos quarenta e cinco templos em todo o mundo. Muitos são casais de mãos dadas, carregando suas pequenas sacolas, outros são solteiros em busca das pacíficas bênçãos da casa do Senhor. Seus semblantes refletem grande alegria e satisfação.

Uma das principais razões de esta Igreja ter crescido, de seu humilde começo para sua força atual, é a fidelidade e devoção de milhões de pessoas humildes e fervorosas que têm apenas cinco pães e dois peixinhos para oferecer, no serviço do Mestre. Elas renunciam a seus próprios interesses e, fazendo isso, encontram "a paz de Deus, que excede todo o entendimento" (Filip. 4:7). Desejo apenas ser um dos que experimentam essa paz celestial interior.

Na congregação, hoje, encontram-se Jeff e Joyce Underwood, de Pocatello, Idaho. Eles são os pais de Jeralee e mais cinco crianças. Jeff trabalha na equipe de manutenção que cuida de algumas de nossas capelas de Pocatello, Idaho. Joyce é mãe e dona-de-casa. Um dia, em julho passado, a filha deles, Jeralee, de onze anos, batia de porta em porta, fazendo a cobrança pelo jornal que entregava. Jeralee não voltou para casa—nem naquele dia nem no dia seguinte—nunca mais.

Duas mil pessoas da região saíram para procurá-la dia após dia. Outras igrejas mandaram apoio e alimento para a equipe de busca. Descobriram que Jeralee fora seqüestrada e brutalmente assassinada por um homem cruel. Quando seu corpo foi encontrado, toda a cidade ficou atemorizada e chocada. Todos os segmentos da comunidade demonstraram amor e solidariedade a Jeff e Joyce. Alguns iraram-se, demonstrando desejo de vingança. Após o encontro do corpo de Jeralee, Jeff e Joyce apareceram com grande compostura ante as câmeras de televisão e em outros meios de comunicação para expressar publicamente seus sinceros agradecimentos a todos os que ajudaram na busca e que demonstraram solidariedade e amor. Joyce disse: "Eu sei que o Pai Celestial ouviu e atendeu a nossas orações e trouxe nossa filha de volta". Jeff disse: "Não temos mais dúvida a respeito de onde ela está". Joyce continuou: "Aprendi muito sobre o amor esta semana; sei, também, que existe muito ódio. Observei as manifestações de amor e quero sentir esse amor, e não o ódio. Podemos perdoar".

O Élder Joe J. Christensen e eu, representando as Autoridades Gerais, estávamos entre os milhares de privilegiados que compareceram ao funeral de Jeralee. O Espírito Santo abençoou maravilhosamente a reunião e levou paz à alma de todos os presentes. Mais tarde, Presidente Kent W. Howard, presidente de estaca de Jeralee, escreveu: "A família Underwood recebeu cartas tanto de membros da Igreja como de não-membros, dizendo que oraram por Jeralee, que não oravam havia anos e, por causa disso, sentiram desejo de voltar para a Igreja". O Presidente Howard continuou: "Nunca saberemos exatamente o quanto este caso despertou interesse pela Igreja e ajudou na reativação de membros. É impossível determinar a extensão dos efeitos que a vida de Jeralee terá sobre incontáveis gerações". Muitos filiaram-se à Igreja por quererem saber que tipo de religião pôde dar à família Underwood a força espiritual que demonstraram.

Menciono o bem resultante desse trágico acontecimento com total aprovação e incentivo dos pais de Jeralee. Sua doce filha foi como o rapaz que tinha apenas cinco pães de cevada e dois peixinhos para dar à causa do Salvador, mas, pelo poder de Deus, milhares foram alimentados espiritualmente.

Testifico que o evangelho que ensinamos "é o poder de Deus para salvação", para todos os que escutam e obedecem (Rom. 1:16), independentemente de seus talentos e aptidões. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Ser Curado

Élder Richard G. Scott
Do Quórum dos Doze Apóstolos

O caminho mais seguro, mais eficaz e mais curto para a cura é a aplicação dos ensinamentos de Jesus Cristo em vossa vida.

A Páscoa faz-nos pensar no Salvador, em Sua vida, Sua expiação, ressurreição e amor. Ele ressurgiu dos mortos "com poder de curar em suas asas".[1]

Oh! Como precisamos todos da cura que o Redentor pode proporcionar-nos! Trago uma mensagem de esperança para aqueles que anseiam pelo alívio dos fardos pesados que vos foram colocados sobre os ombros, sem terem sido provocados por alguma ação consciente de vossa parte, ao viverdes dignamente. Baseia-se em princípios contidos nos ensinamentos do Salvador. Vosso desafio pode ser uma séria deficiência física, a tentativa de vencer uma enfermidade ou a luta contra uma doença que vos ameace a vida. Pode ter raízes na morte de um ente querido, na angústia causada por alguém acorrentado ao pecado, ou em abusos manifestados em quaisquer de suas formas malignas. Testifico que, seja qual for a causa, o alívio duradouro está ao nosso alcance, baseado em condições estabelecidas pelo Senhor.

A ajuda do Senhor sempre segue uma lei eterna. Quanto melhor compreenderdes essa lei, mais fácil será receberdes ajuda. Eis alguns princípios sobre os quais a cura se fundamenta.

É importante compreenderdes que essa cura pode significar serdes sarados, receberdes alívio para o fardo que carregais ou mesmo virdes a compreender que vale a pena perseverar até o fim, pacientemente, pois Deus necessita de filhos corajosos, dispostos a serem refinados quando, em Sua sabedoria, for Seu desejo.

Reconhecei que alguns desafios da vida não serão resolvidos aqui na Terra. Paulo rogou três vezes que o "espinho na carne" fosse removido. O Senhor simplesmente respondeu: "A Minha graça te basta, porque o Meu poder se aperfeiçoa na fraqueza".[2] E deu-lhe uma força que tudo compensava, para que Paulo vivesse de maneira extremamente significativa. Ele deseja que aprendais como vos curardes, quando essa for a vontade Dele, e como obtereis força para conviver com a dificuldade, quando Ele pretender que isso seja um meio de crescimento. Em qualquer caso, o Redentor vos sustentará. É por isso que ele disse: "Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve".[3] Quando sentirdes que nada mais podeis fazer, depositai temporariamente vosso fardo a Seus pés. As escrituras vos ensinam como fazê-lo. Por exemplo, quando Alma e seu povo oprimido "abriram seus corações; e Ele sabia o que lhes ia nos corações", o Senhor abençoou-os, dizendo:

"Aliviarei as cargas de vossos ombros de modo que não sentireis seu peso (. . .) para que tenhais plena certeza (. . .) que Eu, o Senhor Deus, visito meu povo em suas aflições.

E (. . .) o Senhor os fortaleceu de tal modo que poderiam carregar seus fardos com facilidade *e submeteram-se de bom grado e com paciência a todas as vontades do Senhor.*"[4]

Submeter-vos de "bom grado e com paciência" a todas as vontades Dele permitir-vos-á aprender lições valiosas, ainda que difíceis; e verdades eternas que vos trarão bênçãos.[5] O exemplo de Alma e Amuleque é esclarecedor. Enquanto faziam o bem ao povo de Amoniah, eles foram presos. Amuleque confiou em seu experiente companheiro, Alma, que o ajudou a ter maior confiança no Senhor. Forçado a presenciar mulheres e crianças sendo consumidas pelo fogo, Amuleque disse: "Quem sabe não nos queimarão também!" Alma respondeu: "*Faça-se segundo a vontade de Deus*"—um princípio vital. "Nossa obra, porém, não está terminada; portanto não nos queimarão".[6] O juiz supremo e outros bateram e cuspiram neles, negaram-lhes alimento, interrogaram-nos e molestaram-nos por muitos dias com palavras de escárnio e ameaças. Embora lhes tivesse sido ordenado falar, eles resistiram, amarrados e nus, esperando pacientemente que o Senhor lhes mostrasse o que fazer. Então "o poder de Deus veio sobre Alma e Amuleque e estes se levantaram". Alma clamou: "Dai-nos forças, ó Senhor, *de acordo com nossa fé em Cristo para que sejamos libertados*. E eles arrebentaram as cordas com que estavam amarrados".[7] A terra estremeceu, as paredes da prisão partiram-se. Todos os que feriram Alma e Amuleque morreram e eles foram libertados. Em outra ocasião, Alma orou: "Ó Senhor (. . .) tem misericórdia deste homem e cura-o, *segundo sua fé em Cristo*".[8]

Estes dois exemplos fornecem a chave essencial para a cura. O Senhor dará alívio com poder divino quando procurardes a libertação com humildade e *fé em Cristo*.

Não digais: "Ninguém me entende; não sei o que fazer nem como obter a ajuda de que preciso". Esses comentários são autodestrutivos. Ninguém pode vos ajudar sem fé de vossa parte.[8] Vosso crescimento pessoal depende disso. Não ansieis por uma vida praticamente livre de aflições, dores, pressões, desafios ou mágoas, pois essas são ferramentas que um Pai amoroso usa para estimular nosso crescimento e entendimento pessoal. Como as escrituras afirmam repetidamente, sereis ajudados ao exercitardes *fé em Jesus Cristo*.[9] Essa fé é demonstrada pela vontade de confiar em Suas promessas, dadas por meio de Seus profetas[11] e em Suas escrituras, as quais contêm as próprias palavras Dele. Talvez ainda não percebais plenamente como fazer isto, mas deveis ter confiança de que Ele vos ajudará a usar o livre-arbítrio para abrir as portas, a fim de que Sua cura ocorra. Fé em Cristo significa que confiamos Nele; confiamos em Seus ensinamentos. Isso leva à esperança e a esperança traz caridade, o puro amor de Cristo—aquele sentimento de paz que temos ao perceber Seu interesse, Seu amor e a capacidade que tem de nos curar ou de aliviar nossos fardos com Seu poder de cura.

Existe um padrão potencialmente destrutivo em vossa vida? Quando estais desanimados, oprimidos e, desesperados, procurais outras pessoas para resolver vossos problemas, ignorando vossa própria capacidade de progresso? Compreendeis a necessidade de fazer tudo o que estiver ao vosso alcance, para que o Senhor possa fazer o que Ele deseja para ajudar-vos?

Vosso acesso à ajuda do Salvador tem diferentes caminhos. O mais direto e, geralmente, o mais poderoso são as orações confiantes e humildes ao Pai Celestial, respondidas por meio do Espírito Santo ao vosso espírito.[12] Entretanto, algumas vezes é difícil iniciar esse processo de ajuda e é difícil saber se estamos aprendendo a orar com fé. Caso isso aconteça, começai de outra forma. Confiai em alguém próximo; então, ao aprenderdes a ter essa confiança, ela se estenderá a Deus e a Sua cura.[13] Começai com um amigo ou bispo que compreenda os ensinamentos do Salvador. Com freqüência, essas pessoas alcançaram cura ao aplicarem a verdade, com fé no Redentor e podem mostrar-vos como fazê-lo. Ou começai lendo, ponderando e aplicando os ensinamentos das escrituras. Elas constituem uma fonte vigorosa de ajuda.[14] Embora exemplos e histórias ajudem a entender princípios, vereis que as doutrinas das escrituras conferem poder, como ilustrado nestas citações:

- "E vejo que vossa fé é suficiente para que eu vos cure."[15]
- "Virá a mim com toda a sinceridade de coração."[16]
- "Volvereis a mim, arrependendo-vos de vossos pecados e convertendo-vos para que vos cure?"[17]
- "[Voltai-vos] ao Senhor com pleno propósito de coração, se tiverdes confiança nele e o servirdes com toda a diligência de vossas mentes e, se assim fizerdes, ele vos livrará do cativeiro, de acordo com sua vontade e prazer."[18]

Mesmo que tivessem tempo e recursos ilimitados, o que eles não têm, os líderes do sacerdócio não poderiam prover toda a ajuda necessária. Eles são agentes do Senhor e Sua lei requer que façais vossa parte. Eles vos mostrarão o caminho. Eles podem dar bênçãos do sacerdócio.[19] Vossa fé,[20] pureza e obediência, bem como as do portador do sacerdócio, têm grande efeito no pronunciamento e realização da bênção. A cura pode ocorrer instantaneamente; porém ela se dá, com mais freqüência, durante um período de tempo determinado pela fé e obediência do indivíduo e pela vontade do Senhor.[21] Sinto que o ritmo da cura é geralmente estabelecido pelo indivíduo e não pelo Senhor. Ele espera que useis outros recursos, inclusive ajuda profissional, quando indicado; então Ele proverá o saldo necessário, de acordo com Sua vontade.[22]

O amor é vigoroso em seu poder de cura. Sabendo disso, Satanás procura separar-vos do poder do amor de Deus, da família e dos amigos que desejam ajudar. Ele procura fazer-vos sentir que as paredes se estão fechando ao vosso redor e que não há saída ou alívio. Deseja que acrediteis que não tendes capacidade de ajudar-vos a vós mesmos e que ninguém realmente se interessa por vós. Se ele for bem sucedido, sentireis mais desespero e dor. Sua estratégia é fazer com que penseis que não sois apreciados, amados ou queridos, a fim de que, no desespero, passeis à autocrítica e, no final, até mesmo comeceis a achar-vos desprezíveis, sentindo-vos iníquos quando não o sois. Lembrai-vos de que a sabedoria de Deus "é maior que a astúcia do

demônio"[23]. Se tendes tais pensamentos, acabai com a sensação de desamparo, voltando-vos para alguém necessitado. Isto pode parecer cruel quando tanto desejais vossa cura, mas o conselho está fundamentado na verdade. Paulo ensinou: "Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo".[24]

Recebemos amor quando aprendemos a dá-lo em espírito de confiança. Se vos sentis privados de amor, isso é difícil. Contudo, interesse e apoio ininterruptos geram interesse e amor por parte da outra pessoa. Sentir-vos-eis úteis. Tornar-vos-eis instrumentos das bênçãos do Senhor. O espírito permitir-vos-á sentir a preocupação e o interesse do Salvador e depois o calor e a força de Seu amor. O Presidente Kimball disse: "Deus repara em nós e zela por nós. Mas geralmente é por meio de outro mortal que ele atende a nossas necessidades. Portanto, é vital que sirvamos uns aos outros".[25]

Os desafios são testes vindos de um Pai sábio e conhecedor, para darnos experiência, a fim de que sejamos provados, amadureçamos e cresçamos em entendimento e aplicação de Suas verdades. Quando sois dignos, o desafio se transforma em contribuição a vosso crescimento, não em barreira. Contudo, seja qual for a origem da dificuldade e seja como for que comeceis a conseguir alívio—por intermédio de um terapeuta profissional, um médico, um líder do sacerdócio, um amigo, um pai preocupado ou uma pessoa querida—não importa como comeceis, essas soluções nunca fornecerão uma resposta completa. A cura final é alcançada por meio da fé em Jesus Cristo e em seus ensinamentos, com um coração quebrantado e um espírito contrito, por meio de obediência a Seus mandamentos. Esta é a razão por que a reação humana aos desafios da vida, gerando ódio, desalento, desconfiança, ira, vingança, deve ser suplantada pelas ternas misericórdias de um Pai Celestial amoroso e de Seu Amado Filho. Quando a angústia tem origem no procedimento vil de outras pessoas, deve haver punição e ação corretiva,

mas essa ação não deve partir da pessoa ofendida. Deixai isso para aqueles que têm essa responsabilidade. Aprendei a perdoar; apesar de terrivelmente difícil, o perdão vos libertará e abrirá o caminho para uma novidade de vida.[26] O tempo gasto pelo ofendido para assegurar a punição do ofensor é tempo desperdiçado, que retardará o processo da cura.

Em resumo, fazei o que *puderdes*, um passo de cada vez. Procurai entender os princípios de cura ensinados em todas as escrituras e por meio da oração. Ajudai o próximo. Perdoai. Submetei-vos "de bom grado e com paciência à vontade do Senhor".[27] Acima de tudo, *exercitai a fé em Jesus Cristo.*

Testifico que o caminho mais seguro, mais eficaz e mais curto para a cura é a aplicação dos ensinamentos de Jesus Cristo em vossa vida. Ele começa com a compreensão dos princípios do arbítrio moral e da expiação de Jesus Cristo. Conduz à fé Nele e à obediência a Seus mandamentos; e isso traz cura.

Se vossa cura espiritual está estacionada e não estais progredindo; se pareceis estar dependendo sempre de outro ser mortal para receber apoio, voltai-vos para Jesus Cristo, com fé. Eu sei que o Mestre vos ama e irá curar-vos de acordo com vossa fé Nele. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

REFERÊNCIAS

1. Mal. 4:2; 2 Ne. 25:13.
2. II Cor. 12:7–9.
3. Mt. 11:29–30.
4. Mosiah 24:12, 14–15; grifo nosso.
5. Ver Jacó 4:10.
6. Alma 14:12–13; grifo nosso.
7. Alma 14:15, 19, 24–26; grifo nosso.
8. Alma 15:10; grifo nosso.
9. Ver Harold B. Lee, *Stand Ye in Holy Places* (Salt Lake City: Deseret Book Co. 1974), pp. 241–242.
10. Ver Enos 1:15–18.
11. Ver Marion G. Romney, in Conference Report, out. 1969, pp. 57–60; ou *Improvement Era*, dez. 1969, pp. 66–69.
12. Ver Hel. 3:35.
13. Ver Éter 12:27–31.
14. Ver II Timóteo 3:14–17.
15. 3 Néfi 17:8.
16. 3 Néfi 18:32.
17. 3 Néfi 9:13; ver D&C 112:13.
18. Mosiah 7:33.
19. Ver Bruce R. McConkie, *The Mortal Messiah* (O Messias Mortal), 4 vols. (Salt Lake City: Deseret Book Co., 1979–81), 3:28–29.
20. Ver *The Teachings of Spencer W. Kimball* (Os Ensinamentos de Spencer W. Kimball), ed. Edward L. Kimball (Salt Lake City: Bookcraft, 1982), pp. 510–11.
21. Ver James E. Talmage, *Regras de Fé*, p. 226.
22. Ver *Discursos de Brigham Young*, p. 163.
23. D&C 10:43.
24. Gál. 6:2.
25. Ver *The Teachings of Spencer W. Kimball* (Os Ensinamentos de Spencer W. Kimball), ed. Edward L. Kimball (Salt Lake City: Bookcraft, 1982), p. 252.
26. Ver Richark G. Scott, *A Liahona*, julho de 1992, pp. 33–35.
27. Mosiah 24:15.

"Morrendo o Homem, Porventura Tornará a Viver?"

Élder Carlos E. Asay
Da Presidência dos Setenta

A crença na ressurreição e nas verdades inerentes a ela, motiva-nos a obedecer aos mandamentos, ao arrependimento, a servir ao próximo e a fazer outras coisas que trazem alegria e felicidade.

Há alguns anos, visitei uma casa de repouso para idosos. Os residentes, na maioria, eram pessoas fisicamente debilitadas, cansadas e ansiosas por sair dali. Ao passar por um dos quartos ouvi um fraco pedido de ajuda. A porta estava entreaberta, de maneira que entrei com a esperança de ajudar alguém com problemas. Já no quarto, fui recebido pelo olhar suplicante de uma gentil velhinha em uma cadeira de rodas. Olhou-me fixamente por um instante e perguntou-me: "Posso morrer? Posso morrer?"

O olhar terno, a voz afável e as feições delicadas comoveram-me. Obviamente estava sofrendo muita dor física e queria ver-se livre de um corpo debilitado. Ela sentia falta da companhia dos entes queridos que partiram antes dela.

Não me recordo muito bem o que lhe disse na ocasião, mas tentei assegurar-lhe que poderia e iria morrer no devido tempo do Senhor. Procurei assegurar-lhe que viveria novamente, livre dos problemas que a afligiam no momento.

A QUESTÃO REAL

A questão real que cada um de nós deve enfrentar não é, *"Posso morrer?"* A morte é uma das certezas da vida. Ocorre regularmente e é observada nas notas de falecimento dos jornais e pelas cadeiras vazias em nossas mesas. Porque assim como o sol se põe ao findar de cada dia de acordo com o ritmo eterno da vida, também teremos a experiência da separação temporária do corpo e do espírito; quando nosso tabernáculo de carne será colocado "na fria e silenciosa sepultura" (2 Néfi 1:14) e nosso espírito será "levado para aquele Deus que lhes deu a vida". (Alma 40:11.)

Na verdade, porém, a questão real é: "Morrendo o homem, porventura tornará a viver?" (Jó 14:14). A sepultura selará nosso destino eterno? Ou há uma ressurreição e outra esfera de existência à espera de nossa alma?

Os que creêm ser o túmulo o destino final do homem, vivem sem a esperança de um mundo melhor e estão inclinados a adotar aquela atitude fatalista: "Comei, bebei e diverti-vos (. . .) porque amanhã morreremos". (2 Né. 28:7; ver também I Cor. 15:32.) Esta atitude quase sempre leva a experiências devassas, à conduta imoral e a todos os outros comportamentos que resultam em angústia e remorso. (Ver Alma 29:5.)

Ao passo que, aqueles que acreditam em vida após a morte estão muito mais propensos a levar uma vida cheia de propósito. A crença na ressurreição e nas verdades inerentes a ela, motivam-nos a obedecer aos mandamentos, ao arrependendimento, a servir ao próximo e a fazer outras coisas que trazem alegria e felicidade, tanto agora como no mundo vindouro. Logo, parece apropriado falarmos sobre a questão real, *Tornarei a viver?* na véspera da Páscoa—dia em que cristãos do mundo inteiro comemoram a ressurreição do Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

DUAS CATEGORIAS DE PROVAS

Um escritor conhecido referiu-se à ressurreição de Cristo como *"o maior milagre e o mais glorioso fato da história"*. (James E. Talmage, *Jesus, o Cristo*, 1979, p. 676; grifo nosso.)

Os milagres são "manifestações de poder divino ou espiritual". [*Bible Dictionary*, (Dicionário Bíblico), p. 732.] Eles não são truques ou ações arquitetados por homens espertos. São atos realizados por indivíduos com poderes superiores aos dos mortais. O que poderia ser mais grandioso do que deitar o corpo de alguém na morte e resgatá-lo em um estado ressurreto, como fez Jesus? Somente através do uso de poderes divinos e por meio da graça de Deus poderia esta maravilha ocorrer.

E o que acontece à afirmação de que a ressurreição foi o "acontecimento mais glorioso da história?" A realidade da Ressurreição pode ser dividida em duas categorias ou

classes. Uma é a grande multidão de testemunhas que viram o Cristo ressurreto; a outra é um exército de pessoas que crêem, tanto do passado como do presente, que na força de testemunhos pessoais declaram com convicção: "A sepultura não tem vitória e o aguilhão da morte é desfeito em Cristo" (Mosiah 16:8). Ambas as categorias são importantes e dignas de atenção.

UMA MULTIDÃO DE TESTEMUNHAS

Está registrado em Atos dos Apóstolos: "Aos quais também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e *infalíveis provas*, sendo visto por eles por espaço de quarenta dias, e falando do que respeita ao Reino de Deus". (Atos 1:3; grifo nosso.)

Incluídos na multidão de testemunhas ou entre as "evidências infalíveis" estão as centenas de seguidores que viram o Senhor ressurreto em múltiplas ocasiões.

- "Apareceu primeiramente a Maria Madalena". (Marcos 16:9.) Ela o viu e ouviu-lhe a voz.
- Apareceu a Joana, Maria (mãe de Tiago) "e outras que com elas estavam". (Lucas 24:10.) Elas "abraçaram os seus pés, e o adoraram". (Mateus 28:9.)
- Apareceu a Pedro—aquele que o negou três vezes. (Ver Lucas 24:34.)
- Apareceu a dois discípulos quando iam a caminho do campo. (Ver Lucas 24:13–32.)
- Apareceu a seus amados apóstolos pelo menos quatro vezes.
- Foi visto após a crucificação, "uma vez por mais de quinhentos irmãos" (I Cor. 15:6), segundo o registro de Paulo.
- Além disso, "e abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados;

E, saindo dos sepulcros, depois da ressurreição dele, entraram na cidade santa, e apareceram a muitos". (Mateus 27:52–53.)

Além dessas testemunhas, ainda havia os céticos. Alguns referiram-se às palavras das mulheres "como desvario". (Lucas 24:11.) Jesus repreendeu os dois discípulos, dizendo: "Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram!" (Lucas 24:25.) E repreendeu alguns "por não haverem crido nos que o tinham visto já ressuscitado". (Marcos 16:14.)

Imaginamos como é possível alguém duvidar da realidade da ressurreição após ter lido os vários relatos de Sua aparição às mulheres, aos discípulos e aos apóstolos. Que prova maior poderia alguém exigir do que a documentação do acontecido apresentada em escritos sagrados?

Há mais ainda, João escreveu: "O testemunho de dois homens é verdadeiro". (João 8:17.) Se esta afirmação é válida, certamente o testemunho de Cristo haver escapado do túmulo, fornecido por uma segunda nação, não deve ser ignorado. Refiro-me, naturalmente, ao registro do Livro de Mórmon a respeito das aparições de Cristo, após Sua morte, no hemisfério ocidental.

Próximo ao templo, na terra de Abundância, cerca de 2.500 pessoas ouviram uma voz suave e penetrante declarar: "Eis aqui meu Filho Bem Amado, no qual me alegro e no qual glorifiquei meu nome—A Ele deveis ouvir". (3 Néfi 11:7.) Espantados, eles experimentaram uma mudança no coração ao ouvir Deus, o Pai Eterno, apresentar o Filho Unigênito—Sua maneira de transmitir os dons da imortalidade e vida eterna a todos os Seus filhos (João 3:16).

A multidão viu um homem descer dos céus. Ouviram-no anunciar, "Eis que sou Jesus Cristo, cuja vinda ao mundo foi anunciada pelos profetas". (3 Néfi 11:10.) Em seguida, convidou o povo a se aproximar um a um para ver com os próprios olhos

e sentir com as próprias mãos as marcas dos cravos em Suas mãos e em Seus pés. (Ver 3 Néfi 11:14–17.)

Uma multidão de pessoas em dois continentes foi testemunha ocular do Cristo ressurreto. Portanto, pode-se dizer, a respeito deste glorioso acontecimento da história, que: "A ressurreição (. . .) é comprovada por evidência mais conclusiva que aquela sobre a qual repousa nossa aceitação dos fatos históricos em geral". (James E. Talmage, *Jesus, o Cristo*, p. 676.)

TESTEMUNHOS PESSOAIS

"Evidências infalíveis" de assuntos espirituais, como as da ressurreição de Cristo, não são feitas pela mão; são sentidas no coração. Não são vistas a olho nu; são vistas pelos "olhos da fé". (Éter 12:19.) Tampouco são estabelecidas pelo toque de um dedo. A realidade dos assuntos espirituais é confirmada por sentimentos despertados pelas palavras de Deus, faladas ou escritas. (Ver 1 Néfi 17:45.) Digo isso porque "o Espírito fala a verdade e não mente. Portanto, fala das coisas como realmente são e como realmente serão". (Jacó 4:13.) O Espírito Santo lida com a realidade, não com acontecimentos fantasiosos.

Lembrai-vos de que os dois discípulos que caminharam e conversaram com Cristo na estrada para Emaús não o reconheceram a princípio. Mais tarde, porém, "abriram-se-lhes então os olhos, e o conheceram", quando refletiram: "Porventura não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava, e quando nos abria as escrituras?" (Lucas 24:31–32.)

Lembrai-vos também de que Jesus disse a Tomé: "Não sejas incrédulo, mas crente (. . .) Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram". (João 20:27, 29.)

Nossos "olhos da fé" serão também abertos e saberemos com certeza que Ele vive e que viveremos com Ele novamente, se crermos e aceitarmos o convite divino: "Anda comigo". (Ver Moisés 6:34.)

- Sim, andamos com ele no deserto e sentimos sua presença ao jejuar, orar e resistir às tentações.
- Andamos com ele até o poço de Jacó e nosso coração arde quando estudamos as escrituras e bebemos da água da vida.
- Andamos com ele até a Galiléia, quando ensinamos e vivemos a verdade.
- Andamos com ele até o Getsêmani, quando tomamos sobre nós as cargas de outros.
- Caminhamos com ele até o Calvário, quando tomamos nossa cruz e renegamo-nos a *tudo* que não for divino e a todo desejo mundano. (Ver Mateus 16:26.)
- Sofremos com ele no Gólgota quando sacrificamos tempo, talentos e meios para a edificação do reino de Deus.
- Ressuscitamos com ele para uma nova vida ao procurarmos um renascimento espiritual e esforçarmo-nos por tornar-nos Seus filhos e filhas.

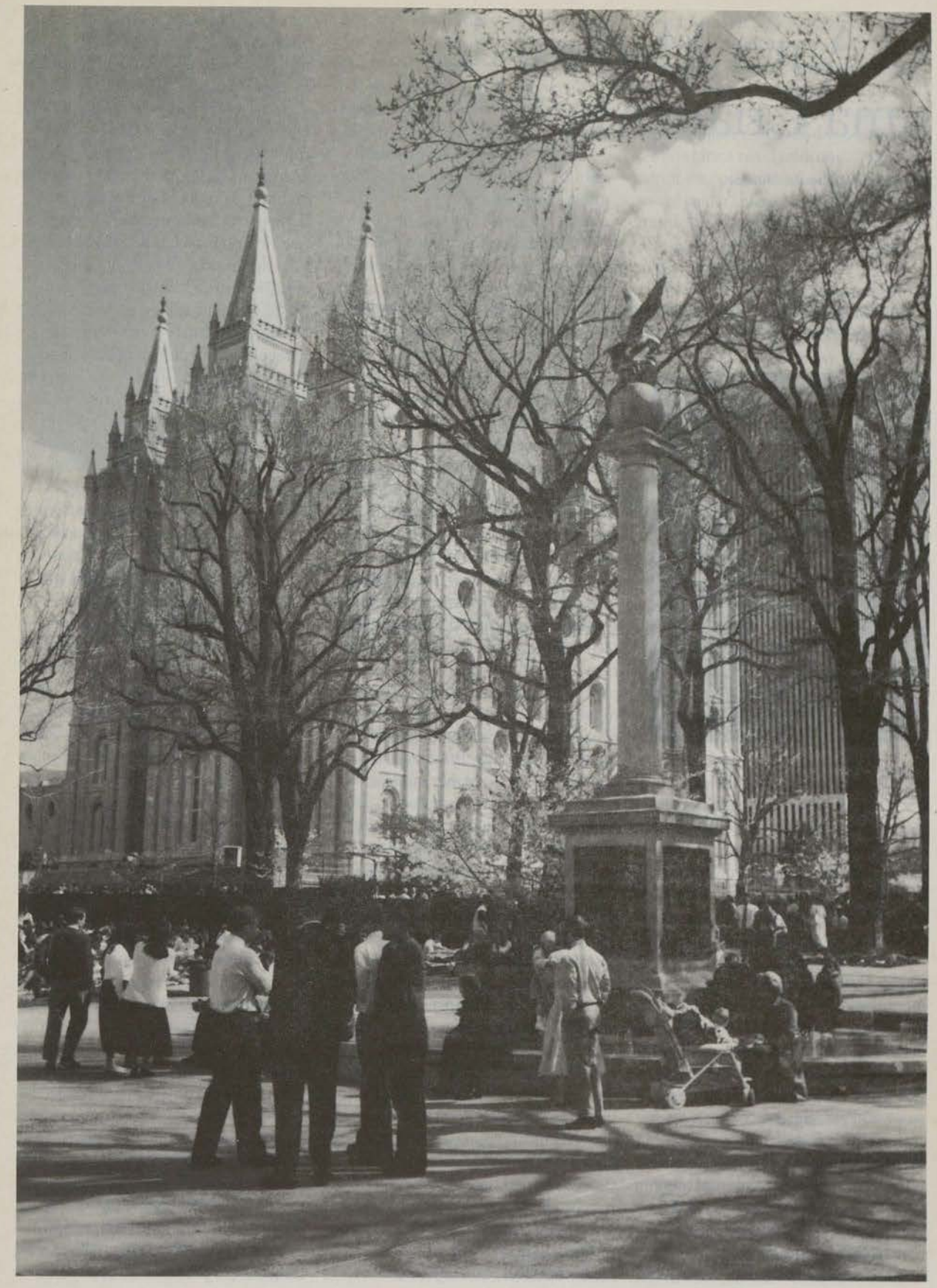
E, no processo de seguir Seus passos (ver I Pedro 2:21), obtemos a convicção pessoal ou a evidência infalível de que Ele vive, que é o Filho do Deus vivo e é nosso Redentor.

CONCLUSÃO

Não posso voltar àquela velhinha gentil na cadeira de rodas que implorava: "Posso morrer?" Ela já atravessou a ponte entre a terra e o céu—a ponte a que chamamos morte. Ela sabe agora, melhor que eu, que morrer e viver novamente são verdades estabelecidas e, certamente, sabe que: "A morte, não é um ponto final, mas uma vírgula na história da vida" (Amos John Traver), pois ela voltou para casa e está envolvida pelos braços do amor de Deus. (Ver 2 Néfi 1:15.)

Quer sejamos jovens ou velhos, não devemos ter "temor da morte, graças a [nossa] fé e esperança em Cristo e na ressurreição; portanto, para [nós] a morte foi tragada pela morte de Cristo sobre ela" (ver Alma 27:28). Ele é nosso Redentor; ele é: "a ressurreição e a vida". (João 11:25.)

Presto solene testemunho de que *viveremos novamente!* Este testemunho está alicerçado nas palavras de testemunhas oculares e de profetas modernos que viram e ouviram o Deus vivo e o Cristo vivo (ver D&C 76:22–24; PGV 2:17) e em experiências pessoais e sagradas do Espírito acontecidas ao tentar andar com Deus. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □



O Amor Maduro de uma Criança

Élder Albert Choules Júnior
dos Setenta

Quando damos amor sincero, recebemos amor em troca. O amor assim partilhado traz confiança, apoio e um nível de segurança insuperável.

O que gostaria de deixar convosco, hoje, centraliza-se em três declarações feitas pelo Salvador quando estava na Terra. Quando Lhe pediram que definisse "o primeiro de todos os mandamentos", respondeu: "Amarás, pois, ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de todo a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças". (Marcos 12:28, 30.) Portanto, obediência a esses mandamentos deve ser nossa prioridade máxima. Tudo o que fizermos deve evidenciar nosso amor ao Pai Celestial.

Jesus mostrou várias formas de demonstrarmos o amor que devemos ter por Ele e pelo Pai Celestial, mas resumiu-as numa simples declaração: "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos". (João 14:15.)

Mais tarde, o Salvador acrescentou outra pequena declaração de fácil entendimento: "Amai-vos uns aos outros". (João 13:34.) Nosso amor a Deus, a Jesus Cristo e aos semelhantes deve acompanhar tudo que fazemos e sentimos. Quando damos amor sincero, recebemos amor em troca. O amor assim partilhado traz confiança, apoio e um nível de segurança insuperável. Uma criança aconchega-se naturalmente nos braços da mãe, procurando amor e proteção daquela que lhe deu a vida. Esse tipo de amor inato parece exemplificar o mandamento de nos amarmos uns aos outros. As crianças parecem amar seus semelhantes com muita naturalidade. A expectativa que têm de receber amor em troca parece ser também inata.

Essa tendência típica das crianças para o amor ficou especialmente clara para mim ao visitar a Romênia pela primeira vez. Lembro-me vividamente. A irmã Choules e eu fomos a várias instituições com nossos missionários que prestavam serviço humanitário. Num orfanato, vimos uma sala um pouco estreita e comprida, com paredes de vidro, onde brincavam aproximadamente vinte crianças. Tinham cerca de três anos de idade. Passavam a maior parte do dia entretendo-se umas com as outras, aparentemente com pouca ou nenhuma supervisão adulta. Perguntei à supervisora se poderíamos entrar e tirar algumas fotos. Ela concordou. Ao abrir a porta, muitas crianças correram. Lembrei-me de ocasiões, quando eu era jovem, em que vi gado e cavalos correndo para a liberdade quando alguém abria a porteira de um curral. Essas crianças, contudo, não estavam correndo para se libertarem, mas estavam carentes de amor. Logo tínhamos uma ou mais crianças agarrando-nos as pernas, à procura do amor pelo qual tanto ansiavam. Sempre me lembrarei da fotografia que tirei da irmã Choules segurando uma dessas crianças nos braços, abraçadas uma à outra. Essas crianças só queriam amar e ser amadas. Esses pequeninos e outras crianças parecem ter nascido com esse desejo e essa capacidade irrestritos.

Quando crescemos, porém, parece que nos acostumamos com algo diferente. Parece mais difícil dar e receber amor sincero como as crianças o fazem tão naturalmente. O Senhor não apenas disse "amai-vos uns aos outros", mas prefaciou essas palavras com: "Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros." Em seguida, ensinou-nos o tipo de amor que deveríamos cultivar, acrescentando: "Como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis". (João 13:34.)

Muitas vezes me pergunto: Por que é preciso que nos mandem, nós, adultos, fazer o que flui tão naturalmente nas crianças? Talvez seja por isso que Cristo nos tenha dito que deveríamos ser como as criancinhas, "porque dos tais é o reino dos céus." (Mateus 19:14.)

O reino dos céus pelo qual lutamos pode começar com uma vida celestial aqui e agora. Podemos desenvolver um amor como o das crianças, mas de forma amadurecida. O Presidente David O. McKay disse:

"Não conheço outro local melhor do que o lar para encontrarmos felicidade nesta vida. É possível fazer do lar um pedaço do céu; na verdade, vejo o céu como uma continuação do lar ideal. Certo homem disse: 'O lar repleto de alegria é uma das maiores esperanças da vida.'" (Conference Report, Abr. 1964, p. 5; ou *Improvement Era*, jun. 1964, p. 520.)

Como fazermos de nossa casa um lar ideal e o prelúdio do céu? Acho

que começamos com a admoestação do Salvador de guardar Seus mandamentos e de fazê-lo especificamente dentro de nosso lar. Esposos e esposas—pais e mães—dai o exemplo e mostrai como tudo deve transcorrer no lar. Espera-se que o relacionamento entre o casal comece num altar sagrado e num templo santo. Lá eles se ajoelham, sabendo que são dignos desse privilégio sagrado. Estão preparados e prontos para fazer convênios sagrados—para estabelecer em primeiro lugar na vida a meta de estarem juntos no céu. O egoísmo tem que ser posto de lado. Eles iniciam uma sociedade—uma sociedade plena—que deve ser eterna.

Há poucos anos, soube de vários exemplos em que um homem em especial tentou exercer domínio injusto, simplesmente porque se convencera de que esse era o seu papel como homem. Alguns declaram erroneamente que tal atitude é certa porque portam o sacerdócio. Nada poderia estar mais longe da verdade. A sagrada declaração da seção 121 de Doutrina e Convênios desmente esse conceito errôneo.

A escritura afirma claramente:

"Nenhum poder ou influência pode ou deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido;

Com benignidade e conhecimento puro que grandemente ampliarão a alma, sem hipocrisia e sem dolo.

Reprovando logo com firmeza, quando movido pelo Espírito Santo; e depois, mostrando um amor maior por aquele que repreendeste, para que não te julgue seu inimigo;

Para que ele saiba que a tua fidelidade é mais forte do que os laços da morte." (D&C 121:41–44.)

Um homem dominador e insensível, ao contrário, talvez zombe da frase "reprovando logo com firmeza". Na verdade, talvez reprove com firmeza elevando freqüentemente o tom de voz, proferindo palavras e frases vulgares, até agredindo fisicamente ou utilizando-se de outros tipos de abuso. Esquece-se de *como* deve reprovar: "Quando movido pelo Espírito Santo". Nenhum gesto abusivo tem a sanção dos céus, muito menos tem lá a sua origem. Tal homem parece ter-se esquecido também de que há não muito tempo se ajoelhou num altar sagrado e fez convênio com sua companheira e com Deus de guardar todos os mandamentos do Senhor. Nenhum homem—particularmente um portador do sacerdócio—tem direito de tratar mal qualquer mulher, especialmente a esposa, com quem espera compartilhar a alegria eterna. Sem dúvida, não se justifica um domínio injusto sob a asserção errônea de que um homem pode agir dessa forma porque é o marido, o cabeça da família e, especialmente, porque tem a autoridade do sacerdócio. A escritura é clara ao dizer que quando há abuso da autoridade sagrada, a autoridade do sacerdócio é retirada. (Ver D&C 121:34–37.)

Élder M. Russell Ballard, do Quórum dos Doze, salientou isso na última conferência de outubro, dizendo:

"Qualquer homem que invoca os poderes especiais do céu para os próprios interesses egoístas e procura usar o sacerdócio em qualquer grau de injustiça, na Igreja ou no lar, simplesmente não compreende a natureza de sua autoridade.

Felizmente, a maioria de nossos pais e líderes do sacerdócio lideram com amor, assim como a maioria de nossas mães e líderes das auxiliares. A liderança fundamentada no amor é acompanhada de inacreditável poder. Ele é real e produz resultados duradouros na vida dos filhos do Pai Celestial." (*A Liahona*, jan. 1994, p. 84.)

Paulo ensinou resumidamente: "Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela". (Efésios 5:25.) Quando prevalece o amor verdadeiro entre marido e mulher, eles querem dar-se um ao outro e sacrificar-se um pelo outro, como Cristo Se deu a Si mesmo pela igreja. Sacrificamo-nos um pelo outro diariamente, quando nos esforçamos sempre para fazer o cônjuge feliz. Assim, deixamos de pensar egoisticamente em nós mesmos e em nossas necessidades pessoais. Pensamos não apenas no aqui e agora, mas no depois.

O Salvador disse: "(. . .) se um homem tomar uma esposa conforme a Minha palavra, que é a Minha lei, e pelo novo e eterno convênio, (. . .) e se guardarem o Meu convênio, (. . .) ser-lhes-á feito de acordo com todas as coisas que o Meu servo lhes falou, nesta vida e por toda a eternidade; e estará em pleno vigor quando deixarem este mundo; e passarão pelos anjos e deuses que ali estão, e entrarão para a sua exaltação e glória em todas as coisas, conforme selado sobre as suas cabeças, glória que será uma plenitude e uma continuação das sementes para todo o sempre". (D&C 132:19.) Essas são as grandes e maravilhosas bênçãos da exaltação, glória e vida eterna. Elas são seladas sobre nós somente no templo sagrado. Podemos realmente recebê-las. Com essa perspectiva eterna, somente as ações e os pensamentos amorosos podem prevalecer no lar, onde nos ajudamos mutuamente no caminho da exaltação. Essa perspectiva não apenas nos prepara para a eternidade, mas torna o

aqui e agora muito mais feliz e mais satisfatório.

Tenho observado as Autoridades Gerais—aqueles que compreendem os direitos do sacerdócio e as necessidades da eternidade talvez mais claramente do que as outras pessoas—e como tratam suas esposas e falam delas. Seria bom seguirmos seus exemplos de amor, respeito e bondade.

As crianças aprendem a imitar os padrões dos pais. Se os pais guardam o Dia do Senhor, vão à igreja, servem fielmente em seus chamados sem criticar os líderes, guardam a Palavra de Sabedoria, pagam dízimos e ofertas de bom grado, honram os convênios feitos no templo, vivendo e ensinando os outros mandamentos aos filhos, estes recebem uma base de inestimável valor. Os filhos e filhas tratarão a futura esposa e o futuro marido da mesma forma que viram seus pais tratarem um ao outro. Podemos realmente fazer do lar um pedaço do céu na Terra, como declarou o Presidente McKay, e também estabelecer a base para que os lares de nossos filhos sejam semelhantes.

Amo tanto minha esposa, Marilyn, e sou tão grato por ela, pelos anos que temos passado juntos e por seu amor a mim demonstrado de tantas maneiras! Ela é uma esposa, mãe e avó maravilhosa e é uma serva fiel do Senhor. Nas orações diárias, agradeço por ela e rogo que eu seja o tipo de marido que devo e quero ser. Sou grato por nossos filhos e netos e pelo amor que sentimos uns pelos outros.

Presto testemunho de que Deus e Jesus Cristo vivem, que se nós os amarmos e guardarmos Seus mandamentos e nos amarmos uns aos outros—especialmente nossa esposa e filhos—seremos mais felizes aqui e teremos mais segurança eterna. Sou grato por esses extraordinários Irmãos que nos lideram e presto testemunho de seu chamado sagrado. Sinto-me humilde e grato pela oportunidade e bênção de servir com eles. Oro por eles e por vós todos. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Anda Comigo

Elaine L. Jack
Presidente Geral da Sociedade de Socorro

Como voltar a atenção para o nosso progresso eterno, quando vivemos em um mundo que exige que esta atenção se volte para as tarefas diárias?

Venho perante vós, hoje, grata por nosso Redentor Jesus Cristo, grata por este evangelho, grata por este sacerdócio que abençoa nossa vida e pela bondade de todos vós. Esta reunião de santos na Conferência Geral faz-me lembrar a exclamação jubilosa de Isaías: "Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos". (Isaías 6:3.) Santos justos são a glória de Deus e há vigorosas legiões reunidas aqui e em muitas terras.

Antes de virmos a esta Terra, gritamos de alegria pela oportunidade de dar este salto de fé em direção ao nosso progresso eterno. Quando fomos batizados, pisamos firmes no caminho para a vida eterna. O profeta Néfi disse: "Depois de haverdes entrado neste caminho reto e apertado, eu vos pergunto: Estará tudo feito? (. . .) Não; porque não haveríeis chegado até esse ponto, se não fosse pela palavra de Cristo, com fé inabalável nele (. . .)

Deveis, pois, prosseguir para a frente com firmeza em Cristo (. . .)

E agora, (. . .) este é o caminho". (2 Néfi 31:19–21.)

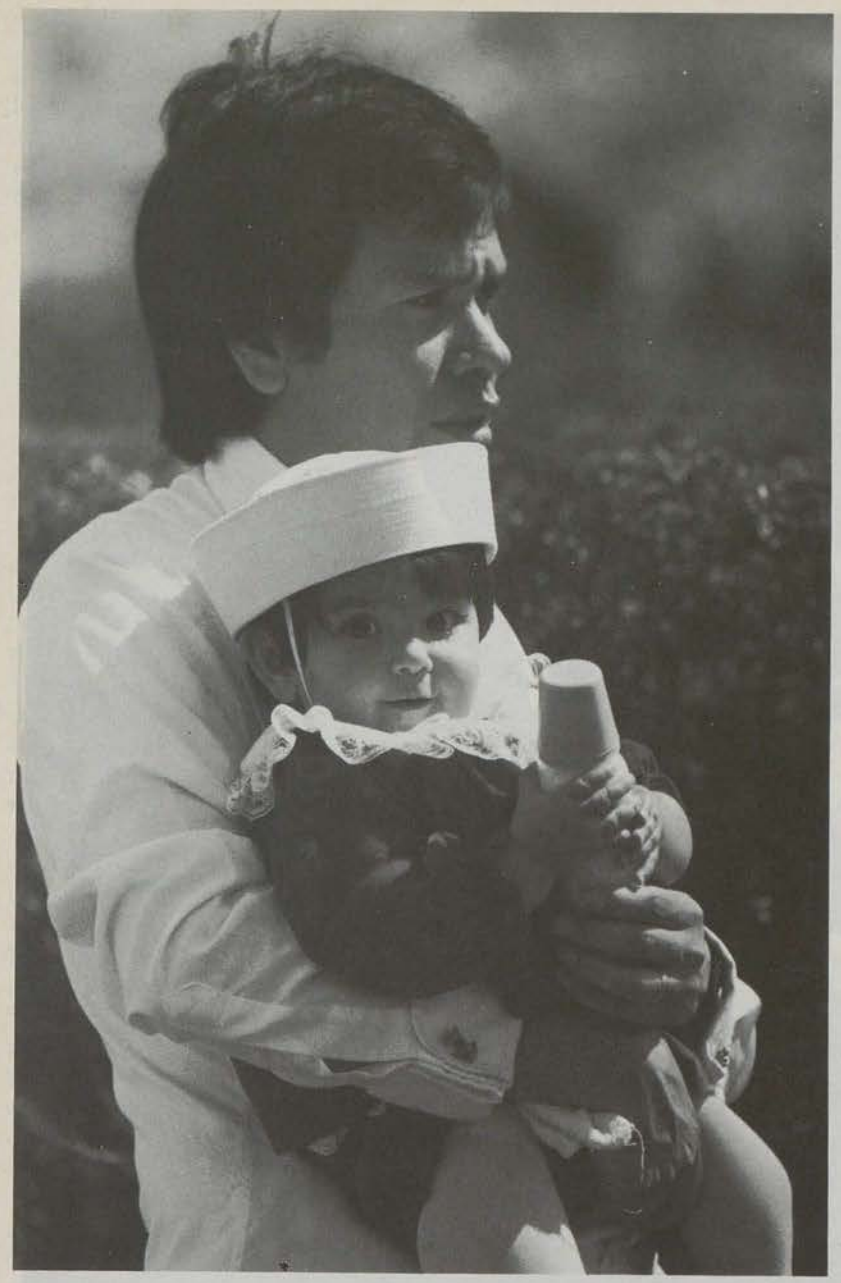
Como prosseguir no caminho reto e apertado? Como voltar a atenção para o nosso progresso eterno, quando vivemos em um mundo que exige que esta atenção se volte para as tarefas diárias? Como permanecer firmes quando quase tudo a nossa volta está carregado de pecado? O povo nos tempos de Enoque enfrentou estes mesmos desafios. Enoque iniciou seu ministério pregando a uma congregação iníqua, mas o povo abrandou seu coração e deu ouvidos às palavras do Senhor: "Anda Comigo" (Moisés 6:34).

Também podemos fazê-lo.

Nosso progresso eterno nesse caminho reto e apertado, na companhia do Senhor Jesus Cristo, é a essência da minha mensagem hoje. Esta jornada é efetuada por meio de muitos passos. Nosso progresso nesta jornada é determinado pelo reconhecimento do caminho reto e apertado, tendo uma perspectiva eterna e agindo de acordo com esse discernimento.

Lembrai-vos de que nosso progresso eterno é o que constitui a essência de nossa existência terrena. O plano do Senhor tem como objetivo levar-nos para casa, para nosso Pai Celestial. Isto eu sei: Cada um de nós pode chegar lá a partir de onde estiver.

O Presidente Spencer W. Kimball prometeu: "Pode parecer um pouco difícil a princípio, mas assim que uma pessoa começa a vislumbrar o



verdadeiro trabalho, quando começa a ver algo da eternidade em sua verdadeira perspectiva, as bênçãos começam a exceder em muito o preço de se deixar 'o mundo' para trás." (Spencer W. Kimball, *A Liahona*, ago.77, p.4.)

Alguns de nossos passos se iniciam ao aprendermos que o caminho é verdadeiramente reto e apertado. O conceito de um caminho reto intriga-me. Com freqüência andamos em círculos, girando nossas rodas espirituais sem sair do lugar, enquanto somente nossos passos físicos marcham na estrada. Isto parece fora de compasso e sem equilíbrio em relação ao que o Senhor pretendia. Temos conhecimento e poder espiritual; este impulso supera qualquer coisa que o mundo ofereça. Adiar para amanhã é ficar para trás, andar para trás e abrir a porta para as influências sutis de Satanás. "Não é possível permanecer parado no trabalho eterno de nosso Deus". (George Q.Cannon, *Millennial Star*, 23 de fev. de 1899, p. 117.)

Élder Neal A. Maxwell disse: "Não existem caminhos separados de volta a esse lar celestial. Apenas um único caminho, estreito e apertado, e o final dele, mesmo que cheguemos marejados de lágrimas, seremos repentinamente mergulhados em alegria". (Neal A. Maxwell, *A Liahona*, out. 78, p.17.)

Na verdade, o caminho não é revestido de grama verde e macia; não está livre de infortúnios ou dificuldades. Com freqüência, é uma escalada coberta de pedras, muitas delas como grandes rochas. Não podemos prever que desafios encontraremos pela frente, porque nossas vidas são diferentes. Embora o caminho seja apertado, nossos movimentos não fazem parte de um texto. Existem distrações que procuram afastar-nos do caminho reto e apertado. Nossos convênios são a sinalização que nos indica a vida eterna. Assim como é difícil distinguir os sinais da estrada principal quando olhamos de uma rua secundária, também é mais difícil ouvir a voz mansa e delicada das advertências, estrada perigosa à frente, quando nos distanciamos de nossos convênios.

Quando o Senhor diz: "Anda comigo" (Moisés 6:34), Ele está pedindo que nos tornemos mais espirituais, obedecendo a Sua palavra. O desenvolvimento da espiritualidade é decisivo para o progresso eterno.

Nosso profeta tem-nos falado em nome do Senhor e suas mensagens têm sido claras: livrai-vos do orgulho; lede o Livro de Mórmon todos os dias. Ao seguir esses conselhos, percebi coisas novas em meu Livro de Mórmon, muito pertinentes a minhas necessidades imediatas.

Foram-nos dadas ferramentas para desenvolver essa espiritualidade. Aconselha-se que freqüentemos as reuniões da Igreja, trabalhemos zelosamente em nossos chamados, vamos ao templo, que sejamos generosos nas ofertas ao Senhor, realizemos a noite familiar

e visitemo-nos uns aos outros. Nossa presença, simplesmente, não nos santifica; as estatísticas não levam ao progresso eterno. Ainda assim, não podemos ignorar que estar no lugar certo na hora certa fará com que nos sintamos mais dispostos a aprender, em um ambiente onde a influência do Senhor é solicitada e forte.

Alma descreveu o que acontece quando não estamos apenas presentes, mas quando somos contados entre os discípulos de Cristo, ao perguntar: "Haveis nascido espiritualmente de Deus? Haveis recebido sua imagem em vossos semblantes? Haveis experimentado essa poderosa mudança em vossos corações?" (Alma 5:14.) Haveis "sentido o desejo de cantar o cântico do amor que redime?" (Alma 5:26.) Espiritualidade é sentir o espírito de Deus, desejar tê-lo conosco, partilhar o Espírito com outros e dar ouvidos a suas instruções.

Por fim, progredir ao longo do caminho reto e apertado significa fazer do trabalho do Senhor o nosso trabalho, servindo como Ele o faria. Este trabalho está baseado na caridade, um príncipio que as irmãs da Sociedade de Socorro adotaram há muitos anos, pois "a caridade nunca falha". (I Coríntios 13:8.) A caridade faz com que nos mantenhamos de pé quando todos a nossa volta estão caindo.

Priscilla Samson-Davis, uma irmã de Ghana, tem enfrentado dificuldades. Encontrou muitas pedras no caminho de sua vida. Como professora, observou famílias amamentarem crianças durante crises de disenteria e malária, trabalhar com afinco, negociar diariamente para obter sacos de arroz, cebolas, tomates, qualquer comida para manter vivos os seus entes queridos. Ela trabalha como professora visitante e viaja regularmente de ônibus para visitar uma irmã do outro lado da cidade. Quando lhe perguntaram se a tarefa era difícil, devido a tudo o que precisava enfrentar, ela simplesmente respondeu: "Não é difícil. A irmã que visito não sabe ler. Leio as escrituras para ela quando a visito".

A resposta simples confirmou sua fé e segurança de que estava no caminho certo. Embora o itinerário do ônibus fosse tortuoso e interrompido por muitas paradas, aos olhos do Senhor era verdadeiramente reto e apertado, pois seguia na direção certa. Ela estava tratando dos negócios de seu Pai. Ela exemplificou o espírito descrito pelo Presidente Ezra Taft Benson, quando disse: "A melhor medida da verdadeira grandeza é quão semelhantes a Cristo nós somos". (Ezra T. Benson, *A Liahona*, jul. 86, p.80.)

Sem dúvida, os que progridem eternamente são aqueles que estão no caminho reto e apertado; são espirituais e caridosos. Um bispo da Républica Dominicana é um exemplo desse tipo de vida. Após a reunião sacramental em sua ala, um recém-converso aproximou-se dele e disse: "Bispo, eu percebi que os membros estão sempre olhando para uns livros quando cantam. Quero fazer o mesmo. Eles olham para os livros na Escola Dominical. Eu quero fazer o mesmo". Tranqüilamente, o irmão continuou: "Bispo, quero ser um bom membro. Quero fazer todo o trabalho do Senhor. Mas não sei ler. Há alguém que possa ensinar-me a ler?"

"Sim", disse o bispo. E ficou pensando quem poderia ser um bom instrutor. De repente, ouviu-se dizendo: " Eu o ensinarei a ler".

Durante muitos meses este recém-converso e a esposa reuniram-se semanalmente com o bispo. Aprenderam a ler utilizando as escrituras. Bem, este era um bispo ocupado, como todos o são. Poderia ter delegado a responsabilidade, mas o Espírito o impeliu a aceitar a designação. Tornaram-se amigos no evangelho estudando juntos as escrituras. Depois de dois anos, o bispo foi desobrigado e um novo bispo foi chamado. A pessoa apoiada para substituí-lo como líder da ala foi seu aluno das escrituras. Este bispo dispôs-se a ensinar seus amigos a ler a mensagem do evangelho; e, nesse processo, mostrou-lhes a maneira de vivê-lo. Este bispo teria visto o fim desde o início? Quantas vezes seguimos as palavras do Senhor e, ao fazê-lo influenciamos a eternidade?

Centralizar nossa atenção em propósitos eternos pode aliviar nossas cargas e tornar a vida mais produtiva e feliz. Na verdade, com freqüência podemos ter menos atividade e mais qualidade no que fazemos. Em Lucas lemos uma passagem na qual Marta recebeu Jesus em sua casa. Sua irmã Maria, "assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra.

Marta, porém, andava distraída em muitos serviços" (10:39–40) e reclamou que Maria não a ajudava. Jesus persuadiu Maria a voltar às tarefas do dia? Não. "Jesus, disse-lhe: Marta, (. . .) estás ansiosa e afadigada com muitas coisas.

Mas uma coisa só é necessária; e Maria escolheu a boa parte". (Versículos 41–42.) A mensagem é verdadeira ainda hoje: Escolhei o caminho do Senhor, pois é glória eterna.

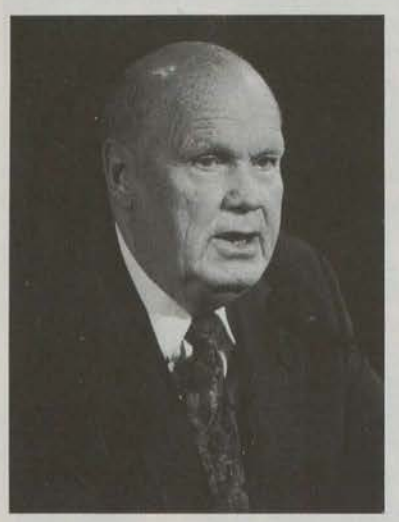
Sabemos por que estamos aqui. Quando estamos no caminho, podemos senti-lo. Os frutos do progresso eterno são alegria, paz, amor, esperança, e confiança no Senhor. Embora o caminho seja apertado, é o caminho certo. É neste caminho que testificamos diariamente nosso amor pelo Senhor, por Seus filhos, Sua igreja, Seu conselho e a riqueza de Suas bênçãos. Por intermédio de boas obras magnificamos o que há de melhor em nós, um passo de cada vez, um dia após outro, ininterruptamente.

Conhecemos o caminho; na verdade, conhecemo-lo bem. O profeta Néfi prometeu: "Se assim prosseguirdes, banqueteando-vos com a palavra de Cristo e perseverando até o fim , eis que , diz o Pai: Tereis vida eterna". (2 Néfi 31:20.) Que assim seja. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Uma Receita Divina para a Cura Espiritual

Élder Malcolm S. Jeppsen
Dos Setenta

Testifico que, embora existam males físicos incuráveis, todas as enfermidades espirituais têm cura devido à expiação de Jesus Cristo.



Ao magnífico discurso de Élder Scott sobre cura, gostaria de acrescentar algumas observações, como alguém cuja vida profissional foi totalmente dedicada à cura. Como médico, durante quarenta anos tive oportunidade de ver muitos pacientes enfermos ou que haviam sofrido algum tipo de ferimento. Faço aqui uma confissão: os médicos não curam os pacientes. Esta maravilhosa e complicada máquina que chamamos de corpo humano tem dentro de si um mecanismo fantástico de cura. Tudo o que o médico pode fazer é proporcionar as condições adequadas para que isso aconteça.

Logo aprendi, na prática da medicina, que o processo definitivo da cura de um corpo ferido ou enfermo já foi suprido pelo Pai Celestial. Também aprendi que a atitude do paciente tem muito a ver com a cura. As pessoas que confiam no Pai Celestial e exercitam a fé no poder do sacerdócio, geralmente têm uma recuperação mais rápida.

Testemunhei milagres! Muitas vezes, quando meu treinamento médico sugeria um prognóstico sombrio, vi pessoas recuperarem-se totalmente. Também observei outras que confiavam no Senhor e tinham fé, tendo buscado bênçãos por meio de suas orações, mas que não receberam a resposta que elas ou seus entes amados desejavam.

O Senhor estabeleceu uma condição para as bênçãos de cura: "Aquele que tiver fé em Mim para ser curado *e não estiver designado para morrer*, será curado". (D&C 42:48; grifo nosso.) Mesmo quando a pessoa confia na fé que tem no Senhor para receber bênçãos, se a hora de sua morte tiver chegado ela não terá a saúde restaurada. Na verdade, a "morte [deve passar] sobre todos os homens para que seja cumprido o plano misericordioso do grande Criador". (2 Néfi 9:6.) O Presidente Spencer W. Kimball escreveu: "Se todos os doentes por quem oramos fossem curados, se todos os justos fossem protegidos e os iníquos destruídos, todo o programa do Pai seria anulado (. . .) Nenhum homem teria que viver pela fé (. . .) Haveria pouco ou nenhum sofrimento, dor, desapontamento; e não haveria nem mesmo morte. E, não existindo isso, também não haveria alegria, sucesso, ressurreição nem vida eterna". [*Faith Precedes the Miracle* (A Fé Precede o Milagre), Salt Lake City: Deseret Book Co., 1972, p. 97.]

Como na prática da medicina, quando eu assistia pacientes enfermos, minha designação agora é assistir pessoas que pecaram seriamente, a fim de que se arrependam e lhes seja restituído o direito à plena associação no evangelho, seguindo uma "receita" fornecida pelo Senhor. Nesta designação tenho presenciado muita tristeza, remorso, dor e sofrimento, porque as pessoas transgrediram leis dadas pelo Pai Celestial para nossa felicidade. Também presenciei famílias sofrendo muito por causa da transgressão de um de seus membros. Tenho testemunhado repetidamente aquilo que todos nós já devíamos saber—que não há felicidade no pecado.

O único que pode realizar a cura de uma alma enferma é o Grande Médico, nosso Pai Celestial, por intermédio de Seu Filho, Jesus Cristo. Jesus prometeu ao que se achegar a Ele com o coração totalmente sincero e arrepender-se: "Eu o curarei". (3 Néfi 18:32.) A Igreja não pode curar; os líderes do sacerdócio não curam; somente um Deus onipotente realiza o milagre da cura espiritual. Gostaria de falar sobre o que podemos fazer para ajudar no processo da cura espiritual, quando a alma foi manchada pelo pecado.

Nossa neta de oito anos outro dia estava fazendo biscoitos. Seguia uma receita que lhe dera a mãe, mas foi enganada por um ingrediente que devia ser acrescentado à massa. A receita dizia duas colheres de chá de bicarbonato. (N.T.: Em inglês, a palavra "soda" pode significar "bicarbonato de sódio" ou "refrigerante" em geral.) Ela perguntou aos pais: "Tanto faz se eu puser água tônica ou soda limonada?" Quando as bolachas ficaram prontas, tinham um gosto horrível. A mãe concluiu que a receita não deu certo porque a filha confundira meia colher de chá de sal com meia xícara de sal.

Se os ingredientes de uma receita de bolachas são importantes,

quão mais importantes não são os ingredientes de uma receita para a cura espiritual? E quão mais importante é que não entendamos mal as instruções, como aconteceu no caso dos biscoitos?

Uma receita divina para esta cura foi dada por nosso Pai Celestial, tendo implicações de importância eterna. Enumerarei os ingredientes desta receita conforme foram dados pelo Senhor a Seus servos e a Seus filhos.

O primeiro ingrediente é o reconhecimento da causa da doença espiritual. Chamamos a isto, na cura do corpo físico, de diagnóstico, e ele é feito após a elaboração de histórico detalhado e de exames clínicos. Na cura espiritual, isto é chamado de confissão. Um exame atento e regular de nosso eu espiritual não é apenas valioso, mas também necessário. A confissão dos próprios pecados é sempre necessária quando há uma séria transgressão. (D&C 58:43.) Um bom começo é a entrevista com o bispo para se obter a recomendação para o templo. Ela não é muito diferente do histórico requerido pelo médico antes de fazer o diagnóstico.

Qual a nossa posição perante o Senhor? Estamos satisfeitos com nossa espiritualidade? Gostamos do que vemos? O Espírito Santo é nosso companheiro? Reconhecemos seus sussurros? As respostas a estas e outras perguntas semelhantes ajudam-nos a diagnosticar qualquer enfermidade espiritual que tenhamos.

O segundo ingrediente é uma profunda contrição e um profundo remorso por qualquer coisa errada que detectemos. O Salvador menciona isto quando diz: "E me oferecereis como sacrifício um coração quebrantado e um espírito contrito. E todo aquele que a Mim vier com um coração quebrantado e um espírito contrito, Eu o batizarei com fogo e com o Espírito Santo". (3 Néfi 9:20.)

Tenho certeza de que quanto mais perto conseguirmos chegar do Pai Celestial, mais nossas máculas se tornarão aparentes para nós. O Senhor instruiu-nos: "Achegai-vos a Mim e Eu Me achegarei a vós;

procurai-Me diligentemente e Me achareis". (D&C 88:63.)

Contudo, a tristeza e a mágoa, em si mesmas, não constituem a cura espiritual, embora quase sempre acompanhem o pecado e a transgressão.

O terceiro ingrediente é pedir perdão àqueles que foram magoados por nossa transgressão. E eles, por sua vez, precisam perdoar, como afirmou categoricamente o Senhor: "Eu, o Senhor, perdôo a quem quero perdoar, mas de vós se requer que perdoeis a todos os homens". (D&C 64:10.)

Recentemente chegaram a minha escrivaninha as palavras comoventes de um pai que errou, anos atrás, e que se arrependeu. Sentia-se agoniado porque os filhos se recusavam a perdoá-lo, a ponto de não desejarem falar com ele ou vê-lo, depois de mais de cinco anos. O Senhor declara em D&C 64:9: "Portanto, digo-vos que vos deveis perdoar uns aos outros; pois aquele que não perdoa a seu irmão as suas ofensas, está em condenação diante do Senhor; pois nele permanece o pecado maior".

Pergunto-me se realmente permanecerá com aqueles filhos o "pecado maior".

Em minha atual designação, tenho visto muitos exemplos de pessoas que não conseguem perdoar os outros ou esquecer seus próprios pecados. Certamente este é um dos mais importantes ingredientes da cura espiritual.

Quarto ingrediente: É preciso que haja total abandono do pecado. Muitas vezes vejo pessoas que se arrependeram escorregando para seus velhos caminhos pecaminosos. Quando isso acontece, os pecados dos quais a pessoa se arrependera voltam para ela, que, afinal de contas, talvez não se tenha mesmo arrependido. Lemos: "Eu, o Senhor, não vos culparei de nenhum pecado; ide e não pequeis mais; mas à alma que peca, retornarão os pecados anteriores, diz o Senhor vosso Deus". (D&C 82:7.)

Quinto ingrediente: É preciso que haja submissão a *todos* os mandamentos de Deus. Isto significa que as pessoas que são culpadas de sérias transgressões e que se arrependeram, na verdade não se arrependeram até que comecem a pagar o dízimo integralmente, ou que tenham vencido problemas relativos à Palavra de Sabedoria, sejam moralmente puras ou santifiquem o Dia do Senhor.

Sexto: É preciso suplicar misericórdia ao Senhor, pedir-Lhe forças e perdão até que se receba, por meio do Espírito Santo, uma "paz de consciência". (Mosiah 4:3.) Esta é a essência da expiação de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Quando o rei Benjamim terminou seu sermão, olhou para a multidão e "eis que haviam caído por terra. (. . .)

E se haviam julgado a si próprios, em seu estado carnal, menos ainda que o pó da terra. E todos clamaram a uma voz, dizendo: Oh! Tende misericórdia de nós e aplicai o sangue expiatório de Cristo, para que possamos receber o perdão de

nossos pecados e nossos corações sejam purificados". (Mosiah 4:1–2.)

Então, "sobre eles desceu o Espírito do Senhor e os encheu de alegria, tendo recebido a remissão de seus pecados" (vers. 3). O perdão definitivo é concedido pelo Senhor ao que se arrepende. A pessoa sabe, pelo poder do Espírito Santo, quando o perdão lhe é concedido.

O ingrediente final, número sete: É preciso que haja fidelidade e que o indivíduo sirva pelo resto de sua vida mortal. Estes sete ingredientes são a receita da cura espiritual e permitem que nos aproximemos do Senhor com "todo o coração". (D&C 17:1.) O profeta Néfi explicou o que é isso: "Sei que, se seguirdes o Filho com inteiro propósito de coração, sem hipocrisia e sem fraude diante de Deus, mas com verdadeira intenção, arrependendo-vos de vossos pecados, (. . .) então recebereis o Espírito Santo; (. . .) e podereis falar na língua de anjos e render louvores ao Santo de Israel". (2 Néfi 31:13.)

Peço que aqueles que necessitam dessa cura espiritual sigam esta receita divina do Salvador. Vinde a Ele. Reconhecei vossos pecados. Arrependei-vos totalmente. Deixai que os líderes do sacerdócio vos assistam. Sede longânimos e pacientes. Suplicai que a expiação do Salvador seja eficaz em relação a vós. E depois, permiti que Ele vos cure.

Cantamos um hino que explica isso bem, pois chama os desconsolados ao assento da misericórdia, com seus corações feridos, e diz-lhes que contem sua angústia, pois a Terra não tem dor alguma que o céu não possa curar. [Ver *Hymns* (hinário em inglês), 1985, p. 115.]

Testifico que embora existam males físicos incuráveis, todas as enfermidades espirituais têm cura devido à expiação de Jesus Cristo. Se usarmos os ingredientes indicados por Deus para efetuar essa cura, ela acontecerá. Presto testemunho de Seu poder de cura e prometo que Sua receita é a única que trará paz, felicidade e descanso à alma do homem. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

O Pai e a Família

Boyd K. Packer
Do Quórum dos Doze Apóstolos

A família está segura na Igreja. Não temos dúvidas quanto ao curso que devemos seguir. Foi dado no início e a orientação do alto é renovada sempre que há necessidade.

A família começa com um rapaz e uma moça atraídos um pelo outro por irresistíveis forças da natureza. Oferecem um ao outro aquilo que os distingue como homem e mulher. Desejam, acima de tudo, encontrar a pessoa com quem possam expressar seu amor de maneira completa. Querem ter filhos—ser uma família.

Não se deve resistir a essas forças naturais de atração, mas elas devem ser cuidadosamente abordadas, protegendo-se os poderes que geram a vida até que os dois tenham assumido compromisso um com o outro, feito convênios com o Senhor e até que se tenha realizado uma cerimônia de casamento com testemunhas e registro.

Então, e somente então, como esposo e esposa, homem e mulher, podem unir-se na expressão de amor geradora de vida.

O propósito fundamental de cada ensinamento e de cada atividade da Igreja é que pais e filhos sejam felizes no lar, selados por um casamento eterno e ligados às gerações de sua família. O propósito fundamental do adversário que sente "grande ira, sabendo que já tem pouco tempo"[1], é perturbar, romper e destruir o lar e a família. Como um navio sem bússola, afastamo-nos de valores da família que nos haviam ancorado no passado. Agora estamos presos a uma corrente tão forte que, a menos que corrijamos nosso curso, a civilização, como a conhecemos, certamente será destruída.

Valores morais estão sendo negligenciados e a oração eliminada nas escolas públicas, sob o pretexto de que o ensino moral pertence à religião. Ao mesmo tempo, o ateísmo, a religião do mundo, é admitida nas salas de aula e nossos filhos são incentivados a um comportamento sem moralidade.

Líderes mundiais e juízes concordam que, para sobrevivermos, a unidade da família deve continuar a existir. Ao mesmo tempo, usam as palavras 'liberdade' e 'escolha' como ferramentas para destruir as defesas do passado e afrouxam as leis referentes ao casamento, aborto e sexo. Ao fazerem isso, fomentam tudo aquilo que ameaça a família.

Nada disto é novo. Jacó, o profeta do Livro de Mórmon, disse ao povo de Néfi: "Eu . . . sinto-me prostrado e com muito maior desejo e ansiedade pelo bem de vossas almas do que até aqui . . . Também me entristece ter que usar uma linguagem tão ousada para convosco,

perante vossas mulheres e vossos filhos, quando muitos têm sentimentos sumamente ternos, castos e delicados perante Deus, o que muito agrada a Deus".[2]

Esta crise da família não é surpresa para a Igreja. Certamente sabíamos o que estava para vir.

Não conheço melhor testemunho de que somos guiados por um profeta, do que nossa preparação para a emergência atual.

As escrituras falam de profetas como "sentinelas na torre" que vêem "o inimigo enquanto estava ainda distante"[3] e que "também [viram] coisas que não eram visíveis aos olhos naturais [pois] o Senhor levantou um vidente ao Seu povo".[4]

Trinta e quatro anos atrás os Irmãos nos preveniram da desintegração da família, dizendo-nos que nos preparássemos. Foi anunciado pela Primeira Presidência e pelo Quórum dos Doze Apóstolos que a Igreja seria reestruturada.

A Noite Familiar semanal foi introduzida pela Primeira Presidência, que disse ser "o lar a base de uma vida reta e nada pode assumir o seu papel nem cumprir suas funções essenciais".[5]

Os pais têm materiais excelentes para ensinar os filhos, com a promessa de que os fiéis serão abençoados.[6]

Embora as doutrinas e a organização revelada permaneçam imutáveis, todas as organizações da Igreja foram reformuladas quanto a sua relação umas com as outras e com o lar.

Foram tão abrangentes essas mudanças, que todo o currículo da Igreja teve de ser revisto, com base nas escrituras e com excelentes manuais para cada curso.

Muitos anos foram gastos no preparo de novas edições da Bíblia, Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor. Excetuando-se erros de impressão e o acréscimo de três revelações em Doutrina e Convênios, o texto permanece o mesmo.

Referências remissivas e outros recursos foram acrescentados, a fim de tornar as escrituras mais compreensíveis. No *Topical Guide*, por exemplo, sob o título 'Jesus Cristo' há dezoito páginas —espaço um, letra miúda—com a compilação mais abrangente de referências de escritura sobre o Senhor jamais reunida na história do mundo.

As novas edições das escrituras já foram terminadas em inglês e espanhol. Este trabalho está sendo realizado agora em dezenas de outras línguas.

Podemos até imaginar onde estaríamos se somente agora começássemos a reagir a esta terrível redefinição da família. Mas este não é o caso. Não estamos tentando freneticamente decidir o que fazer. Sabemos o que fazer e o que ensinar.

A família na Igreja está firme e forte. Centenas de milhares de famílias felizes enfrentam a vida com fé inabalável no futuro. O curso que seguimos não é aquele traçado por nós mesmos. O plano de salvação, o Grande Plano de Felicidade, foi-nos revelado e os apóstolos e profetas continuarão a receber revelações enquanto a Igreja e seus membros necessitarem de mais revelações.

Nós, como Jacó, devemos ensinar "por causa do estrito mandamento que recebi de Deus", "apesar da extensão da tarefa". Como Jacó, nós também corremos o risco de aumentar "as feridas dos que já estão feridos, em vez de consolar e curar suas feridas".[7]

Quando falamos claramente sobre divórcio, abusos, identidade de sexos, prevenção de gravidez, negligência por parte de pais, alguns pensam que estamos fora da realidade ou que não nos importamos. Muitos nos perguntam se estamos conscientes de quanta gente magoamos ao nos expressarmos com clareza. Será que não temos conhecimento dos problemas matrimoniais, das inúmeras pessoas que não se casam, das famílias que só têm um dos pais, de casais que não conseguem ter filhos, de pais com filhos rebeldes ou de pessoas que estão confusas a respeito da definição de seu sexo? Será que não sabemos? Não nos importamos?

Os que nos perguntam essas coisas não têm idéia do quanto nos importamos; pouco sabem a respeito das noites insones, das horas infindáveis de trabalho, de oração, de estudo, de viagens—tudo pela felicidade e redenção da humanidade.

Porque *sabemos* e porque *nos importamos*, precisamos ensinar as regras da felicidade sem as atenuarmos, sem nos desculparmos por elas e sem evitá-las. Esse é o nosso chamado.

Certa vez aprendi uma importante lição com uma presidente de Sociedade de Socorro. Numa conferência ela anunciou que haveria uma maior severidade em relação a procedimentos. Uma irmã levantou-se e desafiou-a, dizendo: "Essas regras não se aplicam a nós! A irmã não nos compreende! Nós somos uma exceção".

Aquela presidente maravilhosa respondeu: "Querida irmã, não gostaríamos de tratar em primeiro lugar das exceções. Vamos primeiro estabelecer as regras e depois cuidaremos das exceções". Muitas vezes me utilizei de sua sabedoria—sentindo-me grato pela lição que me ensinou.

Agora, seguindo o exemplo de Jacó, falarei aos homens da Igreja. A maioria de vós sois pais e maridos dignos e fazeis o que deveis. Mas há mulheres cujos corações foram partidos[8] e crianças que foram negligenciadas e que até mesmo sofreram abusos.

Para ajudá-las, precisamos começar pelos homens. As próximas conferências de estaca e conferências regionais serão dedicadas ao ensino de doutrinas e princípios pertinentes à responsabilidade e dignidade do homem.

Alguns de vós não tivestes um bom exemplo a seguir e agora infligis os abusos e a negligência de vossos próprios pais a vossas mulheres e filhos.

Irmãos, compreendeis que damos ênfase ao ensino das escrituras porque elas são inalteráveis? Com elas aprendemos o propósito da vida, os dons do Espírito. Com elas aprendemos a respeito de revelação pessoal, como discernir o bem do mal, a

verdade do erro. As escrituras fornecem o padrão e a base da doutrina correta.

Com as doutrinas aprendemos princípios de conduta, como enfrentar os problemas do dia-a-dia, até os fracassos—pois eles também são tratados nas doutrinas.

Se compreendeis o Grande Plano da Felicidade e o seguis, o que acontece no mundo não determinará vossa felicidade. Sereis provados, pois isso faz parte do plano, mas "(vossas) aflições serão por um momento; e então, se as (suportardes) bem, no alto Deus (vos) exaltará".[9]

Vossa responsabilidade como pais e maridos transcende qualquer outro interesse na vida. É inaceitável que um santo dos últimos dias engane a mulher, abandone os filhos que gerou, abuse deles ou negligencie-os.

O Senhor ordenou que "criásseis os vossos filhos em luz e verdade".[10]

Vós sois responsáveis, a menos que estejais incapacitados, pelo sustento material de vossa mulher e filhos.[11] Deveis devotar-vos, mesmo que seja com sacrifício, à criação de vossos filhos em luz e verdade.[12]

Isto requer perfeita fidelidade moral a vossa esposa, de modo que ela jamais tenha qualquer motivo para duvidar de vós.

Nunca deverá haver qualquer atitude dominadora ou indigna no terno e íntimo relacionamento entre marido e mulher.[13]

Vossa esposa é vossa parceira na liderança da família e deve ter pleno conhecimento de todas as decisões relativas ao lar, participando delas ativamente.

Guiai vossa família à Igreja, aos convênios e ordenanças. Estamos tentando reduzir a duração e o número de reuniões e atividades fora do lar.

É impossível expressar a profundidade da minha devoção para com minha esposa e meus filhos, e para com os companheiros de meus filhos e os filhos deles. Tenho aprendido muito mais com eles do que eles comigo. Esse aprendizado vem das experiências, alegrias e dores comuns ao dia-a-dia.

Aprendi com um menininho a identidade e o valor da alma humana. Alguns anos atrás, dois de nossos filhos estavam lutando no tapete. Haviam chegado ao ponto em que o riso se transforma em lágrimas. Cuidadosamente coloquei um pé entre eles e levantei o mais velho (que tinha quatro anos), fiz com que se sentasse no tapete e disse-lhe: "Ei, macaquinho, é melhor parar".

Ele cruzou os braços e olhou-me com seriedade surpreendente. Seus sentimentos de menino haviam sido feridos e ele protestou: "Não sou macaco, pai, sou uma pessoa".

Senti-me invadido de amor por ele. Percebi que ele era um filho de Deus. Quanto desejava que fosse "uma pessoa"—de valor eterno. Por meio de simples experiências como essa aprendi a compreender doutrinas. "Os filhos", verdadeiramente, "são herança do Senhor".[14]

A família está segura na Igreja. Não temos dúvidas quanto ao curso que devemos seguir. Foi dado no início e a orientação do alto é renovada sempre que há necessidade.

Continuando no curso, estas coisas acontecerão tão certamente quanto a noite segue o dia.

A distância entre a Igreja e um mundo que trilha um caminho que não podemos seguir, irá aumentar regularmente.

Alguns apostatarão, irão quebrar convênios e substituir o plano de redenção por suas próprias regras.

De todo o mundo, aqueles que agora chegam às dezenas de milhares inevitavelmente virão como um dilúvio para onde a família está segura. Aqui adorarão ao Pai, em nome de Cristo e, pelo dom do Espírito Santo, saberão que o evangelho é o Grande Plano da felicidade, de redenção, do qual presto testemunho em nome de Jesus Cristo. Amém. □

REFERÊNCIAS:

1. Apocalipse 12:12.
2. Jacó 2:3, 7; ver vers. 1–13.
3. D&C 101:54; ver vers. 45, 53–54; II Reis 9:17.
4. Moisés 6:36; ver também Mosiah 8:15–17
5. Conference Report, 6 de outubro de 1961, p. 79; *Improvement Era*, janeiro de 1962, p. 36.
6. Ver "Mensagem da Primeira Presidência", *Livro de Recursos para Noite Familiar*, 1983, p. iv.
7. Jacó 2:9–10.
8. Ver Jacó 2:35.
9. D&C 121:7–8.
10. D&C 93:40; ver vers. 36–40.
11. Ver D&C 83:2.
12. Ver D&C 93:40.
13. Ver D&C 121:41–43.
14. Salmos 127:3.

Sessão Vespertina de Sábado
2 de Abril 1994

Apoio aos Oficiais da Igreja

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Meus queridos irmãos e irmãs, apresentar-vos-ei agora as Autoridades Gerais e as presidências gerais das auxiliares da Igreja para voto de apoio.

É proposto que apoiemos o Presidente Ezra Taft Benson como profeta, vidente e revelador e Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; Gordon B. Hinckley como primeiro conselheiro na Primeira Presidência e Thomas S. Monson como segundo conselheiro na Primeira Presidência.

Os que forem a favor, queiram manifestar-se. Os que se opuserem, podem manifestar-se.

Queremos prestar um tributo ao Élder Marvin J. Ashton, membro do Conselho dos Doze, que faleceu em 25 de fevereiro de 1994.

É proposto que apoiemos Howard W. Hunter como Presidente do Conselho dos Doze Apóstolos e os seguintes integrantes desse Conselho: Howard W. Hunter, Boyd K. Packer, L. Tom Perry, David B. Haight, James E. Faust, Neal A. Maxwell, Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks, M. Russell Ballard, Joseph B. Wirthlin, Richard G. Scott e Robert D. Hales.

Os que estão a favor, queiram manifestar-se. Quem se opuser, manifeste-se.

É proposto que apoiemos os conselheiros na Primeira Presidência e os Doze Apóstolos como profetas, videntes e reveladores.

Os que estiverem a favor, manifestem-se. Quem se opuser, manifeste-se.

É proposto que apoiemos Élder Cree-L Kofford, que tem servido como membro do Segundo Quórum dos Setenta, como membro do Primeiro Quórum dos Setenta.

Os que estiverem a favor, manifestem-se. Quem se opuser, manifeste-se pelo mesmo sinal.

É proposto que apoiemos os seguintes irmãos como novos membros do Segundo Quórum dos Setenta: Cláudio R. Mendes Costa, W. Don Ladd, James O. Mason, Dieter F. Uchtdorf e Lance B. Wickman.

Todos a favor, queiram manifestar-se. Se alguém se opuser, pode manifestar-se pelo mesmo sinal.

Em face do chamado do Bispo Robert D. Hales como membro do Conselho dos Doze, torna-se necessário desobrigá-lo como Bispo Presidente.

Os que desejarem expressar apreço ao Bispo Hales e a seus conselheiros, H. David Burton e Richard C. Edgley, queiram manifestar-se.

É proposto que apoiemos Merrill J. Bateman como Bispo Presidente, com H. David Burton como Primeiro Conselheiro e Richard C. Edgley como Segundo Conselheiro. Simultaneamente, desobrigamos Élder Bateman como membro do Segundo Quórum dos Setenta.

Os que estão a favor, manifestem-se. Se alguém se opuser, manifeste-se.

É proposto que apoiemos as demais Autoridades Gerais e as presidências gerais das auxiliares como presentemente constituídas.

Os que estiverem a favor, queiram manifestar-se. Os que se opuserem, queiram manifestar-se pelo mesmo sinal.

Parece-me que os votos positivos foram unânimes.

Convidamos agora o recém-apoiado membro dos Doze, os membros dos Setenta e o Bispo Presidente a ocuparem seus lugares ao púlpito. Podeis vir à frente, se possível. □

Relatório do Comitê de Auditoria da Igreja

Apresentado por Ted E. Davis
Comitê de Auditoria da Igreja

À Primeira Presidência de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

O Comitê de Auditoria é independente de todos os oficiais, empregados e operações da Igreja e responde diretamente à Primeira Presidência. Temos acesso a todos os registros relativos aos departamentos e operações e o pessoal necessário para cumprir nossa responsabilidade. Examinamos, para ver se são adequados, os controles de recibos e o dispêndio de fundos e outros procedimentos que salvaguardam os bens da Igreja e as organizações que controla, incluindo os sistemas de orçamento, contabilidade e auditoria. Examinamos também os demonstrativos financeiros consolidados da Igreja, relativos ao ano findo em 31 de dezembro de 1993.

O dispêndio dos fundos da Igreja para o ano foi autorizado pelo Conselho de Disposição de Dízimos, composto da Primeira Presidência, Conselho dos Doze Apóstolos e Bispado Presidente, como prescrito por revelação. Os comitês de Apropriação e Orçamento administram as principais despesas orçamentárias dentro de orçamentos aprovados.

O Departamento de Auditoria da Igreja realiza, a título de experiência, auditorias financeiras e operacionais, incluindo os sistemas de informação computadorizada de todas as operações da Igreja, mundialmente. Seu quadro de profissionais é composto de contadores credenciados e auditores igualmente qualificados, sendo independente de todas as outras operações e departamentos. Negócios incorporados controlados pela Igreja, ou de sua propriedade, são verificados pelo Departamento de Auditoria da Igreja ou por firmas de auditoria independentes. As auditorias de unidades locais eclesiásticas são realizadas localmente. Os procedimentos para essas auditorias locais são estabelecidos pelo Departamento de Auditoria da Igreja, que também monitora os seus resultados.

Baseados no exame dos controles financeiros e operacionais e dos relatórios e respostas das auditorias, somos de opinião que os procedimentos de controle de orçamento, contabilidade, e relatórios, auditoria e outros justificam adequadamente os bens e obrigações da Igreja. Em todos os aspectos materiais, os fundos da Igreja recebidos e despendidos durante o ano findo em 31 de dezembro de 1993, foram controlados e contabilizados de conformidade com as normas e procedimentos estabelecidos pela Igreja.

Submetemos respeitosamente,
COMITÊ DE AUDITORIA DA IGREJA
Ted E. Davis, Presidente
Donald D. Salmon
James B. Jacobson

Relatório Estatístico de 1993

Apresentado por F. Michael Watson
Secretário da Primeira Presidência

Para informação dos membros da Igreja, a Primeira Presidência publicou o relatório estatístico a seguir, referente ao crescimento e posição da Igreja em 31 de dezembro de 1993. (As estatísticas são baseadas em relatórios de 1993, disponíveis antes da conferência.)

Número de Unidades da Igreja

Estacas	1.968
Distritos	647
Missões	295
Alas e Ramos	21.002
Países e territórios com alas e ramos organizados	149

Membros da Igreja

Total de membros	8.696.224
Crianças registradas batizadas durante 1993	76.312
Conversos batizados durante 1993	304.808

Missionários

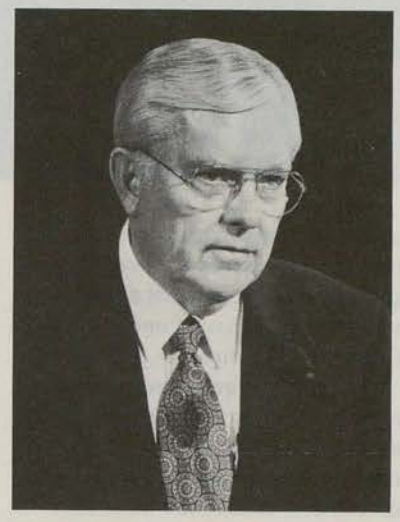
Missionários de tempo integral	48.708

Membros Preeminentes Falecidos Desde Abril do Ano Passado:
Élder Marvin J. Ashton, membro do Conselho dos Doze; David Lawrence McKay, antigo Superintendente Geral da Escola Dominical; Joseph Taylor Bentley, antigo Presidente Geral da Associação de Melhoramentos Mútuos — Rapazes; Keith Engar, antigo presidente do Comitê de Atividades da Igreja; D. Arthur Haycock, antigo secretário de cinco Presidentes da Igreja; e Helena May Williams Larson Allen, antiga secretária de três presidências da Associação de Melhoramentos Mútuos — Moças.

Aconselharmo-nos com os Conselhos da Igreja

Élder M. Russell Ballard
do Quórum dos Doze Apóstolos

A Igreja necessita urgentemente que os líderes, especialmente os presidentes de estaca e bispos, controlem e canalizem o poder espiritual por meio dos conselhos.



Antes de ser chamado como Autoridade Geral, eu trabalhava no ramo de automóveis, como meu pai. Com o passar dos anos, aprendi a gostar do som e do desempenho de um motor bem regulado. Para mim, ouvir o leve ruído de um motor de um carro em marcha lenta ou o vigoroso ronco de um motor em plena capacidade, é quase como música. A potência que esse som representa é ainda mais emocionante. Não há nada que se compare à emoção de estar ao volante de um carro cujo motor tem um ótimo desempenho, com todas as partes funcionando em perfeita harmonia.

Por outro lado, nada é mais frustrante que um motor que não funciona direito. Por mais bela que seja a pintura, por mais confortável que seja o estofamento, se o motor não estiver funcionando bem, o carro não passa de uma carcaça cujo potencial não foi atingido. O motor de um automóvel pode funcionar com parte de seus cilindros, mas nunca irá tão longe, nem andará tão rapidamente, ou tão suavemente quanto o faria se estivesse devidamente regulado.

Infelizmente, algumas alas da Igreja não estão usando todos os seus cilindros, havendo até mesmo as que estão tentando funcionar com um único cilindro. A ala que funciona com um só cilindro é aquela onde o bispo cuida de todos os problemas, toma todas as decisões e acompanha todas as designações. Assim, como o cilindro sobrecarregado de um motor, o bispo logo estará esgotado.

Os bispos carregam pesadas incumbências. Eles e somente eles, portam determinadas chaves e são os únicos que podem cumprir certas responsabilidades. Mas não são chamados para ser a única solução de todos os problemas de todas as pessoas. São chamados para presidir, liderar e estender o amor de Deus a Seus filhos. O Pai Celestial não espera que façam tudo sozinhos.

O mesmo ocorre com os presidentes de estaca, presidentes de quóruns do sacerdócio e de auxiliares e, até com pais e mães. Todos têm responsabilidades que exigem grande parte de seu tempo, talento e energia. Mas ninguém tem que fazer

tudo sozinho. Deus, o Organizador Mestre, inspirou a criação de um sistema de comitês e conselhos. Se compreendido e posto em prática da maneira adequada, este sistema irá diminuir a carga de todos os líderes, individualmente, e ampliar o impacto de seu ministério, por meio do auxílio conjunto de outras pessoas.

Seis meses atrás, falei deste púlpito sobre a importância do sistema de conselhos da Igreja. Falei sobre o grande poder espiritual e a orientação inspirada que podemos obter com a realização adequada de conselhos de estaca, ala e família. O Espírito continua a prestar-me testemunho de que os conselhos devidamente realizados são vitais para o cumprimento da missão da Igreja. Por isso, estava ansioso para ver de que maneira minhas observações de outubro foram entendidas, particularmente por nossos fiéis e diligentes bispos.

Nas sessões de treinamento que realizei em vários locais, desde a última conferência geral, dei ênfase à realização de conselhos de ala. Como parte do treinamento, convidava um conselho de ala a participar. Apresentava ao bispo um problema teórico sobre uma família menos ativa e pedia-lhe que desenvolvesse, com o conselho de ala, um plano para a reativação da família.

Invariavelmente, o bispo assumia de imediato a liderança da situação e dizia: 'Este é o problema, e isto é o que acho que precisa ser feito para resolvê-lo'. Em seguida, dava designações aos vários membros do conselho da ala. Era um bom exercício de delegação de responsabilidades, creio eu, mas nem sequer começava a utilizar a experiência e sabedoria dos membros do conselho para tratar do problema. Por fim, pedia ao bispo que tentasse novamente, mas que, dessa vez, solicitasse idéias e sugestões aos membros do conselho, antes de fazer qualquer designação. Incentivava-o especialmente a pedir idéias às irmãs presentes. Quando o bispo abria a reunião aos membros do conselho, pedindo que todos dessem sua contribuição, era como se

abrisse as comportas do céu. Um reservatório de inspiração e percepção fluía entre os membros do conselho ao planejarem como integrar a família menos ativa.

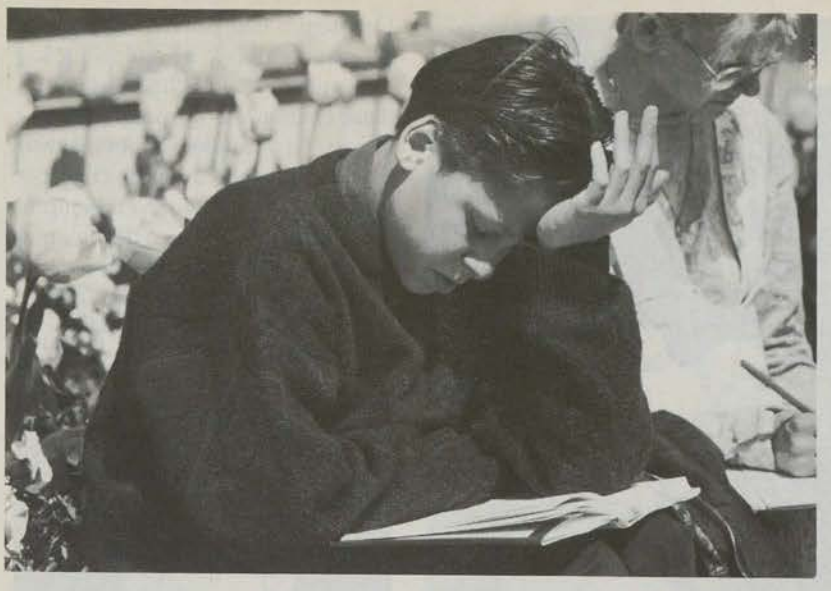
Ao observar que a mesma cena se repetia vez após vez, nos últimos seis meses, decidi que seria útil falar novamente a respeito da importância dos conselhos. Não falo com a intenção de censurar os que não deram a devida atenção na última vez, mas porque a Igreja necessita urgentemente que os líderes, especialmente os presidentes de estaca e bispos, controlem e canalizem o poder espiritual por meio dos conselhos. Os problemas da família, ala e estaca poderão ser solucionados se buscarmos soluções à maneira do Senhor.

Por experiência própria, digo que vidas são abençoadas quando os líderes usam os comitês e conselhos com sabedoria. Eles fazem o trabalho do Senhor avançar com mais rapidez, como um bom carro no seu melhor desempenho. Os membros dos comitês e conselhos têm um objetivo comum. Juntos, podem trabalhar de maneira muito mais agradável ao servirem na Igreja.

Para o que pretendo expor, analisarei três dos comitês e conselhos de ala, que devem sempre seguir uma agenda previamente organizada.

O primeiro é o *comitê executivo do sacerdócio*. Os integrantes desse comitê são o bispado, o líder do grupo de sumos sacerdotes, o presidente do quórum de élderes, o líder da missão da ala, o presidente dos Rapazes, o secretário executivo da ala e o secretário da ala. Este comitê reúne-se uma vez por semana, sob a direção do bispo, para avaliar os programas do sacerdócio da ala, que incluem o templo e a história da família, o trabalho missionário, bem-estar, ensino familiar e ativação de membros.

O segundo é o *comitê de bem-estar da ala*. Inclui o comitê executivo do sacerdócio e a presidência da Sociedade de Socorro. Este comitê reúne-se pelo menos uma vez por mês, também sob a direção do bispo, para analisar as necessidades materiais dos membros da ala. Somente o bispo pode decidir o destino dos recursos de bem-estar, mas o comitê ajuda a cuidar dos pobres, planejando e coordenando o uso dos recursos da ala, inclusive tempo, talentos, aptidões, material e o serviço de solidariedade dos membros. Nesta e



em outras reuniões de comitês e conselhos, freqüentemente são discutidos assuntos delicados, que exigem sigilo absoluto.

O terceiro é o *conselho da ala*. Inclui o comitê executivo do sacerdócio, a presidente da Sociedade de Socorro, o presidente da Escola Dominical, a presidente da Primária, a presidente das Moças e o encarregado do comitê de atividades. O bispo pode convidar outros para participar, se necessário. Este conselho reúne-se pelo menos uma vez por mês, para correlacionar o planejamento de todos os programas e atividades da ala e analisar o progresso da ala no cumprimento da missão da Igreja. O conselho da ala reúne um grupo heterogêneo de líderes do sacerdócio e líderes das mulheres para que, juntos, possam ter uma visão ampla dos assuntos que afetam os membros da ala e da comunidade. O conselho estuda as sugestões dos mestres familiares e das professoras visitantes.

Recentemente, um bispo que estava preocupado com a reverência em sua ala expressou essa preocupação aos membros do conselho da ala e pediu sugestões. A presidente da Primária levantou a mão, hesitante.

"Bem", disse ela, "há alguém que está sempre cumprimentando as pessoas de modo muito caloroso na capela, antes e depois da reunião sacramental. Isso distrai muito a atenção."

O bispo não tinha notado ninguém em especial fazendo barulho na capela, mas disse que falaria com a pessoa que a estava incomodando. Perguntou à irmã quem era a pessoa.

Ela respirou fundo e disse: "É o senhor, bispo. Sei que está somente tentando ser amigável e ajudar as pessoas, e todos apreciamos seu desejo de cumprimentar aqueles que comparecem às reuniões. Mas quando as pessoas o observam andando pela capela e conversando durante o prelúdio musical, acham que podem fazer o mesmo".

Vendo que os outros membros do conselho concordavam, o bispo agradeceu à irmã e pediu sugestões. O conselho logo decidiu que os membros do bispado, incluindo o bispo, deveriam sentar-se em seus lugares no púlpito, cinco minutos antes do início da reunião sacramental, para dar o exemplo de reverência na capela. Numa reunião de avaliação posterior, os membros do conselho foram unânimes em afirmar que aquele plano simples havia funcionado e a reverência na reunião sacramental melhorara sensivelmente.

Outro bispo estava preocupado com algo que vinha percebendo nas reuniões de jejum e testemunho da ala. Poucos membros prestavam testemunho de Cristo e seu evangelho. Em vez disso, faziam sermões, contavam roteiros de viagem, relatavam experiências pessoais não relacionadas com o evangelho e falavam de seus passeios e atividades familiares. O bispo entendia que tais assuntos eram importantes para quem falava, mas não eram testemunhos de Cristo e Seu evangelho. Perguntou ao conselho da ala: "Como podemos ensinar a importância de se usar a reunião de testemunho para testificar de Cristo e Sua Igreja restaurada, sem ofender os membros?"

Depois que as irmãs fizeram algumas observações, o conselho sugeriu que o bispo ensinasse aos membros o que era um testemunho e o que não era. Além disso, o conselho concluiu que os quóruns e as organizações auxiliares deveriam falar sobre o propósito das reuniões de testemunho e os mestres familiares e professoras visitantes deveriam retomar o assunto nas visitas mensais que faziam a cada uma das famílias. O bispo relata agora o seguinte: "Nossas reuniões de testemunho ficaram bem melhores. Os membros prestam testemunho de Cristo e de Seu amor por nós. A espiritualidade da ala aumentou muito."

Uma das maiores preocupações das Autoridades Gerais é a falta de integração de alguns recém-conversos e dos membros menos ativos da Igreja. Se os conselhos de ala funcionarem como devem, cada pessoa recém-convertida será integrada, receberá visita de mestres familiares ou professoras visitantes, e será chamada para um cargo adequado, poucos dias após o batismo. O membro menos ativo receberá um cargo, fazendo com que se sinta útil e amado pelos irmãos da ala.

Os líderes da Igreja também têm expressado "preocupação com o envolvimento de membros em grupos, geralmente bastante dispendiosos, que visam aumentar o autoconhecimento, a auto-estima e o poder de tomar decisões". Os líderes da Igreja e os membros não devem envolver-se com tais grupos. Em vez

disso, "os líderes locais devem aconselhar os que desejam melhorar a própria vida a ancorarem-se firmemente nos princípios do evangelho e a adotarem práticas salutares que fortaleçam sua capacidade de enfrentar desafios". (*Boletim*, Salt Lake City: The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 1993–4).

Quando os presidentes de estaca e bispos permitem que os líderes do sacerdócio e das auxiliares, a quem o Senhor chamou para servir com eles, se tornem parte de uma equipe de resolução de problemas, coisas maravilhosas começam a acontecer. A participação dessas pessoas amplia a base das experiências e da compreensão, levando a melhores soluções. Vós bispos, fortaleceis os líderes da ala, dando-lhes a oportunidade de oferecer sugestões e ser ouvidos. Preparais futuros líderes, permitindo que eles participem e aprendam. Podeis por meio desse envolvimento, aliviar bastante a vossa carga. As pessoas que se sentem responsáveis por um problema têm mais disposição de ajudar na procura de uma solução, aumentando grandemente a possibilidade de sucesso.

Assim que os devidos conselhos estiverem organizados e os irmãos e irmãs tiverem plena oportunidade de participar, os líderes da ala e da estaca poderão fazer mais do que apenas manter as organizações. Poderão direcionar seus esforços no sentido de encontrar maneiras de tornar este mundo um lugar melhor para se viver. Os conselhos de ala certamente podem abordar assuntos como violência de quadrilhas, segurança das crianças, decadência do padrão de vida urbano ou campanhas de limpeza da comunidade. Os bispos poderiam perguntar aos conselhos de ala: "Como podemos fazer algo significativo para a comunidade?" Esse tipo de pensamento e uma participação mais ampla na melhoria da comunidade são atitudes recomendáveis para os santos dos últimos dias.

Venho servindo nos últimos oito anos e meio como membro de um conselho de doze homens. Viemos de ambientes diversos e trouxemos ao Conselho dos Doze Apóstolos um sortimento de experiências na Igreja e no mundo. Em nossas reuniões, nós não nos sentamos apenas, esperando que o Presidente Howard W. Hunter nos diga o que fazer. Aconselhamo-nos abertamente uns com os outros, ouvimos uns aos outros com profundo respeito pela capacidade e experiência que os irmãos trazem ao conselho. Debatemos uma imensa variedade de assuntos, desde a administração da Igreja até acontecimentos mundiais, e fazemo-lo de modo sincero e franco. Às vezes debatemos assuntos durante semanas, antes de chegarmos a uma conclusão. Nem sempre concordamos durante o debate, mas quando a decisão é tomada, sempre terminamos unidos e determinados.

Este é o milagre dos conselhos da Igreja: ouvir uns aos outros e ouvir o Espírito! Quando nos apoiamos uns aos outros nos conselhos da Igreja, começamos a compreender como Deus toma homens e mulheres comuns e os transforma em líderes extraordinários. Os melhores líderes não são aqueles que se matam de tanto trabalhar, tentando fazer tudo sozinhos; os melhores líderes são os que seguem o plano de Deus e se *aconselham com os seus conselhos*.

"Vinde então", disse o Senhor em uma dispensação passada, por intermédio do profeta Isaías: "e argüi-me". (Isaías 1:18.) Nesta última dispensação, ele repetiu a admoestação: "Juntos arrazoemos para que compreendais". (D&C 50:10.)

Lembremo-nos de que o conselho básico da Igreja é o conselho familiar. O pai e a mãe deveriam aplicar atentamente os princípios mencionados hoje em seu relacionamento como casal e no relacionamento com os filhos. Fazendo isso, nossos lares poderão tornar-se um céu na Terra.

Irmãos, trabalhemos juntos, como nunca o fizemos, para cumprir nossas responsabilidades, a fim de descobrirmos como tornar mais eficaz o uso do maravilhoso poder dos conselhos. Peço-vos que pondereis tudo o que eu disse sobre este assunto em outubro passado, juntamente com tudo o que disse hoje. Testifico que podemos trazer toda a força do plano revelado por Deus, referente à liderança no evangelho, para o nosso ministério, ao nos aconselharmos uns com os outros. Que Deus nos abençoe para que permaneçamos unidos no trabalho de fortalecer a Igreja e seus membros, é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Gratidão

Élder LLoyd P. George
Dos Setenta

Acredito que um dos maiores pecados que nós, filhos de nosso Pai Celestial, cometemos, é o pecado da ingratidão.

O Salmista perguntou: "Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste;

Que é o homem mortal para que te lembres dele? e o filho do homem, para que o visites?

Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste.

Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés" (Salmos 8:3–6).

Isto dá, claramente, uma perspectiva da importância que nós, Seus filhos, temos no plano da mortalidade e vida eterna. Também temos a palavra do Senhor a Jó, quando lhe perguntou:

"Onde estavas tu, quando eu fundava a terra? Faze-mo saber, se tens inteligência.

Quem lhes pôs as medidas, se tu os sabes? ou quem estendeu sobre ela o cordel?

Sobre que estão fundadas as suas bases, ou quem assentou a sua pedra de esquina,

Quando as estrelas da alva juntas alegremente cantavam, e todos os filhos de Deus rejubilavam?" (Jó 38:4–7).

Irmãos, estávamos no conselho dos céus quando este plano foi apresentado e sentimo-nos felizes com o privilégio, a oportunidade e a bênção de vir ao mundo para receber um corpo mortal que nos permitiria ter experiências para o bem ou para o mal. Meus irmãos, quão gratos somos por termos participado desse plano de redenção, em vez de nos sentirmos como Paulo, que disse aos Coríntios: "Se esperarmos em Cristo só nesta vida, somos os mais miseráveis de todos os homens" (I Cor.15:19). Estamos prontos a dar graças pelas bênçãos e conhecimento recebidos?

Acredito que um dos maiores pecados que nós, filhos de nosso Pai Celestial, cometemos, é o pecado da ingratidão. O Presidente Joseph F.Smith afirmou em um de seus discursos que quando vemos um homem abençoado com muitos dons ou um intelecto muito desenvolvido apresentar-se para receber as homenagens de seus semelhantes, é freqüente ele atribuir esse sucesso a sua própria energia, trabalho e capacidade mental. Em vez de reconhecer a mão do Senhor em todas as coisas que o levaram ao sucesso, ele ignora-o e toma para si toda a honra (*Journal of Discourses*, 25:53).

Diante de todas as grandes descobertas modernas no campo da ciência, das artes e do progresso material da atualidade, o mundo diz: "*Conseguimos!*" A pessoa diz: "*Consegui!*" e ninguém reverencia a Deus ou dá-lhe crédito pela realização. O Presidente Smith continua: "Um dos maiores pecados que os habitantes da Terra cometem hoje é o pecado da ingratidão" (*Journal of Discourses*, 25:52).

Imagino que a maioria de nós jamais pensou nisso como um pecado sério. Em nossas orações—em nossas súplicas ao Senhor—somos mais inclinados a pedir mais bênçãos. Algumas vezes, sinto que devemos usar uma porção maior de nossas orações agradecendo as bênçãos já recebidas. Naturalmente, necessitamos das bênçãos diárias do Senhor, mas se estamos pecando na questão das orações, acredito que seja por não expressarmos gratidão pelas bênçãos que recebemos diariamente. Deus não está satisfeito com os habitantes da Terra, mas, sim, zangado por não reconhecerem sua mão em todas as coisas.

"E em nada ofende o homem a Deus, ou contra ninguém está acesa a Sua ira, a não ser contra os que não confessam a Sua mão em todas as coisas e não obedecem aos Seus mandamentos" (D&C 59:21).

Um exemplo clássico de ingratidão é mencionado pelo Salvador em Lucas, capítulo 17:

"E aconteceu que, indo ele a Jerusalém, passou pelo meio de Samaria e da Galiléia;

E, entrando numa certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos, os quais pararam de longe;

E levantaram a voz dizendo: Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós.

E ele, vendo-os, disse-lhes: Ide, e mostrai-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos.

E um deles, vendo que estava são, voltou glorificando a Deus em alta voz;

E caiu aos seus pés, com o rosto em terra dando-lhe graças: e este era samaritano.

E, respondendo Jesus, disse: Não foram dez os limpos? E onde estão os nove?

Não houve quem voltasse para dar glória a Deus senão este estrangeiro?

E disse-lhe: Levanta-te, e vai; a tua fé te salvou" (Ver Lucas 17:11–19).

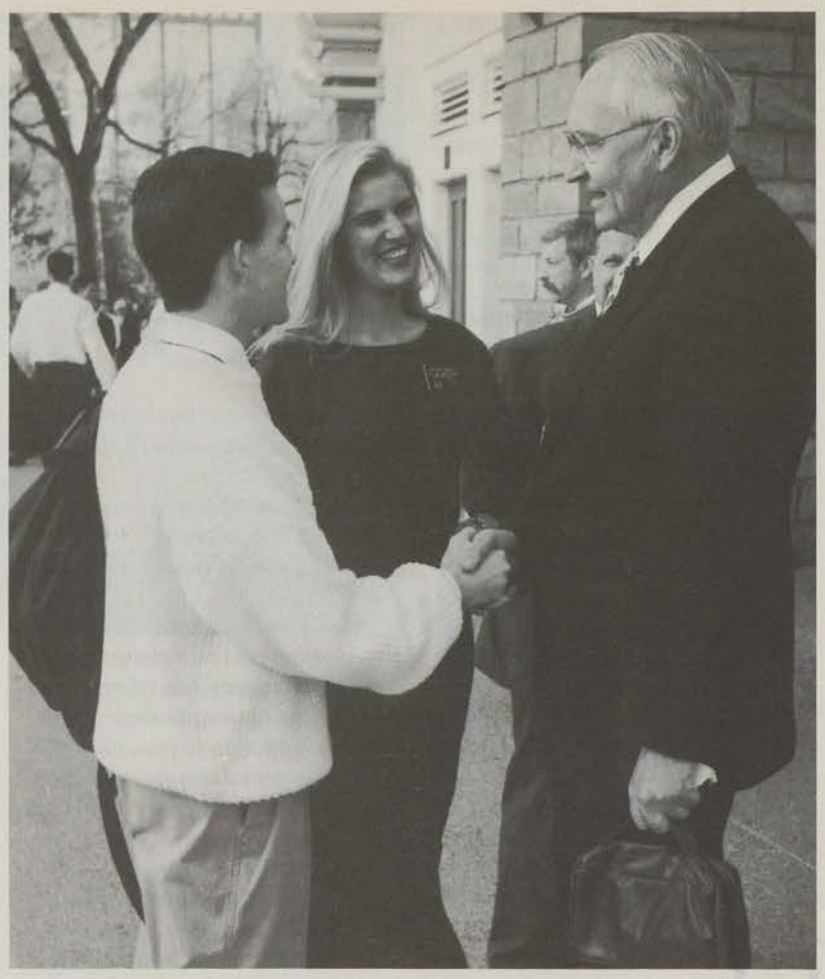
Expresso minha gratidão publicamente. Sou grato por poder, hoje, testificar-vos que conheço e compreendo o plano do nosso Pai; que posso aceitá-lo com devotamento e gratidão por entender o plano e o propósito de estarmos aqui na Terra. Sou grato porque o Senhor nos ama a ponto de haver permitido que Seu Filho Unigênito fosse sacrificado por nós. Também sou grato por Joseph Smith—o profeta que é, foi e sempre será um profeta de Deus, ordenado e escolhido para estar à frente da dispensação da plenitude dos tempos com todas as chaves que abrem as portas do reino de Deus.

Sou grato ao Senhor por permitir-me o grande privilégio de servi-Lo. Tenho tentado dedicar-me a Seus princípios sagrados e a Seus filhos aqui na Terra.

Sou grato pelas coisas que sofri na carne, as quais me abençoaram com paciência e longanimidade, fé e sensibilidade em relação aos menos favorecidos. Sou grato pelo meu legado, por meus notáveis antepassados, que se consagraram à obra do Senhor, que sacrificaram seu bem-estar, sim, e até mesmo a vida por sua crença em Deus. Quão abençoado sou por ter pais dignos, que me ensinaram, de maneira amorosa e gentil, os príncipios de salvação, por ações e exemplo.

Grato sou por uma companheira eterna, amorosa, que ama o Senhor e compreende Seu plano. Ela é uma mulher de grande paciência e percepção. Sou grato por filhos e netos que me encorajam e apóiam. Como pai, conheço a alegria de ouvir meus filhos expressarem gratidão e amor por mim. Não poderia pedir filhos e netos melhores.

Sou grato por ter tido a oportunidade de reunir-me em conselho com os responsáveis pelo reino de nosso Pai aqui na Terra. Eles são grandes



homens, homens dedicados, homens que têm amor incondicional uns pelos outros e por seu Deus.

Quão abençoado sou pelo privilégio de ter conhecido os santos em todo o mundo! Isso me trouxe grande alegria e fortaleceu meu testemunho sobre a maneira como o Senhor trabalha.

Tenho sido muito abençoado, além do que mereço. E, no futuro, oro apenas para ser considerado como Abraham Lincoln, quando disse: "Morra quando morrer, gostaria que fosse dito por aqueles que melhor me conheceram, que sempre arranquei a erva daninha e plantei uma rosa onde supus que uma rosa cresceria". Aprendi que tribulações são bênçãos disfarçadas, se as aceitarmos com humildade, fé e coragem. Tudo o que sofrermos e suportarmos com paciência fará de nós pessoas mais caridosas e ternas, tendo adquirido a educação a nós destinada aqui na Terra.

Que o Senhor nos ajude a sermos gratos pelas bênçãos; a não sermos, jamais, culpados do pecado da ingratidão; e a instilarmos essa mesma gratidão na vida de nossos filhos. O Senhor disse: "E aquele que com ações de graças receber todas as coisas, será feito glorioso; e as coisas desta terra ser-lhe-ão dadas, mesmo centuplicadas, sim, até mais" (D&C 78:19).

Esse grande princípio da gratidão, que deve ser parte constante de nossa vida e nossas orações, pode elevar-nos e abençoar-nos como pessoas, como membros da Igreja e como pais e famílias.

Este testemunho, com amor não fingido a todos os filhos especiais do nosso Pai Celestial, presto humildemente, em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Todos Temos um Pai em Quem Podemos Confiar

Élder Kenneth Johnson
Dos Setenta

Somos, na verdade, Seus filhos, e Ele "não está longe de cada um de nós". (Atos 17:27.)

Na época de meu nascimento, as nuvens de guerra tinham-se abatido sobre a Europa e atravessavam o Canal da Mancha em direção ao litoral da Inglaterra. Meu pai, como milhares de outros homens de sua geração, foi convocado para o serviço militar. Meu irmão mais velho e eu fomos protegidos do tumulto e do medo que nos rodeava por uma mãe que compensava a ausência do pai, envolvendo-nos em uma série de atividades. Com isso, aprendi que quando os pais estão ausentes, as mães podem vir a receber bênçãos compensatórias. Guardo cálidas lembranças desses dias e lembro-me dela falando de seu amado companheiro ao receber cartas dele, sem que eu compreendesse completamente quem era ele e o que estava fazendo.

Minha primeira lembrança de um encontro com meu pai é de quando eu tinha cinco anos. Entregaram um telegrama em nossa casa e minha mãe ficou parada com o envelope dourado nas mãos, sem fazer nenhuma tentativa de abri-lo. Naquela época eu não entendia o motivo, nem sabia que notícia um telegrama poderia trazer. Finalmente, com grande dificuldade, ela começou a abrir o envelope, o que pareceu levar um tempo enorme. Mesmo depois de aberto o telegrama e lido o seu conteúdo, minha mãe não expressava reação alguma. Afinal, levantando o telegrama nas mãos, minha mãe exclamou cheia de alegria: "Seu pai está voltando para casa! Seu pai está voltando para casa!"

Os pais de meu pai moravam na casa ao lado. Segurando o telegrama bem alto, minha mãe disparou em direção à casa de meus avós, gritando: "Papai está voltando para casa! Papai está voltando para casa!" Meu irmão seguia logo atrás e também gritava: "Papai está voltando para casa! Papai está voltando para casa!" No fim da fila, ia eu gritando também: "Papai está voltando para casa! Papai está voltando para casa! Quem é papai?"

Ao acordar na manhã seguinte, havia um homem sentado à beira de minha cama, segurando uma bola de futebol da Itália, que me perguntou se eu e meu irmão queríamos jogar futebol com ele. Meio ressabiado, concordei, e fomos até um gramado nas proximidades de nossa casa onde jogamos futebol juntos. Foi assim o início da influência contínua de meu pai em minha vida. Eu desejava passar todos os momentos possíveis em sua companhia.

Vivíamos, como muitos outros naqueles difíceis anos do pós-guerra, em circunstâncias humildes. Nossa casa era mobiliada com simplicidade. Meu pai tinha muitas habilidades e utilizava-as para embelezá-la. Ele reformou o abrigo antiaéreo que ficava no quintal e transformou-o em uma oficina, onde passava muitas horas consertando sapatos e fazendo móveis. Eu gostava de ir à oficina para vê-lo trabalhar. Ficar com ele me entusiasmava! Ele me deixava ajudar, pedindo que lhe passasse o martelo, a chave de fenda ou alguma outra ferramenta. Eu estava certo de que minha ajuda era indispensável e que, sem mim, ele não conseguiria terminar seus projetos.

Utilizando madeira de diversas origens e considerada pelos outros como inadequada para qualquer uso, meu pai criava objetos de grande beleza e utilidade a nossa família. Enquanto trabalhava, ele fazia uma brincadeira comigo, pedindo-me que adivinhasse o que estava construindo. Raras vezes eu o conseguia antes que os componentes estivessem terminados e o objeto montado. Era então que eu declarava com grande entusiasmo: "É uma estante!" ou "uma mesa!" e maravilhava-me com sua habilidade de criar tanto com tão pouco.

Ao olhar para trás e refletir sobre essas lembranças maravilhosas, percebo que minha ajuda não era necessária para que meu pai realizasse seu trabalho. Era eu quem me beneficiava, pois com aquelas experiências aprendi a conhecê-lo e amá-lo.

Quão semelhante é o relacionamento que temos com nosso Pai Celestial, acreditando, às vezes, que o serviço que realizamos é para o Seu benefício quando, na realidade, é comparável com o que eu fazia ao passar as ferramentas a meu pai. O maior significado está no relacionamento que se desenvolve e não na

contribuição que fazemos. Como expressou o Rei Benjamim: "Pois como pode um homem conhecer o mestre a quem não serviu, que lhe é estranho e que está longe dos pensamentos e intenções de seu coração?" (Mosiah 5:13.)

Do mesmo modo que eu não compreendia o que meu pai terreno estava construindo até que ele tivesse terminado seu trabalho, o mesmo se passa em relação a nosso Pai Celestial. Quando Seu reino estiver estabelecido e o trabalho concluído, reconheceremos nosso lar e exultaremos.

O serviço altruísta é um ingrediente essencial para uma vida plena e feliz. As palavras inspiradas do Presidente Marion G. Romney aclaram nosso entendimento a esse respeito: "O serviço não é algo que suportamos nessa Terra, de modo que ganhemos o direito de viver no reino celestial. O serviço é a própria fibra da qual é feita uma vida exaltada no reino celestial". (*Ensign*, novembro de 1982, p. 93.)

Não é necessário que saibamos a resposta de cada pergunta ou compreendamos a razão de cada desafio que enfrentamos, a fim de nos sentirmos seguros em relação ao conhecimento de nosso Criador divino. Nas palavras de Néfi: "Sei que Ele ama a Seus filhos; não conheço, no entanto, o significado de todas as coisas". (1 Néfi 11:17.)

Vinte e seis anos após as experiências com meu pai, continuei a aprender importantes lições através do relacionamento do pai com o filho. Os acabamentos em madeira de nossa casa precisavam de reparos. Limpei e preparei as superfícies e apliquei uma camada de verniz que serviria de base. Fiquei imaginando o brilho do acabamento que resultaria de meu trabalho. Nosso filho de cinco anos, Kevin, observava enquanto me preparava para aplicar a última demão de verniz e manifestou desejo de ajudar. Vacilei antes de responder, imaginando o efeito que isso teria na realização de meu sonho, mas imaginei também como ele se sentiria se eu recusasse

a oferta. Foi quase como se eu ouvisse outra pessoa dizer: "Que bom! Obrigado pela ajuda".

Com Kevin vestindo uma de minhas camisas velhas que quase tocava o chão de tão comprida e cujas mangas tiveram que ser arregaçadas, começamos a trabalhar na porta principal da casa. Ele envernizava o painel inferior enquanto eu trabalhava no painel superior. Notei que devido a sua idade e estatura, ele não conseguia espalhar o verniz por igual e a pintura não estava ficando uniforme. Cada vez que ele se abaixava para molhar o pincel, eu rapidamente retocava seu trabalho no painel inferior e voltava a minha área de trabalho para que ele não percebesse o que eu estava fazendo. Após alguns momentos, percebi que, mais importante do que um serviço de primeira, era a oportunidade de trabalhar com meu filho. Ao refletir, percebi que ele estava se saindo bastante bem. A partir de então, a cada vez que me aproximava da porta e olhava para o nosso estilo único, lembrava-me daquilo que realmente importa na vida.

As experiências compartilhadas não se restringiram ao plano material. Ao participarmos juntos de ordenanças e ao fazermos convênios, o poder da Deidade manifestou-se.

Os princípios do evangelho restaurado foram ensinados a minha mulher, Pamela, desde a infância e ela conseguiu fazer-me apreciar os valores da oração em família, da noite familiar e dos conselhos de família.

Decidimos, logo no início do casamento, que éramos responsáveis pelo ensino do evangelho a nosso filho e que os programas da Igreja serviriam de reforço aos ensinamentos do lar. Kevin freqüentemente acompanhava a mãe quando ela visitava os doentes e os idosos em serviços de solidariedade.

Essas experiências serviram para que desenvolvêssemos um estreito relacionamento familiar, que cresceu com o passar dos anos, permitindo-nos vislumbrar o potencial que existe no plano eterno, conforme descrito em Doutrina e Convênios, seção 130, versículo 2: "E a mesma sociabilidade que existe entre nós aqui, existirá entre nós lá, só que lá será unida com a glória eterna, glória que não experimentamos agora."

Sempre devemos lembrar-nos de que, a despeito de nossa situação, todos temos um Pai em quem podemos confiar e a quem podemos dirigir-nos para sermos confortados e aconselhados. Ele é nosso Pai Celestial.

Como é emocionante ouvir as crianças cantarem "Sou um Filho de Deus". Somos, verdadeiramente, Seus filhos, e Ele "não está longe de cada um de nós". (Atos 17:7.)

Aprecio cada vez mais as palavras do Salvador expressas em Sua importante oração intercessória: "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste". (João 17:3.)

Sei que Ele vive; Sei que Ele nos ama, pois somos Seus filhos. Seu filho Jesus Cristo é nosso Advogado junto ao Pai e conduz a Igreja hoje, por meio de profetas vivos. Testifico que Suas palavras nos guiarão em segurança de volta ao lar. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

A Condição Especial das Crianças

Élder Merlin R. Lybbert
Dos Setenta

O Pai Celestial pretendia que cada criança tivesse a proteção amorosa e a orientação de pais zelosos.

Nesta época em que "um dos maiores problemas de nossa sociedade é o desamparo das crianças devido à falta de liderança dos pais", [Richard Lloyd Anderson, *Understanding Paul* (Compreender Paulo), Salt Lake City: Deseret Book, 1983, p. 354], a Primeira Presidência pediu-nos que "reenfatizássemos a necessidade de todos os membros adultos atentarem para as crianças, em um esforço contínuo de ajudá-las a aprender como seguir os ensinamentos do Salvador". Também foi pedido a cada um de nós "que novamente nos dedicássemos à tarefa de nutri-las e abençoá-las física e espiritualmente" (Primeira Presidência, *Carta de 1º de agosto de 1993*; *Ensign*, Jan. 1994, p. 80).

Seria bom examinarmos algumas doutrinas contidas nas escrituras, relativas à condição especial das crianças, pois fornecem orientação a quem está criando filhos e consolo aos que perderam um filho em tenra idade.

O Pai Celestial pretendia que cada criança tivesse a proteção amorosa e a orientação de pais zelosos. Este padrão foi estabelecido por Adão e Eva, nossos pais. José, descendente de Davi, concordou em tornar-se pai adotivo de Jesus, o Filho de Deus, quando aceitou Maria como esposa após a visita do anjo Gabriel. Em Nazaré, José era considerado pai de Jesus (ver Mat.13:55).

O Cristo menino cresceu e desenvolveu-se num lar modesto, onde José ganhava a vida como carpinteiro e onde Jesus aprendeu esse ofício. (Ver Marcos 6:3.) Havia outros membros na família. Maria e José tiveram mais quatro filhos e pelo menos duas filhas, todos conhecidos na comunidade como irmãos e irmãs de Jesus. (Ver Mat. 13:55–56; Marcos 6:3.) O exemplo de José e Maria, provendo um lar adequado para sua grande família, foi registrado por Lucas: "E o menino crescia, e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele". (Ver Lucas 2:40.)

O Senhor proporciona uma proteção especial às crianças e divide esta responsabilidade com os pais terrenos, enquanto desfrutamos sua presença. Elas não podem pecar antes da idade da responsabilidade, que o Senhor declarou ser oito anos de idade. (Ver D&C 18:42; 29:47.) Na verdade, até o poder de tentá-las a cometer pecado foi tirado de Satanás. O profeta Mórmon ensinou que "as criancinhas estão sãs, visto que são incapazes de cometer pecados . . . Mas as criancinhas vivem em Cristo desde a fundação do mundo; e se tal não se desse, Deus seria um Deus parcial e variável, que faz acepção de pessoas; pois quantas criancinhas têm morrido sem batismo!" (Ver Morôni 8:8, 12.) Como não podem pecar, não têm necessidade de arrependimento nem de batismo. A transgressão original de Adão não pode reclamá-las, por causa da expiação de Cristo. Mórmon declarou que a prática de batizar criancinhas "é uma burla solene perante Deus" (v. 9), pois o arrependimento e o batismo aplicam-se aos que são "responsáveis e capazes de cometer pecado" (v. 10).

Uma vez que todas as crianças que morrem antes da idade de responsabilidade são puras, inocentes e inteiramente livres do pecado, elas são salvas no reino celestial dos céus. (Ver D&C 137:10; Mosiah 3:18.) Compreender a condição especial das criancinhas perante Deus, por causa da sua natureza pura e inocente, ajuda-nos a entender o mandamento do Senhor: "Deveis arrepender-vos, tornar-vos como uma criancinha e ser batizados em [Seu] nome". (3 Néfi 11:37.) As qualidades semelhantes às da criança, mencionadas pelo Senhor, são desenvolvidas quando o homem cede "aos influxos do Espírito Santo", para tornar-se "submisso, manso, humilde, paciente, cheio de amor e disposto a se submeter a tudo quanto o Senhor achar que lhe deve infligir, assim como uma criança se submete a seu pai". Verdadeiramente, tal pessoa torna-se "santo . . . " como disse Mosiah (ver Mos. 3:19).

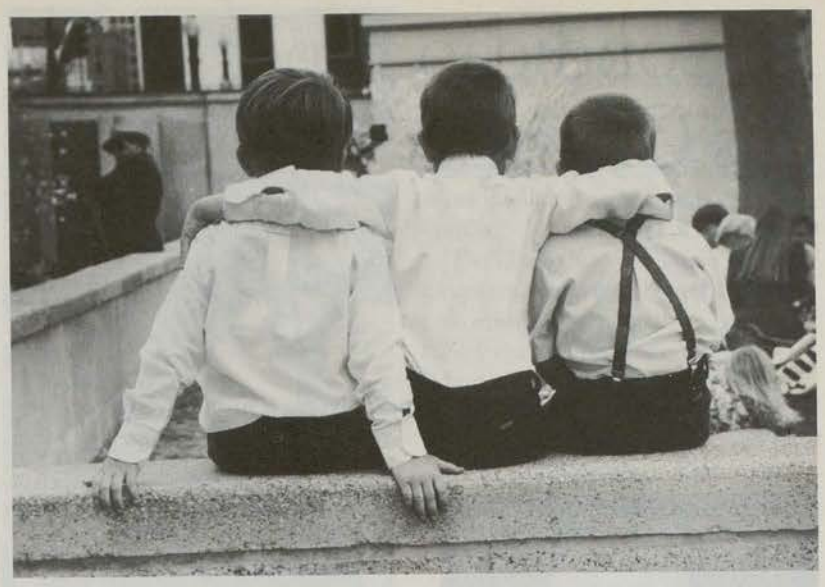
Os pais em Sião têm a responsabilidade especial de ensinar e treinar os filhos em retidão. Os filhos devem ser ensinados "a compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o filho do Deus

vivo, do batismo e dom do Espírito Santo pela imposição das mãos, ao alcançarem oito anos de idade". Se assim não for, diz o Senhor, "sobre a cabeça dos pais seja o pecado". (Ver D&C 68:25.) Este ensinamento deve ser dado antes de a criança alcançar a idade da responsabilidade e quando ainda é inocente e sem pecado. O Senhor protege as crianças das tentações, durante este tempo, para que os pais lhes ensinem os príncipios e ordenanças de salvação sem a interferência de Satanás. É o momento de vestir-lhes a armadura, em preparação para a batalha contra o pecado. Quando esta preparação é negligenciada, elas ficam vulneráveis ao inimigo. Permitir que uma criança entre no período de vida em que será atormentada e tentada pelo inimigo, sem fé em Jesus Cristo e compreensão dos príncipios básicos do evangelho, é o mesmo que deixá-la a esmo num mundo de iniqüidade. Durante esses anos de formação em que são inocentes, as crianças podem aprender um comportamento errado; esse comportamento, porém, não é resultado das tentações de Satanás, mas, sim, de ensinamentos incorretos e maus exemplos de terceiros. Nesse contexto, compreende-se melhor o severo julgamento que o Senhor faz dos adultos que ofendem as crianças. Ele diz:

"Melhor lhe fora que lhe pusessem ao pescoço uma mó de atafona, e fosse lançado ao mar, do que fazer tropeçar um destes pequenos" (Lucas 17:2).

Ofendemos uma criança com qualquer ensinamento ou exemplo que a leve a violar uma lei moral, que a faça cometer um erro, desviar-se do caminho, que lhe cause ira, crie ressentimento, ou que a ajude a tornar-se desagradável e irritadiça. Certamente, segundo a séria acusação do Salvador a qualquer um que "ofender" uma criança, o culpado de tal conduta corre um sério risco.

Toda criança tem direito de viver num lar, como Jesus viveu, onde o ambiente permita que ela adquira uma compreensão do evangelho,



cresça espiritualmente e encha-se de sabedoria, para que a "graça de Deus" esteja sobre ela. (Ver Lucas 2:40.) Essas preciosas criancinhas são como anjos em nosso meio.

O desempenho da tarefa de ensinar os filhos não depende de condição social, riqueza ou posição. Na verdade, as instruções mais eficazes podem ser facilmente transmitidas no mais simples dos serões. Talvez algumas pessoas procurem racionalizar o não cumprimento destas instruções, dizendo que as crianças mais novas não são capazes de compreender os princípios do evangelho. No entanto, os pais que têm o hábito de ensinar os filhos sabem que não é assim. As noites familiares oferecem uma ótima oportunidade de ensinar-se o evangelho à família. Os pais de uma criança de cinco anos estavam preocupados sobre como ensiná-la a respeito do encontro de Néfi com o iníquo Labão. Labão recusou-se várias vezes a entregar a Néfi as preciosas placas de latão que continham um registro religioso e procurou matá-lo, bem como a seus irmãos, após confiscar a fortuna da família. Quando Néfi encontrou Labão, bêbado, o Espírito inspirou-o a matá-lo:

"E eis que o Senhor destrói os iníquos para que sejam cumpridos seus justos desígnios. Melhor é que morra um homem do que deixar que uma nação degenere e pereça em incredulidade" (1 Néfi 4:13).

Quando essa criança de cinco anos, meu neto, se ajoelhou ao lado da cama naquela noite, orou demonstrando que compreendera a lição e que já ia aplicá-la. Ele disse: "Ajuda-me, Pai Celestial, a ser obediente como Néfi, mesmo quando for difícil".

A demonstração destes príncipios da verdade, como ensinados nas escrituras e aplicados em diferentes situações da vida, é um modo eficaz de desenvolver o entendimento e a obediência na vida das crianças. A organização da Primária também ensina o evangelho de Jesus Cristo às crianças. É um excelente apoio oferecido pela Igreja aos pais e a seus filhos.

É meu testemunho que nosso bom e amado Pai Celestial faz concessões especiais às criancinhas, condizentes com sua inocência e o princípio eterno do livre-arbítrio. Também é meu testemunho que ele deu aos pais e a todos os adultos a responsabilidade de ensinar adequadamente e proteger as crianças. Os ofensores desses pequeninos enfrentarão a ira divina. O mandamento do Salvador de nos tornarmos como criancinhas é um convite à purificação, para que sejamos considerados inocentes perante Ele. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

"Dízimo"

Élder Dallin H. Oaks
Do Quórum dos Doze Apóstolos

A lei do dízimo não é uma prática remota do Velho Testamento, mas um mandamento dado diretamente pelo Salvador ao povo de nossos dias.

Quando o Senhor ressuscitado apareceu aos fiéis deste continente, ensinou-lhes os mandamentos que o profeta Malaquias já dera a outros filhos de Israel. O Senhor ordenou-lhes que registrassem aquelas palavras. (Ver 3 Néfi 24:1.)

"Por acaso roubará o homem a Deus? Não obstante, vós me haveis roubado. Mas dizeis vós: Em que te havemos roubado? Nos dízimos e nas ofertas.

Malditos sois com maldição, porque vós, toda a nação, me haveis roubado.

Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois disso fazei prova de mim, diz o Senhor dos Exércitos, se eu não vos abrir as janelas do céu e não derramar sobre vós uma bênção tal que não haverá lugar suficiente para receber". (3 Néfi 24:8–10, ver Malaquias 3:8–10.)

Depois que o Senhor citou essas palavras, ele "explicou-as à multidão" e disse: "Estas escrituras que não tínheis convosco, ordenou o Pai que eu vo-las desse; porque estava em sua sabedoria que elas fossem dadas às futuras gerações" (3 Néfi 26:1–2).

Assim vemos que a lei do dízimo não é uma prática remota do Velho Testamento, mas um mandamento dado diretamente pelo Salvador ao povo de nossos dias. O Senhor reafirmou essa lei em revelação moderna, ordenando a seu povo que pagasse "um décimo de todos os seus juros anuais" e declarando que "isto lhes será uma lei perpétua." (D&C 119:4.)

Nenhum profeta moderno do Senhor pregou mais fervorosamente a lei do dízimo que Heber J. Grant. Como Apóstolo, e depois como Presidente da Igreja, ele várias vezes exortou os santos a pagarem o dízimo honestamente e fez firmes promessas àqueles que assim agissem.

Em uma conferência geral de 1912, Élder Heber J. Grant declarou:

"Presto testemunho—e sei que o testemunho que presto é verdadeiro—de que os homens e as mulheres que têm sido absolutamente honestos para com Deus, que têm pago o dízimo (. . .) têm recebido sabedoria Dele para usarem os nove décimos restantes, o que tem sido de grande valia para eles, que conseguem fazer mais com o restante do que o conseguiriam se não tivessem sido honestos com o Senhor" [*Conference Report* (Relatório de Conferência Geral), abril de 1912, p. 30.]

Em 1929, o Presidente Heber J. Grant disse:

"Apelo aos santos dos últimos dias para que sejam honestos com o Senhor e prometo-lhes que a paz, a prosperidade e o sucesso financeiro acompanharão aqueles que forem honestos com o Pai Celestial . . . Quando colocamos o coração nas coisas deste mundo e deixamos de ser estritamente honestos com o Senhor, não nos desenvolvemos na luz, poder e força do evangelho como de outro modo faríamos". [*Conference Report* (Relatório de Conferência Geral), outubro de 1929, pp. 4–5.]

Durante a Grande Depressão, o Presidente Grant continuou a lembrar os santos de que o pagamento do dízimo abriria as janelas do céu para as bênçãos de que os fiéis necessitavam. Durante aquele período desgastante, alguns bispos observaram que os membros que pagavam o dízimo eram capazes de sustentar suas famílias melhor do que aqueles que não o pagavam. As pessoas que pagavam o dízimo normalmente não eram demitidas, gozavam de boa saúde e escapavam aos efeitos mais devastadores da depressão econômica e espiritual. (Ver *Church News*, 9 de dezembro de 1961, p. 16.) Inúmeros santos dos últimos dias podem declarar que recebem bênçãos semelhantes hoje.

Sou grato ao Presidente Grant e a outros profetas por terem ensinado o princípio do dízimo a meus pais; e por meus pais terem-no ensinado a mim. Minha atitude com relação à lei do dízimo foi estabelecida pelo exemplo e pelas palavras de minha mãe, ilustrados numa conversa dos dias da minha juventude.

Durante a Segunda Guerra Mundial, minha mãe, que era viúva, sustentou os três filhos com um magro salário de professora primária. Quando percebi que tínhamos que passar sem algumas coisas que desejávamos por falta de dinheiro, perguntei a minha mãe por que ela dava uma parte tão grande de seu

salário como dízimo. Nunca esqueci sua explicação: "Dallin, pode haver algumas pessoas que consigam progredir sem pagar o dízimo, mas nós não o conseguiríamos. O Senhor optou por levar seu pai e deixar-me aqui para criá-los. Não consigo fazê-lo sem as bênçãos do Senhor e obtenho essas bênçãos pagando o dízimo honestamente. Quando pago meu dízimo, tenho a promessa de que o Senhor nos abençoará e precisamos dessas bênçãos para progredir".

Anos mais tarde, li as palavras do Presidente Joseph F. Smith a respeito de um testemunho e ensinamento semelhantes, recebidos de sua mãe viúva. Na conferência de abril de 1900, o Presidente Smith contou a seguinte lembrança de sua infância:

"Minha mãe era viúva, com uma grande família para sustentar. Uma primavera, ao abrirmos os buracos em que conservávamos batatas, ela mandou que pegássemos uma parte das melhores batatas e levou para o escritório do dízimo. As batatas eram raras naquela época do ano. Eu era pequeno e dirigia a carroça. Quando chegamos ao escritório do dízimo e estávamos prontos para descarregar, um funcionário disse a minha mãe: —Viúva Smith, é uma vergonha que a senhora tenha que pagar o dízimo (. . .) Ele censurou minha mãe por pagar o dízimo, classificando-a de tudo, exceto sábia ou prudente; e disse que havia pessoas fortes e capazes de trabalhar, que eram sustentadas pelo escritório do dízimo. Minha mãe virou-se para ele e respondeu: 'Que vergonha, William. Você me negaria uma bênção? Se não pagasse o dízimo, sei que o Senhor reteria minhas bênçãos. Pago o dízimo não só porque é uma lei de Deus, mas porque espero uma bênção ao fazê-lo. Guardando essa e outras leis, espero prosperar e ser capaz de sustentar minha família.'" [*Conference Report* (Relatório de Conferência Geral), abril de 1900, p. 48.]

Algumas pessoas dizem: "Não consigo pagar o dízimo". Aqueles que têm fé nas promessas do Senhor, dizem: "Não consigo não pagar o dízimo".

Há algum tempo eu estava falando em uma reunião de líderes da Igreja em um país fora da América do Norte. Ao falar do dízimo, percebi que falava algo que não planejara. Disse que o Senhor estava entristecido por só uma pequena fração dos membros daquelas nações estarem crendo nas promessas do Senhor e pagando o dízimo integral. Avisei-os de que o Senhor retém bênçãos materiais e espirituais quando Seus filhos do convênio não guardam esse mandamento básico.

Espero que os líderes tenham ensinado o princípio aos membros das estacas e distritos de seus países. A lei do dízimo e a promessa de bênçãos para quem a guarda aplicam-se ao povo do Senhor em qualquer nação. Espero que nossos irmãos se qualifiquem para as bênçãos do Senhor, pagando o dízimo integralmente.

Uma promessa acompanha a lei do dízimo. As palavras de Malaquias, reafirmadas pelo Salvador, prometem a todos os que trazem seus dízimos à casa do tesouro que o Senhor "[abrirá] as janelas do céu e derramará sobre [eles] uma bênção tal, que dela [lhes] advenha a maior abastança". As bênçãos prometidas são materiais e espirituais. O Senhor promete "[repreender] o devorador" e também promete às pessoas que pagam o dízimo que "todas as nações [os] chamarão bem-aventurados; porque [sua] terra será deleitosa". (3 Néfi 24:10–12; ver Malaquias 3:10–12.)

Acredito que essas são promessas para as nações onde moramos. Quando o povo do Senhor deixou de pagar dízimos e ofertas, Malaquias condenou "toda a nação". (Malaquias 3:9.) De modo semelhante, acredito que quando muitos cidadãos de um país são fiéis no pagamento do dízimo, convidam as bênçãos do céu para o país inteiro. A Bíblia ensina que "a justiça exalta as nações" (Provérbios 14:34) e que "um pouco de fermento leveda toda a massa". (Gálatas 5:9; ver Mateus 13:33.)

O pagamento do dízimo também proporciona bênçãos espirituais únicas ao indivíduo. É a prova de que aceitamos a lei do sacrifício. Prepara-nos, também, para a lei da consagração e para as outras leis mais elevadas do reino celestial. O livro *Lectures on Faith* (Sermões sobre a Fé), preparado pelos primeiros líderes da Igreja restaurada, esclarece-nos a esse respeito, quando diz:

"Observemos que uma religião que não exige o sacrifício de todas as coisas não tem a força suficiente para produzir a fé necessária à vida e à salvação; pois, desde a primeira existência do homem, a fé necessária para o gozo da vida e salvação nunca poderia ter sido obtida sem o sacrifício de todas as coisas terrenas" [*Lectures on Faith* (Sermões sobre a Fé), p. 6:7].

Não devemos pensar que o pagamento e as bênçãos do dízimo são exclusivos dos membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. O pagamento do dízimo é ordenado na Bíblia. Abraão pagou dízimos a Melquisedeque (ver Gên. 14:20) e Jacó fez convênio de "[dar] o dízimo" a Deus. (Gên. 28:22.) Após tirar os filhos de Israel do Egito, o profeta Moisés ordenou que eles dessem as dízimas ao Senhor. (Ver Lev. 27:30–34.)

O Senhor reafirmou esse ensinamento quando os fariseus lhe perguntaram se era lícito pagar tributo. O Senhor respondeu com este mandamento: "Dai pois a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus". (Mat. 22:21.)

Há alguns anos, o jornal *The New York Times* fez uma manchete a respeito de uma dúzia de atletas profissionais muito bem pagos que davam uma certa porção (geralmente 10 por cento) de sua renda à igreja a que pertenciam. (Cf. *The New York Times*, 29 de abril de 1991, pp. A1, B9.) Nenhum dos atletas era SUD. Se fossem acrescentados os nomes de nossos atletas que pagam o dízimo, a lista teria sido bem mais longa.

Inúmeros homens de negócios,

cristãos, que prometeram dar ao Senhor uma parte de seus lucros, atribuem seu sucesso financeiro a essa parceria com o Senhor. O ex-presidente da Universidade Brigham Young, Ernest L. Wilkinson, que sempre relatava as bênçãos recebidas por causa do pagamento do dízimo, citou esta declaração de um homem de negócios não-mórmon:

"Não emprestaríamos dinheiro a alguém para usos comerciais sem juros. Tampouco esperaríamos que ele nos emprestasse dinheiro sem que pagássemos juros. Descobri que estava usando o dinheiro do Senhor e também os dons para negociar que ele me dera sem lhe pagar juros. É tudo o que faço ao pagar o dízimo—simplesmente pago os meus juros!" ["The Principle and Practice of Paying Tithing" (O Princípio e a Prática do Pagamento do Dízimo), *Brigham Young University Bulletin* (Boletim da Universidade Brigham Young), 10 de dezembro de 1957, pp. 10–11.]

No mandamento do Senhor ao povo destes dias, o dízimo é "um décimo de todos os seus juros anuais, o que se entende como rendimentos". A Primeira Presidência disse: "Ninguém está justificado em fazer qualquer declaração diferente desta". (Carta da Primeira Presidência, 19 de março de 1970, citada no *Manual Geral de Instruções*, 1989, p. 9–1; ver também D&C 119.)

Pagamos o dízimo, como o Senhor ensinou, ao "[trazermos] os dízimos à casa do tesouro" (Mal. 3:10; 3 Néfi 24:10). Fazemos isso ao pagar o dízimo ao bispo ou presidente de ramo. Não pagamos o dízimo colaborando com nossas instituições de caridade prediletas. As contribuições que fazemos a essas instituições devem provir de nossos próprios fundos, não dos dízimos que devemos levar às casas do tesouro do Senhor.

O Senhor revelou-nos que a aplicação dos dízimos será feita por seus servos: a Primeira Presidência, o Quórum dos Doze e o Bispado Presidente. (Ver D&C 120.) Esses fundos são aplicados na construção e manutenção de templos e casas de adoração, no programa missionário mundial, na tradução e publicação das escrituras, na provisão de recursos para a obra de redenção dos mortos, no financiamento da educação religiosa e para outros propósitos da Igreja selecionados pelos servos designados do Senhor.

Em tempos antigos, o dízimo era pago em espécie—um décimo do aumento do rebanho, um décimo da produção da fazenda. Fico triste por nossa economia moderna, baseada no dinheiro, privar os pais da maravilhosa oportunidade de ensinar proporcionada pelo pagamento do dízimo em espécie. Em um livro recente, *Tongan Saints: Legacy of Faith* (Santos Tonganeses: Um Legado de Fé), o autor cita as lembranças de um bispo de Tonga a esse respeito:

"A espiritualidade de meu avô Vanisi inspirava-me reverente

admiração quando criança. Lembro-me que diariamente eu o seguia até sua plantação. Ele sempre me mostrava seus inhames, carás e bananas mais bonitos e dizia: "Estes são para o nosso dízimo". Seu maior cuidado era dispensado a esses frutos escolhidos. Durante a colheita, eu era sempre designado para levar o dízimo ao presidente do ramo. Lembro-me de sentar no cavalo da família. Meu avô colocava um saco de excelentes inhames em frente a mim. Então, com um olhar bastante sério, ele me dizia: 'Simi, tenha muito cuidado porque este é o nosso dízimo'. Aprendi com meu avô que na vida damos ao Senhor apenas o que temos de melhor" [Eric B. Shumway, Tradutor e organizador, *Tongan Saints: Legacy of Faith* (Santos Tonganeses: Um Legado de Fé), Laie, Hawaii: The Institute for Polinesian Studies, 1991, pp. 79–80).

Passei por uma experiência semelhante, quando menino, na fazenda de meus avós. Eles ensinaram-me a respeito do dízimo fazendo-me tirar um ovo ou uma caixa de pêssego de um conjunto de dez. Anos mais tarde, usei esse mesmo tipo de exemplo para tentar ensinar o princípio do dízimo a nossos filhos.

Os pais estão sempre procurando melhores maneiras de ensinar, e o resultado de seus esforços é, às vezes, inesperado. Ao tentar ensinar o dízimo a nosso filho, expliquei-lhe o que era um décimo e como se aplicava aos ovos de uma granja ou aos bezerros ou potros de uma fazenda. Quando terminei o que julguei ter sido uma excelente explicação, fiz um teste para ver se nosso filho de sete anos entendera. Pedi a ele que imaginasse ser proprietário de uma granja e de um rebanho de gado. Forneci-lhe os números e perguntei o que ele daria como dízimo ao bispo. Ele pensou bastante e depois respondeu: "Um cavalo bem velho".

Obviamente tivemos mais algumas conversas sobre o princípio do dízimo e estou orgulhoso pelo modo como ele, seu irmão e sua irmã

aprenderam e praticaram esse princípio. Freqüentemente, porém, recordo a resposta de meu filho ao observar como alguns membros adultos da Igreja se comportam quanto à lei do dízimo. Penso que ainda temos alguns, cuja atitude consiste em dar ao bispo algo parecido com "um cavalo bem velho".

O pagamento do dízimo é um teste de prioridades. O Salvador ensinou essa realidade ao proferir a seguinte parábola:

"A herdade de um homem rico tinha produzido com abundância;

E arrazoava ele entre si, dizendo: Que farei? Não tenho onde recolher os meus frutos.

E disse: Farei isto: derribarei os meus celeiros, e edificarei outros maiores, e ali recolherei todas as minhas novidades e os meus bens;

E direi à minha alma: Alma, tens em depósito muitos bens para muitos anos: descansa, come, bebe e folga.

Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado para quem será?

Assim é aquele que para si ajunta tesouros, e não é rico para com Deus" (Lucas 12:16–21).

Uma ilustração moderna desse princípio é proposta na história apócrifa de dois homens parados diante do esquife de um amigo rico. Um deles pergunta: "Quanto ele deixou?" O outro respondeu: "Tudo o que tinha".

O Presidente Lorenzo Snow disse que "a lei do dízimo é uma das mais importantes já reveladas ao homem" [citado em Le Roi C. Snow, "The Lord's Way Out of Bondage" (O Modo do Senhor para Sair-se do Cativeiro), Improvement Era, julho de 1938, p. 442]. O cumprimento fiel dessa lei abre as janelas do céu para bênçãos materiais e espirituais. Tendo recebido essas bênçãos durante toda a vida, testifico a bondade de nosso Deus e de Suas abundantes bênçãos a Seus filhos.

Oro para que cada membro da Igreja se qualifique para as bênçãos prometidas e concedidas àqueles que trazem todos os dízimos à casa do tesouro. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

"Fui, portanto, instruído"

Élder L. Tom Perry
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Em todas as unidades familiares da Igreja, avaliai mais uma vez o progresso que estais fazendo no tocante à realização de noites familiares regulares.

Élder Hales, damos-lhe as boas-vindas ao Conselho dos Doze. Somos amigos, acho eu, há muitas décadas. Sempre me perguntei por que se mudou para Boston quando me mudei para Nova York. E a seguir, quando me mudei para Boston, você se mudou para Nova York. Acho que agora não vai escapar, pois acaba de entrar para o melhor quórum do qual se pode fazer parte, devido ao sentimento de irmandade e camaradagem que existe. Seja bem-vindo, Élder Hales!

O Livro de Mórmon começa com as seguintes palavras: "Eu, Néfi, tendo nascido de boa família, fui, portanto, instruído sobre alguma coisa de todo o conhecimento de meu pai" (1 Néfi 1:1). Que mundo diferente seria este em que vivemos, se os diários de cada um dos filhos de nosso Pai Celestial começasse com uma expressão semelhante— ter uma boa família e ser instruído por ela.

Vivemos uma época única na história do mundo, um momento em que o evangelho do Senhor foi restaurado em sua plenitude. Nossa força missionária cresce em quantidade e qualidade; desse modo, ensina-se o evangelho em mais línguas, a mais pessoas, em mais países do que jamais ocorreu anteriormente. Ao se estabelecerem alas e estacas por todo o mundo, mentes criativas foram inspiradas para desenvolver instrumentos de comunicação que levam as instruções dos profetas aos ouvidos de muitas pessoas. As boas-novas do evangelho espalham-se agora mais rapidamente para levar a esperança da paz eterna a todos os corações da humanidade.

Uma das grandes mensagens do evangelho é a doutrina da natureza eterna da unidade familiar. Declaramos ao mundo o valor e a importância da vida em família, mas muitos dos distúrbios e dificuldades encontrados no mundo atual se devem à deterioração dela. As experiências domésticas em que os filhos são ensinados e treinados por pais amorosos estão diminuindo.

A vida familiar na qual os filhos e os pais se relacionam por meio do estudo, divertimento e trabalho está sendo substituída por um jantar solitário e rápido aquecido no forno de microondas e uma noite diante da televisão. O Encontro da Associação Nacional de Condados, realizado na Cidade do Lago Salgado em 1991, concluiu que a falta de influência doméstica chegara ao ponto de tornar-se uma crise em nosso país e reservou algum tempo nas sessões para debater suas preocupações. O Encontro identificou cinco conceitos básicos que poderiam aumentar as oportunidades de êxito em cada família.

Em primeiro lugar, fortalecer relacionamentos, por meio de atividades familiares; em segundo lugar, estabelecer regras e metas razoáveis; em terceiro, desenvolver a auto-estima; em quarto, estabelecer objetivos realistas; em quinto, avaliar periodicamente os pontos positivos e as necessidades da família.

Repentinamente, as vozes dos profetas que admoestam e previnem desde o início dos tempos tornam-se de especial relevância. Como já fomos aconselhados e encorajados, devemos estar atentos a nossas próprias famílias e acelerar nossos esforços missionários para levar a outros o conhecimento da verdade e da importância da unidade familiar.

No início, as instruções do Senhor a Adão e Eva deixaram claras suas responsabilidades como pais. Seu papel ficou bem definido. Após terem recebido instruções do Senhor, eles seguiram Seu conselho e disseram:

"E Adão bendisse a Deus esse dia, e encheu-se do Espírito Santo e começou a profetizar concernente a todas as famílias da terra, dizendo: Bendito seja o nome de Deus, pois por causa de minha transgressão meus olhos foram abertos e terei alegria nesta vida e em carne verei outra vez a Deus.

E Eva, sua esposa, ouviu todas essas coisas e se alegrou, dizendo: Se não fosse pela nossa transgressão, jamais teríamos tido semente, jamais teríamos conhecido o bem e o mal, nem a alegria de nossa redenção, nem a alegria eterna que Deus concede a todos os obedientes.

E Adão e Eva abençoaram o nome de Deus e fizeram saber todas

as coisas a seus filhos e filhas." (Moisés 5:10–12.)

Sim, desde o princípio a responsabilidade dos pais, de ensinarem seus filhos, estava entre as instruções que o Senhor deu a nossos primeiros pais terrenos.

As revelações recebidas ao ser a Igreja restaurada em nossos dias, admoestam os pais a respeito da obrigação de treinarem e ensinarem os filhos. Na seção 93 de Doutrina e Convênios, o Senhor repreende alguns dos irmãos por não estarem prestando atenção a algumas de suas responsabilidades familiares. Diz a escritura:

"Mas vos mandei que criásseis os vossos filhos em luz e verdade.

Não tens ensinado luz e verdade aos teus filhos, de acordo com os mandamentos; e aquele ser perverso tem ainda poder sobre ti, e esta é a causa da tua aflição.

E agora um mandamento te dou — se quiseres te livrar dela, deverás pôr em ordem a tua própria casa, pois há muitas coisas que não estão certas na tua casa." (Versículos 40, 42–43.)

Anos atrás, a Igreja admoestou todos os pais a realizarem noites familiares semanais. Nos dias de hoje, a admoestação foi institucionalizada nos lares dos membros da Igreja. As noites de segunda-feira foram reservadas para as famílias estarem juntas. Nenhuma atividade da Igreja ou reunião social deve ser realizada nessa noite. Foram-nos prometidas grandes bênçãos se nossas famílias forem fiéis a esse respeito.

O Presidente Lee nos aconselhou certa vez: "Lembrem-se de que, quando a missão de Elias, o Profeta, for plenamente entendida, os corações dos filhos voltar-se-ão aos pais, e os dos pais aos filhos. Isto se aplica tanto aos que estão deste lado do véu, como aos que estão do outro lado. Se negligenciarmos nossas famílias aqui, desprezando as reuniões de noite familiar; se falharmos em nossas responsabilidades aqui, como nos parecerá o céu, se lá estiverem faltando aqueles que perdemos por nossa própria culpa? O céu não será céu, enquanto não tivermos feito tudo quanto pudermos para salvar aqueles que o Senhor nos enviou através de nossa linhagem". (*Curso de Estudos da Sociedade de Socorro para 1978–79*, [São Paulo]: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1977, p. 2.)

Usando fones de ouvido, as pessoas que não falavam inglês puderam ouvir a interpretação simultânea dos discursos da conferência em cerca de 34 idiomas.

Continua ele:

"Assim, seu coração, pais e mães, deve estar voltado para seus filhos, *agora*, se já tiverem o genuíno espírito de Elias, o Profeta, e não acharem que ele se aplica somente àqueles que estão além do véu. É preciso que se preocupem com seus filhos e tratem de ensiná-los; mas é necessário que o façam enquanto são suficientemente pequenos para serem ensinados adequadamente. E se negligenciarem a realização de noites familiares, estarão negligenciando as bênçãos da missão de Elias, o Profeta, tão certamente quanto ao se descuidarem do trabalho de pesquisas genealógicas" (ibid.; grifo nosso).

Penso sempre nos momentos felizes que passamos quando nossos filhos eram mais novos e ainda moravam em casa conosco. Fiz uma avaliação mental desses dias e considerei algumas mudanças que faria em nossa organização e administração familiar, se tivéssemos a oportunidade de reviver aquele período. Há duas áreas que eu melhoraria, se tivesse o privilégio de ter filhos mais jovens em nosso lar novamente.

A primeira delas seria passarmos mais tempo reunidos, como marido e mulher, no comitê executivo familiar, aprendendo, comunicando-nos, planejando e organizando, de modo a melhor desempenhar nosso papel de pais.

O segundo desejo, caso pudesse voltar àqueles anos, seria passar mais tempo com a família, incluindo noites familiares mais significativas e consistentes.

A responsabilidade total da preparação das noites familiares não deve ser deixada para os pais. As reuniões de mais êxito que já testemunhei são aquelas em que os jovens da família tomam parte ativa.

Apelo aos diáconos, mestres e sacerdotes, bem como às Abelhinhas, Meninas-Moças e Lauréis, para que dêem uma contribuição significativa visando ao sucesso das noites familiares. Em muitos lares, podeis ser a consciência da família. Afinal de contas, sois vós os que mais lucrais com essa experiência. Se quereis viver em um mundo de paz, segurança e oportunidades, a família para a qual contribuís pode ajudar no bem-estar do mundo inteiro.

Lembro-me de um exemplo ocorrido durante a época do Natal em um ano que fizemos um passeio com

os netos. Para que pudéssemos sentir-nos realmente próximos, conseguimos uma "van" (N.T.: tipo de camioneta ou furgão) para viajarmos todos juntos. Na "van" iam o avô e a avó, meu filho e seus três filhos mais velhos. A esposa de meu filho havia ficado em casa com os filhos menores. Era minha vez de dirigir e minha esposa estava sentada a meu lado, indicando o caminho. Do fundo da "van", ouvi Audrey, a filha mais velha, consultando seu pai e dizendo: "Pai, uma de nossas metas para este ano era terminar o Livro de Mórmon em nosso estudo em família. Já estamos no último dia do ano. Por que não terminamos agora, ficando assim dentro do que foi planejado?"

Que experiência maravilhosa foi escutar meu filho e meus três netos, um de cada vez, lendo os capítulos finais de Morôni em voz alta e cumprindo, assim, sua meta de ler o Livro de Mórmon por inteiro. Lembrai-vos, foi uma jovem quem fez a sugestão e não um dos pais.

Sois a geração escolhida—reservada para esta época especial na história da humanidade. Tendes muito a contribuir para o crescimento das famílias às quais pertenceis. Desafio-vos a tomar a iniciativa em vossas famílias, com o entusiasmo de vossa juventude, para fazerdes com que o evangelho realmente viva em vossos lares. Lembrai-vos do conselho do Presidente Joseph F. Smith, que disse: "Gostaria que meus filhos e todos os filhos de Sião soubessem que não há coisa alguma neste mundo que seja de tanto valor para eles como o conhecimento do evangelho restaurado na Terra nestes últimos dias, por intermédio do Profeta Joseph Smith. Nada compensa sua perda. Nada na Terra pode ser comparado com a excelência do conhecimento de Jesus Cristo. Que todos os pais em Sião cuidem de seus filhos e ensinem-lhes os princípios do evangelho e esforcem-se ao máximo para que eles cumpram seus deveres, mas não de forma mecânica, porque lhes foi pedido que o fizessem. Tentai inculcar nos corações dos filhos o espírito da verdade e um amor permanente pelo evangelho, para que eles possam cumprir seu dever, não somente porque isso é agradável aos pais, mas porque é agradável também a eles próprios". (*Masterpieces of Latter-day Saint Leaders* [Obras-primas dos líderes santos dos últimos dias], Cidade do Lago Salgado: Deseret Book Company, 1953, p. 78.)

A noite familiar é para todos, quer se trate de um lar com ambos os pais, com só um deles, ou até de uma família de só uma pessoa. Mestres familiares, contamos com vossas visitas regulares para encorajar e revitalizar a realização de noites familiares.

Nosso profeta atual, o Presidente Ezra Taft Benson, lembrou-nos mais uma vez da necessidade de realizarmos noites familiares regulares e dos ingredientes que trarão êxito. Disse-nos ele:

"Planejado para fortalecer e salvaguardar a família, o programa de noites familiares da Igreja determina uma noite a cada semana para os pais e mães reunirem-se no lar com os filhos e filhas a sua volta. Oferece-se uma oração, cantam-se hinos e outras canções, lêem-se escrituras, discutem-se tópicos familiares, demonstram-se talentos, ensinam-se princípios do evangelho e, freqüentemente, fazem-se brincadeiras e servem-se guloseimas feitas em casa (Relatório Oficial da Conferência de Área das Filipinas, 1975, p. 10).

Esperamos que tomeis nota das sugestões que o profeta nos dá a respeito do que uma noite familiar deve conter.

Continua ele: "Aqui estão as bênçãos prometidas por um profeta de Deus para aqueles que realizarem noites familiares semanais: Se os santos obedecerem a este conselho, prometemos que grandes bênçãos resultarão. O amor no lar e a obediência aos pais aumentarão. A fé se desenvolverá no coração dos jovens de Israel e eles receberão o poder de combater as influências e as tentações do mal que os assediam". (ibid.)

Encorajamos todos a seguirem os conselhos do profeta. Em todas as unidades familiares da Igreja, avaliai mais uma vez o progresso que estais fazendo no tocante à realização de noites familiares regulares. A aplicação desse programa será um escudo e proteção para vós contra os males de nosso tempo e vos trará, individual e coletivamente, maior e mais abundante gozo, agora e nas eternidades futuras.

Que Deus nos abençoe para que possamos revitalizar e fortalecer esse programa de tremenda importância, à medida que nos reunirmos em família para nos aconselharmos. Esta é minha oração em nome de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Amém. □

SESSÃO DO SACERDÓCIO
2 de abril de 1994

Viver em Obediência

Joseph B. Wirthlin
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Minha mensagem a vós, jovens, é esta: Mediante obediência às leis do evangelho, podeis elevar-vos acima do lamaçal de pecado que nos envolve neste mundo.

Amados irmãos, sinto-me humilde e honrado em falar ao sacerdócio da Igreja do Senhor. Este sacerdócio agora tem mais de dois milhões de membros no mundo, os quais fizeram convênio com o Senhor de serem Seus servos nesta Terra. Fazemos o *Seu* trabalho. Grandiosa é a responsabilidade que Ele nos deu de "prevenir, explicar, exortar e ensinar, e convidar" a todos para "virem a Cristo"[1]. Nosso chamado é trabalhar com todo o "coração, poder, mente e força",[2] a fim de erguer e estabelecer a causa de Sião".[3] Somos "chamados a servir"[4] pelo Pai de todos nós.

Esta noite gostaria de dirigir-me ao Sacerdócio Aarônico. Oro fervorosamente pela orientação do Espírito Santo, para que seja cumprida a promessa do Senhor de que "aquele que prega e aquele que recebe compreendem um ao outro, e ambos são edificados e juntos se alegram".[5]

Minha mensagem a vós, jovens, é esta: Mediante obediência às leis do evangelho, podeis elevar-vos acima do lamaçal de pecado que nos envolve neste mundo. Além de ajudar-vos a vos tornardes melhores servos do Senhor, a obediência a essas leis ajudar-vos-á a serdes melhores em tudo que empreenderdes na vida, seja a atividade na Igreja, a família, educação, negócios, profissão, ciência, esportes ou em qualquer outro empreendimento de valor. Sereis melhores filhos, melhores irmãos, melhores amigos. Apreciareis mais a vida; sereis mais felizes e sentireis mais paz interior, pois sabereis que vossa vida é aceitável a vosso Pai Celestial e Seu Filho Amado, Jesus Cristo.

Nós, que servimos neste grande corpo do sacerdócio, fazemo-lo porque todos fomos chamados e escolhidos[6]. Deus deseja que sirvamos de bom grado e obedientemente. Nós, que fizemos convênios batismais e aceitamos o chamado para servir no reino do Senhor como portadores do santo sacerdócio, concordamos em moldar nossa vontade pela Dele. Devemos ser "humildes, submissos e (. . .) diligentes em guardar os mandamentos de Deus todo o tempo".[7] Meus jovens irmãos, "aprendei sabedoria na mocidade; sim, aprendei na juventude a guardar os mandamentos de Deus".[8] Nada vos é mais importante que obediência aos mandamentos de Deus.

O Presidente Ezra Taft Benson afirmou que "a obediência é a primeira lei do céu".[9] Este princípio aplica-se a todos nós.

Recentemente, vi um exemplo maravilhoso de obediência, por ocasião de uma visita a uma grande fazenda de gado na Argentina. De manhã cedo, os vaqueiros levaram aproximadamente quarenta cavalos a um curral, a fim de escolher as montarias para aquele dia. Oito vaqueiros entraram no curral e assobiaram baixinho para mostrar sua presença. Quando os cavalos ouviram o assobio, enfileiraram-se rapidamente perto da cerca, de frente para os vaqueiros. De cabeça levantada, mantinham os olhos nos donos, com as orelhas viradas para a frente, em postura de alerta e prontidão. Sua atenção era total e pareciam ansiosos para servir. Organizaram-se logo em uma fileira como se fossem passar por uma inspeção ou revista militar. Os vaqueiros afastaram-se um pouco e assobiaram novamente. Os cavalos passaram depressa para o outro lado do curral e tornaram a alinhar-se de frente para eles. Pareciam estar obedecendo aos comandos de um sargento de treino. Cada vaqueiro escolheu sua montaria para o trabalho do dia e encaminhou-se para o cavalo escolhido. Os outros permaneceram alinhados, esperando sua designação.

Quando perguntei como os vaqueiros ensinaram os cavalos a serem tão obedientes, fui informado de que o treinamento começara quando os cavalos eram potros. Cada um aprendera com a mãe carinhosa e com outros cavalos adultos. Os vaqueiros iniciavam o treinamento dos potros com bondade, quando eram novos, nunca usando a força do laço ou do chicote.

Ao observar este exemplo de obediência, pensei em vós, irmãos do Sacerdócio Aarônico, e em como sois ensinados por vossas mães, como os dois mil filhos de Helamã,[10] e por amorosos pais e líderes do

sacerdócio. Pensei em como seguis seu bom exemplo, disciplinando-vos e mantendo-vos alertas—dispostos a servir ao Senhor e Mestre, quando Ele vos escolhe e chama.

À medida que crescerdes e amadurecerdes, desejareis e conquistareis mais liberdade para viver a própria vida do vosso modo e tomar as próprias decisões. Deveis fazer isto. Nossa esperança e nossa oração é que cresçais fortes e obedientes na fé e que, como o jovem Jesus, cresçais "em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens".[11]

Portanto insistimos em que sejais obedientes e fiéis em vossos deveres do sacerdócio. Deus vos deu autoridade para agir em Seu nome em vossa juventude. O Sacerdócio Aarônico preparar-vos-á para quando estiverdes prontos para receber a autoridade maior, do Sacerdócio de Melquisedeque. Preparai-vos bem para essa grande bênção, sendo fiéis agora e magnificando vosso Sacerdócio Aarônico.

Servi valorosamente em qualquer posição para a qual fordes chamados. Preparai, abençoai e distribuí os emblemas do santo sacramento dignamente. Recolhei diligentemente as ofertas de jejum, a fim de auxiliardes o bispo no dever de cuidar dos pobres e necessitados. Não descuideis do trabalho como mestres familiares, que é excelente treinamento para a obra missionária. Comparecei regularmente a todas as reuniões da Igreja. Estudai as escrituras, orai diariamente e pagai o dízimo.

Se fordes portadores obedientes do Sacerdócio Aarônico, prometo-vos que, na época de serdes ordenados élderes no Sacerdócio de Melquisedeque, estareis prontos para proclamar o evangelho de Jesus Cristo como missionários, com valentia e persuasão. Estareis mais preparados para os privilégios e desafios do casamento e da paternidade.

A fim de ajudarmos os missionários a serem fiéis e obedientes, damos-lhes um pequeno manual. Pedimos-lhes que o carreguem e leiam sempre. Também preparamos um folheto para os rapazes e as moças. Chama-se *Para o Vigor da Juventude*. Pedimos que o tenhais sempre convosco, que o consulteis com freqüência e que sigais os conselhos que ele contém. Esses conselhos podem proteger-vos do mal e ajudar-vos a obedecer, mesmo quando a obediência for difícil.

Ao edificardes a vida na obediência ao evangelho e vos esforçardes por atingir vossas metas, não desanimeis com reveses e decepções temporários. Lembrai-vos de que "é necessário que haja uma oposição em todas as coisas".[12] Crescereis e aprendereis, vencendo obstáculos. O Senhor advertiu-nos a guardarmos Seus mandamentos e perseverarmos até o fim.[13]

Sem dúvida vós, rapazes, haveis aprendido que a obediência nem sempre é fácil. Na verdade, às vezes pode até parecer sufocante, incômoda ou mesmo impossível. "Mas com Deus tudo é possível".[14] Podeis ser obedientes. Podeis derrotar Satanás e vencer as tentações. Deus "não permitirá que sejais tentados além de vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar".[15] O Senhor não espera de vós coisa alguma que não possais fazer. Lembrai-vos da fé que tinha Néfi quando testificou que "o Senhor nunca dá ordens aos filhos dos homens sem antes preparar um caminho pelo qual suas ordens poderão ser cumpridas"[16].

Vivemos num mundo cheio de iniqüidade. Os vendavais das lutas e contendas, das tentações e do pecado rodeiam-nos. "O sacerdócio é um escudo contra as tentações; ele motiva e inspira os jovens às mais elevadas e nobres ações; todo rapaz, porte ele o ofício de diácono, mestre ou sacerdote, é servo do Senhor Jesus Cristo".[17] Como poderíamos servi-lo, se não estivéssemos livres dos males da vida mortal? Alguns erroneamente pensam que é impossível evitar os pecados do mundo. Para escapar ao mal, alguns até procuram isolar-se da sociedade. O Salvador orou "não que os tires do mundo, e sim, que os guardes do mal".[18] Essa, também, é nossa oração por vós, jovens.

A obediência espontânea garante proteção duradoura contra as tentações atraentes e provocantes de Satanás. Jesus é nosso exemplo perfeito de obediência. Aprendei a fazer como Ele fez, ao ser tentado por Satanás no deserto. Mesmo enfraquecido pelo jejum, Sua resposta foi rápida e firme: "Vai-te, Satanás".[19] O Élder Neal A. Maxwell disse o seguinte sobre o exemplo dado pelo Salvador ao resistir à tentação: "Jesus percebeu as enormes tentações que enfrentou, mas ele não as considerou e remoeu, e sim as rejeitou imediatamente. Se acolhermos as tentações, logo elas nos estarão acolhendo!"[20] Quando Satanás se aproximar, expulsai-o o mais rapidamente possível. Não permitais que a tentação

comece a insinuar-se em vós.

Peço-vos, jovens irmãos do sacerdócio, que vos mantenhais acima do curso da imoralidade que está infestando o mundo. Elevai-vos acima da sordidez da pornografia, da obscenidade, da sujeira. Sede virtuosos e castos. Apoiai vossas jovens irmãs no evangelho, respeitando sua feminilidade florescente e protegendo-lhes a virtude. Comportai-vos sempre de acordo com os mandamentos de Deus quando estiverdes com elas. Desejais que vossas namoradas permaneçam limpas e puras. Assim como certamente protegeríeis a castidade de vossa própria irmã de sangue, devereis proteger a virtude de vossas irmãs na família de Deus.

Caso cometais um erro, buscai o perdão por meio de arrependimento sincero e humilde. Deus perdoa; é um milagre que se tornou possível por intermédio do sacrifício expiatório de Jesus Cristo. Mas os erros que podem parecer-vos pequenos, se não forem corrigidos, poderão ter enormes conseqüências.

A Primeira Presidência afirmou claramente que erros sérios, especialmente a imoralidade, podem desqualificar o jovem para servir como missionário. Sim, o arrependimento é possível, mas o privilégio e bênção de cumprir missão de tempo integral para o Senhor pode ser perdido por causa de transgressão. Lapsos momentâneos em uma vida que, de outra forma, seria notável, podem prejudicar este significativo privilégio e bênção. Irmãos, ficai sempre em guarda!

Embora um Deus amoroso nos tenha suprido de um caminho para o arrependimento, simplesmente não tendes tempo para desperdiçar em transgressões. O pecado fere a alma; o processo de cura retarda o progresso e toma um tempo que poderia ser aproveitado em serviço produtivo e no desenvolvimento próprio. O Senhor precisa de vós, rapazes fiéis e dignos, agora e no futuro, para combater as forças de Satanás que assolam a Terra.

Gostaria de contar-vos uma experiência de minha juventude,

uma experiência que me ensinou a importância da obediência ao fazermos até as menores coisas bem feitas. Gostava muito de jogar futebol americano em meu tempo de escola e na universidade. Desejava ser um bom atleta. Lembro-me especialmente de um jogo em que nossa universidade enfrentava a Universidade do Colorado, disputando o campeonato da liga. Estávamos bem treinados e muito bem preparados.

O astro da equipe do Colorado era Byron "Whizzer" White, um atleta renomado nos Estados Unidos, excelente jogador. Era um zagueiro rápido, versátil e vigoroso. Suas façanhas esportivas eram legendárias. Sua capacidade acadêmica, igualmente impressionante. Mais tarde se tornou pesquisador da Fundação Rhodes e recentemente se aposentou como juiz adjunto do Supremo Tribunal Federal dos Estados Unidos.

Nosso sábio treinador era Ike Armstrong. Antes do jogo nos deu duas instruções bem simples: primeira, não chutar a bola para Whizzer e, segunda, nunca deixar que ele se aproximasse da linha de partida da jogada.

Seguimos suas instruções e conseguimos que a equipe do Colorado não fizesse ponto no primeiro tempo. No início do segundo tempo, Whizzer White fez um gol que valia três pontos. Nós respondemos com uma jogada de seis pontos e um chute que nos valeu mais um ponto. Estávamos vencendo por sete a três, no final do terceiro tempo.

Na segunda jogada do quarto tempo, chutamos a bola para a equipe do Colorado. A bola voou para o outro lado do campo, perto do gol deles. Whizzer White apanhou a bola no ar, na marca dos 15 metros, e teve de recuar para a marca dos 5 metros, a fim de livrar-se dos adversários. Daí, com a velocidade, força e agilidade que lhe valeram a fama, começou a correr em direção ao nosso gol, conseguindo safar-se de todos os jogadores de nossa equipe. Consegui tocá-lo apenas com meu dedinho. Atravessou todo o campo e fez um gol de seis pontos, que entusiasmou a equipe do Colorado mas foi decepcionante para nós.

Mais para o fim do quarto tempo, Whizzer correu pela lateral direita, além do ponto de início da jogada, e avançou 57 metros, fazendo um gol de seis pontos. O resultado do jogo foi 17 a 7. O Colorado venceu o jogo e o campeonato.

Embora tivéssemos perdido, aprendi a importância da obediência constante a instruções detalhadas de nosso líder. A falta de obediência às instruções do líder em apenas duas jogadas—dois breves lapsos em meio a um esforço notável—custou-nos o jogo e o campeonato. Bastou isso para perdermos algo por que trabalháramos tanto.

Testifico-vos, irmãos, que o Pai Celestial vos ama e deseja que recebais todas as bênçãos que Ele tem para Seus filhos, inclusive as bênçãos de felicidade e paz, e que vos beneficieis delas. Nós, líderes da Igreja do Senhor, vos amamos. Oramos sempre por vós, fervorosamente. Vossos líderes nas alas e ramos, estacas e distritos também vos amam e oram por vós. As orações e o amor de vossos pais por vós são imensuráveis. Todos desejamos que sejais bem sucedidos nesta vida e que vos qualifiqueis para o maior dos dons de Deus—vida eterna no reino

celestial. A fim de atingirdes vossas metas nesta vida mortal e de vos provardes dignos das bênçãos eternas, aprendei a obedecer. Não há outra maneira. A obediência trará grande força e poder a vossa vida.

Os mandamentos do evangelho vêm de um Pai amoroso, cujas leis são dadas para fazer-nos felizes, proteger-nos e ajudar-nos a evitar a dor e o sofrimento, que são inevitáveis sempre que cedemos a Satanás e a tentações. "A iniqüidade nunca foi felicidade".[21] Deus é, verdadeiramente, nosso Pai amoroso. Tudo o que Ele faz é para nosso bem. Ele sabe tudo. Ele nos conhece melhor do que nós mesmos e sabe o que é melhor para nós.

Que o Senhor abençoe cada um de vós, rapazes especiais, com força e coragem para obedecerdes a Sua vontade e a fim de vos preparardes diligentemente para o trabalho e para a alegria do porvir. Eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém. □

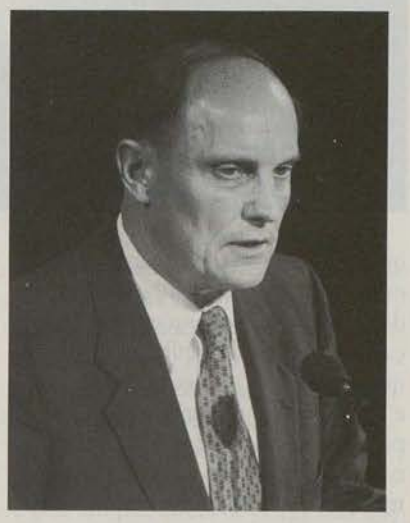
REFERÊNCIAS

1. D&C 20:59.
2. D&C 4:2.
3. D&C 6:6.
4. *Hinos* 1985, nº 166.
5. D&C 50:22.
6. Ver João 15:16.
7. Alma 7:23.
8. Alma 37:35.
9. Ezra Taft Benson, Seminário para Presidentes de Missão, 21 de junho de 1988; ver *Teachings of Ezra Taft Benson* (Ensinamentos de Ezra Taft Benson) (Salt Lake City: Bookcraft, 1988), p. 26.
10. Ver Alma 56:47–48.
11. Lucas 2:52.
12. 2 Néfi 2:11.
13. Ver D&C 14:7.
14. Mateus 19:26.
15. I Cor. 10:13.
16. 1 Néfi 3:7.
17. Joseph B. Wirthlin, *A Heritage of Faith* (Uma Herança de Fé) (Salt Lake City: Deseret Book Co., 1964), p. 78.
18. João 17:15.
19. Lucas 4:8.
20. Neal A. Maxwell, *A Liahona*, julho de 1987, p. 71, grifo nosso.
21. Alma 41:10.

Lembrar-se dos Convênios

Élder Charles Didier
da Presidência dos Setenta

Há uma relação entre lembrar-se, fazer e sentir felicidade ou entre esquecer-se, não fazer e sentir tristeza.



Como membros e líderes desta Igreja, somos freqüentemente descritos como "pessoas que estão sempre indo a reuniões ou voltando delas". Em geral isto é verdade, mas devemos lembrar-nos da razão de assim procedermos. O Senhor, por revelação, lembra-nos de que quando nos reunimos, como nesta noite, é para sermos instruídos e edificados, para que saibamos agir de acordo com Sua lei e mandamentos. (Ver D&C 43:8–9.) Quão importante é que nos lembremos dessas instruções?

Lembrar-se significa não esquecer, significa armazenar na memória para aplicação ou exame posterior. Lembro-me das coisas para poder usá-las mais tarde. Para estudantes como vós, rapazes, significa decorar dados ou informações para passar nos exames, o que resulta em boas notas e felicidade. Talvez tenhais aprendido—através de tristes experiências—que esquecer significa parar de lembrar, resultando em notas baixas e tristeza. Há uma relação entre lembrar-se, fazer e sentir felicidade, ou entre esquecer-se, não fazer e sentir tristeza.

Naturalmente, o processo é o mesmo com as coisas espirituais. Lembro-me do evangelho e dos convênios, então ajo ou participo. Comprometo-me e recebo as bênçãos associadas com esses convênios ou mandamentos. Se me esquecer de minha fé e de meus convênios e não me comprometer nem trabalhar por minha salvação, deixarei de receber as bênçãos prometidas.

Ponderando este padrão de ensino em minha vida, gostaria de contar-vos algumas recordações que tenho, por ser um converso, e que talvez ajudem alguém—jovem ou velho—a aprender a "servir de testemunhas de Deus em qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar" (Mosiah 18:9) sob quaisquer circunstâncias.

Tudo começou no dia de meu batismo. Estava com 22 anos de idade e era estudante universitário. Fiz parte de um pequeno grupo que se reuniu numa piscina em Bruxelas, Bélgica. Não havia pia batismal nem bispo, apenas dois missionários e alguns membros do ramo para apoiar-nos. Não havia parente algum presente. Era o primeiro passo rumo ao conhecido e ao desconhecido. O conhecido era o testemunho

seguro de Jesus Cristo, nosso Salvador e Redentor, de Joseph Smith, um profeta, do Livro de Mórmon e da Igreja, a única verdadeira. O desconhecido ainda estava por ser descoberto e aprendido.

Começou a ser revelado com a ordenação ao sacerdócio após o batismo. De acordo com os procedimentos da época, um converso tinha quase que enfrentar um tribunal antes de receber o sacerdócio. Passaram-se três meses antes de ser entrevistado e ordenado diácono. Então, naquela manhã de domingo, eu estava diante da mesa de sacramento para distribuir os símbolos da Expiação do Senhor Jesus Cristo. Ainda me lembro do ambiente, muito diferente das igrejas ricamente ornamentadas que eu freqüentara. A sala de jantar da casa fora transformada em local para as reuniões sacramentais, a que poucos membros compareciam. Aquela foi a primeira experiência que tive, cuja finalidade era magnificar meu chamado no sacerdócio. Nove meses depois, fui ordenado mestre e aprendi a ensinar e a cuidar dos poucos membros do ramo nos momentos de divergência e de altos e baixos.

Foram também dias interessantes, em que participar da reunião do sacerdócio significava sentar em um círculo com dois missionários e outros dois irmãos e ler, em uma folha mimeografada, a lição do sacerdócio. Não havia manual do sacerdócio e apenas vinte seções de Doutrina e Convênios haviam sido traduzidas para o francês. Nem havia a Pérola de Grande Valor; porém o mais importante é que tínhamos o Livro de Mórmon completo. Passamos este grande livro de mão em mão e aprendemos sobre os convênios e ensinamentos do Senhor e de Sua doutrina. Preceito sobre preceito, pedra sobre pedra, eu estava preparando meu banco de memória espiritual.

Quatro meses depois fui ordenado sacerdote. Agora estava do outro lado da mesa do sacramento. O cenário era o mesmo, mas sentia-me diferente. O que ficou gravado é

que, então, eu estava abençoando os símbolos da expiação e decorando "para que o comam em lembrança do corpo do Teu Filho, e testifiquem a Ti, (. . .) recordá-lo sempre e guardar os mandamentos (. . .) para que possam ter sempre consigo o Seu espírito". Foi uma experiência inesquecível. Ainda hoje me lembro dela quando abençôo o sacramento como Autoridade Geral.

Passaram-se dois anos de meu batismo e, então, chegou o dia em que receberia o Sacerdócio de Melquisedeque, sendo ordenado élder. O presidente da missão impôs novamente as mãos sobre minha cabeça. A autoridade e o poder para agir em nome do Senhor me foram conferidos. Foi recebido por meio de acordo mútuo, por juramento e convênio. O juramento representava a certeza de que as promessas do acordo seriam mantidas por ambas as partes; o convênio significava que as condições do acordo seriam mantidas.

Ao lembrar-me da preparação do sacerdócio no serviço do Senhor, percebo que recordar os convênios que fiz me ajudou a honrar e magnificar meu chamado no sacerdócio, guardar os mandamentos e trazer felicidade espiritual a minha vida, em preparação para a vida eterna. Durante aqueles anos difíceis, muitos de meus jovens amigos da Igreja esqueceram-se dos convênios e, um a um, retornaram ao mundo. O mundo sempre esteve entre o homem e Deus, representando duas alternativas, porém apenas uma escolha verdadeira.

Como podemos adquirir a força para nos decidirmos a servir ao Senhor? Simplesmente nos concentrando na doutrina de Jesus Cristo, que garantirá a salvação daqueles que se lembram dela, aceitam-na e pautam sua conduta por ela. Como esse processo funcionou no meu caso?

Quando rapaz, considerei e aprendi a doutrina do casamento e da família eterna. Foi um assunto que atraiu meu interesse e, também, um fator determinante em minha conversão. Presenciara o fim do casamento de meus pais; vira a tristeza causada pela morte sem o conhecimento espiritual e presenciara o casamento de amigos sem as ordenanças do templo. Queria evitar essas tragédias.

O que significa essa doutrina? A Bíblia declara que Adão foi criado,

mas estava só. Lemos: "Mas para o homem não se achava adjutora que estivesse como diante dele" (Gên. 2:20). Assim, o Senhor criou a mulher—não outro homem—e ordenou-lhes que se unissem pelos sagrados laços do matrimônio. A primeira união divina e honrada, estabelecida entre um homem e uma mulher, foi selada com as seguintes palavras: "O varão (. . .) apegar-se-á a sua mulher" (Gên. 2:24). Esta é a doutrina instituída e nunca mudará. É repetida em revelação moderna: "Amarás a tua esposa de todo o teu coração e a ela te apegarás e a nenhuma outra" (D&C 42:22). Esta união é solenizada pela autoridade do sacerdócio eterno em uma ordenança santa e sagrada, o selamento no templo. É também chamada de novo e eterno convênio do casamento e seu propósito é unir os casais na Terra e levá-los à plenitude da exaltação no reino de Deus. Depois, Adão e Eva também receberam o mandamento de multiplicar-se e povoar a Terra. "E chamou Adão o nome de sua mulher, Eva; porquanto era a mãe de todos os viventes" (Gên. 3:20).

O verdadeiro conceito de casamento e família, a unidade composta de marido, mulher e filhos selados uns aos outros, foi instituído no início, por Deus, para criar famílias eternas. Esse princípio fundamental tornou-se minha visão, meu objetivo e também a realidade, quando eu e minha companheira fomos selados no templo em Zullikofen, Suíça. Sendo eu marido, pai e posteriormente avô, era e ainda sou responsável pelo desenvolvimento, sustento material, proteção e salvação de minha família.

Outro fator determinante em minha conversão foi a Igreja como uma instituição divina, guiada pela autoridade do sacerdócio. Ela fornecia a estrutura de que eu precisava como membro daquele grupo do convênio. Não poderia salvar minha família sozinho.

O Élder John A. Widtsoe escreveu: "A Igreja, uma comunidade de pessoas com a mesma fé, desejo e prática inteligentes, é a agência organizada que Deus utiliza para comunicar-se com Seus filhos e apresentar Sua vontade. Ademais, a autoridade para agir em nome de Deus deve ser investida na Terra em alguma organização e não independentemente em cada homem. A Igreja, por meio do Sacerdócio, possui esta autoridade para uso do homem [*Priesthood and Church Government* (O Sacerdócio e o Governo da Igreja), Cidade do Lago Salgado: Deseret Book Co., 1939, p.180].

A Igreja proporciona um apoio único para que indivíduos e famílias façam coisas que não poderiam fazer por si próprios, como receber as ordenanças essenciais de salvação. Traz alívio material em momentos de necessidade. É também um laboratório fora do lar, onde podemos servir, aprender e praticar a caridade, o puro amor de Cristo.

Também descobri que nesta Igreja o sacerdócio segue a ordem patriarcal e que Deus é um Deus de ordem. Ele é o cabeça e, seguindo este padrão, o sacerdócio é conferido a homens dignos, para que presidam seu lar e sua família. O marido e pai, um patriarca, deve presidir em retidão e exercer o poder do sacerdócio para abençoar a mulher e a família. O marido e a mulher trabalham como parceiros ao governar a família, ambos agindo em uma liderança conjunta e dependendo um do outro. Estão unidos na visão da salvação eterna, um portando o sacerdócio, o outro honrando e desfrutando suas bênçãos. Um não é superior ou inferior ao outro. Cada um tem suas responsabilidades e seu papel a desempenhar.

Muito mais poderia ser dito a respeito do sacerdócio e sua singularidade, este chamado divino dado ao homem, por meio do qual ele atua no plano de salvação. Em suma, lá se encontra a verdadeira doutrina do Pai, os princípios corretos irreversíveis para governar a nós mesmos e o conhecimento de como agir quanto à lei e aos mandamentos que nos foram dados.

Nesta época de individualismo e egoísmo crescentes, as opiniões importam mais do que verdades ou doutrina; as atitudes glorificam a escolha pessoal acima de outros valores e princípios; e a linguagem é caracterizada por esta afirmação: "Não preciso que alguém me diga como ser salvo; não preciso de profetas, videntes ou reveladores para me dizerem o que Deus espera de mim; não preciso ir às reuniões da Igreja, ouvir discursos nem ser desafiado".

Hoje em dia o conceito de sacerdócio e da autoridade da Igreja está em julgamento pelo mundo e mesmo por alguns membros, que acham que a expressão latina *vox populi, vox Dei* pode ser literalmente interpretada na Igreja como sendo "a voz do povo é a voz de Deus". O slogan comercial "Faça do seu jeito", certamente não se aplica ao plano de Deus para a salvação de Seus filhos, quando lemos que a causa real da apostasia é aquela em que "cada um segue seu próprio caminho, segundo a imagem do seu próprio deus" (D&C 1:16). Como superar a tentação de fazer as coisas a vossa maneira, de satisfazer vossos próprios apetites e de seguir as tendências do mundo?

Uma de minhas respostas simples esta noite é que deveis lembrar-vos constantemente de vossos convênios, agir de acordo com eles e assumir um compromisso em relação a eles. Esta seqüência, conforme declarada repetidamente nas escrituras, é um padrão de ensino espiritual clássico para preparar-nos para a vida eterna. É centralizado em Cristo, em Sua doutrina e Seus ensinamentos. Lembrar-me-ei eternamente deles.

Testifico que Jesus vive, que esta é a única Igreja verdadeira, que o sacerdócio do Filho de Deus está aqui investido e que os profetas, videntes e reveladores que presidem esta Igreja são indicados para preservar a doutrina pura de Jesus Cristo e a autoridade de Seu sacerdócio, para a salvação de Seu povo. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

"Apascenta Meus Cordeiros"

Élder Richard P. Lindsay
Dos Setenta

Nós, que fomos incumbidos de guardar o precioso rebanho do Senhor, devemos estar com os cordeiros quando precisarem de nós.

Élder Wirthlin, eu estava naquele jogo de futebol americano e gastei dez centavos para assistir ao grande espetáculo. Mas perdôo-o por não ter derrubado Whizzer White. Como Élder Wirthlin, eu também gostaria, hoje, de dirigir-me ao grande exército de portadores do Sacerdócio Aarônico e especialmente àqueles que, nestes tempos de desafio, são chamados por revelação divina para trabalhar como líderes do sacerdócio. Durante toda a vida, sempre fui profundamente grato aos líderes do Sacerdócio Aarônico que desde pequeno me abençoaram de uma forma que nunca serei capaz de retribuir. Esses bons homens ajudaram-me a preencher o vácuo que surgiu em minha vida após meu pai, que fora bispo de nossa ala durante quase toda a vida de casado, ser atacado por uma repentina doença, quando eu tinha cinco anos de idade.

Alguns anos mais tarde, em 1940, como presidente do quórum dos diáconos da ala, recebi uma carta do Bispado Presidente da Igreja, assinada por LeGrand Richards, Marvin O. Ashton e Joseph L. Wirthlin, que dizia, em parte: "O Bispado Presidente da Igreja congratula-se com a presidência do quórum dos diáconos da Ala Taylorsville pela obtenção de mais de 90% de freqüência nas reuniões sacramentais e do sacerdócio durante o ano de 1939". Irmãos, podeis imaginar o impacto desta carta sobre os portadores do Sacerdócio Aarônico de nossa ala rural, e especialmente sobre os três diáconos de treze anos de idade que compunham a presidência do quórum? Daquele exato momento em diante aqueles homens do Bispado Presidente tornaram-se os meus heróis.

Numa reflexão mais madura, vejo que recebemos aquela carta em grande parte graças ao trabalho de um bispado fiel e consciente, cujo segundo conselheiro, designado para cuidar do quórum dos diáconos, regularmente participava da reunião semanal de planejamento da presidência do quórum. Ele estava *sempre* presente, pelo menos durante uma parte de nossa reunião. O consultor do nosso quórum era o tipo de líder humilde que, suponho eu, o Salvador estava tentando ajudar Pedro a tornar-se, quando disse ao futuro profeta e líder da Igreja: "Pedro, quando te converteres, confirma teus irmãos". (Ver Lucas 22:32.)

A cada manhã de domingo, numa sala mal iluminada que ficava no porão de uma capela do século dezenove, esse grande consultor do quórum dos diáconos abria o coração para seu jovem e ávido rebanho. Com amor puro e palavras francas, falava-nos da tolice de se usar as substâncias prejudiciais reveladas pelo Senhor na Palavra de Sabedoria. Enfatizava a necessidade de termos o corpo e a mente limpos e de sermos dignos de servir ao Senhor no campo missionário. Lembro-me de como, em horas adequadas, com lágrimas nos olhos ele prestava humilde testemunho aos membros do quórum dos diáconos sobre a divindade do Salvador e a missão profética de Joseph Smith.

Ele fielmente nos ensinava que éramos os guardadores de nossos irmãos e que o propósito do quórum era abençoar a vida de cada um dos membros. Salientava que quando distribuíamos o sacramento, coletávamos as ofertas de jejum ou cortávamos madeira para as viúvas da ala, estávamos fazendo exatamente a vontade do Senhor. Quando um membro do quórum, cuja família era inativa, ficou doente por muito tempo e não pôde comparecer às reuniões, fomos a sua casa dar-lhe a aula semanal do sacerdócio e oferecer-lhe nossa solidariedade. Da mesma forma, quando outro membro menos ativo que não tinha os pais na Igreja não compareceu, às sessões do sacerdócio foram realizadas em sua casa. Esses dois jovens, em anos recentes, abençoaram incontáveis membros da Igreja, ao serem chamados a cargos de grande responsabilidade. Muitos anos depois, num hospital, estive com meu querido consultor do quórum, estando ele já prestes a substituir a vida pela eternidade. Apesar de seu considerável sofrimento, desejou usar o pouco tempo que tínhamos para falar sobre as condições atuais de cada um dos diáconos que pertencera àquele quórum privilegiado,

de mais de trinta anos atrás.

Ele literalmente cumprira a instrução do Salvador a Pedro, às margens do Mar de Tiberíades, na última admoestação aos apóstolos: "Apascenta os meus cordeiros (. . .). Apascenta as minhas ovelhas (. . .). Apascenta as minhas ovelhas". (João 21:15–17.)

A batalha pelas almas dos cordeiros e ovelhas preciosos do Pai Celestial está sendo violenta em todos os cantos do mundo. Uma cultura cada vez mais permissiva, tão fortemente influenciada pela mídia, principalmente pela televisão, faz de todos nós, particularmente de nossa juventude, pessoas sujeitas a valores morais não aceitáveis. Nos Estados Unidos, na maioria dos casos, a televisão quase sozinha eliminou a vulgaridade da cultura moderna, tornando-a "normal". O resultado é uma cultura de massa dirigida por aproveitadores, que exploram a fome de vulgaridade, pornografia e até barbarismo. Tais influências não fazem mais do que desmoralizar a fé e a crença religiosa de nossa excelente juventude.

Essa é a condição prevista pelos profetas da Bíblia e do Livro de Mórmon. E esse é o mundo em que os fiéis portadores do Sacerdócio Aarônico de nosso tempo devem viver e do qual devem emergir vitoriosos. Contra esse cenário mundano, os líderes do Sacerdócio Aarônico devem estender a mão aos jovens com amor, a fim de ajudá-los a:

- converter-se verdadeiramente ao evangelho de Jesus Cristo e viver conforme seus ensinamentos;
- magnificar seus chamados no sacerdócio;
- prestar serviço significativo;
- preparar-se para receber o Sacerdócio de Melquisedeque;
- comprometer-se a cumprir uma missão de tempo integral honrosa e preparar-se para ela;
- viver de modo a ser digno de receber os convênios do templo e preparar-se para ser um marido e pai digno.

Irmãos, certificai-vos de que o amor e o companheirismo do sacerdócio se estenda a cada um dos rapazes do quórum, para que todos participem e sejam amigos entre si.

Desde que Sister Lindsay e eu retornamos de nossa designação na África, voltando a conviver com nossos vinte e três netos, somos freqüentemente solicitados a, na hora de dormir, contar-lhes uma história que seja, em primeiro lugar, verdadeira; em segundo, emocionante e, em terceiro, inédita. Todos os avós aqui presentes sabem o desafio que esse pedido representa. Recentemente, porém, lembrei-me de uma dessas histórias verídicas, quando fomos visitar um filho e sua esposa, que vivem no meio-oeste com cinco filhos, três do quais são portadores do Sacerdócio Aarônico: um sacerdote, um mestre e um diácono. Essa história fala sobre o próprio pai deles, quando tinha apenas seis anos de idade.

Fui criado no Condado do Lago Salgado, na zona rural, no tempo em que ter vários animais domésticos era uma necessidade. Meus prediletos eram as ovelhas—talvez por não precisarem ser ordenhadas duas vezes por dia, sete dias por semana.

Eu queria que nossos filhos desfrutassem a bênção de ser os pastores dos animais da fazenda. Cada um dos mais velhos recebeu uma ovelha, a fim de aprender a cuidar do animal e dos filhotes que, esperávamos, viriam mais tarde.

Numa fria manhã de março, nosso segundo filho, que tinha acabado de fazer seis anos, telefonou-me para o escritório e disse entusiasmado: "Pai, adivinhe o que aconteceu! Ester (Ester era sua ovelha) acabou de ter dois cordeiros. Por favor, venha para casa para ajudar-me a cuidar deles". Eu disse a Gordon que ficasse de olho nos cordeiros, certificando-se de que recebessem leite da mãe e tudo estaria bem. Ainda de manhã, no trabalho, fui interrompido uma segunda vez por mais um telefonema com a mesma vozinha do outro lado: "Pai, os cordeiros não estão muito bem. Eles não conseguem beber leite da mãe e estão com frio. Por favor, venha para casa . . . ".

Minha resposta provavelmente transmitiu um pouco do aborrecimento de ter sido perturbado durante a agitação de meu trabalho. Respondi: "Gordon, os cordeiros estarão bem. Vigie-os, e quando eu chegar em casa nós lhes daremos leite e tudo vai ficar bem".

Novamente, à tarde, recebi um terceiro telefonema, desta vez mais urgente. A voz implorava: "Pai, tem que vir para casa agora. Os cordei-

ros estão deitados e um deles parece estar com muito frio". Apesar da pressão do trabalho, senti uma preocupação real e tentei tranqüilizá-lo, dizendo: "Gordon, leve os cordeiros para dentro de casa e esfregue-os com um pano para aquecê-los. Em pouco tempo estarei em casa e nós ordenharemos a mãe, daremos leite para os cordeiros e eles ficarão bem".

Duas horas depois, chegando na entrada da garagem de casa, vi um menino com olhos molhados, carregando um cordeiro morto nos braços. Sua mágoa era esmagadora. Tentei corrigir-me ordenhando rapidamente a mãe e tentando forçar o leite pela garganta do outro cordeiro enfraquecido. Nesse momento, Gordon saiu da sala por um momento e voltou com esperança nos olhos. Ele disse: "Pai, fui orar por esse cordeiro e sinto que vai ficar tudo bem". O triste detalhe desta história, irmãos, é que poucos minutos depois o segundo cordeiro também estava morto. Então, com um olhar que nunca esquecerei, o menino de seis anos de idade, que perdera dois cordeiros, olhou para seu pai e, com lágrimas correndo pela face, disse: "Pai, se tivesse vindo quando telefonei pela primeira vez, poderíamos tê-los salvo".

Amados irmãos do sacerdócio, nós que fomos incumbidos da guarda do precioso rebanho do Senhor, devemos estar com os cordeiros quando precisarem de nós. Devemos, com amor, ensinar-lhes princípios de fé e bondade e ser exemplos de retidão para os cordeiros de nosso Pai Celestial. Cada membro do quórum deve estar preparado para seu futuro papel como portador do Sacerdócio de Melquisedeque em um mundo repleto de iniqüidade e desesperado por liderança moral decisiva.

Deixo convosco meu testemunho de que esta é a obra de Deus—a obra mais importante de todo o mundo. De que seremos instrumentos em Suas mãos para a salvação de preciosos cordeiros, por quem Ele deu a vida. Eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém. □

O Poder de uma Vida Digna

Élder Marlin K. Jensen
Dos Setenta

Quando vemos a imagem de Cristo no semblante dos outros, fica mais fácil recebê-la em nosso próprio semblante.

Irmãos, sou grato por fazer parte desta grande assembléia de portadores do sacerdócio. Estou especialmente atento a um pequeno e maravilhoso grupo de missionários com os quais minha mulher e eu temos a bênção de trabalhar atualmente na Missão Nova York Rochester. Falando, talvez, por todos os presidentes de missão e pelos pais dos missionários, desejo dizer, durante esta minha breve ausência: "Por favor, trabalhem bastante, dirijam com cuidado e comportem-se!"

Todos nós, que portamos o sacerdócio de Deus, estamos envolvidos numa gloriosa causa comum—ajudar o Pai Celestial a proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem (ver Moisés 1:39). Este trabalho, em sua mais simples forma, inclui qualificar-nos para as bênçãos da expiação do Salvador e ajudar outros a fazerem o mesmo.

No decorrer dos anos, ao lutar contra minhas próprias fraquezas e tentar, à minha maneira, ajudar outras pessoas a vencer as delas, recebi ajuda e motivação de fontes variadas. A oração pessoal, o conhecimento de um Pai Celestial amoroso e de Seu plano de salvação, as escrituras, o templo e os sussurros do Espírito Santo foram especialmente úteis. Contudo, de alguma forma, mais diretas ainda foram a influência e a inspiração recebidas de pessoas dignas. Sempre me impressiono e fico profundamente comovido com o poder de uma vida digna.

Dentre as muitas vidas exemplares de nossa rica história como povo, desejo citar dois exemplos. O primeiro é da vida do Profeta Joseph Smith.

Durante um rigoroso inverno em que estiveram presos em Richmond, Estado de Missouri, Joseph e cerca de cinqüenta outros irmãos passaram por muitas provações. Uma das maiores foi agüentar o linguajar blasfemo e imundo dos guardas, ao se vangloriarem de sua indizível crueldade para com os santos.

Élder Parley P. Pratt escreveu o seguinte a respeito de uma noite particularmente enfadonha:

"Escutara até me sentir tão enojado, chocado, horrorizado e tão tomado de indignação, devido ao tratamento injusto, que mal conseguia evitar pôr-me de pé e repreender os guardas; porém nada dissera

a Joseph ou a qualquer outro, embora estivesse deitado ao lado dele e soubesse que estava acordado. Subitamente ele se levantou e falou com voz trovejante, ou como o rugir do leão, pronunciando, tanto quanto me lembro, estas palavras:

Silêncio, ó espíritos do abismo infernal. Em nome de Jesus Cristo eu vos repreendo e ordeno que vos caleis; não viverei mais um minuto tolerando tal linguajar. Calai-vos, ou morrereis vós ou morrerei eu NESTE INSTANTE!

Ele parou de falar, ereto, com extraordinária majestade. Acorrentado, sem uma arma, calmo, impassível e nobre como um anjo, olhou para os guardas acovardados, cujas armas haviam sido abaixadas ou depostas no chão. Com os joelhos trêmulos, encolhidos num canto ou curvados a seus pés, imploraram-lhe perdão e permaneceram calados até a troca da guarda."

O Élder Pratt continua:

"Vi, em tribunais da Inglaterra, magistrados envergando togas, tendo diante de si criminosos com a vida por um fio; testemunhei uma sessão solene do Congresso, promulgando leis para a nação; tentei imaginar reis, cortes, tronos e coroas; imperadores reunidos para decidir o destino de impérios. Porém, dignidade e majestade vi somente uma vez, de pé, em correntes, no meio da noite, na masmorra de um obscuro vilarejo do Estado de Missouri." (*Autobiography of Parley P. Pratt, Salt Lake City, Deseret Book Co., 1985, pp.179–80.)*

Esta imagem do Profeta, corajosamente repreendendo as forças do mal, não nos inspira a fazer o mesmo?

O segundo exemplo é da vida de Willard Bean, um homem notável que se tornou conhecido como o "pároco lutador". Na primavera de 1915, Willard e a esposa, Rebecca, foram chamados pelo Presidente Joseph F. Smith para servir como missionários durante "cinco anos ou mais", em Palmyra, Estado de Nova York. [Vicki Bean Topliff, (*Willard Bean, "The Fighting Parson"*), Huntington Beach, Califórnia, 1981, p. 87. Para um relato de sua vida em Palmyra, ver pp. 86–131.] Sua tarefa era ocupar a casa e a fazenda de Joseph Smith, que a Igreja acabara de adquirir, e tornar a estabelecer a Igreja no ambiente hostil que ainda existia em Palmyra.

O casal Bean foi rejeitado de todas as formas ao mudar-se para a casa de Joseph Smith. O povo da cidade não falava com eles nem os atendia nas lojas. Os transeuntes paravam defronte à casa e gritavam obscenidades. Faziam seus filhos sentar-se nos cantos da sala de aula e os colegas evitavam-nos.

Willard, que era um ótimo atleta e campeão de boxe, decidiu melhorar seu relacionamento com o povo da cidade fazendo uma exibição de boxe em Palmyra. Montaram um ringue num velho teatro e o "pároco lutador" desafiou todos os que se apresentassem a uma luta de boxe.

Quando chegou a noite da luta, os maiores valentões de Palmyra sentaram-se nas primeira fileiras. Um por um, eles entraram no ringue, saindo carregados em questão de segundos! Assim aconteceu até que o sétimo desafiante teve o mesmo fim.

O talento de boxeador de irmão Bean foi usado mais espontaneamente em outra ocasião, quando ele percorria as ruas inamistosas de Palmyra. Um homem que aguava o seu jardim subitamente virou a mangueira na direção de Willard e disse com sarcasmo: "Parece que vocês acreditam em batismo por imersão". O esperto e atlético Willard pulou rapidamente a cerca que os separava e retrucou: "Sim, e também acreditamos na imposição das mãos!" (*Willard Bean, "The Fighting Parson, p. 14.)*

Embora os métodos de irmão Bean fossem pouco ortodoxos e definitivamente não compatíveis com o programa missionário atual da Igreja, eram eficientes. O povo de Palmyra começou pouco a pouco a aceitar o casal Bean como as boas pessoas que eram. Passaram a ser convidados para participar das igrejas locais e das organizações cívicas da época. Organizaram um ramo da Igreja e ajudaram na aquisição do Monte Cumora e das fazendas de Martin Harris e de Peter Whitmer. A missão de "cinco anos ou mais", para a qual o profeta os havia

chamado, durou quase vinte e cinco anos. Durante esse período, a atitude do povo de Palmyra em relação a eles foi passando da hostilidade para a tolerância, depois para a admiração e, finalmente, para o amor. O poder de uma vida digna é verdadeiramente grande.

Pessoalmente, sou muito motivado pelas modestas tradições escritas e orais de meus pais, que me foram transmitidas.

Por exemplo, quando menino, meu bisavô levantou-se certa manhã de Natal com grande expectativa, e desceu do sótão onde dormia para examinar a meia que pendurara junto à lareira na noite anterior. Com grande decepção descobriu que o seu presente de Natal daquele ano não passava de um doce! Imediatamente se viu diante de uma importante decisão: Deveria comer o doce todo de uma vez, ou deveria fazê-lo durar? A escassez de tais guloseimas aparentemente o convenceu de que deveria fazê-lo durar. Cuidadosamente lambeu o solitário doce algumas vezes, embrulhou-o e escondeu-o debaixo do colchão. Todos os domingos, após o almoço, retirava-se para o quarto e dava algumas lambidas no tal doce. Dessa forma, pôde deliciar-se com o presente durante o ano todo.

Obviamente este não é um relato de proporções heróicas. Entretanto, numa época de complacência exagerada e de excessos, inspira-me e fortalece-me saber que um pouco do sangue frugal de meu bisavô corre em minhas veias.

O Senhor certamente sabe da necessidade que temos de sentir a influência de pessoas dignas. Talvez seja essa uma das razões por que ele determinou o sistema de companheiros no trabalho do sacerdócio, quando O servimos e servimos Seus filhos. Talvez seja por isso que tenha aconselhado: "E se qualquer homem dentre vós for forte em Espírito, que tome consigo aquele que for fraco, para que seja edificado em toda mansidão, a fim de que ele também se torne forte". (D&C 84:106.)

Experimentei pessoalmente os benefícios desse aprendizado. Na minha época de Sacerócio Aarônico, um homem que hoje é um patriarca de estaca de cabelos brancos, tornou-se meu companheiro sênior no trabalho de mestre familiar. Sob sua sábia orientação e apesar de minha considerável resistência, aprendi pela primeira vez como "prevenir, explicar, exortar, ensinar e convidar todos para vir a Cristo". (D&C 20:59.) Quando chegou a hora de minha missão, aos dezenove anos, eu não precisava realmente de um curso de preparação; eu já tivera um! Agradeço a Deus pelo amor e influência desses mentores!

Antes de concluir, peço licença para fazer uma referência pessoal a meu próprio pai e à influência de sua vida digna sobre mim. Há meio século venho colhendo os benefícios de sua sabedoria, sua generosidade e sua bondade. Não tenho certeza de ter percebido a plena extensão de sua influência até recentemente, ao preparar-me para voltar para casa após uma conferência de estaca para a qual havia sido designado. Um irmão idoso veio falar comigo, agradeceu minha visita e depois, numa referência óbvia às muitas vezes que devo ter citado meu pai e me referido a seus ensinamentos durante as sessões da conferência, disse: "Irmão Jensen, se for novamente designado para a nossa estaca, por que não manda seu pai?" Minha esperança é que, de alguma forma, eu tenha a mesma influência duradoura na vida de meus filhos.

A lista de pessoas valorosas cuja vida toca a nossa inclui familiares, companheiros missionários, amigos, líderes da Igreja, professores e companheiros dos muitos caminhos da vida. Alguns, conhecemos intimamente; outros, somente pela reputação. Menos óbvia para a maioria de nós é a influência que podemos estar tendo sobre a vida de outras pessoas. Esta troca, para mim, é uma das razões pelas quais uma comunidade de santos dos últimos dias fiéis é um elemento fundamental do evangelho. Explica também por que construímos capelas e não retiros.

É por meio da vida de pessoas dignas que nós, pelo menos em parte, passamos a conhecer melhor o que há de mais grandioso na vida. Quando vemos a imagem de Cristo no semblante dos outros, fica mais fácil recebê-la em nosso próprio semblante.

Agradeço a Deus pela bênção das pessoas dignas em nossa vida e oro para que todos nós, de alguma forma, cumpramos o mesmo propósito na vida de outras pessoas. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

O Sacerdócio—Uma Responsabilidade Sagrada

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Nosso Senhor Jesus Cristo (. . .) é nosso exemplo e nosso guia. Devemos caminhar em Seus passos para sermos bem sucedidos nos chamados do sacerdócio.

Que pensamento majestoso, contemplar a imensa congregação de portadores do sacerdócio aqui congregada no Tabernáculo da Praça do Templo e reunida em centenas de edifícios espalhados pelo mundo! Oro sinceramente para que o Espírito do Senhor oriente os comentários que farei esta noite.

A presença de portadores do Sacerdócio Aarônico traz-me à mente minhas experiências da época em que saíra da Primária, decorara as Regras de Fé e fora ordenado diácono no Sacerdócio Aarônico. Distribuir o sacramento era um privilégio e coletar ofertas de jejum, uma responsabilidade sagrada. Fui designado secretário do quórum de diáconos e, naquele momento, senti que a infância ficara para trás e a juventude começara.

Rapazes, podeis imaginar o susto que levei enquanto participava da reunião de oficiais da conferência de nossa ala e um integrante da presidência da estaca, depois de haver chamado os líderes do sacerdócio e das auxiliares para falar, sem qualquer aviso leu meu nome e ofício, convidando-me a dar um relato de minha mordomia e exprimir meus sentimentos a respeito do chamado de secretário do quórum de diáconos sendo, portanto, um oficial da ala. Não me recordo do que disse, mas o senso de responsabilidade que me envolveu nunca mais me deixou.

Espero, sinceramente, que cada diácono, mestre e sacerdote esteja ciente do significado de sua ordenação ao sacerdócio e do privilégio que é desempenhar um papel na vida dos membros, participando da administração e distribuição do sacramento todos os domingos.

No período em que fui portador do Sacerdócio Aarônico, parecia-me que sempre cantávamos os mesmos hinos na abertura da reunião do sacerdócio. Eram eles: "Atende, Tu que Tens", "Ao Salvador Louvemos", "Que Firme Alicerce", "Israel, Jesus Te Chama" e alguns outros. Nossas vozes não eram perfeitas nem o volume adequado, mas aprendemos a letra e lembrávamos a mensagem de cada um.

Não posso deixar de sorrir ao lembrar-me de uma história a respeito do irmão Thales Smith e do período em que foi conselheiro do Bispo Israel Heaton. Certo domingo de manhã, a irmã Heaton telefonou ao irmão Smith e disse-lhe que seu marido estava doente e não poderia ir à reunião do sacerdócio. O irmão Smith informou o ocorrido aos participantes da reunião e pediu ao irmão que faria a primeira oração que se lembrasse do Bispo Israel Heaton. Então anunciou o hino de abertura: "Israel, Jesus Te Chama". Suponho que os sorrisos foram mais numerosos que as carrancas. A propósito, o Bispo Heaton recuperou-se.

A abertura da reunião do sacerdócio pode ser curta, mas deve ser realizada em cada ala, sem falta. Leva ao coração e à alma das pessoas reunidas um espírito de unidade, a irmandade do sacerdócio, sendo também um bom lembrete de nossos deveres sagrados.

Os portadores do sacerdócio têm oportunidades de servir ao Pai Celestial e Seus filhos aqui na Terra. É contrário ao espírito de servir, viver egoisticamente dentro de nós mesmos e ignorar as necessidades do próximo. O Senhor nos guiará e fará com que estejamos à altura dos desafios que nos esperam. Lembrai-vos de Sua promessa e de Seu conselho: "O poder e autoridade do Sacerdócio maior, ou de Melquisedeque, é possuir as chaves de todas as bênçãos espirituais da Igreja—

Ter o privilégio de receber os mistérios do reino do céu, e ver abertos os céus; de comunicar-se com a assembléia geral e igreja do Primogênito, e gozar da comunhão e presença de Deus, o Pai, e Jesus, o Mediador do novo convênio".[1]

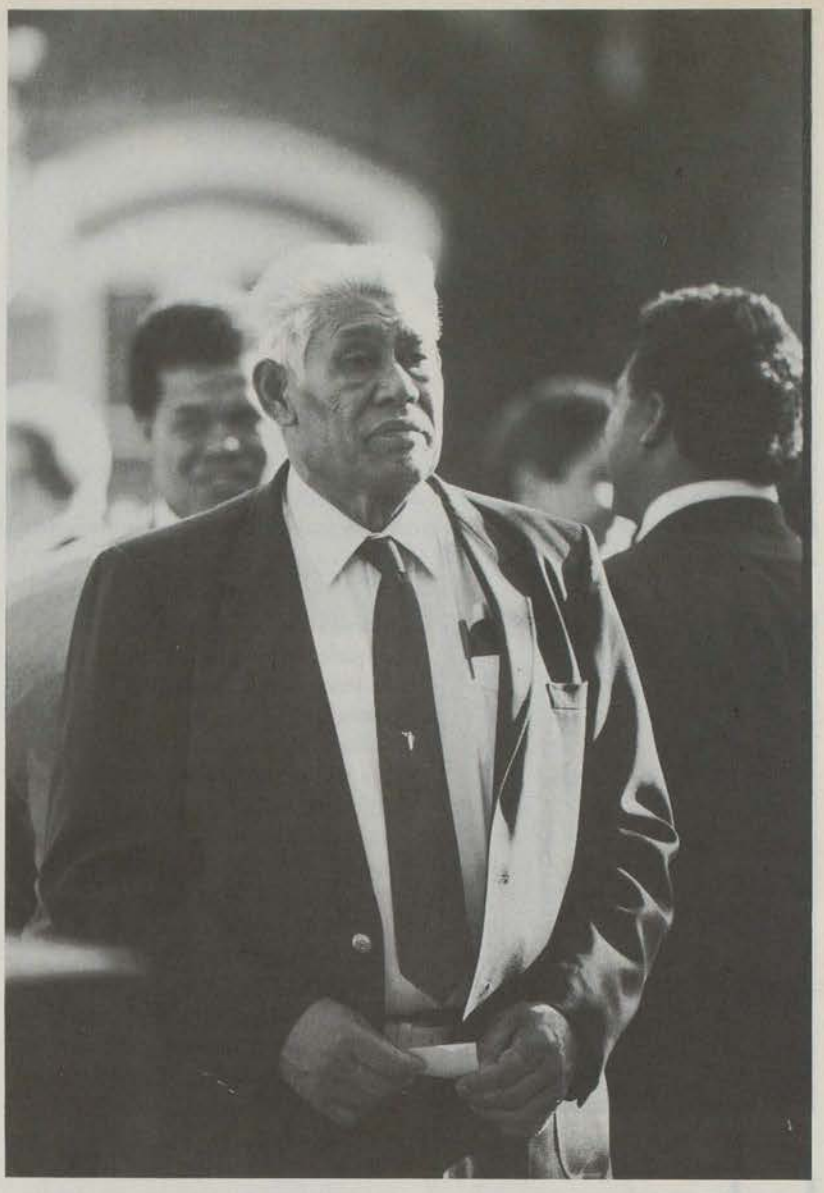
Para merecer essa bênção, é necessário que cada um de nós se lembre de quem é o Doador de cada dom e o Provedor de toda bênção. "O valor das almas é grande na vista de Deus"[2] não é uma frase vã, mas uma declaração para nosso

esclarecimento e orientação. Devemos sempre nos lembrar de quem somos e do que Deus espera que nos tornemos. Esta pérola da filosofia está escondida em um musical encantador, *O Violinista no Telhado*, quando o pai, um camponês, aconselha as filhas que estão crescendo. Outras peças contemporâneas trazem pensamentos dignos de nota ao nos prepararmos para servir.

Da produção *Camelot* tiramos a observação: "A violência não é força, nem a compaixão, fraqueza". De Shenandoah: "Se não tentarmos, não faremos; e se não fizermos, então por que razão estamos aqui?" Eliza Doolittle, a aluna do Professor Henry Higgins em *My Fair Lady*, comenta sua filosofia sobre o Coronel Pickering: "A diferença entre uma dama e uma florista não é a maneira como se comportam, mas como são tratadas. Serei sempre uma florista para o Professor Higgins porque ele me trata e sempre me tratará como uma florista. Mas sei que serei sempre uma dama para o Coronel Pickering, porque ele me trata e sempre me tratará como uma dama". Citando *Camelot* novamente, o Rei Artur disse a Guinevere: "Não podemos deixar que nossas paixões destruam nossos sonhos". A lista continua. Na realidade, cada observação magnífica é apenas uma paráfrase dos ensinamentos de nosso Senhor Jesus Cristo. Ele é nosso exemplo e nosso guia. Devemos caminhar em seus passos para sermos bem sucedidos nos chamados no sacerdócio.

Gostaria de transmitir-lhes, esta noite, as palavras sábias de servos fiéis que trabalharam em nossas fileiras, mas que se foram para receber sua recompensa eterna.

Primeiro, de um sábio presidente de estaca para um jovem bispo: "O trabalho exige demais, mas aprendei as três diretrizes do bispo bem sucedido: alimentar os pobres, não ter favoritismo e não tolerar a iniqüidade". Ao comentar esta última diretriz, o Presidente Spencer W. Kimball declarou: "Quando lidardes com a transgressão, deveis colocar um



curativo de tamanho suficiente para cobrir a ferida—ele não deve ser nem maior nem menor que ela".[3]

Segundo, antes da criação da estaca Toronto Ontário em 1960, o Élder ElRay L. Christiansen, na época Assistente do Conselho dos Doze, narrou, em benefício dos líderes do sacerdócio, uma história extraída de sua vida quando foi chamado para presidir a Estaca Cache Leste em Logan, Utah. Mencionou que ele e seus conselheiros se reuniram para debater o que os membros da estaca mais precisavam e que princípios do evangelho a presidência da estaca deveria enfatizar. As opiniões variaram desde a freqüência à reunião sacramental até a observância do dia do Senhor, com um amplo território entre elas. Finalmente concordaram que o princípio mais necessário era a espiritualidade. Eles apreciaram a verdade encontrada na observação: *Quando alguém tratar de generalidades, dificilmente será bem sucedido; mas quando tratar de coisas específicas, dificilmente fracassará.*

O plano de quatro anos do Presidente Christiansen e de seus conselheiros foi redefinido de maneira esplêndida. *Ano um:* Aumentaremos a espiritualidade dos

membros da Estaca Cache Leste ao conseguirmos que cada família faça a oração familiar. *Ano dois:* Aumentaremos a espiritualidade da Estaca Cache Leste ao conseguirmos que todo membro participe da reunião sacramental semanalmente. *Ano três:* Aumentaremos a espiritualidade da Estaca Cache Leste ao conseguirmos que cada membro pague o dízimo honestamente. *Ano quatro:* Aumentaremos a espiritualidade da Estaca Cache Leste ao conseguirmos que cada membro da estaca respeite o dia do Senhor e mantenha-o sagrado. A cada ano um tema era seguido e constantemente enfatizado.

Quando os quatro anos se passaram, os quatro objetivos específicos haviam sido alcançados, porém o que foi mais significativo é que a espiritualidade dos membros da Estaca Cache Leste melhorou sensivelmente.

E espiritualidade não é concedida simplesmente por mero desejo; pelo contrário, ela vem de maneira silenciosa e imperceptível, por meio do serviço. O Senhor aconselhou: "Portanto se tendes o desejo de servir a Deus, sois chamados ao trabalho".[4] Há muitos anos, ao participar de uma conferência de distrito em Ottawa, Canadá, chamei dois homens do pequeno ramo Cornwall para servirem em posições de responsabilidade no serviço do Senhor. Tomei nota de suas respostas sinceras e quero compartilhar convosco as palavras proferidas no passado. De John Brady: "Estou sob convênio; servirei fielmente". De Walter Danic: "O evangelho é a coisa mais importante de minha vida; eu servirei".

O Presidente John Taylor deu um conselho dirigido aos portadores do sacerdócio: "Se não magnificardes vossos chamados, Deus vos considerará responsáveis por aqueles que poderíeis ter salvo se cumprisseis vossos deveres".[5]

De algum modo, sinto que se nos lembrarmos continuamente de quem servimos e de nossa incumbência, chegaremos mais perto da fonte de inspiração que buscamos—nosso Mestre e Salvador.

O Presidente Harold B. Lee influenciou muito a Irmã Monson, nossos três filhos e eu. Em breves ocasiões, ele conversou com cada um de nossos filhos, em um tom que denotava profunda espiritualidade, genuíno interesse e conselho inspirado.

Nosso filho mais novo, Clark, estava prestes a completar doze anos quando por acaso nos encontramos com o Irmão Lee no estacionamento dos Escritórios de Administração da Igreja. Ele perguntou a Clark quantos anos tinha e este respondeu: "Quase doze".

Então veio a pergunta: "O que acontecerá quando completar doze anos?"

E a resposta: "Receberei o Sacerdócio Aarônico e serei ordenado diácono."

Com um sorriso caloroso e um aperto de mão, o Irmão Lee disse: "Abençoado seja, meu rapaz".

Nossa filha Ann, na época uma adolescente, estava com sua mãe e comigo quando foi apresentada ao Irmão Lee. Este segurou-lhe as mãos e, com um sorriso encantador, disse-lhe: "Você, minha querida, é tão linda por dentro quanto o é exteriormente. Que jovem excelente é você".

Em um cenário mais solene, o Irmão Lee encontrou-se comigo certa noite na escadaria do Hospital SUD na Cidade do Lago Salgado. Havíamos combinado dar uma bênção a meu filho mais velho, Tom, que tinha cerca de dezoito anos. Ele estava prestes a submeter-se a uma cirurgia que poderia transformar-se em algo extremamente grave. O Irmão Lee tomou minha mão antes de subirmos os degraus e, olhando-me dentro dos olhos, disse: "Tom, não há lugar algum que eu preferiria estar neste momento do que a seu lado para darmos uma bênção sagrada do sacerdócio a seu filho". Entramos, então, no quarto, onde ele disse a Tom: "Estamos prestes a dar-lhe uma bênção, uma ordenança do sacerdócio. Vemos este privilégio com humildade, pois nos recordamos do conselho do Profeta Joseph Smith de que, quando os portadores do sacerdócio impõem as mãos na cabeça de uma pessoa, nesta ordenança sagrada, é como se lá estivessem as mãos do Senhor". A bênção foi dada e, no final, a cirurgia foi simples. Aprendemos lições, observamos a espiritualidade de um grande líder e recebemos um modelo para ser seguido.

Irmãos, há dezenas de milhares de portadores do sacerdócio entre vós que, devido a indiferença, mágoa, vergonha ou fraqueza não podem abençoar plenamente a esposa e os filhos—sem falar da vida de outros que poderiam elevar e abençoar. É nosso dever sagrado motivar uma mudança, pegar essas pessoas pela mão e ajudá-las a erguer-se e sentir-se bem espiritualmente. Quando fizermos isso, haverá esposas que bendirão nosso nome e filhos gratos, admirados com a mudança de seus pais, à medida que vidas forem sendo alteradas e almas, salvas.

Quando ia a conferências de estaca como membro dos Doze, sempre tomava nota das estacas que se destacavam por trazer de volta os irmãos cujos talentos e potencial de liderança se encontravam adormecidos. Eu perguntava, inevitavelmente: "Como conseguiram? O que e como o fizeram?" Uma dessas estacas foi a Estaca Carbon Norte, cujo presidente era Cecil Broadbent. Oitenta e sete homens haviam sido reativados e, juntamente com mulher e filhos, haviam ido ao Templo de Manti no espaço de um ano. O presidente Broadbent, ao ouvir minhas perguntas, voltou-se para seu conselheiro, o Presidente Stanley Judd, um minerador forte e de boa índole, e disse: "A responsabilidade é do Presidente Judd, na presidência da estaca. Ele responderá".

Ao repetir minhas perguntas ao Presidente Judd, terminei com o pedido: "Posso saber a razão desse sucesso?

Com um sorriso, ele replicou: "Não". Fiquei estupefado! Então, ele disse: "Se eu contar como conseguimos, irá contar a outros e eles ultrapassarão nosso recorde". Eu

continuava estupefado. Nesse momento, com um piscar de olhos, esse homem maravilhoso acrescentou: "Contudo, Irmão Monson, se me der dois ingressos para a conferência geral, eu contarei o que fizemos".

Dei-lhe os ingressos e o segredo do sucesso foi revelado. Entretanto, o Presidente Judd achou que o contrato estava em aberto e assim recebeu de mim dois ingressos para cada conferência, até que foi finalmente ordenado patriarca.

A fórmula era a mesma, por assim dizer, em todas as estacas bem sucedidas nesta fase da obra. Consistia em quatro ingredientes: primeiro, concentração de esforços em âmbito de ala; segundo, envolvimento do bispo da ala; terceiro, ensino inspirado; e quarto, envolvimento de poucos casais de cada vez; não trabalhar com todos os irmãos ao mesmo tempo, assim, os que forem sendo reativados podem ajudar a reativar os outros.

Técnicas de venda não são a resposta para a liderança do sacerdócio, mas, antes, a devoção ao dever, esforço contínuo, amor em profusão e espiritualidade pessoal combinam-se para tocar o coração, inspirar a mudança e trazer à mesa do Senhor Seus filhos famintos, que têm vagado no deserto do mundo mas que agora retornaram ao "lar".

Há muitos anos reorganizei a Estaca Star Valley Wyoming, na ocasião em que um líder legendário, o Presidente E. Francis Winters, foi desobrigado. Ele serviu fielmente e com distinção durante muitos anos.

O dia do Senhor amanheceu; membros afluíram de todas as partes e apinharam-se na capela de Afton, Wyoming. Todo espaço disponível estava tomado. Quando a reorganização da estaca estava concluída, fiz uma coisa que jamais fizera antes. Senti-me inspirado a realizar um exercício simples e pedi em voz alta: "Gostaria que todos os que receberam o nome, foram batizados ou confirmados por Francis Winters se levantassem e permanecessem de pé". Muitos se levantaram. Então prossegui: "Agora, todos os que foram ordenados ou designados por Francis Winters, queiram levantar-se e permanecer de pé". O número dos que já estavam de pé aumentou muito. "Finalmente, todos os que receberam uma bênção das mãos de Francis Winters queiram levantar-se e permanecer de pé". Todos os demais se levantaram.

Voltei-me para o Presidente Winters e, com lágrimas nos olhos, disse-lhe: "Presidente Winters, tem diante de si o resultado de seu ministério como presidente da estaca. O Senhor está satisfeito". Reinou silêncio. Vi cabeças meneando aprovação, ouvi soluços e vi lenços sendo tirados de bolsas e bolsos. Foi uma das experiências espiritualmente mais valiosas de minha vida. Nenhum dos presentes jamais esquecerá o que sentiu naquela hora.

Depois do término da conferência e das despedidas, voltei para casa. No meio do caminho percebi que estava cantando um dos hinos prediletos de minha juventude na Escola Dominical.

Hoje unidos aqui, em amor,
Na Escola Dominical do Salvador,
Graças Rendamos ao Rei Celestial,
Por nossos docentes de nobre ideal.
Hoje é dia de preparação,
Ganhar as virtudes, vencer
tentação;
Demos impulso ao bom ideal,
Lutando com ânimo contra o mal.

E então, literalmente, cantei o coro estrondosamente:

Juntos cantemos a doce canção;
Ide, fiéis, procurar instrução.
A recompensa os santos terão,
Se pela justiça erguerem a mão.[6]

Eu estava completamente só no carro—será mesmo que estava? Os quilômetros sucediam-se rapidamente. Em devaneio silencioso, ponderei os acontecimentos da conferência. Francis Winters, um guarda-livros da fábrica de queijos da comunidade, homem de poucas posses e de lar humilde, trilhara o mesmo caminho de Jesus e, como o Mestre, ele "andou fazendo o bem".[7] Qualificou-se para a descrição que o Salvador fez de Natanael quando este se aproximou do Senhor: "Eis aqui um verdadeiro israelita, em quem não há dolo"![8]

Irmãos, minha oração esta noite é que todos nós, não importando a posição em que servimos na Igreja, mereçamos o toque gentil da mão do Mestre em nosso ombro e qualifiquemo-nos para a mesma saudação recebida por Natanael. Que nós, no final da jornada terrena, ouçamos as palavras divinas: "Bem está, servo bom e fiel".[9] Esta é minha oração, em nome de Jesus Cristo. Amém. □

REFERÊNCIAS

1. D&C 107:18–19.
2. D&C 18:10.
3. Ver *Faith Precedes the Miracle* ("A Fé Precede o Milagre" [Cidade do Lago Salgado: Deseret Book Co., 1975], p. 178).
4. D&C 4:3.
5. *Journal of Discourses* (Diário de Discursos), 20:23.
6. *Hinos*, 1969, nº 134.
7. Atos 10:38.
8. João 1:47.
9. Mat. 25:21.

Autoridades Gerais de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Primeira Presidência

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro

Presidente Ezra Taft Benson

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro

Quórum dos Doze

Howard W. Hunter

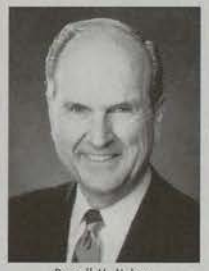
Boyd K. Packer

L. Tom Perry

David B. Haight

James E. Faust

Neal A. Maxwell



Russell M. Nelson

Dallin H. Oaks

M. Russell Ballard

Joseph B. Wirthlin

Richard G. Scott

Robert D. Hales

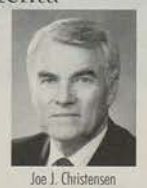
Presidência dos Setenta

Rex D. Pinegar

Carlos E. Asay

Charles Didier

L. Aldin Porter



Joe J. Christensen

Monte J. Brough

W. Eugene Hansen

Primeiro Quórum dos Setenta

Segundo Quórum dos Setenta

Primeiro Quórum dos Setenta

Angel Abreu | Carlos H. Amado | Neil L. Andersen | Ben B. Banks | William R. Bradford | Ted E. Brewerton

F. Enzio Busche | John K. Carmack | D. Todd Christofferson | J. Richard Clarke | Spencer J. Condie | Gene R. Cook

Robert K. Dellenbach | Loren C. Dunn | Henry B. Eyring | Vaughn J. Featherstone | Jack H Goaslind | John H. Groberg

F. Melvin Hammond | Harold G. Hillam | Jeffrey R. Holland | F. Burton Howard | Marlin K. Jensen | Kenneth Johnson

L. Lionel Kendrick | Yoshihiko Kikuchii | Cree-L Kofford | Dean L. Larsen | Lynn A. Mickelsen | Alexander B. Morrison

Glenn L. Pace | James M. Paramore | Hugh W. Pinnock | Ronald E. Poelman | Hartman Rector, Jr. | Hans B. Ringger

Earl C. Tingey | Robert E. Wells

Segundo Quórum dos Setenta

Lino Alvarez | Dallas N. Archibald | Eduardo Ayala | C. Max Caldwell | Albert Choules, Jr. | Gary J. Coleman | Claudio R.M. Costa

Rulon G. Craven | LeGrand R. Curtis | Julio E. Dávila | John B. Dickson | Graham W. Doxey | John E. Fowler | Lloyd P. George

In Sang Han | Jay E. Jensen | Malcolm S. Jeppsen | W. Don Ladd | W. Mack Lawrence | Augusto A. Lim | Richard P. Lindsay

Merlin R. Lybbert | John M. Madsen | Helvécio Martins | James O. Mason | Gerald E. Melchin | V. Dallas Merrell | Joseph C. Muren

Stephen D. Nadauld | Dennis B. Neuenschwander | Jorge A. Rojas | Sam K. Shimabukuro | David E. Sorensen | F. David Stanley | Kwok Yuen Tai

Horacio A. Tenorio | Dieter F. Uchtdorf | J Ballard Washburn | Lance B. Wickman | Lowell D. Wood | Durrel A. Woolsey

Bispado Presidente

H. David Burton, primeiro Conselheira | Merrill J. Bateman, Bispo Presidente | Richard C. Edgley, Segundo Conselheiro

Deus Está ao Leme

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Irmãos, que fique bem claro para todos que Jesus Cristo está à testa desta Igreja que leva Seu santo nome. Ele zela por ela. Ele guia-a.

Ó fé exercida por nossos pais,
Santa tu és!
A ti seremos fiéis
Até o dia de nossa morte.

["Faith of Our Fathers", *Hymns*, (Hinário em inglês) 1985, nº 84, tradução livre.]

Sinto-me grato por ter ouvido o coro cantar esse hino no início da reunião. Amados irmãos, tivemos uma reunião maravilhosa na qual a inspiração do Senhor se manifestou. Sinto profundamente a responsabilidade que é dirigir-me a vós. Percebo minha própria fraqueza e peço que a influência fortalecedora e inspiradora do Espírito do Senhor me guie.

Saber que o Sacerdócio de Melquisedeque que portamos é segundo a ordem do Filho de Deus, faz-nos sentir extremamente humildes, sabendo que teremos a responsabilidade de prestar contas perante Ele e nosso Pai Celestial de tudo o que fizermos no cumprimento das tarefas que Ele nos confiou. Tudo o que digo a meu respeito sobre este assunto aplica-se a todos os portadores de um ofício nesta Igreja, que é o reino de Deus. Vestir o manto do santo sacerdócio não é algo simples e sem importância, seja qual for o ofício, nível ou responsabilidade em que tenhamos sido chamados a servir. Todo membro da Igreja, ao entrar nas águas do batismo, torna-se participante de um convênio sagrado. Toda vez que partilhamos do sacramento da ceia do Senhor, renovamos esse convênio. Tomamos novamente sobre nós o nome de Jesus Cristo e prometemos cumprir Seus mandamentos. Ele, por Sua vez, promete que Seu Espírito estará conosco. Como o irmão Didier nos lembrou, somos um povo de convênios.

Nesta tarde, como de costume, apoiamos os oficiais da Igreja. Isso talvez pareça simples formalidade. Mas quero lembrar-vos de que se trata de um gesto de solene e séria importância, algo requerido pela revelação do Senhor, que declara:

"Outra vez eu vos digo que a ninguém será permitido sair a pregar o meu evangelho ou edificar a minha igreja, a não ser que tenha sido ordenado por alguém com autoridade, e que a igreja saiba que tem autoridade e que foi apropriadamente ordenado pelos líderes da igreja." (D&C 42:11.)

Com relação ao apoio dos oficiais, o Presidente John Taylor disse certa vez:

"Erguemos a mão direita para votar, como sinal perante Deus de que iremos apoiar aqueles em quem votamos. Se sentimos que não poderemos apoiá-los, então não devemos erguer a mão, pois, se o fizermos, estaremos agindo como hipócritas (. . .) Pois quando erguemos a mão dessa forma, é como sinal perante Deus de que somos sinceros no que fazemos e que iremos apoiar as pessoas em quem votamos (. . .) Se concordamos em fazer algo e não o fazemos, tornamo-nos violadores do convênio e de nossas obrigações, que são, talvez, o compromisso mais solene e sério que podemos assumir." (*Journal of Discourses*, 21:207.)

Este princípio se aplica a todo quórum do sacerdócio e toda organização da Igreja cujos oficiais são apoiados pelos membros.

Quase todos os apoios são unanimemente favoráveis, porque aceitamos na Igreja a veracidade da declaração encontrada na quinta Regra de Fé:

"Cremos que um homem deve ser chamado por Deus, pela profecia e pela imposição das mãos por quem possua autoridade, para pregar o evangelho e administrar as suas ordenanças."

Aqui, novamente, encontramos uma característica única e significativa, estabelecida pelo Senhor para o governo de sua Igreja. O direito de nomear pertence ao oficial ou oficiais superiores, em qualquer nível. Mas essa nomeação precisa ser apoiada, ou seja, aceita e confirmada pelos membros da Igreja. Este procedimento somente é encontrado na Igreja do Senhor. Não existe pretensão a um ofício, competição por um cargo nem campanha para promover as virtudes da pessoa. Comparai a maneira do Senhor com a do mundo. A maneira do Senhor é tranqüila e pacífica, sem fanfarras nem despesas financeiras. É desprovida de egoísmo, vaidade ou ambição. No plano do Senhor, os que têm a responsabilidade de escolher oficiais são guiados por uma pergunta que prevalece sobre tudo: "Quem o Senhor escolheria?" A seleção é feita em silêncio e através de meditação. Muitas orações são feitas até se receber a confirmação do Espírito

Santo de que a escolha foi certa.

Apoiamos, nesta tarde, um grande número de oficiais chamados recentemente. Damos boas-vindas a cada um deles, com amor e respeito. Entre eles, encontra-se o irmão Robert D. Hales, que se tornou membro do Conselho dos Doze Apóstolos. Ele está preenchendo a vaga deixada pelo falecimento de nosso amado amigo e companheiro, Élder Marvin J. Ashton. Para o preenchimento dessa vaga, todos os membros da Primeira Presidência e do Quórum dos Doze puderam fazer sugestões. Estou certo de que houve sinceras e solenes orações. A escolha foi feita pela Primeira Presidência, novamente após oração solene. A escolha foi apoiada pelo Conselho dos Doze. E hoje, os membros da Igreja, reunidos em conferência, apoiaram essa escolha.

Meus irmãos, presto-vos testemunho de que o sentimento de que o irmão Hales deveria ser chamado para este alto e sagrado ofício veio do Espírito Santo, por meio do espírito de profecia e revelação. O irmão Hales não sugeriu seu próprio nome. Seu nome foi sugerido pelo espírito de revelação.

Ele será ordenado e designado pela imposição das mãos de seus companheiros que foram anteriormente ordenados ao santo apostolado. Ao ser ordenado, ele receberá todas as chaves do sacerdócio disponíveis ao homem nesta Terra. Mas haverá restrições quanto à utilização de algumas dessas chaves. O Presidente da Igreja tem autoridade para utilizar todas as chaves do sacerdócio, em qualquer ocasião. Ele pode delegar e, atualmente, delegou a utilização de várias dessas chaves a seus conselheiros e aos Doze.

Isso nos conduz a um assunto sobre o qual já falei deste púlpito. Faço-o novamente em decorrência do que algumas pessoas estão falando e escrevendo a respeito das condições de saúde do Presidente Benson.

É natural que os membros da Igreja desejem informações sobre o estado de saúde do Presidente. O Presidente Benson está agora com

95 anos. Como já declaramos previamente, deste e de outros púlpitos, ele está seriamente debilitado pela idade e pela doença e incapacitado de exercer importantes deveres de seu santo ofício. Esta não é uma situação sem precedentes. Outros Presidentes da Igreja já estiveram doentes e incapacitados de exercer plenamente suas funções nos últimos meses ou anos de vida. É possível que isso volte a acontecer no futuro.

Os princípios e procedimentos que o Senhor estabeleceu para o governo de sua Igreja nos instruem sobre o que devemos fazer nessas circunstâncias. É importante, meus irmãos, que não haja dúvidas ou preocupações a respeito do governo da Igreja e do exercício dos dons de profecia, incluindo o direito à inspiração e revelação na administração dos assuntos e programas da Igreja, quando o Presidente estiver doente ou incapaz de exercer plenamente suas funções.

A Primeira Presidência e o Conselho dos Doze Apóstolos, chamados e ordenados para serem portadores das chaves do sacerdócio, têm autoridade e a responsabilidade de governar a Igreja, administrar suas ordenanças, expor a doutrina e determinar suas práticas e ver que estas sejam cumpridas. Cada homem ordenado como Apóstolo e apoiado como membro do Conselho dos Doze foi apoiado como profeta, vidente e revelador. Como seus antecessores, o Presidente Benson era o Apóstolo sênior na ocasião em que foi chamado para ser Presidente da Igreja. Seus conselheiros saíram do Conselho dos Doze. Conseqüentemente, todos os membros do Quórum da Primeira Presidência e do Conselho dos Doze receberam as chaves, direitos e autoridade pertencentes ao santo apostolado.

Cito de Doutrina e Convênios:

"Do Sacerdócio de Melquisedeque, três sumos sacerdotes presidentes, escolhidos pelo

grupo, e designados e ordenados a esse ofício, e apoiados pela confiança, fé e orações da igreja, formam o quórum da Presidência da Igreja." (D&C 107:22.)

Quando o Presidente estiver doente ou incapacitado de exercer plenamente todas as funções de seu ofício, seus dois conselheiros formam o Quórum da Primeira Presidência. Eles realizam o trabalho da Presidência. Em circunstâncias excepcionais, quando somente um dos conselheiros estiver em condições de exercer suas funções, ele poderá agir com a autoridade do ofício da Presidência, conforme estabelecido em Doutrina e Convênios, seção 102, versículos 10–11.

Quando o Presidente Benson chamou seus dois conselheiros, no dia 10 de novembro de 1985, ele designou-os pessoalmente. Os membros do Conselho dos Doze Apóstolos também impuseram as mãos sobre a cabeça dos conselheiros, quando cada um foi designado. Naquela ocasião, o Presidente Benson estava em boas condições de saúde e plenamente capaz de exercer todas as suas funções.

Além disso, depois da designação, ele assinou procurações de próprio punho, dando a cada um dos conselheiros autoridade para dirigir os negócios da Igreja.

Agindo sob essas delegações de autoridade específicas e plenas, os conselheiros na Primeira Presidência conduzem o trabalho diário desse ofício, mas todas as questões importantes a respeito de normas, procedimentos, programas ou doutrina, são ponderadas cuidadosamente e em espírito de oração pela Primeira Presidência e pelos Doze em conjunto. Estes dois quóruns, o Quórum da Primeira Presidência e o Quórum dos Doze Apóstolos, reúnem-se, com total liberdade de expressão, para decidir todos os assuntos de importância vital.

Novamente cito as palavras do Senhor: "E qualquer decisão feita por qualquer desses quóruns deverá ser tomada pela voz unânime do mesmo; isto é, todo membro de cada quórum deve estar de acordo com suas decisões, a fim de que as suas decisões tenham o mesmo poder ou valor entre si" (D&C 107:27).

Nenhuma decisão da Primeira Presidência e dos Doze é tomada sem que haja total unanimidade de todos os envolvidos. No início dos debates, pode haver diferença de opinião. Isto é normal. Esses homens vêm de diferentes tipos de vida. São homens que pensam por si mesmos. Antes, porém, que uma decisão final seja tomada, há unanimidade de pensamento e palavras.

Isso é o esperado, quando se segue a palavra revelada do Senhor. Novamente, cito as palavras da revelação:

"As decisões destes quóruns, ou de um deles, serão feitas em toda justiça, em santidade, em humildade de coração, mansidão e longanimidade, em fé, virtude e conhecimento, temperança, paciência, piedade, amor fraternal e caridade;

Porque a promessa é, se estas coisas abundarem neles não serão infrutíferos quanto ao conhecimento do Senhor" (D&C 107:30–31).

Acrescento, como testemunho pessoal, que durante os vinte anos que servi como membro do Conselho dos Doze e durante os quase treze anos em que sirvo na Primeira Presidência, nunca foi tomada uma decisão importante sem que esse procedimento fosse seguido. Já vi opiniões divergentes serem defendidas nos debates. Nesse processo, em que sentimentos são expressos livremente, idéias e conceitos são separados e selecionados. Contudo, nunca observei discórdia ou inimizade pessoal entre os irmãos. O que observei, foi uma bela e extraordinária convergência de pontos de vista diversos, sob a influência orientadora do Santo Espírito e do poder de revelação, até que houvesse total harmonia e completa concordância. Somente depois disso a decisão é efetuada. Testifico que isso representa o espírito de revelação manifestado seguidamente na orientação deste trabalho do Senhor.

Não conheço nenhum outro corpo administrativo de qualquer espécie onde ocorra o mesmo.

Este procedimento é eficaz mesmo na ausência do Presidente da Igreja. Apresso-me a acrescentar, contudo, que os Irmãos não se sentem inclinados a fazer qualquer coisa que pensem estar em desacordo com as atitudes, sentimentos e posição de seu amado líder, o Profeta do Senhor.

Devemos lembrar que o Presidente, quando se tornou o apóstolo sênior, subiu na hierarquia através de muitos anos de serviço no Quórum dos Doze. Durante esse tempo, os Irmãos conheceram-no muito bem. Durante os anos de seu ministério, ele expressou sua opinião sobre diversos assuntos que foram levados àquele quórum. Seus pontos de vista tornaram-se bem conhecidos. Aqueles que o amam, respeitam, apóiam e honram como Presidente da Igreja, profeta, vidente e revelador do Senhor, não teriam a disposição de divergir do ponto de vista que sabem que ele teria concernente a qualquer assunto em questão.

Repito, para dar ênfase, que todos os que foram ordenados ao santo apostolado receberam as chaves e a autoridade desse mais alto e sagrado ofício. Nessa autoridade encontra-se o poder de governar a Igreja e o reino de Deus na Terra. Existe ordem no exercício dessa autoridade. Isso é especificamente determinado nas revelações do Senhor. É de conhecimento de todos os irmãos e seguido fielmente por todos.

Estou repetindo coisas que disse antes, devido às condições atuais de nosso amado profeta, o Presidente Ezra Taft Benson.

Irmãos, que fique bem claro para todos que Jesus Cristo está à testa desta Igreja que leva seu santo nome. Ele zela por ela. Ele guia-a. À direita do Pai, Ele dirige esta obra. Ele tem o direito, o poder e a opção de chamar homens para altos e santos ofícios e de desobrigá-los de acordo com Sua vontade, chamando-os de volta ao lar. Ele é o Mestre da vida e da morte. Não me preocu-

po com as circunstâncias em que nos encontramos. Aceito-as como uma expressão de Sua vontade. Igualmente, aceito a responsabilidade, juntamente com meus irmãos, de fazer todo o possível para levar avante essa santa obra, em espírito de consagração, amor, humildade, dever e lealdade.

Quero assegurar a cada um de vós e ao mundo inteiro que há unidade e fraternidade com total fidelidade a um objetivo básico, que é o de edificar o reino de Deus na Terra.

Sabemos que somos fracos e incapazes, como homens, frente à enorme responsabilidade de levar o evangelho de salvação às nações da Terra e preparar os homens e mulheres de todo o mundo para trilharem o caminho da imortalidade e vida eterna, que foi colocado ao nosso alcance através do amor do Pai e da expiação de nosso Divino Redentor. Sabemos também que, com as bênçãos do Todo-Poderoso, se formos fiéis e leais, dermos ouvido aos sussurros do Santo Espírito e seguirmos os conselhos, podemos, com nossos irmãos, fazer com que milagres aconteçam e cumprir os propósitos pelos quais fomos chamados a um cargo divino.

Deus está ao leme. Nunca duvideis disso. Quando nos depararmos com a oposição, Ele abrirá caminho onde parece não haver saída. Nossos esforços individuais podem parecer humildes e um tanto quanto insignificantes. Mas a soma das boas obras de todos, trabalhando juntos para um propósito comum, permitirá que grandes e maravilhosas realizações. O mundo será um lugar melhor em decorrência de nosso trabalho conjunto. Nosso povo será feliz e abençoado, um povo cujo pastor é o Senhor, que nos guiará a verdes e tranqüilas pastagens, caso sigamos Seus padrões e caminharmos em Sua luz.

Que não haja vozes dissidentes entre vós. Que os críticos não vos perturbem. Como Alma declarou há muito tempo: "E também não admitais que ninguém seja vosso mestre ou ministro, a não ser que seja um

homem de Deus, que ande em Seu caminho e guarde Seus mandamentos". (Mosiah 23:14.)

A verdade está nesta Igreja. A autoridade está neste sacerdócio. A liderança está neste grande corpo do sacerdócio, em cada nível. Como declarou o salmista: "Eis que não tosquenejará nem dormirá o guarda de Israel". (Salmos 121:4.)

Ele, que é nosso Salvador, não tosqueneja nem dorme enquanto vela por Seu reino.

Tão certo quanto este é o trabalho do Senhor, haverá oposição. Haverá muitos que com sofismas, palavras enganadoras e astúcia irão espalhar a dúvida e procurar minar o fundamento desta causa. Seu brilho será breve. Eles poderão receber, por algum tempo, o aplauso dos que duvidam, dos céticos e críticos, mas irão desaparecer e ser esquecidos, como os de sua espécie no passado.

Enquanto isso, iremos avante, apesar das críticas, cientes de suas ações e palavras, porém sem nos deixar intimidar. O Senhor disse, antes mesmo de a Igreja ser organizada:

"Portanto, não temais, pequeno rebanho; fazei o bem; deixai que a terra e o inferno se unam contra vós, pois se estiverdes estabelecidos sobre a minha rocha, eles não poderão prevalecer (. . .)

Buscai-me em todo pensamento; não duvideis, não temais.

Vede as chagas que penetraram o meu lado, e também as impressões dos pregos nas minhas mãos e pés; sede fiéis, guardai os meus mandamentos, e herdareis o reino dos céus." (D&C 6:34, 36–37.)

Deus é nosso Pai. Dele é "o reino, o poder e a glória para sempre" (Mateus 6:13). Jesus Cristo é o nosso Redentor. Ele está à testa de Sua Igreja. Ele faz com que Sua vontade seja conhecida agora e sempre. Joseph Smith foi o profeta por meio do qual todas as chaves do sacerdócio, sob o qual agimos, foram restauradas nesta dispensação da plenitude dos tempos. Cada homem que o sucedeu como Presidente da Igreja foi um profeta. Temos um profeta hoje. Ele pode não estar capacitado a nos falar como o fez no passado. Isso não é preciso. Durante o tempo que ele esteve diante de nós como Presidente da Igreja, ele pediu-nos que fizéssemos mais do que estamos fazendo agora e fôssemos melhores do que somos no momento. Quando o Senhor o chamar de volta, haverá outro para tomar o seu lugar. Ninguém sabe quem será. Ninguém precisa especular a esse respeito.

Deixo convosco minha bênção, meu amor e meu testemunho destas coisas, em nome de Jesus Cristo. Amém. □

SESSÃO MATUTINA DE DOMINGO
3 de abril de 1994

O Caminho para a Paz

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

A paz, à maneira do homem, perecerá. A paz, à maneira de Deus, prevalecerá.

Nesta linda manhã de Páscoa e dia do Senhor, orações de gratidão pela vida e missão de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo enchem o ar, enquanto acordes de músicas inspiradoras confortam-nos o coração e sussurram a nossa alma a saudação imutável: "Que a paz esteja convosco".

Em um mundo onde a paz é uma busca universal, às vezes imaginamos por que a violência caminha por nossas ruas, relatos de assassínios e mortes sem sentido preenchem as colunas dos jornais e brigas e disputas familiares prejudicam a santidade do lar e sufocam a tranqüilidade de tantas vidas.

Talvez nos extraviemos do caminho que leva à paz e percebamos ser necessário parar, ponderar e refletir sobre os ensinamentos do Príncipe da Paz, incorporá-los a nossos pensamentos e ações, viver a lei maior, caminhar por uma estrada mais elevada e ser melhores discípulos de Cristo.

Os danos causados pela fome na Somália, a brutalidade do ódio na Bósnia e as lutas étnicas por todo o globo, lembram-nos que a paz que buscamos não será conseguida sem esforço e determinação. É difícil dominar adversários como a raiva, o ódio e a divergência. Esses inimigos deixam, inevitavelmente, em seu rastro destrutivo, lágrimas de pesar, a dor causada pelos conflitos e a tristeza de ver destruída a esperança do que poderia ter sido. Sua esfera de influência não se restringe aos campos de batalha, mas todo esse conjunto pode ser observado, com muita freqüência, no lar, na família e dentro do coração. Muitos esquecem rapidamente e lembram-se tardiamente do conselho do Senhor: "Não haverá disputas entre vós(. . .)

Pois em verdade, em verdade vos digo que aquele que tem o espírito de discórdia não é meu, mas é do demônio, que é o pai da discórdia e leva a cólera aos corações dos homens, para contenderem uns com os outros.

E eis que esta não é a minha doutrina, ou seja, a de agitar com ira os corações dos homens, uns contra os outros; ao contrário, é preceito de minha doutrina que tais coisas devem cessar".[1]

Ao retrocedermos os ponteiros do relógio do tempo, recordamo-nos que houve, há cerca de cinqüenta e cinco anos, uma tentativa desesperada de paz, uma conferência de paz realizada na cidade alemã de Munique. Os líderes das potências européias reuniram-se, enquanto o mundo vacilava à beira da guerra. Seu propósito, claramente declarado, era tomar um rumo que, sentiam, talvez evitasse a guerra e garantisse a paz. A falta de confiança, as intrigas e o desejo de poder condenaram essa conferência ao insucesso. O resultado não foi "paz em nossa época", mas, sim, guerra e destruição em um nível nunca antes experimentado. O apelo tocante de alguém que sucumbira em uma guerra passada foi ignorado ou, pelo menos, posto de lado. Ele parecia estar escrevendo em defesa de milhões de camaradas—tanto amigos quanto inimigos:

Nos campos de Flandres as papoulas florescem
Entre as cruzes enfileiradas
Que indicam a nossa morada; e,
lá no céu,
As cotovias ainda cantam
intrépidas em seu vôo,
Mas quase não são ouvidas por
entre os tiros de canhão.
Nós somos os mortos. Há poucos
dias
Vivíamos, sentíamos o amanhecer,
víamos o brilho do pôr-do-sol,
Amávamos e éramos amados e,
agora, repousamos
Nos campos de Flandres.
Interrompemos a luta com o
inimigo:
A vós, com nossas mãos debilitadas,
passamos
A tocha; seja ela vossa para
mantê-la erguida.
Se faltardes com a palavra dada a
nós, os mortos,
Não descansaremos, embora as
papoulas floresçam
Nos campos de Flandres.[2]

Estaremos fadados a repetir os erros do passado? Depois do intervalo tão curto de paz que se seguiu à Primeira Guerra Mundial, veio o cataclismo da Segunda Grande Guerra. Na verdade, o mês de junho

deste ano marca o qüinquagésimo aniversário dos famosos desembarques das forças aliadas na Normandia. Dezenas de milhares de dignitários e veteranos afluirão ao local onde os desembarques serão reencenados. Um escritor observou: "A Baixa Normandia teve mais do que seu quinhão de mortos santificados. Seus corpos jazem em sepulturas que vão de Falaise a Cherbourg: 13.796 norte-americanos, 17.958 ingleses, 8.658 canadenses, 650 poloneses e cerca de 65.000 alemães—mais que 106.000 mortos, e estes são apenas os militares, todos mortos durante um feriado de verão".[3] Relatos semelhantes poderiam ser feitos, descrevendo as terríveis perdas em outros palcos de combate naquele mesmo conflito.

O renomado estadista, William Gladstone, descreveu a fórmula da paz ao declarar: "Ansiamos pela época em que o poder do amor substituirá o amor pelo poder. Então o mundo conhecerá as bênçãos da paz".

A paz mundial, embora seja uma meta grandiosa, nada mais é do que o resultado da paz pessoal que o indivíduo procura atingir. Não falo da paz fomentada pelo homem, mas a paz prometida por Deus. Falo da paz no lar, da paz no coração e até mesmo da paz na vida. A paz, à maneira do homem, perecerá. A paz, à maneira de Deus, prevalecerá.

Ouvimos dizer que "a ira nada resolve, nada edifica; pode, porém, destruir tudo"[4]. As conseqüências do conflito são tão devastadoras que ansiamos por orientação—até mesmo por um modo de assegurar o sucesso ao buscarmos um caminho que leve à paz. Qual é a forma de conseguir essa bênção universal? Quais são os pré-requisitos? Lembremo-nos de que, para obtermos as bênçãos de Deus, precisamos antes fazer a vontade de Deus. Sugiro três idéias para estimular nosso pensamento e guiar nossos passos:

1. Buscai interiormente;
2. Ajudai exteriormente; e
3. Olhai em direção ao céu.

Primeiro: *Buscai interiormente*. A auto-avaliação é sempre um procedimento difícil. Somos tentados, com muita freqüência, a atenuar áreas que exigem correção e a dependermos incessantemente de nossas forças individuais. O Presidente Ezra Taft Benson aconselha-nos: "O preço da paz é a retidão. Homens e nações podem proclamar em altos brados: 'Paz, paz', mas não haverá paz até que as pessoas nutram na alma os princípios da pureza pessoal, da integridade e do caráter, que forjam o desenvolvimento da paz. A paz não pode ser imposta. Deve originar-se na vida e no coração dos homens. Não há outra maneira".[5]

O Élder Richard L. Evans observou: "Para encontrar a paz—a paz interior, a paz que ultrapassa o entendimento—os homens devem viver honestamente, amando e tratando os entes queridos com carinho, servindo e respeitando o próximo, com paciência, com virtude, com fé e controle, com a certeza de que a vida é para aprender, servir, arrepender-se e progredir, devendo-se agradecer a Deus pelos princípios consagrados do arrependimento e do progresso, que é um caminho aberto a todos nós".[6]

Veremos que o lugar dos pais no lar e na família é de vital importância, se examinarmos nossas responsabilidades pessoais nesse sentido. Há pouco tempo, um grupo eminente reuniu-se para examinar o aumento da violência na vida das pessoas, principalmente na vida dos jovens. Algumas de suas observações nos são úteis ao examinarmos nossas prioridades: "Uma sociedade que encara a violência explícita como entretenimento, (. . .) não deveria ficar surpresa ao ver a violência sem sentido destruir os sonhos dos jovens e dos mais inteligentes. (. . .) O desemprego e a falta de esperança podem levar ao desespero, mas a maior parte do povo não comete ações desesperadas se tiver aprendido que a dignidade, a honestidade e a integridade são mais importantes que vingança ou ódio, e se entender que, em última análise, respeito e gentileza dão à pessoa melhor oportunidade de sucesso.

As mulheres, numa reunião contra a violência, encontraram a solução—a única que pode reverter a queda causada pelo comportamento destrutivo e pela dor sem sentido. A volta aos valores familiares tradicionais fará prodígios".[7]

Com muita freqüência, cremos que nossos filhos precisam de mais coisas, quando na realidade suas súplicas silenciosas são simplesmente por mais de nosso tempo. O acúmulo de riquezas ou a multiplicação

de bens desvirtuam o ensinamento do Mestre: "Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam;

Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam nem roubam.

Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração".[8]

Outra noite, vi grandes grupos de pais e filhos atravessando um cruzamento na Cidade do Lago Salgado, rumo a um ginásio, para assistir a um espetáculo de patinação no gelo que encenava "A Bela e a Fera". Na verdade, parei meu carro junto ao meio-fio para observar a alegre multidão. Os pais, que com certeza foram persuadidos a assistir ao espetáculo, seguravam firmemente as mãozinhas de seus preciosos filhos. Ali se via o amor em ação. Presenciava-se um sermão sobre o afeto. Ali estava o remanejamento do tempo de cada um, como uma prioridade dada por Deus.

Verdadeiramente, a paz reinará triunfante quando nos aperfeiçoarmos de acordo com o padrão ensinado pelo Senhor. Então apreciaremos a profunda espiritualidade escondida atrás das palavras singelas de um hino familiar: "Tudo é belo em derredor com amor no lar".[9]

Segundo: *Ajudai exteriormente.* Embora saibamos que a exaltação é um assunto pessoal e que as pessoas não são salvas em grupos, mas sim individualmente, não se pode viver em um vácuo. Ser membro da Igreja faz nascer a determinação de servir. Um cargo de responsabilidade talvez não tenha sua importância reconhecida nem sua recompensa seja amplamente divulgada. O serviço, para ser aceitável ao Senhor, deve vir de mentes solícitas, mãos prontas e corações dedicados.

O desânimo poderá, às vezes, obscurecer nosso caminho; a frustração talvez se torne uma companheira constante. Em nossos ouvidos talvez soe o sofisma de Satanás, sussurrando: "Não podeis salvar o mundo; vossos pequenos esforços são infundados. Não tendes tempo para vos preocupar com os outros". Colocando nossa confiança em Deus, afastemo-nos dessas mentiras e asseguremo-nos de que nossos passos estejam firmemente voltados para o serviço e nosso coração e nossa alma estejam totalmente voltados para o exemplo do Senhor. Quando a luz da decisão se enfraquece e o coração fica oprimido, podemos confortar-nos com Sua promessa: "Não vos canseis de fazer o bem (. . .) De pequenas coisas provêm as grandes.

Eis que o Senhor exige o coração e uma mente obediente".[10]

Desde o ano passado, a organização da Primária vem-se esforçando para que as crianças se familiarizem com o templo sagrado de Deus. Este esforço sempre leva a uma visita aos jardins do templo. O riso das criancinhas, a alegria da juventude livre e a exuberância da energia demonstrada por elas alegraram meu coração ao observá-las. Enquanto uma professora dedicada encaminhava uma criancinha à grande porta do Templo de Lago Salgado e ela estendia a mão para tocá-lo, eu quase vislumbrava o Mestre recebendo as crianças e ouvia Suas palavras confortadoras: "Deixai vir os pequeninos a mim, e não os impeçais; porque dos tais é o reino de Deus".[11]

Terceiro: *Olhai em direção ao céu.* Ao fazê-lo, descobrimos que a comunicação com nosso Pai Celestial por meio da oração, que é o caminho para o poder espiritual e um passaporte para a paz, é confortadora e satisfatória. Lembramo-nos de Seu Filho Bem Amado, o Príncipe da Paz, aquele pioneiro que literalmente nos mostrou o caminho. Seu plano divino pode salvar-nos das babilônias do pecado, da complacência e do erro. Seu exemplo indica o caminho. Quando Se defrontou com a tentação, Ele afastou-Se dela. Quando lhe ofereceram o mundo, Ele recusou-o. Quando Lhe pediram a vida, Ele deu-a.

Em uma ocasião muito significativa, Jesus leu um texto de Isaías: "O Espírito do Senhor Jeová está sobre mim; porque o Senhor me ungiu, para pregar boas novas aos mansos: enviou-me a restaurar os contritos de coração, a proclamar liberdade aos cativos, e a abertura de prisão aos presos"[12]—um pronunciamento claro sobre a paz que ultrapassa todo entendimento.

Com freqüência, a morte chega como uma intrusa. É um inimigo que surge repentinamente no meio do banquete da vida, apagando-lhe a luz e a alegria. A morte pousa sua mão sombria sobre aqueles que nos são caros e, algumas vezes, deixa-nos perplexos e abismados. Em determinadas situações, como as de grande sofrimento e doença, a morte chega como um anjo de misericórdia. Mas aos que sofrem, a promessa de paz do Mestre é o bálsamo consolador que cura: "Deixo-vos a paz, a Minha paz vos dou: não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração nem se atemorize".[13] "Vou preparar-vos lugar (. . .) para que onde Eu estiver estejais vós também."[14]

Oro para que todos os que amaram alguém que perderam saibam da realidade da ressurreição e adquiram um conhecimento inabalável de que as famílias podem ser eternas. Um deles foi o major Sullivan Ballou que, durante a Guerra Civil Americana, escreveu uma carta comovente à esposa—apenas uma semana antes de morrer na Batalha de Bull Run. Sintam comigo o amor que tinha na alma, sua confiança em Deus, sua coragem e fé.

"14 de julho de 1861, Campo Clark, Washington

Minha adorada Sarah,

Tudo indica que estaremos marchando nos próximos dias—talvez amanhã. Com receio de não poder mandar-lhe outra carta, senti o impulso de escrever-lhe algumas linhas, que talvez só venha a ler quando eu não mais existir.

Não tenho ansiedade nem falta de confiança quanto à causa pela qual estou lutando e minha coragem não diminui nem vacila (. . .) estou (. . .) perfeitamente (. . .) disposto

a oferecer todas as alegrias desta vida para ajudar a manter este governo (. . .)

Sarah, meu amor por você é imortal; parece que ele me prende com correntes tão fortes que nada, exceto a Onipotência, poderia rompê-las; e ainda assim, o amor que sinto por meu país domina meu ser como um vento forte e transporta-me irresistivelmente, com todas essas correntes, para o campo de batalha.

As lembranças dos momentos felizes que passei a seu lado tomam conta de mim e fazem com que me sinta grato a Deus e a você por tê-los desfrutado durante tanto tempo. É difícil desistir deles e transformar em cinzas as esperanças de anos futuros, quando, se Deus permitisse, poderíamos ainda ter vivido e amado juntos e visto nossos filhos crescerem, tornando-se adultos honrados a nosso lado. Tenho, sei, pouco direito à Providência Divina, mas algo me sussurra—talvez seja a oração de meu pequeno Edgar, trazida pelo vento—que eu voltarei ileso para meus entes queridos. Se isto não acontecer, minha querida Sarah, nunca se esqueça do quanto eu a amo; e quando eu exalar o último suspiro no campo de batalha, sussurrarei o seu nome. Perdoe[-me] por meus . . . erros e pelas muitas dores que lhe causei. Quantas vezes fui desatencioso e tolo! Como ficaria feliz se pudesse lavar com minhas lágrimas cada pequena mancha que empanou sua felicidade (. . .)

Mas, oh, Sarah! Se os mortos retornam à Terra sem serem vistos por aqueles a quem amam, eu estarei sempre a seu lado; nos dias mais felizes e nas noites mais escuras . . . sempre, sempre; e se sentir uma suave brisa na face, será minha respiração; quando o ar refrescar-lhe a têmpora latejante, será o meu espírito passando por você. Sarah, não chore por mim; pense que eu me fui e que vou esperá-la, pois nos encontraremos novamente."[15]

A escuridão da morte poderá ser sempre dissipada pela luz da verdade revelada. "Eu sou a ressurreição e a vida", disse o Mestre. "Quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá;

E todo aquele que vive, e crê em mim, nunca morrerá".[16] Além de suas palavras estão as do anjo, ditas a Maria Madalena e à outra Maria, ao se aproximarem do sepulcro para cuidar do corpo de seu Senhor: "Por que buscais o vivente entre os mortos?

Não está aqui, mas ressuscitou".[17]

Esta é a mensagem da manhã de Páscoa. Ele vive! E, porque vive, todos viveremos novamente. Este conhecimento concede-nos paz em relação aos entes queridos cujas sepulturas estão marcadas por cruzes na Normandia, que repousam em lugares santos nos campos de Flandres, onde as papoulas florescem na primavera, e que descansam em inúmeros locais, inclusive nas profundezas do mar. "Oh, que doce alegria esta frase nos traz: 'Eu sei que vive meu Redentor!'"[18] Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Élderes Kwok Yuen Tai e Horácio A. Tenório, dos Setenta.

REFERÊNCIAS

1. 3 Né. 11:28–30.
2. John McCrae, "In Flanders Fields", *The Best Loved Poems of the American People*, ("Nos Campos de Flandres" Os Mais Amados Poemas do Povo Americano), sel. Hazel Felleman (Garden City Publishing Co., 1936), p. 429.
3. David Hewson, Deseret News, 13 de março de 1994, p. T-4.
4. L. Douglas Wilder, Deseret News, 1º de dezembro de 1991, p. A-2.
5. "Purposeful Living", Listen, A Journal of Better Living, janeiro-março de 1955, p. 19. ("Viver com um propósito", Escutai, Um Periódico a respeito de Uma Vida Melhor).
6. Conference Report, outubro de 1959, p. 128.
7. Deseret News, 16 de janeiro de 1994, p. A-12.
8. Mat. 6:19–21.
9. Hinos, 1991, Nº188.
10. D&C 64:33–34.
11. Marcos 10:14.
12. Isa. 61:1.
13. João 14:27.
14. João 14:2–3.
15. Dennis Lythgoe, Deseret News, 16 de outubro de 1990, p. C-3.
16. João 11:25–26.
17. Lucas 24:5–6.
18. Hinos, 1991, Nº 70 (Tradução livre).

"Que Classe de Homens Devereis Ser?"

Presidente Howard W. Hunter
Presidente do Quórum dos Doze Apóstolos

Precisamos conhecer Cristo melhor do que já O conhecemos; precisamos lembrar-nos Dele com mais freqüência; precisamos servi-Lo com mais valentia.

Fico encantado de estar convosco hoje e de cumprimentar esta maravilhosa congregação da conferência geral. Ao fazê-lo, também desejo agradecer vossas orações pelas Autoridades Gerais, por nossa saúde, por nossas viagens e assuntos pessoais. Somos abençoados por essas orações fervorosas e desejamos que saibais de nossa gratidão.

Uma das mais importantes perguntas aos homens mortais foi feita pelo próprio Filho de Deus, o Salvador do mundo. A um grupo de discípulos no Novo Mundo, um grupo ansioso para ser ensinado por Ele e ainda mais ansioso porque Ele logo os deixaria, perguntou: "Que classe de homens devereis ser?" Imediatamente, Ele mesmo deu a resposta: "Devereis ser como eu sou". (3 Néfi 27:27.)

O mundo está cheio de pessoas desejosas de nos dizer "faça o que eu digo". Não nos faltam conselheiros a respeito de todos os assuntos. No entanto, temos muito poucos preparados para dizer "faça o que eu faço". Naturalmente, só uma pessoa na história da humanidade teria o direito e poderia adequadamente fazer tal declaração. A história fornece-nos muitos exemplos de homens e mulheres bons, mas mesmo o melhor dos mortais tem falhas de um ou outro modo. Ninguém poderia servir como um modelo perfeito nem como o padrão infalível a seguir, ainda que fosse muito bem intencionado.

Só Cristo pode ser nosso ideal, nossa "resplandecente estrela da manhã". (Apoc. 22:16.) Só Ele pode dizer, sem *quaisquer* reservas: "Segui-me, aprendei de mim, fazei as coisas que me vistes fazer. Bebei da minha água e comei do meu pão. Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Eu sou a lei e a luz. Voltai a mim os vossos olhos e vivereis. Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei." (Ver Mateus 11:29; 16:24; João 4:13–14; 6:35, 51; 7:37; 13:34; 14:6; 3 Néfi 15:9; 27:21.)

Que chamado ressonante e claro! Que segurança e exemplo em um dia de incerteza e falta de exemplo.

Sentimos todos a falta do Presidente Benson aqui hoje e desejaríamos que ele pudesse nos falar. Tentarei prestar-lhe um pequeno tributo ao citar algo que ele disse deste púlpito a respeito do exemplo maravilhoso de Cristo. Disse ele (ao que acrescento meu próprio testemunho):

"Há quase dois mil anos, um Homem perfeito caminhou na Terra: Jesus Cristo. (. . .) Em Sua vida, todas as virtudes foram vividas e mantidas em perfeito equilíbrio; Ele ensinou a verdade—para que pudéssemos ser livres; Seus exemplos e preceitos fornecem o grande padrão—o único caminho seguro para toda a humanidade." [*Teachings of Ezra Taft Benson* (Ensinamentos de Ezra Taft Benson). Cidade do Lago Salgado: Bookcraft, 1955.]

O grande padrão! O único caminho seguro! A luz e a vida do mundo! Quanta gratidão devemos a Deus por ter enviado Seu Filho Unigênito ao mundo, a fim de fazer pelo menos duas coisas que nenhum outro poderia ter feito. A primeira tarefa realizada por Cristo como Filho perfeito e sem máculas foi redimir toda a humanidade da Queda, oferecendo a expiação pelo pecado de Adão e pelos nossos pecados, caso O aceitemos e sigamo-Lo. Sua segunda grande tarefa foi ser o exemplo perfeito de retidão, bondade, misericórdia e compaixão, para que toda a humanidade pudesse saber como viver, como se aperfeiçoar e como se tornar mais semelhante a Deus.

Sigamos sempre o Filho de Deus em tudo o que fizermos. Seja ele o nosso exemplo e o nosso guia. Devemos perguntar-nos em todas as oportunidades: "O que faria Jesus?" E depois, ter a coragem de agir conforme a resposta. Sigamos a Cristo, no melhor sentido da palavra. É necessário que façamos Seu trabalho, como Ele fez o trabalho do Pai. Devemos tentar ser como Ele, assim como cantam as crianças na Primária: "Tentar, Tentar, Tentar". Até onde nos permite nossa capacidade mortal, devemos esforçar-nos para nos tornarmos como Cristo—o único exemplo perfeito e sem pecado que este mundo já viu.

Seu discípulo amado, João, disse a respeito dele: "Vimos a Sua glória". (João 1:14.) Eles observaram a vida perfeita do Salvador enquanto Ele trabalhava, ensinava e orava. Assim nós, também, devemos "ver a Sua glória" de todas as maneiras possíves.

Precisamos conhecer Cristo melhor do que já O conhecemos; precisamos lembrar-nos Dele com mais freqüência; precisamos servi-Lo com mais valentia. Então beberemos da água que leva à vida eterna e comeremos do pão da vida.

Que classe de homens e mulheres devemos ser? Como Ele é. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Estender as Cordas da Tenda

Bispo Merrill J. Bateman
Bispo Presidente

O capítulo 54 de Isaías fala a respeito de uma tenda que representa o evangelho de Cristo sendo espalhado por toda a Terra nos últimos dias.

Irmãos e irmãs, testemunhamos um milagre; sou tão grato ao Élder Hunter por ele ter-nos dado o exemplo de quem devemos seguir.

Sinto-me pouco à vontade e profundamente preocupado ao vir a este púlpito hoje. Durante os dois últimos dias, duas passagens das escrituras, estiveram sempre em meus pensamentos. Uma delas encontra-se em Daniel, capítulo 2, e a outra no capítulo 54 de Isaías. O segundo capítulo de Daniel descreve a visão de Nabucodonosor e a interpretação de Daniel sobre a pedra cortada do monte, sem mãos, nos últimos dias, representando o reino estabelecido por Deus, que se espalhará por toda a Terra, pacificamente dominando todas as nações e convidando todas a virem a Cristo. (Ver Daniel 2:44–45.)

Os versículos 1 e 2 do capítulo 54 de Isaías falam da tenda que representa o evangelho de Cristo. Ele declara que nos últimos dias as cordas da tenda seriam estendidas por toda a Terra e plantar-se-iam estacas em todas as terras. (Ver Isaías 54:1–2.) Literalmente, estamos vendo isso cumprir-se nos dias de hoje. Ao considerar essas passagens, fiquei pensando na imensa tarefa de ajudar as Autoridades Gerais a levar o evangelho a toda nação, tribo, língua e povo. A responsabilidade do Bispado Presidente e de todos os que trabalham com ele é de ajudar as Autoridades Gerais em seu ministério mundial. Devido às visões de Isaías e Daniel, imploro-vos, irmãos, que nos auxilieis com vossa fé e com vossas orações. Desejo, de todo o coração, ser um servo desses homens e do Senhor e Salvador Jesus Cristo.

Presto hoje uma homenagem a minha esposa. Ela me apóia há trinta e cinco anos. Mudamo-nos dezenove vezes nos primeiros vinte anos de casamento. Ela pensava ter-se casado com um homem instável. Mas presto-lhe homenagem pelo espantoso trabalho que ela tem realizado a meu lado na Área Ásia Norte. Participávamos de conferências em praticamente todos os fins de semana e observei que essa mulher de cabelos loiros, entre todos os belos santos de cabelos negros, conquistou corações. Havia multidões de mulheres a sua volta para abraçá-la, quando partimos. Ela é mãe de sete filhos e avó de quinze netos. Ainda

mais importante, ela é minha companheira eterna e sou-lhe grato.

Encerro meu testemunho com uma breve história. Há alguns meses, a irmã Bateman e eu estávamos visitando a missão Japão Fukuoka. Os missionários em Kumamoto apresentaram-nos um jovem irmão japonês que se tornara membro da Igreja recentemente e contaram-nos como se dera sua conversão. Ele era de formação não-cristã. Ao encontrar os missionários, interessou-se por sua mensagem. Gostou dos rapazes que o ensinavam, mas durante as palestras não conseguia compreender ou sentir a necessidade de um Salvador. Os missionários ministraram-lhe as palestras e ensinaram-no a respeito de nosso Pai Celestial, de Cristo e do plano de salvação, mas ele não tinha testemunho. Os missionários pensaram sobre o que deveriam fazer e decidiram passar um filme que trata do Sacrifício Expiatório, chamado *The Bridge* (A Ponte). O rapaz viu o filme, ficou muito emocionado com ele, foi para casa, mas não conseguiu dormir naquela noite. Ainda assim, não obteve um testemunho.

Na manhã seguinte foi para seu trabalho em uma ótica. No decorrer do dia, uma senhora idosa apareceu na loja. Ele lembrou-se de que ela já estivera lá algumas semanas antes. Quebrara os óculos e precisava de novos, mas como não tinha dinheiro suficiente precisava economizar mais tempo para poder adquiri-los. Ao retornar naquele dia, mais uma vez mostrou-lhe seus óculos e o dinheiro que tinha. Ele percebeu que ainda não era suficiente. Foi aí que um pensamento lhe passou pela mente: *Tenho algum dinheiro. Não preciso dizer-lhe nada. Posso cobrir a diferença.* Disse-lhe que o dinheiro era suficiente, pegou os óculos e marcou o dia em que deveria buscá-los. Ela se foi.

Algum tempo depois, voltou. Os óculos estavam prontos. Ele entregou-os a ela, que os colocou. "*Miemasu! Miemasu!* Estou vendo. Estou vendo." Ela começou a chorar. Naquele momento, um ardor queimou-lhe o peito e ele disse: "*Wakari masu! Wakari masu!* Estou compreendendo. Estou compreendendo." E começou a chorar. Correu porta afora para procurar os missionários. Ao encontrá-los, disse-lhes: "Estou vendo! Meus olhos se abriram! Sei que Jesus é o Filho de Deus. Sei que a pedra se abriu na sepultura e, naquela gloriosa manhã de Páscoa, ele levantou-se dos mortos. Ele poderá cobrir a diferença em minha vida quando eu não tiver o suficiente".

Dedico-me inteiramente ao serviço do Senhor. Tenho um profundo testemunho a Seu respeito e a respeito de Seu trabalho nessa Terra. É ele quem guia e dirige os negócios da Igreja. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Coragem para Ouvir

Bispo H. David Burton
Primeiro Conselheiro no Bispado Presidente

Jesus Cristo é o grande exemplo de coragem em dar ouvidos à vontade do Pai."Ensinai-nos Tolerância e Amor"

Sei que o Bispo Edgley me acompanha hoje no agradecimento pelos muitos anos de serviço junto ao Élder Hales. Nós o amamos e admiramos profundamente e sentimos que aprendemos muito com ele durante esse tempo. Aguardamos ansiosamente a oportunidade de servir com o Bispo Bateman.

Fiquei emocionado esta manhã, como certamente todos vós, ao ver e ouvir o Presidente Hunter, um amoroso e gentil Apóstolo do Senhor Jesus Cristo, que é um exemplo excepcional de alguém que sempre demonstra extraordinária *coragem* para *dar ouvidos* à vontade de seu Pai nos Céus.

O Presidente Hunter tem filhos que serviram como missionários na Austrália ao mesmo tempo que eu. Foi nessa época que o Presidente Hunter recebeu o chamado para o santo apostolado. Muitos daqueles missionários o consideravam como "nosso Apóstolo". Ele é um de meus heróis.

Neste domingo designado para a celebração da Páscoa, os cristãos devem lembrar-se, com espírito de gratidão, dos eventos do mais importante domingo que o mundo já conheceu—o domingo em que o Salvador rompeu sua prisão de três dias, concluindo a vitória sobre a morte. As descrições desse evento estão vividamente marcadas em meu coração e minha mente.

Consigo visualizar Jesus carregando a pesada cruz enquanto a procissão seguia pelas tortuosas e estreitas ruas de Jerusalém, atravessando o enorme muro no portão da cidade, até um lugar chamado Gólgota. Escuto as mulheres chorando e Jesus advertindo-as: "Filhas de Jerusalém, não choreis por mim, chorai antes por vós mesmas, e por vossos filhos". (Lucas 23:28.) O Salvador sabia que eventos devastadores estavam para acontecer.

Consigo imaginar os carrascos desempenhando suas horrendas e cruéis tarefas. Ouço o Salvador, com espírito de compaixão, defender Seus crucificadores, dizendo: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem". (Lucas 23:34.)

Enquanto a cena brutal prosseguia, um dos ladrões, que também estava sendo crucificado, percebeu algo divino na conduta do Salvador e disse a Jesus: "Senhor, lembra-Te de mim, quando entrares no Teu reino". Jesus respondeu com a promessa que só Ele poderia fazer: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso". (Lucas 23:42–43.)

Imaginai uma mãe em prantos e um devotado discípulo convidados a aproximarem-se, chegando aos pés da cruz. Jesus, em agonia, olhou para eles e, com poucas palavras, disse a Maria: "Mulher, eis aí o teu filho", e, olhando firmemente para João, disse: "Eis aí tua mãe". (João 19:26–27.)

Quem esquecerá a voz que implorava à hora nona, em meio à escuridão dominante no local: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Marcos 15:34.) O Pai aparentemente se conteve, permitindo ao Salvador da humanidade concluir Sua vitória sobre a morte e o pecado.

Imagino o sabor amargo do vinagre que Lhe foi forçado nos lábios quando disse: "Tenho sede" (João 19:28), o único registro de Seu sofrimento físico.

Quando o sacrifício expiatório foi aceito, Jesus declarou em alta voz: "Está consumado". (João 19:30.) E então, como pedido final, disse Ele: "Pai, nas Tuas mãos entrego o meu espírito". (Lucas 23:46.) Seu corpo inclinou-Se na cruz; Jesus entregara Sua vida.

Nas primeiras horas da madrugada do terceiro dia, um domingo, a primeira Páscoa, a terra começou a tremer. Um anjo removeu a pedra que bloqueava a tumba e anunciou: "Não tenhais medo; pois eu sei que buscais a Jesus, que foi crucificado.

Ele não está aqui, porque já ressuscitou, como havia dito". (Mateus 28:2, 5–6.)

Mais tarde, naquela manhã, Maria Madalena, em grande sofrimento, voltou à tumba fria, lúgubre e vazia. Escutou uma voz conhecida chamá-la: "Maria". Voltando-se, viu o Senhor e estendeu a mão para tocá-lo. Em espírito de adoração cumprimentou-o, dizendo: "Raboni". Jesus respondeu: "Não me detenhas, porque ainda não subi para meu Pai, mas vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus". (João 20:16–17.)

Durante os quarenta dias seguintes, o Salvador muitas vezes ensinou

os Apóstolos e comeu com eles. No final deu-lhes uma gloriosa incumbência: "Portanto ide, ensinai todas as nações (. . .) ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém". (Mateus 28:19–20.)

Jesus Cristo é *o* grande exemplo de coragem em dar ouvidos à vontade do Pai.

Disse o salmista, com sabedoria: "Esforçai-vos, e Ele fortalecerá o vosso coração, vós todos que esperais no Senhor". (Salmos 31:24.)

O Presidente Thomas S. Monson explicou a palavra *coragem*, dizendo: A coragem torna-se uma virtude viva e atraente quando é encarada não como um desejo de morrer com bravura, mas, sim, como uma determinação de viver decentemente". [Conference Report (Relatório da Conferência Geral), abril de 1972, p. 72.]

Nas escrituras modernas, o Senhor freqüentemente usa, nas primeiras frases das revelações, verbos que indicam ação. Curiosamente, a expressão *dar ouvidos* é utilizada inúmeras vezes dessa maneira. Somos aconselhados pelo Senhor, por meio do Profeta Joseph Smith, a *dar ouvidos*, *escutar*, *ouvir* em mais de sessenta revelações.

Contar-vos-ei a respeito de um jovem que teve a *coragem* de *dar ouvidos*. O Élder Marion D. Hanks apresentou-nos a Jay, há quase vinte anos, numa conferência geral. O Élder Hanks descreveu um diácono de doze anos de idade, cujo corpo sofria de atrofia muscular. Seu amoroso pai carregava-o para que pudesse distribuir o sacramento, coletar ofertas de jejum e participar das atividades de escotismo.

O restante da história de Jay exemplifica a inspiração e a *coragem*. Seu corpo continuava a sofrer com a devastação causada pela doença, ao mesmo tempo que sua mente se tornava questionadora e cada vez mais brilhante. Devido à doença, Jay não podia freqüentar a escola, tendo que estudar em casa. Ele amava o seminário e freqüentava-o regularmente. Jay foi um dos oradores na formatura do seminário, falando aos colegas em sua cadeira de rodas. A visão positiva que tinha da vida, assim como seu temperamento alegre e radiante elevavam os que com ele conviviam. Jay gostava de ir aos bailes e fazia a cadeira de rodas dançar. Ele freqüentemente cantava os hinos da Restauração em tons bonitos e melodiosos.

Acima de tudo, Jay amava o Senhor. Ao fazer dezenove anos, ele desejava atender ao chamado do profeta para que cada jovem servisse como missionário. Nessa época, Jay passava a maior parte do tempo em um colchonete na sala de estar de sua casa. Quase todo o tecido dos músculos de seu corpo se degenerara. Ele desejava ardentemente ser missionário e encontrou um meio de servir, a despeito de suas limitações físicas. Deitado no chão, ele preparou, com grande dificuldade e com a ajuda de alguns amigos, 150 exemplares do Livro de Mórmon para serem enviados a amigos no campo missionário em todo o mundo, com sua fotografia e testemunho. Jay recebeu uma carta do Presidente Kimball, demonstrando gratidão por seu serviço e *coragem* em *dar ouvidos* ao chamado de realizar a obra missionária.

Graças aos pais bondosos, Jay conseguiu freqüentar a faculdade. Seu pai empurrava a cadeira de rodas de sala em sala. Às vezes, era necessário que se deitasse em uma mesa no fundo da sala de aula. Ele era ótimo aluno, tendo tirado excelentes notas em cursos difíceis. Jay faleceu há três anos, mas seu admirável exemplo de alguém que *corajosamente deu ouvidos* sobrevive.

Já se disse que o homem *corajoso* "encontra um jeito", ao passo que o homem comum "encontra uma desculpa". Há pouco tempo, ouvi falar de alguns jovens *corajosos* que *deram ouvidos* ao conselho da presidência da estaca.

Na Estaca Boise Idaho Norte, uma afetuosa presidência de estaca ajudou seus jovens a melhor compreenderem as desvantagens de serem continuamente bombardeados pelas letras degradantes de muitas das músicas populares da atualidade e pelas imagens indecentes contidas em filmes e vídeos. Foi-lhes ensinado que esses meios de comunicação podem produzir muita coisa positiva, inspiradora, edificante e atraente; podem também tornar a mente insensível e fazer com que o que é errado e mau pareça normal, interessante e aceitável.

Muitos dos jovens destruíram suas fitas, discos e vídeos que não eram virtuosos, amáveis ou louváveis. (13ª Regra de Fé.)

Jovens, não escuteis músicas que contenham idéias contrárias aos princípios do evangelho. "Não ouçais música que promova o satanismo ou outras práticas malignas,

que incentive a imoralidade, que use um linguajar torpe e ofensivo ou que afaste o Espírito". (*Para o Vigor da Juventude*, São Paulo: A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, 1990, p. 14.)

Algumas pessoas podem julgar-se inteligentes ou sofisticadas demais para serem influenciadas pelas artimanhas de Satanás. É um trágico erro de cálculo. Néfi preveniu-nos a respeito desse perigo, ao dizer: "Oh! Quão astuto é o plano do maligno! Oh! A vaidade, fraqueza e insensatez dos homens! Quando são instruídos, pensam que são sábios, e não *ouvem* os conselhos de Deus (. . .)

Mas é bom ser instruído quando se *ouvem* os conselhos de Deus." (2 Néfi 9:28–29; grifo nosso.)

Disse o Presidente Hinckley: "Uma das grandes tragédias que testemunhamos quase que diariamente é a dos homens de elevados objetivos e resultados fracos. Seus motivos são nobres. Sua capacidade é grande. A ambição proclamada é louvável. Mas a disciplina é tênue. Sucumbem à indolência. O apetite rouba-lhes a vontade." (*A Liahona*, outubro de 1979, p. 105.)

Talvez, o maior obstáculo para nossa habilidade em *ouvir corajosamente* a palavra do Senhor esteja no ego, na vaidade e no orgulho. Parece que o orgulhoso acha difícil ouvir e aceitar as instruções de Deus. Lemos em Provérbios que a "soberba precede a ruína". (Prov. 16:18.) Os orgulhosos ou soberbos ficam mais preocupados com o julgamento dos homens do que com o de Deus.

Talvez vos lembreis de uma história sobre o capitão de um navio que era orgulhoso. Uma noite, no mar, o capitão viu algo como a luz de outro navio que se aproximava e mandou que seu sinaleiro enviasse uma mensagem ao outro navio: "Mude seu curso 10 graus na direção sul". A resposta foi: "Mude *seu* curso 10 graus norte". O capitão do navio respondeu: "Sou capitão. Mude *seu* curso na direção sul". Aí, veio a seguinte resposta: "Bem, sou marinheiro de primeira classe. Mude *seu curso* na direção norte". Isto enfureceu o capitão de tal maneira, que respondeu: "Digo-lhe que mude *seu* curso na direção sul. Estou num navio de guerra!" Veio a resposta: "E eu digo que mude *seu* curso na direção norte. Estou num farol". (Adaptado e usado com permissão, Publicações HOPE, Kalamazoo, Estado de Michigan, EUA.)

De maneira semelhante ao capitão, se não mudarmos nosso curso, livrando-nos do orgulho, podemos ter um acidente nos bancos de areia da vida, sendo incapazes de *corajosamente dar ouvidos* aos chamados do Senhor de "[vir] a mim". (Mateus 11:28.) Gosto do que disse Edgar A. Guest em versos de seu poema chamado "Equipamento":

Dois braços, duas mãos, duas pernas, dois olhos,
E um cérebro para usar com sabedoria.
Todos começam com esse equipamento,
Vá, pois, rumo ao topo e diga: "Eu consigo" . . .
Você é seu próprio empecilho,
É você quem escolhe seu lugar,
Você deve dizer aonde quer ir,
O quanto estudará para conhecer a verdade.
Deus o equipou para a vida, mas Ele
Deixa-o decidir o que quer ser . . .
A coragem vem de dentro da alma,
O homem precisa ter vontade de vencer
Decida você próprio, meu rapaz,
Você nasceu com tudo o que os grandes nasceram,
Eles começaram com o mesmo equipamento.
Assuma o controle de si mesmo e diga: "Eu consigo".

[*Collected Verse of Edgar A. Guest* (Coletânea de Poemas de Edgar A. Guest), Chicago: Reilly and Lee Co., 1934, pp. 666–7.]

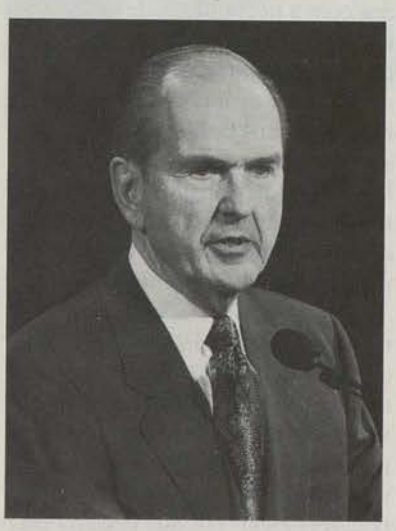
Que possamos assumir o controle de nós mesmos, como Edgar Guest sugere de forma tão bela, e dizer: "Consigo ter a coragem de dar ouvidos aos conselhos do Senhor". "Viva de modo que as pessoas que o conheçam, mas não conheçam a Cristo, desejem conhecer a Cristo porque o conhecem." (Autor anônimo.)

Sou profundamente grato, neste domingo de Páscoa, pela gloriosa ressurreição e pelo sacrifício expiatório do Salvador. No santo nome de Jesus Cristo. Amém. □

"Ensinai-nos Tolerância e Amor"

Élder Russell M. Nelson
Do Quórum dos Doze Apóstolos

A intolerância gera desentendimento; a tolerância sobrepuja os desentendimentos. A tolerância é a chave que abre a porta para a compreensão e o amor mútuos.



Prezados irmãos, junto-me a meus companheiros de quórum para cumprimentar-vos por ocasião da Páscoa e, ao mesmo tempo, expresso minha gratidão pessoal pelo sacrifício expiatório de Jesus Cristo, por Seu exemplo e por Seus ensinamentos que motivaram minha mensagem de hoje.

Senti o desejo de falar a respeito de tolerância—uma virtude muito necessária em nosso mundo turbulento. Ao tratarmos desse assunto, entretanto, temos que reconhecer, logo de início, que existe uma diferença entre *tolerância* e *tolerar*. Vossa tolerância benévola em relação a um indivíduo não lhe dá permissão de errar, nem vossa tolerância vos obriga a tolerar suas ações errôneas. Tal distinção é de suma importância para a compreensão dessa virtude fundamental.

Participei de um "laboratório de tolerância" há alguns meses, quando tive a honra de participar do "Parlamento das Religiões Mundiais". Conversei com homens e mulheres representantes de muitos grupos religiosos. Uma vez mais, percebi as vantagens da diversidade étnica e cultural e mais uma vez refleti sobre a importância da liberdade religiosa e da tolerância.

Fico maravilhado diante da inspiração do Profeta Joseph Smith ao redigir a décima primeira regra de fé: "Pretendemos o privilégio de adorar a Deus, Todo-Poderoso, de acordo com os ditames da nossa consciência e concedemos a todos os homens o mesmo privilégio, deixando-os adorar como, onde, ou o que quiserem".

Essa expressão nobre de tolerância religiosa é particularmente comovente quando vista à luz da perseguição pessoal ao Profeta. Em determinada ocasião, ele escreveu: "No momento, sou, junto com meu povo, mais perseguido que qualquer outro homem na Terra, (. . .) todos os nossos direitos sagrados estão esmagados sob os pés da turba".[1]

Joseph Smith suportou uma perseguição incessante e, ao final, um martírio impiedoso—nas mãos dos intolerantes. Seu destino brutal permanece como uma advertência severa de que jamais devemos ser culpados de *qualquer* pecado gerado pelas sementes da intolerância.

DOIS GRANDES MANDAMENTOS DE AMOR

A plenitude do evangelho foi revelada ao respeitado profeta. Ele foi guiado pelo Cristo ressuscitado, a quem adorava. Ele ensinava doutrinas declaradas pelo Senhor, incluindo a que Ele deu em resposta à pergunta de um advogado exigente:

"Mestre, qual é o grande mandamento na lei?

E Jesus disse-lhe: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento.

Este é o primeiro e grande mandamento.

E o segundo semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Destes dois mandamentos depende toda a lei e os profetas."[2]

Assim, as prioridades na vida são amar a Deus e amar ao próximo. Em linhas gerais, a noção de "próximo" inclui nossos próprios familiares, a comunidade, o país e o mundo. A obediência ao segundo mandamento possibilita a obediência ao primeiro. "Quando estais a serviço de vosso próximo, estais somente a serviço de vosso Deus".[3]

AMOR PATERNO

Esse conceito é facilmente compreendido por pais e mães. O amor dos pais inclui gratidão por qualquer tipo de ajuda que se preste a um de seus filhos, especialmente em momentos de dificuldade.

Achei engraçado quando, recentemente, uma de nossas filhas já adulta declarou que ela sempre pensara ser a predileta do pai. Ela surpreendeu-se ao descobrir posteriormente que cada uma de suas oito irmãs nutria o mesmo sentimento. Foi só ao se tornarem mães que vieram a perceber que raramente os pais têm favoritos. (A propósito, nosso único filho nunca teve que se preocupar com quem era o filho predileto.)

Nosso Pai Celestial também ama todos os Seus filhos. Pedro ensinou

que "Deus não faz acepção de pessoas;

Mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e obra o que é justo".[4]

Ainda assim, Seus filhos são, às vezes, intolerantes uns com os outros. Facções vizinhas, sejam elas designadas como grupos ou gangues, escolas ou estados, condados ou países, freqüentemente criam animosidade entre si. Tais tendências fazem-me pensar: Não poderiam as linhas de fronteira existir sem que se tornassem linhas de batalha? Não poderiam as pessoas unir-se para deflagrar guerra contra os males que atacam a humanidade, em vez de deflagrarem guerra uns contra os outros? Infelizmente, a resposta a tais perguntas é, freqüentemente, não! Através dos tempos, a discriminação baseada em identidades étnicas ou religiosas tem levado a matanças insensatas, massacres ferozes e incontáveis demonstrações de crueldade. A história está repleta de incidentes causados pela intolerância.

Que mundo diferente seria o nosso se todos os pais aplicassem o ensinamento inspirado contido no Livro de Mórmon: "Não permitireis que vossos filhos (. . .) transgridam as leis de Deus, e briguem e disputem entre si (. . .)

Mas ensiná-los-eis a andar pelos caminhos da verdade e da moderação; ensiná-los-eis a se amarem mutuamente e a servirem uns aos outros".[5]

Caso existisse tal treinamento, os filhos e os pais de todo o mundo cantariam em união: "Enchemos nossos corações com tolerância e perdão".[6] Os homens e as mulheres respeitariam seu próximo e as crenças que as pessoas consideram sagradas. Não mais se aceitariam piadas a respeito de algumas nacionalidades e estigmas culturais. O tolerante não age com deslealdade.

INDEPENDÊNCIA E COOPERAÇÃO

Ao nos esforçarmos para ter a virtude da tolerância, não podemos esquecer-nos de outras louváveis qualidades. A tolerância não exige que se abandonem propósitos nobres ou a identidade individual. O Senhor instruiu os líderes de Sua Igreja restaurada a estabelecerem e manterem a integridade institucional: "Que (. . .) a Minha igreja permaneça independente".[7]

Entrementes, seus membros são encorajados a unirem-se a cidadãos de pensamentos semelhantes e fazerem o bem.[8] Somos gratos pelos muitos exemplos de serviço heróico prestado por ocasião de terremotos, enchentes, furacões ou outros desastres. Tais esforços conjuntos para se ajudar o próximo em momentos de aflição ultrapassam quaisquer barreiras impostas pela religião, raça ou traços culturais. Esses feitos generosos constituem o amor dos últimos dias em ação!

O auxílio humanitário prestado pelos membros desta Igreja é de grande alcance, multinacional e, geralmente, não se torna público. Ainda assim, há muitos que questionam por que não fazemos mais para ajudar as incontáveis causas dignas que nos tocam o coração.

Obviamente, estamos preocupados com a necessidade de ambulâncias nos vales lá em baixo, mas não podemos ignorar a necessidade ainda maior de muros de proteção nos penhascos lá em cima. Os recursos limitados necessários para a realização de um trabalho de maior importância não podem ser desperdiçados em resgates que proporcionam apenas auxílio temporário.

O profeta bíblico Neemias deve ter sentido a mesma responsabilidade em relação a seu importante chamado. Ao ser-lhe solicitado que desviasse a atenção de seu objetivo primordial, replicou: "Estou fazendo uma grande obra, de modo que não poderei descer: por que cessaria esta obra, enquanto eu a deixasse e fosse ter convosco?"[9]

Felizmente, nós na Igreja raramente temos que tomar tal decisão. Consideramos o amor ao próximo como parte integrante de nossa missão. E ao servirmos uns aos outros, continuamos a construir um refúgio espiritual nos penhascos lá de cima. Esse santuário torna-se uma bênção para toda a humanidade. Somos apenas os construtores; o arquiteto é o Deus Todo-Poderoso.

RESPONSABILIDADES MISSIONÁRIAS

Os santos dos últimos dias em todo o mundo trabalham lado a lado com outros—a despeito de raça, cor ou credo—na esperança de serem bons exemplos, dignos de ser imitados. O Salvador disse: "Dou-vos um

mandamento, que todo homem, tanto élder, sacerdote, mestre, como membro (. . .) (prepare-se e execute) as coisas que ordenei.

E que vossa pregação seja a voz de advertência de todo homem ao seu próximo, com mansidão e brandura".[10]

Isso devemos fazer com tolerância. Enquanto estávamos em Moscou em junho de 1991, no espírito de preparação e com sincero respeito pelos líderes de outras denominações religiosas, o Élder Dallin H. Oaks e eu tivemos a honra de nos reunir com o oficial presidente da Igreja Ortodoxa Russa. Estávamos acompanhados pelo Élder Hans B. Ringger e pelo presidente de missão, Gary L. Browning. O Patriarca Aleksei teve a bondade de nos receber durante uma hora memorável. Compreendemos as grandes dificuldades enfrentadas durante muitos anos por esse homem tão gentil e por outros crentes de sua igreja. Agradecemos-lhe por sua perseverança e sua fé. Garantimos a ele nossas boas intenções e explicamos a importância da mensagem que os missionários da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias estariam ensinando a seus compatriotas. Declaramos que nossa Igreja é universal e que honramos e obedecemos às leis de cada terra onde trabalhamos.[11]

Àqueles que têm interesse na plenitude do evangelho restaurado—a despeito de nacionalidade ou religião—dizemos como o fez o Élder Bruce R. McConkie: "Mantende tudo que tendes de bom e verdadeiro. Não abandoneis princípio algum que seja sábio ou adequado. Não renuncieis a qualquer modelo do passado que seja bom, reto ou verdadeiro. Cremos em todas as verdades encontradas em todas as igrejas do mundo, mas também dizemos a todos os homens: Vinde e recebei a luz e verdade adicionais que Deus restaurou em nossos dias. Quanto mais verdade tivermos, maior será nosso gozo aqui e agora; quanto mais verdade recebermos, maior será nossa recompensa na eternidade. Este é nosso convite aos homens [e mulheres] de boa vontade em toda parte".[12]

Todos vós que tendes um testemunho da veracidade do evangelho restaurado tendes a oportunidade de compartilhar esse precioso dom. O Senhor espera que estejais "sempre preparados para responder com mansidão e temor a qualquer que vos pedir a razão da esperança que há em vós".[13]

O BATISMO TRANSCENDE AS ORIGENS

Em todos os continentes e pelas ilhas do mar, os fiéis estão sendo reunidos na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. As diferenças de origem cultural, de língua, de sexos e de traços físicos tornam-se insignificantes quando os membros esquecem de si próprios e prestam serviço ao amado Salvador. A declaração de Paulo está sendo cumprida: "Porque todos quantos fostes batizados em Cristo já vos revestistes de Cristo.

Nisto não há judeu nem grego; não há servo nem livre; nem há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus".[14]

Só a compreensão pela verdadeira natureza paterna de Deus pode produzir o apreço pleno da verdadeira irmandade dos homens. Esse entendimento inspira o desejo de construir pontes de cooperação ao invés de muros de isolamento.

Nosso Criador "ordenou que não houvesse desentendimentos entre eles, mas que deviam olhar para a frente com um único fito, tendo uma fé e um batismo, e tendo seus corações entrelaçados em unidade e amor uns para com os outros".[15]

A intolerância gera desentendimento; a tolerância sobrepuja os desentendimentos. A tolerância é a chave que abre a porta para a compreensão e o amor mútuos.

RISCOS DA TOLERÂNCIA SEM LIMITES

Gostaria de fazer-vos uma advertência. Pode-se ter a idéia errada de que se um pouco de alguma coisa é bom, essa mesma coisa em grandes quantidades deve ser ainda melhor. De jeito nenhum! Doses excessivas de um remédio podem ser tóxicas. A misericórdia desmedida pode opor-se à justiça. Do mesmo modo, a tolerância sem limites pode levar a uma indulgência hesitante.

O Senhor estabeleceu fronteiras que definem os níveis aceitáveis de tolerância. O perigo surge quando

os limites divinos são desobedecidos. Do mesmo modo que os pais terrenos ensinam as criancinhas que não devem correr e brincar na rua, o Salvador ensinou-nos que não devemos tolerar o mal. "E entrou Jesus no templo de Deus e . . . derribou as mesas dos cambistas".[16]

Apesar de amar o pecador, o Senhor disse que Ele não podia "encarar o pecado com o mínimo grau de tolerância".[17] Paulo, Seu Apóstolo, especifica alguns desses pecados em uma carta aos Gálatas. A lista inclui "(adultério, fornicação) impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, . . . iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes a estas".[18]

À lista de Paulo, eu acrescentaria as lastimáveis atitudes do fanatismo, hipocrisia e preconceito, que já foram criticadas em 1834 pelos primeiros líderes da Igreja que previram um futuro crescimento da Igreja "em meio do desagrado de fanáticos e das calúnias dos hipócritas".[19] O Profeta Joseph Smith orou para que os "preconceitos se desfaçam diante da verdade".[20] "O ódio excita contendas"[21] e mina a dignidade de homens e mulheres amadurecidos em nossa época esclarecida.

A lista de Paulo inclui a "impureza". Como membros da Igreja a quem foram confiados templos sagrados, foi-nos ordenado "que a nenhuma coisa impura seja permitida entrada na [Tua] casa para a contaminar".[22]

Essa designação exige muita firmeza e amor. No passado, os discípulos do Senhor eram "firmes e preferiam sofrer até a morte que pecar".[23] Nestes últimos dias, os discípulos devotados do Senhor são, do mesmo modo, firmes. O verdadeiro amor pelo pecador pode exigir uma confrontação corajosa—em vez de condescendência! O amor verdadeiro não encoraja um comportamento de autodestruição.

TOLERÂNCIA E RESPEITO MÚTUO

Nosso compromisso com o Senhor faz-nos desprezar o pecado e, ainda assim, obedecer a Seu mandamento de amar ao próximo. Vivemos juntos na Terra, que deve ser cuidada, subjugada e compartilhada com gratidão.[24] Cada um de nós pode ajudar a transformar a vida no mundo em uma experiência mais agradável. Há não muito tempo, a Primeira Presidência e os Doze fizeram uma declaração pública que cito: "É moralmente errado, para qualquer pessoa ou grupo, negar (aos filhos de Deus) sua dignidade inalienável, sob a trágica e abominável teoria da superioridade racial ou cultural.

Conclamamos todas as pessoas, em todos os lugares, a adotarem os ideais tradicionalmente consagrados de tolerância e respeito mútuo. Acreditamos sinceramente que ao tratarmos uns aos outros com consideração e compaixão, descobriremos que podemos todos coexistir em paz, apesar de nossas mais profundas diferenças".[25]

Esse pronunciamento é a confirmação nos dias atuais do pedido de tolerância feito anteriormente pelo Profeta Joseph Smith. Respondamos em uníssono. Unamo-nos na intolerância à transgressão, mas sejamos tolerantes com o próximo a respeito das diferenças que eles consideram sagradas. Nossos amados irmãos de todo o mundo são *todos* filhos de Deus. Ele é nosso Pai. Seu Filho, Jesus, é o Cristo. Sua Igreja foi restaurada na Terra nestes últimos dias para abençoar todos os filhos de Deus. Isso testifico em nome de Jesus Cristo. Amém. □

REFERÊNCIAS:

1. *History of the Church* (História da Igreja), 5:157.
2. Mateus 22:36–40; ver também João 13:34–35; 15:12, 17; Rom. 13:8; I Tess. 3:12; 4:9; I Pedro 1:22; I João 3:11, 23; 4:7, 11–12; II João 1:5.
3. Mosiah 2:17.
4. Atos 10:34–35; ver também D&C 38:16, 24–26.
5. Mosiah 4:14–15; ver também Rom. 12:18.
6. *Hinos*, 1991, nº 102.
7. D&C 78:14.
8. Ver Regras de Fé 1:13.
9. Neemias 6:3.
10. D&C 38:40–41; ver também 88:81.
11. Ver Regras de Fé 1:12.
12. Tahiti Area Conference Report (Relatório da Conferência de Área do Taiti), março de 1976, p. 31.
13. I Ped. 3:15; ver também D&C 60:2.
14. Gál. 3:27–28.
15. Mosiah 18:21; ver também 23:15; 4 Néfi 1:13.
16. Mateus 21:12; ver também Marcos 11:15.
17. D&C 1:31.
18. Gál. 5:19–21.
19. Joseph Smith 2:71, nota de rodapé.
20. D&C 109:56; ver também vers. 70.
21. Ver Prov. 10:12.
22. D&C 109:20.
23. Alma 24:19.
24. Ver Gên. 1:28; Moisés 2:28; Abraão 4:28; D&C 59:15–21.
25. Declaração da Primeira Presidência e do Quórum dos Doze, 18 de outubro de 1992; transcrita em *A Liahona*, Notícias Locais, março de 1993, p. 3.

O Maior Milagre da História da Humanidade

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência

Pode haver quem duvide disso. Mas existirá uma experiência mais comprovada na história da humanidade do que a ressurreição de Jesus, naquela primeira manhã de Páscoa?

Meus amados irmãos. Acrescento meu testemunho ao de meus irmãos nesta manhã de Páscoa. Em toda a cristandade, em toda a Terra, hoje é comemorado o aniversário do maior milagre da história da humanidade. Um milagre que envolve todos os que viveram, vivem e viverão nesta Terra. Nada do que foi feito antes ou depois afetou de tal maneira a humanidade quanto a expiação realizada por Jesus de Nazaré, que morreu na cruz do Calvário, foi sepultado na tumba de José de Arimatéia e, no terceiro dia, ergueu-se da sepultura como o Filho Vivo do Deus Vivo, o Salvador e Redentor do mundo.

Como mortais, todos devemos morrer. Tanto quanto o nascimento, a morte faz parte de nossa vida eterna. Vista através dos olhos mortais, sem a compreensão do plano eterno de Deus, a morte é uma experiência triste, final e implacável, tendo sido descrita por Shakespeare como "o país não descoberto, de cujos confins jamais voltou viajante algum" (*Hamlet*, ato III, cena I, versos 79–80).

Nosso Pai Eterno, de quem somos filhos, abriu-nos o acesso a algo muito melhor através do sacrifício de Seu Filho Unigênito, o Senhor Jesus Cristo. Isso era necessário. Pode alguém acreditar que o Grande Criador iria promover a vida, o crescimento e as realizações, somente para condenar tudo ao esquecimento com a chegada da morte? A razão diz que não. A justiça exige uma resposta melhor. O Deus dos céus nos deu essa resposta. O Senhor Jesus Cristo a proveu.

Seu sacrifício foi definitivo, Sua vitória, sublime.

Pode haver quem duvide disso. Mas existirá uma experiência mais comprovada na história da humanidade do que a ressurreição de Jesus, naquela primeira manhã de Páscoa? Ele falou com Maria, que foi a primeira a chegar ao sepulcro. Falou com outras mulheres, que correram para contar aos irmãos, dois dos quais correram até lá. Ele apareceu a dez de seus apóstolos. Tomé não estava com eles. Depois, apareceu novamente quando Tomé estava presente. Aquele que duvidara, ao vê-Lo, exclamou: "Meu Senhor e meu Deus". (João 20:28.) Ele falou com dois irmãos no caminho de Emaús, e eles disseram: "Porventura não ardia em nós o nosso coração?" (Lucas 24:32.) E Paulo declarou que: "Depois foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos." (I Coríntios 15:6.)

Em seguida, acrescenta: "E por derradeiro de todos me apareceu também a mim". (I Coríntios 15:8.)

Tudo isso e muito mais é encontrado no Novo Testamento. Estas passagens fundamentaram a fé exercida por milhões de pessoas em todo o mundo, em cujo coração o Santo Espírito testificou sua veracidade. Elas viveram por esse testemunho e morreram por ele. Quando a escura sombra da morte cruzou seu caminho, em circunstâncias nas quais a esperança normalmente teria desaparecido, sobreveio-lhes a confiança renovada de que "porque assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo". (I Coríntios 15:22.) Nos momentos de trevas, surgiu uma luz firme e segura para apoiar, consolar e abençoar.

Mas se isso não for suficiente, existe outro testamento. O assim chamado Livro de Mórmon, a escritura do novo mundo, está diante de nós como uma outra testemunha da divindade e realidade do Senhor Jesus Cristo, dos amplos benefícios de Sua expiação e de Sua ressurreição da escuridão da tumba. Nesse livro, encontramos muito da verdadeira palavra de profecia a Seu respeito, dizendo que nasceria de uma virgem e seria o Filho do Deus Altíssimo. Foi predito seu trabalho entre os homens, como mortal. Há uma declaração de sua morte, como o cordeiro sem mancha que foi sacrificado pelos pecados do mundo. E há um relato comovente, inspirador e verdadeiro da visita do Cristo ressuscitado aos homens e mulheres que viviam neste continente

ocidental. O testemunho está aqui para ser manuseado, para ser lido, para ser ponderado, para que oremos a respeito dele com a promessa de que aquele que orar saberá de sua veracidade pelo poder do Espírito Santo (ver Morôni 10:3–5).

E ainda, se isto não for suficiente, há o testemunho de um profeta, chamado Joseph Smith, que selou com sangue o testemunho do Senhor. Hoje comemoramos a Páscoa. Neste ano, comemoramos o 150º aniversário da morte do Profeta Joseph Smith. Na sufocante tarde do dia 27 de junho de 1844, ele e seu irmão Hyrum foram mortos por uma multidão armada, cujos membros pintaram o rosto de negro para não ser identificados. John Taylor, que estava com eles e foi ferido nessa ocasião, escreveu, mais tarde, a seguinte avaliação:

"Joseph Smith, o Profeta e Vidente do Senhor, com exceção só de Jesus, fez mais pela salvação dos homens neste mundo, do que qualquer outro homem que jamais viveu nele (. . .) Viveu grande e morreu grande aos olhos de Deus e de seu povo; e como a maior parte dos ungidos do Senhor dos tempos antigos, com seu próprio sangue selou sua missão e suas obras; assim também seu irmão Hyrum (. . .) Seu sangue inocente (. . .) é uma testemunha à veracidade do evangelho eterno, que o mundo inteiro não pode negar" (D&C 135:3,7).

Como estamos comemorando o sesquicentenário daquele trágico evento, gostaria de dizer algumas palavras sobre os principais personagens de ambos os lados dos acontecimentos em Carthage. De um lado estava Joseph, o profeta mártir. Do outro, Thomas Ford, o governador de Illinois, cuja promessa quebrada culminou na tragédia daquele dia.

Joseph Smith e Thomas Ford eram contemporâneos. O governador Ford nasceu em Pennsylvania, em 1800. Joseph Smith nasceu em Vermont, em 1805. O governador era cinco anos mais velho que o Profeta. Os dados que obtive a respeito do Profeta foram tirados de

fontes conhecidas por todos vós. As informações sobre o governador foram tiradas de seus próprios escritos e, na maior parte, de uma introdução histórica a esses escritos, de autoria de M. M. Quaife, bem como do prefácio do General James Shields, publicado na primeira edição de *History of Illinois* (História do Estado de Illinois), escrita por Ford. Agradeço à Sra. Doris M. Davis, de Peoria, por ter me ajudado nas pesquisas. Forneço estes detalhes para que saibais que o que irei dizer provém de fontes fidedignas.

Joseph Smith morreu aos 38 anos de idade, em 1844. Ele faria 39 em dezembro daquele ano.

O governador Ford morreu em 1850, um mês antes de completar cinqüenta anos. Terminou seu mandato como governador em 1846, mudando-se então para a fazenda dos pais de sua esposa, onde escreveu seu livro *A History of Illinois* (História do Estado de Illinois).

Nesse livro, ele faz um relato bastante detalhado da morte de Joseph e Hyrum Smith. Conclui com o seguinte resumo: "Assim morreu Joe Smith, o mais bem sucedido impostor dos tempos modernos. Um homem que, apesar de rude e ignorante, tinha alguns grandes talentos natos habilitando-o ao sucesso temporário, mas tão obscurecidos e neutralizados pela corrupção e vícios próprios de sua natureza, que nunca permitiriam o estabelecimento de um sistema político que almejasse algum sucesso permanente no futuro". (*A History of Illinois*, 2 vols. Chicago: The Lakeside Press, 1946, 2:213.)

Essa foi a avaliação de Joseph Smith feita por Thomas Ford.

Não desejo criticar o governador Ford. Sinto simplesmente pena dele. Eu o vejo como alguém que semeou vento para colher tempestade.

Em abril de 1847, quando nosso povo iniciou a longa marcha para o oeste, partindo de Winter Quarters, em Missouri, para o vale do Grande Lago Salgado, o governador Ford mudou-se com sua família para Peoria, com a intenção de tornar-se advogado. Passo a citar o Sr. Quaife:

"A história dos três anos que passou ali é marcada por extrema pobreza e fracasso. A Sra. Ford, acometida de câncer, morreu em 12 de outubro de 1850, com apenas trinta e oito anos de idade. Três semanas depois, no dia 3 de novembro, ele a seguiu à sepultura. Deixaram cinco órfãos sem dinheiro e ainda muito jovens para enfrentar a vida. Para crédito da humanidade, todos foram adotados por pessoas caridosas da cidade e criados em lares melhores do que seu próprio pai poderia terlhes dado. Nas últimas semanas de vida, ele viveu de caridade e as despesas de seu funeral foram pagas com doações de um grupo de

cidadãos". (ibid. 1: xxvi,xxvii.)

Tanto ele quanto sua esposa foram enterrados no Cemitério Municipal de Peoria. Seus restos mortais foram mais tarde transferidos para o Cemitério de Springdale, onde permaneceram numa tumba sem lápide até 1896, quando a assembléia legislativa aprovou a liberação de 1.200 dólares para a construção de um monumento que agora se encontra em sua sepultura.

Visitei esse monumento e meditei nos eventos e circunstâncias que acabo de mencionar.

Depois da morte do governador e do pagamento de suas dívidas, restaram 148,06 dólares para serem distribuídos como herança a seus cinco filhos.

No prefácio do livro de Ford, o General James Shields relata: "Em 1850, quando o autor desta obra se encontrava no leito de morte, ele me pôs nas mãos um manuscrito, cujo conteúdo me era totalmente desconhecido, pedindo-me que o publicasse após sua morte, para o benefício de sua família. Ele logo partiu desta vida, deixando seus filhos órfãos e desamparados". A venda dos direitos autorais do livro renderam 750 dólares, aumentando em 150 dólares a escassa herança de 29,61 dólares que cada um de seus filhos recebeu do pai.

A filha mais velha casou-se e ficou viúva em 1878. Ela viveu até 1910, precisando dos cuidados de outras pessoas nos últimos anos de vida. A segunda filha casou-se, constituiu uma família e morreu na cidade de Saint Louis. A filha mais nova, nascida em 1841, morreu aos 21 anos de idade de tuberculose, sendo enterrada com os pais. Quanto aos dois filhos, cito novamente o Sr. Quaife:

"No outono de 1872, Thomas [o filho mais novo] foi enforcado como ladrão de cavalos, próximo a Caldwell, em Kansas, por uma turba de linchadores. Dois anos depois, em 1874, Seuel [seu irmão] e dois outros criminosos foram enforcados no mesmo galho de árvore, próximo a Wellington, em Kansas, por outra turba de linchadores" (ibid. 1:xxxii). Foram enterrados em sepulturas sem lápide nas pradarias de Kansas.

Menciono estas coisas para mostrar que houve tragédia em ambos os lados do problema de Carthage. Joseph e Hyrum foram assassinados. O governador Ford, que havia prometido a proteção do Estado de Illinois e deixado de provê-la, acabou tragado por circunstâncias trágicas e tristes, morrendo na mais abjeta pobreza, deixando a família desamparada, a qual, em sua maioria, também sofreu desapontamentos e morreu em desgraça.

Enquanto o governador Ford escrevia sua sombria avaliação de Joseph Smith, outro contemporâneo, Parley P. Pratt, escreveu a sua avaliação. Falando de Joseph Smith, ele escreveu, naquela época:

"Sua obra perdurará por eras sem fim, e milhões de pessoas ainda não nascidas mencionarão seu nome com honra, como um nobre instrumento nas mãos de Deus, que, durante sua breve e jovem carreira, estabeleceu os alicerces do reino mencionado por Daniel, o profeta, reino esse que despedaçaria todos os outros e perduraria para sempre." [*Autobiography of Parley P. Pratt*, (Autobiografia de Parley P. Pratt), Cidade do Lago Salgado: Deseret Book Company, 1979, p. 466].

Os escritos de Parley Pratt foram mais proféticos que os de Tom Ford. Ele escreveu em espírito de amor, sim, mas também com um pouco da visão deste grande movimento milenar.

A influência dos eventos de junho de 1844 já se estendem por um período de um século e meio. Essa influência alcançou uma parte significativa do mundo. A história é clara e maravilhosa de ser pesquisada. É uma história emocionante e tremendamente tocante, um épico sem paralelo. Dois anos após o martírio, enquanto o governador escrevia sua história, a maior parte de nosso povo deixou Nauvoo, sua amada cidade à beira do Mississippi. Deixaram para trás suas belas e confortáveis casas. Abandonaram seu magnífico templo. O êxodo começou em fevereiro de 1846, durante um inverno rigoroso, tão frio que congelou o Mississippi, a ponto de alguns poderem transpô-lo andando sobre o gelo. Não partiram porque desejassem fazê-lo. Foram expulsos pelo ódio amargo e implacável de turbas violentas.

Atravessaram as pradarias de Iowa, até Council Bluffs, que na época se chamava Kanesville, junto ao rio Missouri. Ali, estabeleceram seu Acampamento de Inverno (Winter Quarters). Na primavera seguinte, subiram o rio Elkhorn, ao longo do Platte, atravessando o que hoje seriam os Estados de Nebraska e Wyoming, prosseguindo até o Vale do Grande Lago Salgado. A morte caminhou a seu lado. Cerca de 6.000 pessoas foram enterradas ao longo da trilha, antes do término da construção da estrada de ferro transcontinental, em 1869. Aqui, neste vale das montanhas, eles arrancaram raízes de artemísia, lutaram contra os gafanhotos, canalizaram a água dos riachos para fazer o deserto florescer. Desde aquela época, a obra se espalhou por toda a Terra, e hoje temos congregações em mais de 165 línguas diferentes. Mais de cento e quarenta nações cantam a Joseph Smith o tributo composto por W. W. Phelps:

"Hoje ao Profeta rendamos louvores,
Foi ordenado por Cristo Jesus
Para trazer a verdade aos homens
Para aos povos trazer nova luz!"
(Hinos, no. 14).

O número de membros da Igreja aproxima-se dos nove milhões. Somente no ano passado, foram impressos quatro milhões e meio de exemplares do Livro de Mórmon e distribuídos como "Um Outro Testamento de Jesus Cristo". Milhares de capelas, com mais de 21.000 congregações, e diversos templos levam o nome da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.

O Governador Ford não conseguiu perceber as virtudes do homem cujo sangue foi vertido no chão da

pequena cadeia em Carthage, mas um anjo do céu, anos antes, havia falado a respeito do destino do menino Joseph. Disse Morôni: "Teu nome será conhecido entre as nações, pois o trabalho que o Senhor realizará por tuas mãos fará com que os justos se regozijem e os iníquos se enfureçam: teu nome será honrado por uns e difamado por outros; para estes será aterrorizante, devido à grande e maravilhosa obra que virá após a restauração da plenitude do Meu evagelho". (*Times and Seasons*, 2:394–95.)

Já se passaram cento e cinqüenta anos. Somos gratos pela reconciliação que se seguiu. Somos gratos a Deus, nosso Pai Eterno, por dias de mais tolerância e maior entendimento. Findos são os dias em que casas eram incendiadas e pessoas forçadas a marchar grandes distâncias. A luz da benevolência brilha sobre nosso povo. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é agora proprietária da área onde ocorreu o martírio, a cadeia de Carthage, e de todo o quarteirão onde ela se localiza, que foram embelezados para as dezenas de milhares de pessoas que os visitam, vindas de muitas nações. Nauvoo é um lugar de boa vontade, remanescente de uma história notável. O local do templo, que um dia foi belo, desperta curiosidade reverente. Existe hoje uma estaca de Sião que leva o nome de Nauvoo. E ao norte da cidade de Chicago fica um magnífico templo onde se realizam ordenanças salvadoras para benefício dos filhos e filhas de Deus de todas as gerações, um trabalho que é conseqüência do sacerdócio revelado ao Profeta Joseph Smith e que estende às gerações do passado as maravilhosas oportunidades tornadas possíveis devido ao sacrifício expiatório do Salvador da humanidade.

Em outra ocasião, Joseph esteve preso em outra cadeia, essa na cidade de Liberty, no estado de Missouri. Na miséria daquele local imundo, ele clamou:

"Ó Deus, onde estás?" (D&C 121:1.)

Em resposta a essa oração, veio a extraordinária promessa:

"Os confins da Terra inquirirão pelo teu nome, e todos zombarão de ti, e o inferno contra ti se enfurecerá;

Enquanto os puros de coração, e os sábios, e os nobres, e os virtuosos procurarão conselho, e autoridade, e bênção de tuas mãos continuamente.

E o teu povo nunca se voltará contra ti pelo testemunho de traidores". (D&C 122:1–3.)

Vós e eu somos testemunhas do cumprimento dessas extraordinárias palavras proféticas. Ao falar-vos hoje, sou ouvido em milhares de auditórios nesta e em muitas outras nações. Esta é apenas uma pequena amostra da realização da promessa. O que vemos hoje, estou certo, é apenas uma indicação do que nos aguarda no futuro. Joseph Smith viveu como um instrumento nas mãos do Senhor para o estabelecimento de Seu trabalho restaurado nesta dispensação, que é a dispensação da plenitude dos tempos. Ele morreu em testemunho do Salvador da humanidade. A Igreja estabelecida por meio dele leva o nome do Redentor do mundo.

Como fruto de uma visão maravilhosa e bela que teve no primor e vigor de sua juventude, o Profeta Joseph escreveu estas palavras, que confirmam a veracidade daquela primeira manhã de Páscoa e a glória daquele de quem Joseph recebia toda a inspiração, como profeta desta grande dispensação dos últimos dias. Ele disse:

"E agora, depois dos muitos testemunhos que se prestaram dele, este é o testemunho, último de todos, que damos dele: Que ele vive!

Pois vimo-lo, mesmo à direita de Deus; e ouvimos a voz testificando que ele é o Unigênito do Pai.

Que por ele, por meio dele e dele, são e foram os mundos criados, e seus habitantes são filhos e filhas gerados para Deus." (D&C 76:22–24.)

Neste domingo de Páscoa, prestamos testemunho do Redentor do mundo, que nasceu como o Unigênito do Pai; seguiu fazendo o bem, exercendo Seu divino poder; morreu no Calvário e ergueu-Se dos mortos, tornando-Se as primícias da ressurreição. Testificamos a veracidade das palavras dos apóstolos e de outras testemunhas do passado. Confirmamos também a veracidade do testemunho do grande vidente e revelador desta dispensação, o Profeta Joseph Smith, que há 150 anos deu a vida em testemunho do Redentor ressurreto. Pelo poder do Espírito Santo, prestamos testemunho pessoal de que Aquele que foi morto no Calvário, o nosso Salvador, levantou-se dentre os mortos e por meio de Seu sacrifício, concedeu o dom da vida eterna a todos os que obedecerem a Seus mandamentos. Em nome de Jesus Cristo, nosso Redentor. Amém. □

SESSÃO VESPERTINA DE DOMINGO
3 de abril de 1994

"Jesus de Nazaré"

Élder David B. Haight
do Quórum dos Doze Apóstolos

Cada um de nós tem uma dívida profunda com Ele, pois fomos comprados pelo derramamento de Seu precioso sangue.

Peço um pouco de vossa fé e de vossas orações, ao prestar testemunho de Cristo. No coração de todos os homens, independentemente de raça ou posição, existe um inexprimível anseio por algo que no momento não possuem. Esse anseio é implantado por um Criador amoroso.

A intenção do Pai Celestial é que esse anseio do coração humano os conduza Àquele que é o Único capaz de satisfazê-los—sim, Jesus de Nazaré, que foi preordenado no Grande Conselho, antes da criação da Terra.

Ao irmão de Jared, Jesus disse antes de nascer na carne: "Eis que sou aquele que foi preparado desde a fundação do mundo para redimir meu povo. Eis que sou Jesus Cristo (. . .) Em mim terá luz a humanidade, eternamente, sim, todos aqueles que crerem em meu nome" (Éter 3:14).

Hoje é Páscoa—dia designado para a comemoração da ressurreição física do Salvador do mundo. Como membros de Sua Igreja restaurada, é imperativo que façamos o máximo para expandir nossa compreensão de Sua designação pré-mortal, Seu ministério terreno, a crucificação injusta, a angústia de Seu sofrimento, o sacrifício final e Sua ressurreição. Cada um de nós tem uma dívida profunda com Ele, pois fomos comprados pelo derramamento de Seu precioso sangue. Certamente é nossa obrigação seguir Suas admoestações, crer em Seu nome e testificar Dele e de Sua palavra.

Devo alguns de meus comentários a relatos de testemunhas oculares da vida de Cristo, como registrados no Novo Testamento; a profetas—antigos e modernos—especialmente ao Profeta Joseph Smith por seu testemunho pessoal de que Deus, o Pai, e Seu Filho vivem; e por sua fidelidade às instruções divinas que levaram ao restabelecimento da plenitude do evangelho eterno, conforme contido no Livro de Mórmon e em outras escrituras dos últimos dias; também, aos escritos apostólicos dos Élderes James E. Talmage e Bruce R. McConkie; e a outros, inclusive o teólogo e crente Frederic Farrar. Nossas escrituras nos ensinam verdades do evangelho e escritores inspirados contribuem para a nossa compreensão.

Aprendemos que durante Seus últimos dias de vida mortal, Jesus afastou-Se de toda pregação pública e passou a quarta-feira anterior à Páscoa isolado em Betânia. No dia seguinte, quinta-feira, mandou que Pedro e João fossem a Jerusalém, onde encontrariam uma sala preparada para se reunirem. Nessa sala, Jesus e os Doze sentaram-se para comer.

Naquela época, sempre que se entrava em alguma sala, era costume tirar-se as sandálias e colocá-las ao lado da porta, lavando-se os pés para remover a poeira. Geralmente essa humilde tarefa era realizada por um servo, mas naquela noite sagrada "o próprio Jesus, em Sua eterna humildade e abnegação, ergueu-Se de Seu lugar à mesa para prestar esse serviço inferior" (Frederic W. Farrar, *The Life of Christ*, Portland, Or.: Fountain Publications, 1980, p. 557).

Jesus disse a eles:

"Vós Me chamais Mestre e Senhor, e dizeis bem, porque Eu o sou.

Ora, se Eu, Senhor e Mestre, vos lavei os pés, vós deveis também lavar os pés uns aos outros." (João 13:13–14.)

"Ele, Seu Senhor e Mestre, lavara-lhes os pés. Fora um gentil e gracioso serviço, e essa devia ser a natureza do relacionamento deles entre si. Ele fizera aquilo para ensinar-lhes humildade, (. . .) abnegação, (. . .) [e] amor" (Farrar, *Life of Christ*, p. 559).

No decorrer da ceia, Ele deu a terrível notícia de que um deles O trairia e uma grande tristeza sobreveio a todos. Jesus disse a Judas: "O que fazes, faze-o depressa". (João 13:27.) E Judas saiu para realizar sua terrível tarefa.

Consciente do que iria acontecer, Jesus abriu o coração aos onze escolhidos, dizendo:

"Agora é glorificado o Filho do homem, e Deus é glorificado nele (. . .) Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco. Vós me buscareis (. . .) [mas] para onde eu vou não podeis vós ir; (. . .)

Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros: como

Eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.

Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros". (João 13:31, 33–35.)

Ainda naquela sala, Jesus—iniciando o sacramento—tomou o pão, partiu-o, orou sobre ele e passou-o aos discípulos dizendo:

"Isto é o Meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de Mim". (Lucas 22:19.)

Então, passando o cálice, disse:

"Este cálix é o Novo Testamento no Meu sangue, que é derramado por vós". (V. 20.)

O Salvador orou ao Pai pelos Apóstolos e por todos os que crêem, dizendo:

"Pai, é chegada a hora; glorifica a Teu Filho, para que também o Teu Filho glorifique a Ti;

Assim como Lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos Lhe deste.

E a vida eterna é esta: que Te conheçam, a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste". (João 17:1–3.)

O tempo que Lhe restava com eles era curto. Falou-lhes a respeito do Espírito Santo, o qual mandaria para consolá-los e guiá-los em verdade. Nessa noite, naquele cenáculo, ensinou-lhes muitas coisas, na tentativa de prepará-los para o que sabia que iria acontecer.

Eles levantaram-se, cantaram um hino, saíram juntos da sala e caminharam até o Jardim do Getsêmani, para tudo o que lá os esperava.

"A terrível hora de Seu mais profundo [sofrimento] chegara: (. . .) Nada mais faltava (. . .) a não ser a tortura da dor física e (. . .) angústia mental (. . .). Ele (. . .) acalm[ou] Seu espírito por meio da oração e da solidão, a fim de enfrentar aquele momento em que todo o Poder de [Satanás] devia descarregar o que tinha de pior sobre o Inocente e Santo. E Ele deveria enfrentar aquela hora sozinho" (Farrar, *Life of Christ*, p. 575).

"Minha alma", disse Ele, "está plena de angústia, até a morte" (idem, p. 576). Não se tratava da angústia e medo da dor e da morte, mas "o peso . . . dos pecados do mundo que Lhe oprimia o coração" (idem, p. 579).

"Ele retirou-Se para obter Seu único consolo na comunhão com [o Pai]. Assim, encontrou tudo o de que precisava. Antes do término daquela hora, Ele estava preparado para o pior que Satanás ou o homem pudesse infligir-Lhe" (idem, p. 580).

"Cristo emergiu vitorioso do terrível conflito em Getsêmani. Embora na tenebrosa tribulação daquela hora (. . .) Ele tivesse rogado para que a taça amarga fosse removida de Seus lábios, (. . .) o cumprimento da vontade do Pai nunca foi perdido de vista" (James E. Talmage, *Jesus, o Cristo*, p. 593).

Então chegou Judas com seu beijo traiçoeiro; depois, a submissão de Cristo a Seus inimigos; a prisão do Filho de Deus; os três falsos julgamentos ante os sacerdotes do Sinédrio; os insultos e o escárnio da multidão; a apresentação de Cristo perante Pôncio Pilatos, depois Herodes e depois, novamente, Pilatos. Então Pilatos deu o veredito final. Após três apelos à multidão de judeus para que poupassem um dos seus terem caído em ouvidos moucos, entregou Jesus para ser açoitado.

"O açoitamento em geral precedia a crucificação (. . .). O condenado era publicamente despido, (. . .) amarrado (. . .) em um pilar, (. . .) e então lhe davam chicotadas com tiras de couro munidas de cortantes pedacinhos de osso ou [pedra] (. . .). A vítima geralmente desmaiava, [ou] muitas vezes morria" (Farrar, *Life of Christ*, p. 624).

Após prepararem a cruz, puseram-na sobre Seus ombros e conduziram-No até o Gólgota. "Jesus, porém, estava enfraquecido (. . .) pelas horas (. . .) de violenta (. . .) agitação, (. . .) por uma noite de profunda (. . .) emoção, (. . .) pela [angústia] mental no jardim, [e pelos] três julgamentos e três sentenças de morte ante os judeus (. . .). Tudo isso, [acrescentado] às [feridas] do açoite [e à perda de sangue], esgotara totalmente (. . .) Sua força física" (idem, pp. 634–635). Então, um espectador foi compelido a carregar a pesada cruz.

No Calvário, deitaram Cristo sobre a cruz. "Seus braços foram estendidos sobre a viga horizontal; no centro das palmas colocaram a ponta de um grande prego de ferro, (. . .) [e] o prego foi batido (. . .) [através da trêmula carne] para dentro da madeira" (idem, p. 639). Seus pés foram também pregados à cruz, que foi vagarosamente levantada e firmemente fixada no solo. "Todas as vozes ao Seu redor ecoavam blasfêmias e ódio e, naquela lenta e longa agonia, Seus ouvidos moribundos não perceberam qualquer [palavra]

de gratidão, pena ou amor" (idem, p. 644). Qualquer movimento causava dor devido às feridas recém-abertas em Suas mãos e pés. "Tontura, (. . .) sede, (. . .) sono, (. . .) febre, (. . .) longas [horas] de tormento, (. . .) —a essa morte Cristo foi sentenciado" (idem, p. 641).

Jesus foi pregado à cruz na manhã daquela sexta-feira fatídica, provavelmente entre nove e dez horas. "Ao meio-dia, a luz do sol foi obscurecida e negra escuridão espalhou-se sobre toda a Terra. As apavorantes trevas continuaram por um período de três horas . . . Era um sinal adequado da profunda lamentação da Terra pela iminente morte de seu Criador" (Talmage, *Jesus, o Cristo*, p. 638).

Pela hora nona, Cristo lançou o agoniado clamor: "'Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?' Naquele momento mais pungente, o Cristo agonizante estava só (. . .). A fim de que o supremo sacrifício do Filho pudesse consumar-se em toda a plenitude, o Pai parece ter retirado (. . .) Sua presença imediata, deixando ao Salvador dos homens a glória da completa vitória sobre as forças do pecado e da morte" (Idem, p. 638).

Mais tarde, "percebendo plenamente que não estava mais abandonado, mas que Seu sacrifício expiatório fora aceito pelo Pai e que Sua missão na carne tinha sido levada a uma gloriosa consumação, exclamou num alto brado de triunfo santo: 'Está consumado'. Com reverência, resignação e alívio, dirigiu-Se ao Pai, dizendo: 'Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito'. Curvou a cabeça e voluntariamente entregou a Sua vida" (idem, p. 639).

"Naquele momento, o véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo. Um terremoto sacudiu a terra (. . .), a multidão, [agora] absolutamente sóbria (. . .) voltou a Jerusalém." (Farrar, *Life of Christ*, p. 652.)

O corpo de Cristo foi cuidadosamente retirado da cruz, posto em linho fino comprado por José de Arimatéia, ungido com ricas especiarias e carregado até um jardim próximo, onde havia um sepulcro novo que pertencia a José.

A tarde ia terminando "[e] os preparativos tinham que ser apressados, pois o Sábado começaria com o pôr-do-sol. Tudo o que poderiam fazer, portanto, era lavar (. . .) [e deitar o precioso corpo] em meio de especiarias, envolver-Lhe a cabeça com um pano branco, enfaixar . . . os membros feridos com o fino linho e deitar o corpo reverentemente no nicho de rocha" (idem, p. 659). Depois, uma grande pedra foi rolada até a entrada do sepulcro.

Na aurora daquela primeira manhã de Páscoa, as duas Marias, juntamente com outras mulheres, levaram suas preciosas especiarias e ungüentos ao sepulcro, para terminar a preparação do corpo. Imaginavam quem as ajudaria a remover a pedra da entrada do sepulcro. Para seu espanto, descobriram que a pedra já fora retirada e que o corpo de Jesus desaparecera; dois anjos vestidos de branco prestaram-lhes testemunho de que Jesus ressuscitara dos mortos. As duas mulheres foram rapidamente dar a notícia aos discípulos. João e Pedro correram para o sepulcro e descobriram que elas haviam falado a verdade. O sepulcro estava vazio.

Maria Madalena retornou uma vez mais ao sepulcro e lá proferiu as palavras: "Levaram o meu Senhor, e não sei onde O puseram" (João 20:13). Então o próprio Jesus apareceu diante dela e disse-lhe: "Maria!" (v. 16). Nesse momento ela O reconheceu e Ele gentilmente deu-lhe uma ordem, dizendo: "Não Me detenhas, porque ainda não subi para Meu Pai, mas vai para Meus irmãos e dize-lhes que eu subo para Meu Pai e vosso Pai, Meu Deus e vosso Deus" (v. 17). Ela apressou-se a obedecer-Lhes.

Após levantar-Se do sepulcro no terceiro dia após a crucificação, Jesus apareceu não apenas a Maria, mas a outras mulheres também. Sua terceira aparição foi a Pedro. No mesmo dia, dois de Seus discípulos estavam a caminho da aldeia chamada Emaús e Cristo juntou-Se a eles. De novo, pela quinta vez naquele memorável dia de Páscoa, Jesus manifestou-Se a Seus discípulos. Dez deles estavam reunidos, procurando consolar-se, quando Cristo apareceu diante deles.

"Paz seja convosco", ele disse.

"Vede as Minhas mãos e os Meus pés, que sou Eu mesmo: apalpai-Me e vede; pois um espírito não tem carne nem ossos, como vedes que Eu tenho" (Lucas 24:36,39).

Mais tarde, na praia do Mar da Galiléia, estando o Salvador e os discípulos a comer peixe juntos, Jesus perguntou a Pedro: "Simão, filho de Jonas, amas-Me mais do que estes?"

"Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo."

"Apascenta os Meus cordeiros."

"Simão, filho de Jonas, amas-Me?"

Ele perguntou de novo.

"Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo."

"Apascenta as Minhas ovelhas."

Uma terceira vez Ele perguntou: "Simão, filho de Jonas, amas-Me?"

Entristecido, Pedro disse: "Senhor, Tu sabes tudo; Tu sabes que Te amo".

E o Senhor mais uma vez respondeu: "Apascenta as Minhas ovelhas". (João 21:15–17.)

Jesus escolheu o Monte das Oliveiras como local de sua ascensão. Sobre o Monte, o Salvador instruiu os apóstolos e aqueles a quem havia designado, dizendo:

"Portanto ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;

Ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado; e eis que Eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos" (Mateus 28:19–20.)

Esta é a nossa designação. É por isso que vamos a todas as nações da Terra, proclamando o Seu evangelho.

Eliza R. Snow, que amava esta obra assim como eu, escreveu estas preciosas linhas:

Da corte celestial chegou,
Com grande amor desceu,
O Cristo nosso Salvador
E o mundo renasceu.
Seu sangue pelos homens deu
E assim nos libertou;
Seu sacrifício de amor
Ao mundo resgatou.
Que glorioso, celestial,
O plano do Senhor:
Perdão, justiça, redenção,
Ao pobre pecador.
(*Hinos*, nº 114.)

O profeta Alma ensinou que o plano de misericórdia exigia uma expiação a ser feita pelo próprio Deus, para "satisfazer os requisitos da justiça", para que Deus fosse um Deus perfeito, justo e misericordioso (Alma 42:15). Presto testemunho de que Ele vive, de que é nosso Salvador. Ele é o caminho para a verdadeira felicidade. Eu declaro isto em Seu santo nome, Jesus Cristo. Amém. □

A Mensagem Ímpar de Jesus Cristo

Élder Robert D. Hales
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Como Mórmon, eu digo: "Sou discípulo de Jesus Cristo, o Filho de Deus, e fui por Ele chamado para anunciar Sua palavra ao povo".

Chegou a hora da minha resposta. Dezenove anos atrás, depois de ser designado no templo como assistente dos Doze Apóstolos, pelo Quórum dos Doze, o Élder LeGrand Richards deu-me duas pérolas de sabedoria que me têm vindo à mente repetidas vezes nestas cinqüenta e algumas horas que se passaram desde que recebi este chamado. A primeira foi: "Oh, ser um rapaz com toda a vida diante de si!" Eu tinha, então, quarenta e dois anos de idade. Agora tenho sessenta e um e volto a ser um rapaz. Há homens sentados nesta tribuna que foram Apóstolos e estiveram na Primeira Presidência metade da minha vida.

A segunda pérola de sabedoria a mim transmitida pelo Élder LeGrand Richards foi: cada vez que ele recebia uma nova designação na Igreja, era como sacudir um carvalho—quando a árvore era sacudida, caía uma bolota que era plantada, permitindo-lhe um novo início em sua designação. "Sabe, minha vida tem sido um grande carvalho. De uma pequena bolota eu faço nascer um grande carvalho". Depois disse: "Fiz isso nos negócios e o carvalho foi sacudido. Caiu uma bolota e designaram-me como presidente de missão. Depois cultivei outro carvalho; fui chamado como presidente de missão pela segunda vez e depois, pela terceira". Depois falou sobre ser Bispo Presidente. E cada vez que o carvalho era sacudido, uma bolota era plantada.

Hoje compreendo que o carvalho foi sacudido. Uma bolota foi plantada; é um novo início.

Sou grato, irmãos, pela força que recebo por meio de vossa fé e vossas orações. Preciso de vossas orações neste momento de meu chamado. Estou descobrindo que ser apóstolo do Senhor é um processo—um processo de arrependimento e humildade, em que olho para o meu interior, como fui instruído, e peço perdão e força para ser o que devo ser. Infelizmente, não sou um homem perfeito e a infalibilidade não é conferida com o chamado. Portanto, devo pedir perdão ao Pai Celestial pelas coisas que fiz e que foram menos do que perfeitas; e pedir perdão a qualquer pessoa que eu tenha ofendido consciente ou inconscientemente, por causa de minha personalidade ou estilo.

A força de vossas orações me será

valiosíssima para o que preciso fazer, ou seja, forjar a força espiritual necessária para que minha voz e meu testemunho do Senhor Jesus Cristo penetrem os corações daqueles que me ouvirem.

Sou grato a meus pais, a meu querido irmão que faleceu, a minha irmã, pelo exemplo amoroso que me deram. Sou grato pelos muitos professores e líderes do sacerdócio, que trabalhavam semana após semana ensinando-nos, quando jovens, a amar o Senhor. Desejo, também, expressar gratidão e profundo amor a minha esposa, a meus filhos e netos. Tive o privilégio de trabalhar com os melhores irmãos que esta Terra poderia ter, no Quórum dos Setenta—trabalhamos juntos, forjando nosso testemunho para desenvolver a obra do Senhor.

Ao fechar este capítulo de minha designação como Bispo Presidente, desejo dar as boas-vindas ao Bispo Bateman, como novo Bispo Presidente da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e dizer-lhe que terá experiências maravilhosas em seu chamado.

Amo os quatro conselheiros que serviram comigo—Élder Eyring, Élder Pace, Bispo Burton e Bispo Edgley. Eles são profundamente espirituais e verdadeiramente devotados. São homens cujo amor por Jesus Cristo tem sido um exemplo para mim. Também gostaria de agradecer à equipe leal do escritório do Bispado Presidente, tanto na sede da Igreja, em Lago Salgado, como em todo o mundo. Minha gratidão não seria completa se não agradecesse os talentos e obras fiéis dos santos em todo o mundo.

Temos na Igreja membros muito fiéis. Tenho conhecimento dos dízimos e ofertas e de outras ofertas espontâneas que levaram a projetos de bem-estar e trabalhos humanitários. Esta é uma obra maravilhosa e esta é uma Igreja maravilhosa, com membros magníficos. Cada um, em seu chamado individual, vive o evangelho e é um exemplo para nós que viajamos e os conhecemos.

Meu testemunho cresceu comigo—alimentado e instruído por inúmeras pessoas que me ajudaram com seu exemplo, ao viverem o evangelho. Serei eternamente grato pelas pessoas maravilhosas que, ao servirem ao Senhor, abençoaram minha vida.

Presto testemunho quanto ao que disse o Presidente Hinckley ontem à noite, na reunião do sacerdócio, sobre o governo da Igreja. Durante os últimos nove anos, em base diária, vi a sabedoria do plano do Senhor, como funciona nas circunstâncias atuais.

Isso, porém, termina o capítulo. O carvalho foi sacudido; a bolota, plantada. E hoje é Páscoa—quando se comemora a ressurreição do Senhor três dias após Sua morte. Pelo resto de minha jornada aqui na mortalidade, terei oportunidade de servir como testemunha especial de nosso Salvador Jesus Cristo, testificando Dele.

Jesus Cristo é um Deus; Ele é o Jeová do Velho Testamento (ver Abraão 2:7–8); Ele é o Salvador do Novo Testamento.

Jesus Cristo habita no céu, com o Pai (ver João 1:1–5) e nós habitávamos com eles, como filhos de Deus, o Pai.

Jesus Cristo apresentou o plano eterno do Pai, o plano do qual todos nós fazemos parte. Cada um de nós vem a esta Terra para passar por um período probatório, tendo oposição em todas as coisas. Devido ao princípio eterno do livre-arbítrio, somos livres para escolher a liberdade e a vida eterna e voltarmos para a presença de Deus com honra, caso vivamos retamente, ou para optar pelo cativeiro e morte espiritual. (Ver Moisés 4:1–4.)

Jesus Cristo foi o criador de todas as coisas na Terra, sob a direção do Pai. (Ver Moisés 1:33; Efésios 3:9.) "O Pai enviou Seu Filho para Salvador do mundo". (I João 4:14.)

Jesus Cristo veio a esta Terra tendo nascido de Maria, uma mãe mortal. Seu Pai era o Deus Todo-Poderoso. (Ver Lucas 1:26–35.)

Jesus Cristo foi batizado por imersão, por João Batista, e o Espírito Santo manifestou-se no "Espírito, que como pomba descia sobre Ele". (Marcos 1:10.) E o Pai disse: "Tu és Meu Filho amado em quem Me comprazo". (Marcos 1:11.) Jesus Cristo organizou Sua igreja e selecionou doze Apóstolos, como também profetas, setentas e evangelistas. (Ver Efésios 4:11; Lucas 6:13; 10:1.)

A mensagem de Jesus Cristo é ímpar. Ele está entre nós e o Pai; Ele é o Mediador. (Ver D&C 76:41–43; João 3:17.) Através Dele toda a humanidade será salva e por Ele toda a humanidade será salva.

Jesus Cristo é o Redentor, o nosso Salvador; somente Ele, com mãe mortal e Pai imortal, poderia realizar a expiação e morrer para salvar toda a humanidade. Isso Ele fez de Sua livre e espontânea vontade.

(Ver Mat. 25:39; Marcos 14:34–36; Lucas 22:41–42.)

Jesus Cristo ressuscitou e apareceu a muitos após a ressurreição. (Ver João 20:11–30; Lucas 24:13–44.) Ele ensinou-nos quais as características de um ser ressuscitado e disse-nos que poderíamos seguir-lhe o exemplo, sendo nós capazes de progredir e de nos tornarmos como Ele.

A ascensão de Cristo ao céu, diante dos discípulos, foi acompanhada da promessa de que, da mesma forma, Ele voltaria. (Ver Atos 1:9–11; Marcos 16:19–20; Lucas 24:51–53.) A segunda vinda de Jesus Cristo está próxima, pois os sinais cumprem-se a cada dia.

Jesus Cristo apareceu com Seu Pai, nestes últimos dias, e restaurou, por meio de Joseph Smith, o Profeta, a mesma organização que estabelecera durante o Seu ministério. Além da Bíblia, o Livro de Mórmon foi revelado ao mundo como outra testemunha de Seu divino chamado e ministério.

Jesus Cristo lidera e orienta Sua igreja hoje, por meio de revelações ao profeta, Presidente Ezra Taft Benson, e seus conselheiros na Primeira Presidência e os Doze Apóstolos—a mesma organização que Ele estabeleceu quando estava na Terra. (Ver D&C 102:9,23; 6ª Regra de Fé.)

A admoestação de Jesus Cristo, "Vem, e segue-Me" e "Segue-Me tu", é o desafio que Ele nos lançou. (Ver Mat. 19:21; João 21:22.) Ele viveu na preexistência, no mundo espiritual; Ele habitava e nós habitávamos com Deus, o Pai. Ele é o Filho, Jesus Cristo.

Nós recebemos um corpo mortal. Enfrentaremos oposição, experimentaremos a morte e seremos ressuscitados por causa do sacrifício expiatório de Jesus Cristo.

Termino meu testemunho com as mesmas palavras proferidas pelo profeta Mórmon, logo depois de relatar o nascimento do Salvador:

"Eis que sou discípulo de Jesus Cristo, o Filho de Deus, e fui por Ele chamado para anunciar Sua palavra ao povo, a fim de que possam alcançar a vida eterna." (3 Néfi 5:13.) Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Decisões

Élder Gerald E. Melchin
dos Setenta

A disposição do Senhor de ajudar-nos nas decisões, baseia-se nos mesmos princípios que levaram o Profeta ao bosque e o Salvador ao jardim.

Sinto-me grato por estar em vossa companhia nesta conferência geral e gostaria de estender minha gratidão e apoio às Autoridades Gerais recém-chamadas, ao Bispo Hales e aos demais.

Os últimos meses têm sido de grande importância espiritual para mim e para a Irmã Melchin, por estarmos servindo no Templo de Toronto. Fomos abençoados com dois grandes conselheiros, juntamente com suas esposas e com oficiantes dedicados, alguns servindo como missionários de tempo integral. Membros de diferentes nações e línguas fazem parte da área e compartilham conosco seus sentimentos, ao receberem as investiduras.

Penso com freqüência nas circunstâncias e nas muitas decisões que nos reuniram naquela casa sagrada. Jamais contei quantas decisões tomo diariamente, mas estou ciente de que elas fazem parte de um processo contínuo. O dicionário diz que decisão significa "chegar a uma solução que dê fim à incerteza". (*Merriam-Webster's Collegiate Dictionary*, 10ª edição.) É a incerteza que torna tão difícil tomar decisões. Quando tomamos decisões com pressa e sem ponderação quanto ao resultado final, talvez desejemos mais tarde que os ponteiros do relógio retrocedam.

Há algum tempo, assisti a uma ópera chamada *O Feiticeiro*. A história fala de um príncipe e uma princesa que estavam preocupados com a quantidade de solteiros no reino. (Já ouvi isso antes.) Eles pediram a um feiticeiro que preparasse uma poção para fazer as pessoas dormirem e que depois, ao acordarem, se apaixonassem pela primeira pessoa que vissem. Todos os solteiros foram convidados a um banquete onde a poção foi servida. Ela fez efeito, mas é desnecessário dizer que se formaram alguns casais bem desiguais. O príncipe e a princesa ficaram alarmados com o resultado e perceberam que aquela não era a resposta. O pai Léhi deu-nos a solução, ao dizer: "O Senhor Deus deixou, portanto, que o homem agisse por si mesmo; e o homem não poderia agir por si mesmo a menos que fosse atraído por uma ou outra coisa". (2 Né. 1:16.) E esta é a liberdade que o Senhor queria que fosse preservada.

Uma das decisões mais importantes tomadas nesta dispensação foi a do menino Joseph Smith. Um sobrinho meu pintou um quadro e depois o reproduziu num mural do edifício do instituto em Logan, Utah.

Deu-lhe o título "O Bosque Aguarda". Retrata um rapaz aproximando-se do Bosque Sagrado. Imagino o que Joseph pensou que o aguardava naquela linda manhã de primavera. Sua decisão de ir ao bosque teve origem no desejo de conhecer a verdade, na fé e na obediência ao conselho do Senhor. A experiência de Joseph no bosque foi de um significado maior do que ele poderia ter imaginado e viria a afetar a vida de todos nós. Os princípios que ele seguiu e que culminaram em sua ida ao bosque, devem servir de base para todas as decisões que enfrentarmos.

Há alguém mais que foi a um bosque centenas de anos antes da época de Joseph. Embora houvesse falado de antemão a respeito da oferta que estava prestes a fazer, talvez Ele não tivesse compreendido plenamente o rigor da experiência que O aguardava. Ele seguiu Seu caminho, sabendo que tinha poder sobre a vida e a morte e poderia ordenar que os anjos viessem em Seu auxílio. Ele falou de estar "[cheio] de tristeza até a morte", (Mat. 26:38), e descreveu a experiência que o fez "tremer de dor . . . sangrar por todos os poros, e sofrer, tanto física como espiritualmente". (D&C 19:18.) Foi por Seu amor e obediência ao Pai que pôde dizer a Pedro: "Como pois se cumpririam as escrituras, que dizem que assim convém que aconteça?" (Mat. 26:54.) Ele completou a missão para a qual fora preordenado e abriu a porta da salvação e vida eterna a todos.

Aproximamo-nos de um bosque de incerteza ao aguardarmos nosso chamado a esta Terra. Deve ter sido uma experiência angustiante e um tanto assustadora deixarmos nossos entes queridos para atravessar o véu. Quando um dos seguidores de Espártaco lhe perguntou se tinha medo de morrer, ele respondeu: "Não mais do que tive de nascer". Os profetas confirmam que nossa preexistência foi também um período de testes e éramos livres para escolher. Alma sugere que foi devido a nossa grande fé que ganhamos o direito ao sacerdócio. (Ver Alma 13:3.)

Há um bosque que aguarda todos nós. É conhecido como morte. Embora não seja de nossa escolha e tenha que ser aceita, nossas decisões aqui assentam o alicerce para o que nos aguarda lá. Como o Salvador, sabemos que vamos passar por essa experiência, mas não compreendemos plenamente o que nos aguarda depois. Poder-se-ia naturalmente pensar que as pessoas deveriam buscar todas as informações possíveis, a fim de se prepararem para o inevitável. Alguns indivíduos, porém, acomodam-se em uma falsa segurança, não dando ouvidos à advertência do Senhor de que "sem as suas ordenanças e a autoridade do sacerdócio, o poder de divindade não se manifesta aos homens na carne". (D&C 84:21.) Há uma mudança, que deve vir a nós por meio da santificação, que somente a obediência às leis e a submissão às ordenanças podem trazer.

A razão de o Senhor haver ordenado a Moisés que construísse um "tabernáculo (. . .) no deserto" e uma "casa na terra da promissão" foi para revelar ordenanças "que haviam estado escondidas desde antes da fundação do mundo". (D&C 124:38.) Joseph deveria edificar uma casa em Seu nome, para que as ordenanças que haviam sido perdidas ou retiradas pudessem ser restauradas. Se ponderarmos as escrituras que temos a nosso dispor, chegaremos à conclusão de que as bênçãos plenas do Senhor se encontram dentro das paredes do templo. É lá que nos preparamos para entrar no mais importante de todos os bosques, onde a promessa do casamento e da família eterna será finalmente cumprida, onde "tudo que Meu Pai possui ser-lhe-á dado". (D&C 84:38.) Embora não compreendamos o significado daquelas bênçãos, as decisões precisam ser tomadas hoje.

As portas do templo dão acesso a muitas experiências. Arquivos de família em número crescente, que os computadores nos ajudam a compilar, tornar-se-ão, em breve, uma ampla porção do trabalho a ser executado no templo. Eles levar-nos-ão a um envolvimento em outras ordenanças, quando passaremos por experiências inesperadas. Se incluirmos nossa família, nossos amigos ou membros da ala e lá comparecermos em grupo para realizar as ordenanças por nossos antepassados, poderemos participar de momentos muito espirituais e preciosos. Tenho observado o impacto em conversos que vão ao templo com amigos pela primeira vez, levando uma folha de grupo familiar e finalizando o trabalho na sala de selamento. Podemos também ser chamados como oficiantes para excursões de ala ou estaca, em um envolvimento que trará maior apreço pelo templo. Em Doutrina e Convênios, seção 109, lemos: "E (. . .) todas as gentes que pisarem a soleira da casa do Senhor sintam o teu poder, e sintam-se constrangidas a reconhecer que tu a santificaste, e que ela é a tua casa, um lugar da tua santidade" (v. 13).

A disposição do Senhor de ajudar-nos nas decisões baseia-se nos mesmos princípios que levaram o Profeta ao bosque e o Salvador ao jardim. Há ocasiões em que desejamos que a vida fosse uma excursão com guia, onde não precisaríamos responsabilizar-nos por detalhes ou por nossa chegada em segurança. Vi recentemente, em uma loja, um dispositivo chamado "Autor Executivo de Decisões". Apertava-se um botão

e uma luz piscava, indicando respostas como: "Seguramente", "Nunca" ou "Por que não?" Podemos dar-nos ao luxo de deixar o futuro à mercê da sorte, quando o Senhor nos incentiva a pedir, buscar e bater? (Ver Mat. 7:7.)

Infelizmente, muitas decisões vitais são tomadas quando somos inexperientes demais. Nosso desejo de liberdade pode ser perigoso se não seguirmos as diretrizes apropriadas. O livro *Mythology* (Mitologia), de Edith Hamilton, narra a história de um menino chamado Ícaro e de seu pai. Prisioneiros na ilha de Creta, construíram asas feitas de penas e coladas com cera. Tinham esperança de usá-las para voar rumo à liberdade. Ao menino foi dada a oportunidade de testá-las. O pai disse-lhe que não voasse muito perto do sol, pois a cera se derreteria. Ícaro, porém, ficou tão animado com a liberdade recém-conquistada, que voou alto demais. A cera derreteu-se e as asas se desfizeram, provocando a queda do rapaz para a morte. Nosso futuro pode estar em perigo se a liberdade não for controlada. (Nova York: New American Library, 1969, pp. 139–140.)

Nossa decisão primordial deve ser a busca de um testemunho do evangelho e a edificação da fé no Senhor Jesus Cristo. Ele é um Pai amoroso e interessado, como vemos nas palavras de Doutrina e Convênios 67:1: "Ouvi e atendei, ó élderes da Minha igreja, que vos reunistes, cujas orações ouvi, cujos corações conheço e cujos desejos chegaram a Mim". Ele não nos deixará sozinhos para tomarmos decisões, pois prometeu: "Não vos deixarei órfãos" (João 14:18). É este Consolador, que é o espírito de revelação, que nos confirma todas as verdades.

Sou grato pelo privilégio de servir ao Senhor, pelo espírito que me toca o coração e a alma, por minha companheira maravilhosa e minha família fiel. Presto testemunho a vós e a eles da divindade desta obra e de nosso Senhor Jesus Cristo, que a guia e dirige. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Tentar Ser como Jesus

Élder F. Melvin Hammond
dos Setenta

Sentimos um amor maior por Ele? Estamos verdadeiramente tentando ser como Jesus?

Doce é o trabalho. Há alguns dias, no distante país do México, a Irmã Hammond e eu atendemos ao telefone e ouvimos a voz de uma criancinha que começou a cantar, perfeitamente afinada e com uma voz angelical para os nossos ouvidos, "Eu quero ser como Cristo"; e continuou:

Ame a seu próximo como Jesus
ama você e seus passos conduz.
Gentil e bondoso você deve ser
E o exemplo de Cristo aprender.
(Seção Infantil, *A Liahona* de abril de 1990.)

Damos parabéns a esse neto, um entre muitos, e a todas as pessoas que estão tentando ser como Jesus. Temos a maior afeição por vós. Hoje desejo aproximar-vos mais de Jesus. Gostaria que O amássemos mais do que O amamos agora. Vou falar-vos sobre Jesus Cristo e Seu amor infinito.

Foi Cristo que na preexistência se apresentou para ser o Salvador do homem, dizendo: "Eis-Me aqui, envia-Me. E outro respondeu e disse: Eis-me aqui, envia-me. E o Senhor disse: Enviarei ao primeiro". (Abraão 3:27.) Daí em diante, proclamou-se que o Filho do Homem viria à Terra para sacrificar-Se como uma expiação pelos pecados de todos os homens. (Ver Mosiah 3.)

Ao aproximar-se o dia de Seu nascimento, Néfi ouviu uma voz dizendo: "Levanta a cabeça e tem bom ânimo; pois eis que (. . .) amanhã Eu virei ao mundo." (3 Néfi 1:13.)

Então, no dia seguinte, em Belém da Judéia, um bebezinho estava deitado em uma manjedoura, enquanto a mãe atenta se comprazia com a presença do filho recém-nascido, o Unigênito do Pai na carne, um Deus que veio à Terra.

"E o menino crescia, e Se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre Ele." (Lucas 2:40.)

Nos anos subseqüentes, "crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens". (Lucas 2:52.) Aos trinta anos Ele iniciou Seu ministério, ensinando o grande plano da felicidade—fé, arrependimento, batismo por imersão, imposição das mãos para receber o dom do Espírito Santo e perseverança até o fim. (Ver 3 Néfi 27.)

Sendo obediente aos mandamentos, foi Ele batizado por imersão nas águas do Jordão, por João Batista. (Ver Mat. 3.)

Mais tarde chamou doze homens e ordenou-os como Seus Apóstolos.

Alguns deles eram humildes pescadores. Convidou-os: "Vinde após Mim, e Eu vos farei pescadores de homens". (Mat. 4:19.) Imediatamente abandonaram suas redes e O seguiram, como todos os que são chamados deveriam estar prontos a fazer.

A notícia de Sua glória e poder espalhou-se por toda a terra. A um pai que pranteava a morte da filha querida, Ele disse: "Não está morta, mas dorme" (Lucas 8:52) e, tomando-a pela mão, fez com que se levantasse dentre os mortos.

A um pobre aleijado, disse: "Toma tua cama, e anda". (João 5:8.) E, milagrosamente, ele o fez!

Jesus repreendia todos os pecadores. Os culpados planejavam tirar-Lhe a vida. Aos discípulos, falou sobre o terrível destino que o aguardava: "Bem sabeis que daqui a dois dias é a páscoa; e o Filho do homem será entregue para ser crucificado". (Mateus 20:2.)

Naquela noite memorável, no cenáculo, Ele ajoelhou-se mansa e humildemente diante de cada Apóstolo e, ternamente, lavou-lhes os pés. (Ver João 13:3;17.)

Ele instituiu a ordenança sagrada do sacramento. Abençoando o pão e o vinho, deu-os a cada um, ordenando-lhes que comessem e bebessem em lembrança de Seu corpo e de Seu sangue, por eles derramado. (Ver Mat. 26:26–28.)

Depois que Judas, o traidor, saiu, o Salvador instruiu os outros onze com estas palavras familiares:

"Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como Eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.

Nisto todos conhecerão que sois Meus discípulos, se vos amardes uns aos outros." (João 13:34–35.)

Depois Jesus foi para o Monte das Oliveiras, para o tranqüilo e encantador Jardim de Getsêmani. Lá Ele Se ajoelhou e orou, dizendo: "Meu Pai, se é possível, passa de Mim este cálice; todavia, não seja como Eu quero, mas como Tu queres". (Mat. 26:39.)

A lei exigia um Cordeiro perfeito para o sacrifício expiatório. Somente Ele podia qualificar-Se. Seu amor por nós era tão grande, tão intenso, que voluntariamente sofreu tanto no corpo como no espírito, até que verteu sangue de todos os poros, para pagar o preço do pecado. (Ver Mosiah 3:7.) De algum modo precisamos tentar compreender e internalizar o resgate que Ele pagou por todos nós.

Élderes Robert K. Dellenbach e Jack H. Goaslind, dos Setenta. Atrás deles, Élder F. Enzio Busche, dos Setenta.

Delatado pelo beijo de um traidor, condenado a morrer em mãos estranhas por um crime que não cometeu, Ele submeteu-Se humildemente ao ofensivo chicote e foi pregado, pelas mãos e pés, a uma cruz de madeira. Sim, o maior de todos os filhos de Deus foi submetido à morte numa horrível cruz. Quando finalmente todas as coisas se cumpriram, Ele disse: "Está consumado" (João 19:30) e "Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito". (Lucas 23:46.) Jesus Cristo estava morto. O espírito partira. O corpo foi colocado num sepulcro emprestado.

E então, no terceiro dia Ele ressuscitou, em vigoroso poder, para quebrar as cadeias da morte. O espírito voltara para reclamar a carne. Sua vitória sobre a morte fora completa!

Durante quarenta dias Ele permaneceu na Terra, mostrando-se a muitos e instruindo-os no "que respeita ao reino de Deus". (Lucas 24:50:51.)

Os fiéis Apóstolos continuaram a exercer zelosamente seu ministério, mas com a morte deles houve um rápido declínio de espiritualidade. As ordenanças sagradas foram mudadas, a autoridade do sacerdócio foi perdida e as trevas espirituais envolveram a Terra. A humanidade deixara de conhecer Deus.

Então, na primavera de 1820, chegando a um menino de quatorze anos, Joseph Smith Jr., a voz de Deus, o Pai, atravessou a escuridão: "Este é o Meu Filho Amado. Ouve-O!" (Joseph Smith 2:17.) A Luz pura surgiu, afastando as trevas. Deus voltara a falar ao homem.

Uma vez mais, a plenitude do evangelho, como encontrada na Bíblia, Livro de Mórmon e outras

escrituras sagradas, está inundando a Terra. O santo sacerdócio foi restaurado e restituído ao homem. As sagradas ordenanças estão sendo administradas a toda alma digna que desejar recebê-las. Tudo isto tem a finalidade de preparar o mundo para a gloriosa Segunda Vinda, anunciada pelo próprio Salvador. (Ver D&C 29:11.)

Testifico-vos humildemente que Ele retornará em glória e, nesse dia, manifestar-Se-á à humanidade, dizendo: "Eu sou Aquele que foi exaltado. Eu sou Jesus que foi crucificado. Sou o Filho de Deus". (D&C 45:52.) E aí Ele reinará para sempre, Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Durante estes últimos minutos, focalizamos o amor de Cristo. Sentimos Seu Espírito queimando dentro de nós? Sentimos um amor maior por Ele? Estamos verdadeiramente tentando ser como Jesus? Se a resposta for afirmativa, peço que cada um pense nas seguintes perguntas, relacionadas ao nosso amor por Ele.

Primeiro, amamos Jesus Cristo o suficiente para seguir Seus profetas e Apóstolos escolhidos, dando ouvidos a seus conselhos e orientação, como se viessem de Sua própria boca? (Ver D&C 1:38.)

Segundo, amamos o Salvador o suficiente para abandonar nossas lindas casas, nossa preciosa família e aceitar um chamado para proclamar o evangelho em qualquer parte do mundo?

Terceiro, amamos Cristo o suficiente para sermos fiéis a nosso cônjuge, expulsando todos os pensamentos impuros e jamais traindo seu amor por nós?

Seria possível darmos ao Senhor mais do que Lhe devemos? Certamente, nós todos O amamos. Portanto, imploro-vos que guardeis Seus mandamentos e que vos torneis mais semelhantes a Ele. Vinde a Cristo, comei o pão da vida, bebei a água viva e banqueteai-vos com Seu ilimitado amor. Ele é nosso Salvador, nosso Mestre, de Quem presto humilde testemunho. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Ensinar as Crianças a Andarem em Retidão perante o Senhor

Ruth B. Wright
Segunda Conselheira na Presidência Geral da Primária

Os filhos estarão mais preparados para enfrentar os desafios que surgirem, se souberem e compreenderem que, guardando os mandamentos, sentirão paz e alegria.

Para Deus as criancinhas são preciosas;
Foram criadas por Sua mão.
Têm um valor inestimável,
Inocência incomparável;
São parte do plano de salvação.
(*Children's Songbook*, pp. 180–81. Não traduzido para o português.)

A Irmã Wilson observou atentamente todas as crianças, ao entrar na sala de aula da Primária. Como cresceram e progrediram desde janeiro, pensou ela. Chamou-as para junto de si e começou a aula. "Vocês são muito especiais! Aprenderam tantas coisas! Aprenderam a sentar-se reverentemente e prestar atenção às aulas. Até conseguem orar sozinhos!" "É claro," respondeu Clayton, "Já estou nesta Terra há cinco anos!" Para Clayton, esses cinco anos pareciam muito tempo e não via limites para o que poderia aprender. Irmãos, nossas crianças estão ansiosas por aprender. Elas querem ser ensinadas. Precisam ser ensinadas.

A Primeira Presidência aconselhou todos os membros adultos da Igreja a colocarem as crianças em foco, num esforço para ensiná-las a seguir os ensinamentos do Salvador. O propósito de "Crianças em Foco" é fazer com que os membros adultos voltem a atenção para as crianças, ajudando-as a estabelecer um sólido alicerce para seu testemunho e a viver o evangelho de Jesus Cristo. (Ver "Crianças em Foco", normas e sugestões.) Se pensarmos em todos os jovens Claytons que existem, tomaremos consciência de que esta é uma importante e maravilhosa responsabilidade.

A Primeira Presidência recomendou quatro metas que devemos procurar atingir, a fim de colocarmos as crianças em foco. São elas: primeiro, reconhecer o valor das crianças; segundo, reativar as que não estão usufruindo as bênçãos do evangelho; terceiro, ensinar-lhes o evangelho de modo que possam

compreendê-lo e vivê-lo; e, quarto, prepará-las para serem batizadas e receberem o dom do Espírito Santo. Desejo falar mais especificamente da terceira meta—ensinar o evangelho às crianças, de modo que possam compreendê-lo e vivê-lo.

Por revelação, o Senhor disse na seção 68 de Doutrina e Convênios que os pais têm a responsabilidade de ensinar e criar os filhos em retidão. Os pais foram instruídos a "(ensinar) as suas crianças a orar e a andar em retidão perante o Senhor" (vers. 28).

O que significa andar em retidão perante o Senhor? A palavra *retidão* é definida como decência, dignidade, honestidade. Para andar em retidão, portanto, nossas crianças precisam decidir viver decente, digna e honestamente. Aquelas que aprendem e vivem o evangelho hoje, podem sentir a alegria e a certeza de que voltarão à presença do Senhor um dia, se continuarem a andar em retidão.

Nem sempre é fácil para nós, pais, ensinar os filhos. Às vezes, cometemos erros. Eles podem não dar ouvidos ao que estamos ensinando. Nós, pais, devemos continuar esforçando-nos ao máximo, sempre demonstrando amor e nunca nos sentindo culpados caso decidam seguir outro caminho.

Ao nos empenharmos em ajudar os filhos a desejarem andar em retidão perante o Senhor, há três perguntas que podemos fazer:

Primeira: O que devemos ensinar aos filhos? É fundamental que ensinemos o evangelho de Jesus Cristo. "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim (João 14:6). Creio que a melhor maneira de ensinarmos os filhos a andar em retidão é através das escrituras.

Precisamos ajudá-los a desenvolver uma percepção de seu relacionamento com o Pai Celestial. Eles precisam saber que todos somos literalmente filhos de Deus, nascidos com uma herança divina e potencial ilimitado. Quando meu sobrinho tinha quatro anos, o pai ficava encantado ao pedir-lhe que repetisse o seu nome. Rich perguntava: "Mark, qual é o seu nome?" Ele ficava de pé e respondia com um enorme sorriso de felicidade: "Meu nome é Mark Andrew Broadbent, Filho de Deus." Quando nossos filhos compreenderem que o Pai Celestial realmente vive, que nos ama e se preocupa com cada um de nós, terão o desejo de andar em retidão.

Precisamos ensiná-los a orar, para que se comuniquem com o Pai Celestial. Certa mãe que conheço ensinou os filhos a orar desde o instante em que começaram a balbuciar as primeiras palavras. Ela não só ensinou cada um deles a demonstrar sincera gratidão ao Pai Celestial pelas bênçãos recebidas, mas também a pedir ajuda para fazerem escolhas certas.

Os filhos precisam compreender o princípio do livre-arbítrio e a importância das escolhas que fazem. Lembro-me de uma ocasião,

no colegial, em que desejava desistir das aulas de datilografia porque achava que eram difíceis demais para mim. Detestava aquelas aulas. Implorei a meus pais que assinassem o formulário dando permissão para que aquela matéria fosse tirada do currículo. Meu pai explicou-me diversas vezes todas as razões pelas quais achava que eu devia continuar. Ele disse: "É importante não desistir de algo que você já começou, principalmente se for algo difícil. Precisa trabalhar e dar o melhor de si". Por fim, sem esperanças, disse: "Já lhe dei minha opinião, Ruth, agora a decisão é sua. Se quiser, assinarei o papel". Depois de uma noite sem dormir, lutando contra mim mesma, decidi continuar as aulas. Embora eu tenha travado uma batalha com a datilografia até o final do ano, foi bom não ter desistido e, principalmente, foi bom ter ouvido o conselho de meu pai. Ele ajudou-me a saber tomar decisões. Expôs claramente sua opinião, mas não me forçou a nada.

Pergunta número dois: Onde devemos ensinar nossos filhos? O melhor lugar para ensinarmos o evangelho é no lar. Certa mãe de onze crianças disse-me: "O evangelho tem que estar no ar que respiramos em casa. Precisamos fazer com que os filhos quase o sintam. Podemos proporcionar-lhes uma atmosfera segura e agradável, a fim de que fiquem à vontade para aprender e obter o próprio testemunho."

Devemos ensinar os filhos onde quer que estejamos com eles e acho que isso deve ser algo divertido! Durante o dia, surgem diversas oportunidades de ensiná-los, seja na rua, no carro, trabalhando, orando, conversando durante as refeições e até trocando fraldas. Depois que nossa primeira filha, Natalie, nasceu, não levou muito tempo para eu perceber que trocar fraldas não era a coisa que mais gostava de fazer. Então, para sobreviver a essa prova repetitiva, comecei a cantar os hinos da Primária para ela, fazendo com que aqueles momentos fossem agradáveis para nós duas. Logo a rotina de trocar fraldas tornou-se uma segunda natureza e deixou de me incomodar. Contudo, continuei cantando para Natalie e para todos os nossos filhos sempre que realizava essa tarefa, pois percebi que, daquela forma, estaria aproveitando a oportunidade de ensiná-los várias vezes por dia.

Pergunta número três: Como devemos ensinar os filhos? Pelo exemplo. Eles aprenderão muito mais vendo-nos andar em retidão do que de qualquer outra maneira. Os pais de Blair mostraram-lhe, pelo exemplo, a importância da oração. Ele lembra que, quando era pequeno, ao caminhar pelo corredor que levava ao quarto dos pais, via os dois ajoelhados ao lado da cama, de mãos dadas, orando ao Pai Celestial.

Podemos ensinar as crianças a andar em retidão passo a passo, sem cessar. Certa mãe que conheço faz com que os filhos repitam esta frase simples, mas vigorosa, cada vez que saem de casa: "O evangelho é verdadeiro, eu amo você e sou um filho de Deus, aconteça o que acontecer!" As palavras "Volte com honra", escritas na tabuleta colocada acima da porta de entrada de uma casa são um constante lembrete de como todos os que passam por ali devem voltar.

Nossos filhos reagem melhor quando ensinados com respeito e amor. No capítulo oito de Morôni, o profeta Mórmon está profundamente preocupado com uma dissensão ocorrida entre os membros da Igreja. Escreveu ao filho, Morôni, aconselhando-o sobre o assunto. Porém, antes de falar no problema, Mórmon demonstra o afeto que sente pelo filho: "Meu amado filho Morôni: Alegra-me, extraordinariamente que teu Senhor Jesus Cristo . . . te haja chamado para Seu ministério e Sua obra sagrada.

Lembro-me sempre de ti em minhas orações, rogando constantemente a Deus, o Pai, em nome de Seu santo Filho Jesus, a fim de que ele, por Sua . . . graça, te conserve constante na fé em Seu nome até o fim" (vers. 2–3). Mórmon primeiramente reiterou seu amor por Morôni e depois o ensinou. Quando nossos filhos sabem, antes de mais nada, que são amados, é mais fácil escutarem e aprenderem.

Os filhos estarão mais preparados para enfrentar os desafios que surgirem se souberem e compreenderem que, guardando os mandamentos, sentirão paz e alegria e estarão andando em retidão. No carro, com a mãe e a irmã mais nova, Clara, de cinco anos, percebeu que a mãe estava muito preocupada com algo. " Mãezinha, o que há? Você parece tão triste".

Sem querer entrar em detalhes sobre o que a contrariava, mas sentindo que devia demonstrar a Clara que estava preocupada, a mãe perguntou: "Clara, o que faria se estivesse triste e frustrada?" "Bom . . . ", respondeu Clara, e fez uma longa pausa. "Você precisa de tempo para pensar. Depois precisa orar muito e ler as escrituras, principalmente o Livro de Mórmon. Precisa ajudar outras pessoas. Pense um pouco nas coisas boas que as pessoas fazem por você. Pense nas coisas boas de sua vida e não nas ruins." A jovem Clara está começando a compreender o que é andar em retidão perante o Senhor.

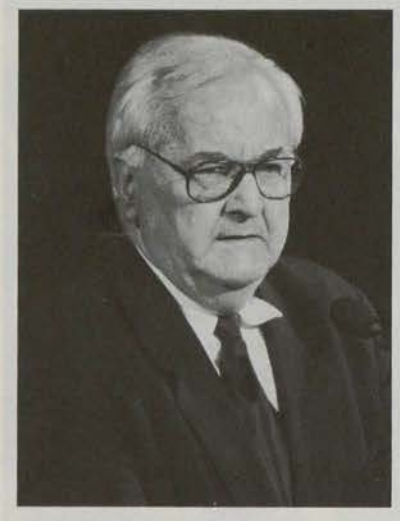
A pais terrenos Deus envia as crianças
Para serem ensinadas, protegidas e amadas.
Sim, em nós Ele confia
E espera que um dia
De volta ao eterno lar sejam levadas.
(*Children's Songbook*, pp. 180–81.)

Que nós, pais, sejamos abençoados ao ensinarmos os filhos a andarem em retidão perante o Senhor. É minha oração em nome do Salvador Jesus Cristo. Amém. □

Que Faremos?

Élder Hans B. Ringger
Dos Setenta

O evangelho dá-nos a resposta, juntamente com a promessa de orientação divina. É um caminho que podemos seguir somente dando um passo de cada vez, com paciência, esperança e fé.



Há alguns anos o mundo se encontrava em um momento decisivo, de grandes mudanças políticas. Acreditava-se que as nações alcançariam a tão esperada paz. Muitos, no entanto, ignoraram que vivíamos em sociedades e culturas onde os padrões e valores estão mudando e onde as reformas seculares freqüentemente definem a natureza de homens e mulheres. Com freqüência, uma injustiça é substituída por outra. Vivemos em tempos de costumes morais ambíguos e de pouca orientação. Deparamo-nos com a mesma pergunta que os discípulos fizeram a si próprios após a ressurreição de Cristo: "Que faremos?" (Atos 2:37.)

Esta é a nossa pergunta em tempos incertos ou quando enfrentamos novos desafios. Podemos responder a ela com ações impulsivas, na esperança de encontrar respostas simplesmente através de resultados. Felizmente, o Senhor conhece-nos melhor do que conhecemos a nós mesmos. O evangelho ensina-nos primeiro a ponderar e a desenvolver fé. Somente após nos havermos decidido pelo bem, com base no evangelho, podemos praticar ações justas. A fé ativa conduz às boas obras. Receberemos a força que vem do alto para lutar pelo que é bom. Grandes obras e ações, porém, não se apóiam em si próprias. A continuidade de grandes feitos exige nossa obediente dedicação e a dedicação das gerações futuras.

O evangelho de Jesus Cristo é o único plano no qual não há erros calculados. Após o Sermão da Montanha, o Senhor advertiu Seus discípulos a respeito de adversidades futuras e da necessidade de obras justas. Explicou-lhes que não deveriam apoiar-se em suas próprias forças enquanto servissem, mas, sim, em Seu nome e em Seu chamado. Somos também discípulos; e vivemos em um mundo de muitas necessidades, sejam elas espirituais, materiais ou emocionais. Por meio do serviço no evangelho, nossas necessidades eternas poderão ser satisfeitas e poderemos servir no mundo. Nossas necessidades não podem ser satisfeitas com a busca do que não é duradouro, apenas na descoberta do que é eterno. Quando procuramos respostas em um plano eterno, garantimos nosso relacionamento com Deus e compreendemos melhor o próximo. Assim, seremos capazes de servir; e este é o propósito da vida.

Agir segundo a vontade de Deus freqüentemente resulta em satisfação pessoal; em um calmo brilho ensolarado e uma alegria de viver; em sentimentos que são cantados nos Salmos. Não vivemos, no entanto, sem adversidade nem sem momentos de desespero profundo. As coisas que nos cercam incitam-nos ao que não é durável, à injustiça e à desobediência. Se desejamos triunfar, devemos agir segundo os princípios do evangelho. Não podemos pedir mais do que encontrar o verdadeiro propósito da vida. "Quem achar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a sua vida por amor a Mim achá-la-á". (Mateus 10:39.) Foi-nos prometido que receberíamos com abundância e ganharíamos a vida eterna ao desistirmos daquilo que o Senhor pede que abandonemos.

Aceitamos ou rejeitamos o evangelho de Cristo. A vida humana foi criada com base na liberdade de escolha. Deus quer que as pessoas sejam livres e que O sirvam livremente. Portanto, é um desafio na vida de cada um escolher o caminho reto e apertado que evita uma vida sem direção eterna. Provavelmente existem momentos na vida em que nos perguntamos se há outros caminhos ou atalhos. O evangelho dá-nos a resposta, juntamente com a promessa de orientação divina. É um caminho que podemos seguir somente dando um passo de cada vez, com paciência, esperança e fé. As decisões que tomamos hoje influenciarão nosso caminho, nossa resistência e capacidade futuros.

Thomas Carlyle certa vez disse: "Conhecei vosso destino e segui-o". Estamos aqui hoje porque acreditamos que nosso destino na vida é o de ganhar a exaltação eterna. Este é o maior objetivo da vida e exige toda nossa força, dedicação e trabalho. É impossível alcançar nosso potencial mais elevado sem direção e orientação. O Senhor coloca "sinais" espirituais na estrada que devemos seguir. Alguns sinais são:

Primeiro: Sede verdadeiros. Defendei os profetas e as escrituras. Desejamos ser capazes de dizer,

assim como Néfi: "Falamos de Cristo, nos regozijamos em Cristo, pregamos a Cristo, profetizamos de Cristo e escrevemos de acordo com as nossas profecias, para que nossos filhos saibam em que fonte devem procurar o perdão de seus pecados". (2 Néfi 25:26.)

Segundo: Guardai o primeiro dos Dez Mandamentos: "Não terás outros deuses diante de mim". (Êxodo 20:3.) Pelas escolhas e tentações deste mundo, com freqüência perdemos a visão dos verdadeiros valores e voltamos nossos corações para as riquezas, a carreira profissional, os passatempos, as pessoas, as honras e, pior que tudo, a gratificação do *ego*.

Terceiro: Distingui a essência da aparência. Deus conhece nosso coração e não pode ser iludido. Talvez possamos enganar o mundo algumas vezes, mas não podemos enganar a Deus. Nunca sentiremos a alegria de ter relacionamentos afetuosos e seguros, a não ser que sejam baseados na honestidade. O salmista Davi diz a respeito do Senhor:

"Senhor tu (. . .) me conheces.

Tu conheces o meu assentar e o meu levantar; de longe entendes o meu pensamento.(. . .)

Sem que haja uma palavra na minha língua, (. . .) ó Senhor, tudo conheces". (Salmos 139:1–2, 4.)

Quarto: Elevai-vos acima do egoísmo. Isso inclui também o egoísmo espiritual que ocorre quando buscamos a edificação e o fortalecimento pessoal e não há outro interesse além da própria salvação. Ser abençoado não é um fim em si mesmo; devemos ser uma bênção para os outros. Todas as pessoas têm talento para, de uma forma ou de outra, tocar e inspirar a vida de terceiros. Não olhemos para nosso interior e digamos orgulhosamente "Tudo vai bem em Sião; sim, Sião prospera" (2 Néfi 28:21), mas sejamos uma luz para um mundo caótico.

Podemos e somos capazes de seguir estas admoestações? Com que freqüência tomamos resoluções e não as cumprimos? Comprometer-nos a servir ao Senhor e enfrentar Seus desafios é a única resposta a essas perguntas. Como Morôni escreveu, "a graça do Senhor é suficiente para todos os que se humilharem perante Ele. Se formos humildes e tivermos fé Nele, então Ele fará com que nossas fraquezas se tornem fortes". (Éter 12:27.) Ele dá Sua força para que enfrentemos os desafios; e muitas coisas encarregar-se-ão de si mesmas. O Espírito de Deus fortalece-nos física, espiritual e emocionalmente. Agora, é preciso apenas que façamos a escolha! Acredita-se que Caterina Di Genova, que morreu como mártir na Idade Média e inspirou gerações futuras, tenha dito: "Uma vez que Deus possua a vontade de uma pessoa, Ele habitará nessa pessoa e leva-la-á à perfeição". É difícil triunfar neste mundo sem Deus. Com Deus, entretanto, tudo é possível.

Devemos esperar ou pedir recompensas por nossos esforços? Os discípulos perguntaram a Jesus que recompensa teriam. Em vez de reprová-los, respondeu: "E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor ao meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna". (Mateus 19:29.)

Os males do mundo de hoje e a paz social fugaz são o resultado de erros passados e desprezo pelos princípios divinos. A força espiritual de cada nova geração tem raízes no amor que os pais e avós sentem por Deus e em sua obediência ao evangelho. Como pessoas ou como igreja, devemos perguntar-nos como estamos contribuindo para o bem-estar do próximo. Quando a Suíça estava passando pelo processo de consolidação política, no início de sua nova federação em 1862, o novelista e poeta suíço Gottfried Keller fez perguntas semelhantes às que fazemos hoje.

"Vivemos, minha casa e eu, de modo a estar em posição de beneficiar todos e contribuir para o embelezamento humilde, não aos olhos de um mundo ignorante, mas aos olhos daquele que é o juiz maior? Então, quando nos perguntamos: de que maneira nos achamos hoje como nação perante nações e como cuidamos dos bens que nos foram confiados? Nesse dia não nos devemos apresentar em glória pessoal vã perante o Senhor de todas as nações, pois Ele vê através de todas as deficiências, sabe distinguir sorte de esforços honestos e conteúdo de aparência."

Examinemos nossos corações e perguntemos: "Que iremos fazer?" e sigamos a admoestação de Josué: "Escolhei hoje a quem sirvais: (. . .) Porém eu e a minha casa serviremos ao Senhor". (Josué 24:15.)

Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

"Toma Especial Cuidado de Tua Família"

Élder Neal A. Maxwell
Do Quórum dos Doze Apóstolos

Pais e avós, examinai vossos planos e prioridades, a fim de vos assegurardes de que os relacionamentos primordiais da vida recebam atenção primordial!

Nos últimos dias, com "toda a Terra . . . em agitação" (D&C 88:91) o evangelho restaurado de Jesus Cristo provê coisas essenciais, inclusive a preciosa perspectiva de se ver "as coisas como realmente são". (Jacó 4:13.)

O eminente historiador Will Durant escreveu o seguinte sobre as necessidades humanas: "Para captarmos o valor e a perspectiva de coisas transitórias (. . .) precisamos entender que as coisas pequenas são pequenas e as coisas grandes são grandes, antes que seja tarde demais; queremos ver as coisas agora como elas serão eternamente—à luz da eternidade".[1]

O poder esclarecedor do evangelho fornece-nos uma perspectiva muito maior da função da família.

Antes de citar alguns desafios enfrentados pela vida familiar, pensai, irmãos, como, na prática, viver sem Deus no mundo nos leva à falta de uma perspectiva coerente. Se não houvesse verdades eternas, que princípios os mortais usariam como orientação? Se não devemos prestar contas a Deus, a quem, no final, deveremos prestá-las? Ademais, se nada é realmente errado, ninguém é realmente responsável. Se não houver limites fixos, não poderá haver excessos? Por que deveríamos surpreender-nos, então, com tantos resultados inquietantes, inclusive a falta de sentido comunitário, quando todo homem faz aquilo que é "direito aos seus olhos" (Juízes 17:26;21:25) e não busca a justiça de Deus, mas, sim, "segue o seu próprio caminho"? (D&C 1:16.)

Refleti, por exemplo, sobre quão inoperantes os Dez Mandamentos são em tantas vidas. Hoje, *matar*, *roubar* e prestar *falso testemunho* são ações que ainda carregam alguns estigmas sociais e sanções legais, mas as sanções foram totalmente banidas no que se refere a imoralidade sexual, Dia do Senhor, honrar pai e mãe e tomar o nome do Senhor em vão. Parte deste declínio representa o resultado amargo do relativismo ético, a filosofia da escolha baseada na opinião da maioria, sem refletir verdades divinas estabelecidas, mas refletindo, simplesmente, a moral do momento. Não é de admirar que Ortega Y. Gassett nos tenha advertido com sabedoria: "Se a verdade não existe, o relativismo não pode se levar a sério".[2]

Observem diversas tendências terríveis que, *caso não sejam corrigidas*, produzirão um choque ainda pior com suas conseqüências.

• Em dez anos, metade das crianças nascidas nos Estados Unidos serão ilegítimas.[3]

• É crescente o número de crianças que não têm pais atuantes.

Setenta por cento dos delinqüentes juvenis vêm de lares sem pai.[4]

• Menos da metade das crianças nascidas hoje viverão toda a sua infância com o pai e a mãe.[5]

• Um quarto dos adolescentes contrai uma doença transmitida sexualmente antes de terminarem o segundo grau.[6]

• Os pais ou o único genitor de cinqüenta por cento das crianças dos Estados Unidos com menos de seis anos de idade trabalham fora.[7]

O pai Léhi uma vez descreveu a si mesmo como "um pai trêmulo" (2 Néfi 1:14). Hoje temos pais trêmulos e também avós! Algumas das famílias da atualidade já estão num deserto pior que a família do pai Léhi. Famílias saudáveis, tradicionais, tornam-se, cada vez mais, uma espécie ameaçada! Talvez um dia as famílias até recebam a mesma atenção que os animais ameaçados de extinção.

Com o declínio do papel dos pais, aumenta a necessidade de policiamento. Jamais haverá policiais em quantidade suficiente, se houver deficiência de pais ativos! Da mesma forma, não haverá prisões em número suficiente se não houver um número suficiente de lares saudáveis.

Como todos sabemos, fala-se muito a respeito de valores familiares, mas a retórica, por si só, não pode produzir reformas. Com um sentimento de nostalgia, muitos sonham com a vida familiar de antigamente. Consideram o declínio da família lamentável, mas irreversível. Outros, sinceramente preocupados com as devastadoras conseqüências sociais, ocupam-se em represar a correnteza, mesmo quando um

represamento excessivo pode destruir o pouco que resta das hortas familiares. Alguns consideram a família uma instituição que deve ser drasticamente redefinida ou até eliminada.

Não há famílias perfeitas, seja no mundo ou na Igreja, mas há muitas famílias boas. Também aplaudo espiritualmente esses pais heróicos—que ficaram sozinhos devido a viuvez ou divórcio —que estão justa e zelosamente ocupados em criar e sustentar sua família, geralmente lutando contra a maré.

Ora, em alguns lares as coisas vão desgraçadamente mal, mas esses fracassos não são razão para denegrirmos ainda mais a instituição da família. Devemos fazer correções no curso, consertar os vazamentos—e não abandonar o navio!

Muito do desespero e da violência atual decorre de atitudes doentias em relação a qualquer autoridade, inclusive nas famílias. Há trinta e cinco anos, um comentarista de visão da BBC disse, preocupado, que "estamos produzindo adultos que têm uma atitude menos clara e coerente em relação à autoridade do que nós próprios, e que serão ainda menos capazes que seus pais de criar filhos com uma atitude sadia em relação à autoridade; assim, uma insidiosa avalanche pode estar-se formando, em ritmo acelerado, de geração em geração".[8]

O "ritmo acelerado" aumenta com a ocorrência, em apenas alguns anos (ver Morôni 9:12), de profundas mudanças sociais.

Infelizmente, é mais fácil louvar-se a família do que criar uma família bem sucedida. É mais fácil falar, como estou fazendo, dos valores da família, do que implementá-los. É mais fácil regozijar-nos com nossas ricas lembranças de uma boa família, do que proporcionar à nova geração suas próprias lembranças positivas.

As doutrinas severas, contudo, insistem em que façamos algumas perguntas severas: Como pode uma nação alimentar os valores da família sem valorizar e proteger a família na sua política governamental? Como

podemos valorizar a família sem valorizar o papel dos pais? E como podemos valorizar o papel dos pais se não valorizamos o casamento? Como pode haver "amor no lar" sem amor no casamento? Tantos atrativos egoístas afastam os pais e as mães uns dos outros e também de seus filhos!

Por outro lado, muitos são os pontos da restauração que estão baseados em princípios fundamentais relativos à família, incluindo o selamento de famílias eternas. Os santos dos últimos dias, portanto, não têm escolha a não ser tomar a defesa da instituição da família sempre que surgir a oportunidade, mesmo que sejamos mal interpretados, que se ofendam conosco ou que nos ignorem.

Afinal, as famílias mortais antecederam a fundação de nações e as famílias existirão depois que o Todo-Poderoso puser "fim completo a todas as nações". (D&C 87:6.) Para os santos dos últimos dias, embora isso deva ser feito à maneira do Senhor, todo ano deve ser o Ano da Família. Como santos dos últimos dias, porém, precisamos ter um desempenho melhor em nossas famílias—muito melhor! É preciso haver menos apertos de mão e mais abraços amorosos em nossas famílias.

De todo o trabalho de "aperfeiçoamento dos santos", nenhum se compara ao trabalho realizado no seio de famílias saudáveis. O Presidente David O. McKay ensinou: "O lar é a base de uma vida reta e nada pode substituí-lo nem cumprir suas funções essenciais".[9] Às vezes, até certas atividades extracurriculares da Igreja, se realizadas sem bom-senso, podem, não intencionalmente, prejudicar a vida em família.

Depois que Jesus ressuscitado ensinou os nefitas, Ele disse: "Ide para vossas casas, meditai sobre estas coisas por mim faladas" e orai e preparai-vos "para amanhã" (3 Néfi 17:3). Jesus não disse que fossem para seus clubes, reuniões comunitárias, nem mesmo para as capelas da estaca!

O cumprimento de todos os deveres familiares inclui ensinar os filhos a "compreender a doutrina do arrependimento, da fé em Cristo, o Filho do Deus vivo" (D&C 68:25). Que visão diferente do papel dos pais—diferente da visão do mundo. Marie Winn lamentou em *Children without Childhood* (Crianças sem Infância) a tendência emergente, mas injustificada, de tratar as crianças como se elas tivessem capacidade de enfrentar as experiências ilimitadas dos adultos.[10]

Irmãos, talvez não consigamos modificar essas tendências, mas podemos recusar-nos a participar delas.

Quando os pais não conseguem transmitir testemunho e teologia associados à decência, a família fica a apenas uma geração do declínio espiritual, tendo perdido o seu sabor. A lei da colheita em nenhum lugar é mais evidente e mais inexorável do que nos jardins da família!

Além da sociabilidade amorosa

que temos na família, sociabilidade essa que um dia será "unida com a glória eterna", salientamos repetidamente a disponibilidade de recursos como as orações familiares, as noites familiares e o estudo das escrituras em família (D&C 130:2). Ademais, a revelação pessoal a respeito de nossas funções como pais pode trazer-nos uma orientação e uma tranqüilidade sob medida.

A aplicação de remédios básicos levará algum tempo e não consertará tudo imediatamente. O que poderia ser mais básico, entretanto, que "amor no lar", quando nos Estados Unidos são registradas quatro milhões de queixas de violência doméstica por ano, rivalizando com o número de nascimentos no país![11] A violência nos Estados Unidos mata hoje "o equivalente a uma sala de aula cheia de crianças a cada dois dias".[12]

Diante de tais desafios, necessitamos de mais mães que conheçam a verdade, cujos filhos não duvidem do que elas sabem (ver Alma 56:48). Meus filhos e meus netos foram abençoados com mãe e avó desse tipo. Precisamos de um número maior de pais bondosos e atenciosos, que também carreguem a autoridade do exemplo. Outros pais deviam ser lembrados como a filha de um profeta, Helen Lee Goates, se lembra dos seus: "Um pai terno, escondido sob sua firmeza, e uma mãe firme, escondida sob sua ternura".[13]

Numa família saudável, antes de tudo podemos aprender a ouvir, perdoar, elogiar e louvar as realizações uns dos outros. Na família podemos também conter nosso ego, trabalhar, arrepender-nos e amar. Em famílias com uma perspectiva espiritual, o ontem não precisa manter o amanhã como refém. Se às vezes agimos tolamente, a família amorosa sabe que essa não será nossa última apresentação—a cortina ainda não se fechou.

Para alguns, esses recursos e coisas semelhantes podem parecer simples demais para curar uma sociedade afligida por tantas atribulações. Na antiga Israel, também se desdenharam os recursos simples da providência divina, e eles pereceram (ver 1 Néfi 17:41).

Obviamente, nossos valores familiares espelham nossas prioridades pessoais. Devido à gravidade das condições atuais, estariam os pais dispostos a renunciar a apenas uma coisa externa, oferecendo esse tempo e talento à família? Pais e avós, examinai vossos planos e prioridades, a fim de vos assegurardes de que os relacionamentos primordiais da vida recebam atenção primordial! Até mesmo Brigham Young, tão dedicado, certa vez ouviu do Senhor: "(Toma) especial cuidado de tua família". (D&C 126:3.) Às vezes, são os mais conscienciosos que mais necessitam desta mensagem!

A sociedade deve concentrar-se nas fontes—a família—onde os valores podem ser ensinados, vividos, experimentados e perpetuados. De outra forma, irmãos, testemunharemos mais dilúvios, com mais corrupção e violência. (Ver Gên. 6:11–12; Mat. 24:37.)

Se o conluio dos provocadores de chuvas prevalecer, contudo, as chuvas continuarão a descer e os dilúvios a cair. As represas e os sacos de areia não conseguirão deter os vagalhões. Um número cada vez maior de famílias, e até de nações, se construídas sobre a areia secular em vez de sobre o granito do evangelho, sofrerão.

À medida que crescer o número de famílias problemáticas, seus fracassos entulharão as escolas e as ruas. Mesmo agora, o panorama não é bonito.

As nações em que o idealismo tradicional ceder terreno ao cinismo moderno, irão perder as bênçãos do céu, de que tão urgentemente necessitam. Essas nações também perderão legitimidade aos olhos de seus cidadãos.

Em meio à Babel de receitas de "tantos tipos de vozes do mundo", a perspectiva de socorro e redenção requer que saibamos quem Jesus Cristo é, como Ele viveu e pelo que Ele morreu. (I Coríntios 14:10; ver também João 10:27.) Afinal, foi Jesus quem nos deu a perspectiva dominante com relação às famílias.

Portanto, ao nos aproximarmos do final deste dia de Páscoa, quão adequado é que meditemos sobre Jesus e a expiação—Jesus curvado e ensangüentado no Getsêmani, transformando a gramática da morte. Até Getsêmani e o Calvário, a morte era um rígido ponto de exclamação! Então também a morte se curvou—transformando-se numa simples vírgula!

Louvado seja Jesus, por carregar então os pecados e as dores de toda "a família de Adão". (2 Néfi 9:21;2:20.) Esforcemo-nos aqui e agora para cuidarmos de nossa família como Jesus cuidou da Sua, "sim, a família de toda a terra". (2 Néfi 2:20.) Para isso oro em nome de Jesus Cristo. Amém. □

REFERÊNCIAS

1. *The Story of Philosophy*, (New York: Simon and Shuster, 1927), p. 1.

2. *The Modern Theme* (New York: Harper & Row, 1961) conforme citado em Duncan Williams, *Trousered Apes* (New Rochelle, N.Y.: Arlington House, 1971), p.69.

3. Ver Presidente Bill Clinton, "State of the Union Address", Especial da CNN, 25 de janeiro de 1994, p. 3.

4. *Wall Street Journal*, 18 de novembro de 1993, p. A-18.

5. Barbara Dafoe Whitehead, *Atlantic Monthly* (Abril 1993), p. 47.

6. *Research Briefs from Utah Foundation*, 16 de julho de 1993, p. 1.

7. Ibid.

8. Citado em "The Listener", 12 de fevereiro de 1959.

9. *Family Home Evening Manual* (Salt Lake City: The Church of Jesus Christ of Latter-day Saints, 1965) prefácio.

10. Ver Marie Winn, *Children without Childhood* (New York: Penguin, 1983), p. 5.

11. Ver "Callers Weigh in on Domestic Abuse", CNN, 6 de nov. 1993; *The World Almanac* (Mahwah, N.J.: Funk & Wagnalls, 1994) p. 954

12. *Deseret News*, 20 de janeiro de 1994, p. A-1.

13. *That My Family Should Partake* (Salt Lake City: Deseret Book Co., 1974), p. 56.

O Que Ele Desejaria que Fizéssemos

Presidente Thomas S. Monson
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

Ao refletirmos sobre as mensagens da conferência, vemos (. . .) a missão do Senhor Jesus Cristo, a santidade do lar e a importância da obediência a ensinamentos divinos.

Sentimos saudades do Élder Marvin J. Ashton e de outra pessoa sempre presente em nossas conferências, D. Arthur Haycock, falecidos após a última conferência. Nosso coração e nossas orações voltam-se para a Irmã Ashton, para a Irmã Haycock e para todos os que amaram e perderam alguém durante esse período.

A cadeira do Presidente Benson, colocada entre a minha e a do Presidente Hinckley, está vazia nesta conferência, embora ele a esteja assistindo pela televisão. Nosso coração está repleto de amor pelo profeta de Deus e seus ensinamentos ecoam em nossos ouvidos. Se ele estivesse diante de nós neste momento, ao final desta conferência, acredito que diria: "Senhor, foi muito bom estarmos aqui".

Apoiamos, levantando a mão e também com o coração, os irmãos chamados a ocupar novas posições de responsabilidade.

Ao regressarmos aos nossos lares, que o façamos em paz e segurança. Sejamos obedientes aos mandamentos de Deus. Ao refletirmos nas mensagens da conferência, vemos, tecidas em lindo fio de ouro sobre uma delicada tapeçaria, a missão do Senhor Jesus Cristo, a santidade do lar e a importância da obediência a ensinamentos divinos.

Gosto do pensamento que diz: "Antes da Páscoa, deve haver uma cruz". E muitos têm que carregar cruzes pesadas. Com o nascimento do Infante de Belém, surgiu uma grande investidura—um poder maior do que as armas, uma riqueza mais duradoura que as moedas de César. Talvez Ele venha a nós como um desconhecido, sem nome, da mesma forma que, na beira do lago, se aproximou daqueles homens que não o conheciam. Ele nos diz as mesmas palavras: "Vinde após mim", e nos direciona para a tarefa que Ele tem de desempenhar para a nossa época. Ele dá a ordem, e aos que Lhe obedecerem, sejam sábios ou humildes, Ele se revelará no azáfama, nos conflitos, nos sofrimentos que irão enfrentar ao se associarem a Ele; e aprenderão por experiência própria quem Ele é.

Que possamos louvar Seu nome, seguir-Lhe o exemplo e incorporar Suas verdades a nossa vida, e então esta conferência terá sido bem sucedida. Que essa seja nossa experiência, oro em Seu digno nome— Jesus Cristo—Amém. □

REUNIÃO GERAL DAS MOÇAS
26 de março de 1994

Fé É a Resposta

Virginia H. Pearce
Primeira Conselheira na Presidência Geral das Moças

Quando nossa fé se desenvolve, somos mais capazes de resistir às dificuldades e tornamo-nos melhores por causa desses períodos difíceis.

"Por que eu?" Essa é uma pergunta que sempre nos fazemos em épocas difíceis. Problemas em família, solidão, dificuldades, problemas na escola— "Por que eu?" O que poderia ajudar? Qual é a resposta?

Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência, disse: "De todas as nossas necessidades, penso que a maior é a de um acréscimo de fé". (*A Liahona*, jan. 1988, p. 53.)

Seria fé a resposta? Todos nós sabemos que mais fé não faria os problemas desaparecerem. Entretanto, acredito que quando nossa fé se desenvolve, tornamo-nos mais capazes, não somente de sobreviver às dificuldades, mas tornamo-nos melhores por causa desses períodos difíceis. Acredito que fé é a resposta.

Esta noite, escutai com os ouvidos e o coração, pois todas as músicas, os discursos e trechos em vídeo foram planejados para ajudar-vos a sair desta conferência sabendo mais sobre a fé—o que ela é, como pode ajudar e como crescemos nela.

Fé é o primeiro valor das Moças: "Sou uma filha do Pai Celestial que me ama e terei fé em Seu plano eterno que está centralizado em Jesus Cristo, meu Salvador." (*Progresso Pessoal*, p. 7.)

Quando expressamos essa definição na linguagem do dia-a-dia, fé significa acreditar realmente que:

- O Pai Celestial e Jesus Cristo vivem e são responsáveis por este mundo.
- Eles me conhecem.
- Eles me amam.
- Eles têm um plano para o meu futuro.
- Eu obedecerei aos mandamentos, serei diligente, acreditarei em Seu plano. Cedo ou tarde, tudo dará certo.

Gostaria de contar-vos três pequenas histórias. Começaremos com uma bem conhecida.

Deus amava Moisés. Ele o chamou de "Meu filho". (Ver Moisés 1:6, 7, 40.) Zelou por ele quando era um bebezinho e foi colocado numa cesta, nos juncos. (Ver Êx. 2:3.) Parte do plano de Deus era que, como por milagre, Moisés fosse criado na corte do Faraó. Depois, Deus enviou-o a Jetro, que lhe ensinou os caminhos da retidão. Moisés guardou os mandamentos. À medida que Deus requeria mais e mais tarefas difíceis dele, Moisés obedecia. Embora sentisse medo e não se julgasse capaz, Moisés procurou o Faraó, solicitando-lhe insistentemente que ele libertasse os filhos de Israel do cativeiro— "Deixa ir o meu povo". (Êx. 7:16.)

O Senhor mostrou milagres ao Faraó, mas ele continuou recusando-se a atender ao pedido de Moisés, até que seu filho primogênito morreu. Depois, com medo, o Faraó "chamou a Moisés e a Aarão de noite, e disse: Levantai-vos, saí do meio do meu povo, tanto vós como os filhos de Israel; e ide, servi ao Senhor (. . .)

Levai também convosco vossas ovelhas e vossas vacas, (. . .) e ide." (Êx. 12:31–32.)

Assim, seiscentos mil homens e cerca de um milhão e meio de mulheres e crianças israelitas partiram do Egito a pé. "E o Senhor ia adiante deles (. . .) para os guiar pelo caminho." (Êx. 13:21.)

Quando alcançaram o Mar Vermelho, porém, o Faraó mudou de idéia. Queria de volta seus seiscentos mil escravos e, assim, perseguiu-os com centenas de carros. Com o agitado e intransponível Mar Vermelho à frente e o imenso exército do Faraó na retaguarda, os israelitas ficaram petrificados de medo. No terror do momento, esqueceram-se de quem era realmente responsável pelo futuro deles. Esqueceram-se dos milagres que já tinham visto. Esqueceram-se de que Deus os conhecia. E clamaram a Moisés: "Melhor nos fora servir aos egípcios, do que morrermos no deserto.

Moisés, porém, disse ao povo: Não temais; estai quietos (. . .)

O Senhor pelejará por vós e vos calareis." (Êx. 14:12–14.)

Eles, então, lembraram-se de sua fé, e o restante da história vós conheceis: "O Senhor fez (. . .) o mar [tornar-se] em seco (. . .)

E os filhos de Israel entraram pelo meio do mar em seco: e as águas foram-lhes como muro a sua direita e a sua esquerda." (Êx. 14:21–22.)

Os egípcios perseguiram-nos e "as

águas, tornando, cobriram os carros e os cavaleiros de todo o exército de Faraó (. . .) nem ainda um deles ficou (. . .)

Assim o Senhor salvou Israel (. . .)

E creram no Senhor e em Moisés, Seu servo." (Êx. 14:28, 30–31.)

• O Pai Celestial e Jesus Cristo vivem e são responsáveis por este mundo.

• O Pai Celestial conhecia os israelitas.

• Ele amava-os.

• Tinha um plano para o futuro deles.

• Moisés e seu povo obedeceram aos mandamentos, foram diligentes e acreditaram no plano do Pai Celestial. Cedo ou tarde, tudo deu certo.

Minha trisavó chamava-se Mary Goble Pay. Ela vivia em Brighton, Inglaterra e tinha doze anos quando os missionários ensinaram o evangelho a sua família. Isso foi em 1855 e tudo o que a mãe de Mary queria era unir-se aos santos em Utah. Assim, na primavera seguinte, a mãe, o pai, os quatro irmãos e irmãs menores de Mary embarcaram no navio *Horizonte*, rumo à América.

Na metade do mês de julho, terminados os preparativos para a viagem, iniciaram a jornada.

As tempestades de inverno chegaram cedo naquele ano e os Gobles passaram cinco meses terríveis no percurso entre St. Louis e a Cidade do Lago Salgado. Mary escreveu: "Tínhamos que ficar perto [das companhias de carrinhos-de-mão] para ajudá-los, se fosse possível. Nossos mantimentos estavam acabando e o gado tornava-se escasso." [*A Believing People* (Um Povo que Acreditava), ed. Richard H. Cracroft e Neal E. Lambert, Provo: Brigham Young University Press, 1974, p. 144.] Muitas pessoas morreram — entre elas, uma irmã de Mary, de dois anos, um irmão de cinco anos e Edith, sua irmãzinha, ainda bebê, que nascera durante a viagem e foi enterrada em Wyoming.

Quando tudo parecia perdido, os santos foram miraculosamente salvos pelos homens e pelas juntas de

bois enviados por Brigham Young. Mesmo assim, quando as companhias de carrinhos-de-mão cruzaram a última montanha para chegar ao vale, a mãe de Mary morreu.

Mary descreveu a cena: Chegamos à Cidade do Lago Salgado às nove horas da noite do dia 11 de dezembro de 1856. Dos quatro ainda vivos, três estavam congelados. Minha mãe estava morta na carroça. [Fomos] levados a uma casa (. . .) e as irmãs trouxeram-nos bastante comida.

Bem cedo, na manhã do dia seguinte, o irmão Brigham Young e um médico vieram ver-nos. Quando o irmão Brigham Young entrou, cumprimentou-nos a todos com um aperto de mão. Vendo nosso estado—pés congelados e nossa mãe morta—chorou.

Mary cresceu e casou-se com um bom homem. Tiveram treze filhos aos quais ensinaram o amor pelo evangelho. Dizia que falar sobre aquela viagem cruzando as planícies deixava-a triste, mas sempre se lembrava das palavras da mãe: "Quero ir para Sião enquanto meus filhos são pequenos, para que eles sejam criados no evangelho de Jesus Cristo, pois sei que esta é a Igreja verdadeira." Mary concluiu: "Acho que o desejo de minha mãe foi satisfeito". (Ibid. pp. 149–50.)

• O Pai Celestial e Jesus Cristo vivem e são responsáveis por este mundo.

• Eles conheciam Mary Goble Pay.

• Eles a amavam.

• Tinham um plano para o seu futuro.

• Ela obedeceu aos mandamentos, foi diligente, acreditou no plano do Pai Celestial e, finalmente, tudo deu certo.

Quando eu tinha quinze anos, minha mãe sugeriu que eu recebesse a bênção patriarcal. Embora não me tivesse ocorrido essa idéia, gostei da sugestão e fiz os preparativos. Não me lembro da entrevista com o bispo, ou de ter marcado hora com o patriarca, mas lembro-me bem de uma crescente relutância da minha parte à medida que se aproximava o dia de receber a bênção.

Toda a ansiedade era a respeito do meu futuro. Eu ouvira muitas histórias sobre bênçãos notáveis, com promessas incomuns. Alguns dias, sentia-me ótima—como se houvessem coisas especiais reservadas para mim, mas, normalmente, eu me sentia um zero à esquerda. E se eu não tivesse nada no meu futuro? Seria melhor não saber. Talvez o patriarca não tivesse nada a dizer e a bênção não teria mais do que uma ou duas linhas. Ficava pensando se serviria como missionária—se me casaria, se teria filhos e quantos.

Como vedes, eu não sabia bem a diferença entre uma bênção patriarcal e um cartãozinho sorteado por um papagaio de realejo, mas uma coisa eu sabia: eu não acreditava em cartõezinhos de realejo, mas acreditava em bênçãos patriarcais. Estava preparada para acreditar em qualquer coisa que o patriarca dissesse ou não dissesse.

O dia tão esperado chegou. Meus pais foram comigo ao pequeno e confortável escritório do patriarca. Ao impor as mãos sobre a minha cabeça, toda a incerteza foi substituída pela tranqüilidade. Lembro-me da surpresa e do assombro que me causou aquele dia, e também de todas as outras vezes em que, lendo a bênção, via a espantosa declaração: Ele me *conhece*. O Pai Celestial conhece-*me*! Ele tem um plano para o meu futuro. Não preciso saber de

todos os detalhes, mas se eu fizer a minha parte, tudo sairá maravilhosamente bem.

• O Pai Celestial e Jesus Cristo são responsáveis por este mundo.

• Eles me conhecem.

• Eles me amam.

• Obedecerei aos mandamentos, serei diligente, acreditarei nesse plano. Cedo ou tarde, tudo dará certo.

Contei essas três histórias esta noite por uma razão muito importante: todas elas vos dizem respeito—os israelitas dos tempos antigos são o *vosso* povo. Os milagres que Deus realizou entre eles fazem parte da *vossa* herança espiritual. Os pioneiros são o *vosso* povo. Não faz diferença se seus nomes aparecem ou não em vosso gráfico de linhagem. Os milagres que Deus realizou entre eles fazem parte da *vossa* herança espiritual. Se Deus fez milagres para Moisés no Mar Vermelho, para Mary Goble Pay nas planícies da América, para mim sob as mãos de um patriarca, Ele irá fazê-los para vós!

Lembrai-vos, lembrai-vos de como Deus trabalhou na vida dessas pessoas. Lembrai-vos do que Ele fez em vossa vida. Registrai em vosso diário todas as vezes em que haveis sentido Seu amor. Escrevei sobre as situações em que Ele intercedeu de maneira sutil ou óbvia para que as coisas transcorressem bem para vós. Quando vos sentirdes abandonados ou desesperados, tais memórias renovarão vossa fé e manter-vos-ão fiéis até o momento de entenderdes melhor os acontecimentos.

Prestai atenção ao que sentis enquanto defino a fé pela última vez:

• O Pai Celestial e Jesus Cristo vivem e são responsáveis por este mundo.

• Eles vos conhecem.

• Eles vos amam.

• Eles têm um plano para o vosso futuro. Cedo ou tarde, tudo ficará maravilhosamente bem.

O que sentistes? Até falar sobre fé traz equilíbrio e paz. Fé é a resposta. Preciso de mais fé. Vós precisais de mais fé. Pai Celestial, aumenta a nossa fé, eu oro em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Crescer na Fé

Patricia P. Pinegar
Segunda Conselheira na Presidência Geral das Moças

Sempre haverá distrações (. . .) mas se decidirmos voltar-nos para o Senhor, acreditar Nele, segui-Lo, poderemos aumentar nossa fé.

Três das minhas netas são jovens. Elas acham surpreendente que eu consiga realmente lembrar-me do tempo em que tinha a idade delas—a vossa idade. Lembro-me, sim, de muitas coisas—algumas difíceis, outras muito boas. Lembro-me, em especial, de uma época em que fui muito feliz. Eu tinha dezessete anos. Meus amigos e eu fomos a um serão no qual o orador falou-nos do amor de Cristo. Disse-nos que podíamos confiar no Salvador, que Ele nos guiaria, estaria perto de nós; que nossa fé Nele poderia crescer e teríamos muito mais felicidade do que jamais experimentáramos antes.

Precisávamos, porém, participar. Precisávamos fazer alguma coisa. Tínhamos que decidir acreditar no Salvador e em Seu amor; precisávamos pedir-Lhe ajuda e, depois, treinar como pensar Nele durante todo o dia.

O orador sugeriu que, para conseguirmos pensar no Salvador, deveríamos prestar atenção ao sino da escola, que tocava muitas vezes no decorrer do dia. Toda vez que ele tocasse, devíamos orar em silêncio, mesmo de olhos abertos ou andando pelo corredor. Poderíamos agradecer ao Pai Celestial as bênçãos recebidas, especialmente o Salvador. Poderíamos expressar-Lhe amor e pedir-Lhe ajuda. O orador nos disse que por alguns segundos, muitas vezes durante o dia, devíamos treinar como manter o pensamento no Pai Celestial e em Jesus Cristo.

Mais uma coisa: o orador sugeriu que quase imediatamente após iniciarmos a oração, parássemos de orar sobre nós para orar por outra pessoa—um amigo, um professor, um estranho—e pedíssemos ao Pai Celestial que abençoasse essa pessoa.

Advertiu-nos também de que isso poderia ser difícil no começo mas, se decidíssemos tentar, Seu amor nos preencheria, nossa fé iria crescer, enchendo-nos de alegria.

Aquilo me pareceu maravilhoso e decidi tentar. Fiquei surpresa ao ver quantas vezes o sinal tocava diariamente. Ao ouvi-lo, eu parava. "Pai Celestial, obrigada. Por favor, abençoa a mim e a Dorene. Sei que ela está com problemas". Foi estranho no começo, mas logo me vi pensando no Pai Celestial e em Jesus Cristo não somente quando o sinal tocava, mas diversas vezes durante o dia. Lembro-me de certa manhã em que andava por um terreno lamacento e vi uma florzinha amarela. Provavelmente era uma erva daninha, mas para mim era linda, e senti como se o Senhor a tivesse criado só

para mim. Amava-O tanto! Minha fé crescera e eu estava feliz.

Decidir aumentar a fé no Salvador não é fácil. Exige trabalho, mas vale a pena devido à paz, à alegria e ao amor que sentimos interiormente.

Às vezes, ao nos esforçarmos para mudar—para fazer boas mudanças—nos deparamos com muitas distrações e enfrentamos muitos obstáculos. Uma de minhas histórias preferidas das escrituras trata de Pedro. Enquanto vos leio esta história, pensai em Pedro e no que o distraiu.

Jesus e Seus discípulos tinham acabado de alimentar cinco mil pessoas com cinco pães e dois peixes. Jesus ordenou "que os discípulos entrassem no barco, e fossem adiante (. . .)

E, despedida a multidão, subiu ao monte para orar à parte. E, chegando já a tarde, estava ali só.

E o barco estava já no meio do mar, açoitado pelas ondas; porque o vento era contrário;

Mas, à quarta vigília da noite, dirigiu-se Jesus para eles, caminhando por cima do mar.

E os discípulos, vendo-O caminhar sobre o mar, assustaram-se, dizendo: É um fantasma. E gritaram, com medo.

Jesus, porém, lhes falou logo, dizendo: Tende bom ânimo, sou Eu, não temais.

E respondeu-lhe Pedro, e disse: Senhor, se és Tu, manda-me ir ter contigo por cima das águas.

E Ele disse: Vem. E Pedro, descendo do barco, andou sobre as águas para ir ter com Jesus.

Mas, sentindo o vento forte, teve medo; e, começando a ir para o fundo, clamou, dizendo: Senhor, salva-me.

E logo Jesus, estendendo a mão, segurou-o, e disse-lhe: Homem de pouca fé, por que duvidaste?" (Mat. 14:22–31.)

Acho esta história maravilhosa.

Pedro decidiu acreditar em Cristo. Perguntou-Lhe se poderia ir até Ele e realmente andou sobre as águas. Quando, porém, começou a dar mais atenção ao que acontecia ao seu redor, ao "vento forte", começou a afundar.

Interlúdio musical durante a Reunião Geral das Moças, realizada no Tabernáculo de Lago Salgado uma semana antes da conferência geral.

Quais são os ventos fortes de nossa vida? Que coisas nos distraem a atenção e nos afastam o coração e a mente do Salvador? Talvez seja o desejo de agradar mais aos amigos ou outras pessoas do que a Deus. (Ver João 5:44.) Podem ser as vozes altas e confusas da televisão, do vídeo e da música que ouvimos. Às vezes, simplesmente não ligamos. Temos o coração duro. (Ver João 12:37.) Sempre haverá distrações, ventos fortes, mas se decidirmos voltar-nos para o Senhor, acreditar Nele, segui-Lo, poderemos aumentar nossa fé.

Quando Pedro começou a afundar, voltou-se para o Senhor e gritou: "Senhor, salva-me", e Jesus imediatamente "estendendo a mão, segurou-o". Ele fará o mesmo por vós, por todos nós.

O que podemos fazer para voltarmos a atenção para o Salvador e aumentar nossa fé Nele? Muitas coisas, mas escolhi apenas três:

- Decidir acreditar.
- Pedir ajuda, depois ouvir.
- Habituar-nos a voltar a atenção para o Salvador.

A escritura diz: "Ora, sem fé é impossível agradar [a Deus]"; e para agradá-lo devemos "[crer] que Ele existe". (Heb. 11:6.)

Decidir acreditar é um passo importante para se aumentar a fé em Cristo. A decisão tem que ser nossa. Ninguém pode tomar essa decisão por vós. Se eu ficar diante do espelho, olhar-me nos olhos e disser: "Vou acreditar em Cristo", isso me ajudará, porque toda vez que me olhar no espelho, lembrarei dessa escolha.

Outra coisa que podemos fazer é pedir ajuda e, depois, ouvir. O Pai

Celestial e o Salvador querem que tenhamos mais fé. A fé é um dom, mas é preciso que o busquemos. Buscamos a fé rogando por ela em orações. Poderíamos dizer: "Pai Celestial, por favor, ajuda-me a ter mais fé".

Ouvir é mais difícil que pedir. Precisamos ouvir nossa voz interior; ler as escrituras e ouvir sua palavra. Podemos dar ouvidos ao profeta e aos líderes e ouvir seu testemunho de fé. Aumentamos a fé "[ouvindo] (. . .) [a] palavra de Deus". (Rom. 10:17.)

Terceiro: podemos manter em mente que é preciso treinar—treinar como voltar a atenção para o Senhor, habituar-nos a pensar Nele. Aumentar a fé é mais do que decidir acreditar e pedir. Requer algo como uma ação física e mental. Exige prática, diligência, paciência e obediência. Devemos ser "cumpridores da palavra, e não somente ouvintes" (Tiago 1:22). Podemos praticar como viver em retidão, voltando-nos para Ele, pensando Nele, seguindo-O. Depois, devemos ajudá-Lo em Sua obra, auxiliando outras pessoas.

O sinal da escola ajudou-me a pensar em Cristo. Tendes sinais em vossa vida?

Uma moeda dentro do sapato de meu marido ajuda-o a lembrar-se de que é realmente filho do Pai Celestial. Uma moeda no sapato pode lembrar-vos de dizer: "Obrigada, Pai Celestial. Estou me lembrando de Ti. Eu Te amo e amo meu Salvador. Pensarei em Ti e Te seguirei". Não importa o que usemos para lembrar-nos do Salvador. O importante é tentar.

Percebo os ternos sentimentos de vosso coração. Sinto o mesmo. Acredito que queremos segui-Lo, confiar Nele, agradá-Lo, viver dignamente e aumentar nossa fé. Acredito que podemos fazer isso se decidirmos acreditar, pedir, ouvir e treinar insistentemente. Meu testemunho é de que o Salvador nos ama tanto que nos entende, e que Sua luz nos confortará e guiará se nos voltarmos para Ele. Eu vos amo. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Crescer Espiritualmente

Janette C. Hales
Presidente Geral das Moças

Minha esperança com relação a vós nesse período importante da adolescência (. . .) é de que deixeis de ser crianças dependentes para vos tornardes mulheres de fé, justas e capazes de solucionar problemas.

Há algumas semanas, fui a Nova York conhecer minha nova neta. Quando minha filha e o marido me abriram a porta com seu bebezinho de três dias no colo, havia um brilho radiante naquele apartamento. Ao colocarem Hannah, que recebeu o nome de minha mãe, em meus braços, parecia uma bonequinha de cabelos escuros cacheados. Poucos dias depois, Hannah estava esticando as longas pernas e os pés grandes e finos e comecei a pensar em todas as experiências que ela teria durante seu crescimento. Talvez ela venha a ter alguns temores que eu tive—como medo de ficar sozinha no escuro, aos seis ou sete anos. Com treze ou quatorze, ela talvez tenha certeza, como eu tive, de que jamais haveria rapazes tão altos como ela.

Para mim, essa preocupação foi ainda maior no ano seguinte, quando me convenci de que uma pessoa de pés grandes como os meus, certamente nunca se casaria.

Essas preocupações são muito normais e eu certamente me preocupo com aquilo que preocupa qualquer uma de vós. Minha maior preocupação, contudo, é que cada uma de vós cresça na compreensão espiritual.

Tenho enorme respeito pelas jovens da Igreja. Minha esperança com relação a vós nesse período importante da adolescência, dos doze aos dezoito anos, é que deixeis de ser crianças dependentes para vos tornardes mulheres de fé, justas e capazes de solucionar problemas. O trabalho que executais durante esses anos é imenso, e se o fizerdes bem, estareis estabelecendo os alicerces de uma vida de retidão e responsabilidade.

Na Organização das Moças, quando as líderes vos incentivam a seguir o programa de Progresso Pessoal, espero que compreendais que esse projeto vai muito além de se estabelecer metas e receber um reconhecimento, embora isso seja muito importante. O objetivo maior é que escolhais experiências que vos façam exercitar ou fortalecer a fé no Salvador Jesus Cristo.

O capítulo 32 de Alma parece ter sido escrito especialmente para as jovens. Alma nos ensina como exercitar a fé e aumentar a crença nas palavras do Pai Celestial. Lede esse capítulo em casa e circulai o termo *a palavra* toda vez que o encontrardes escrito. Em seguida, lede o primeiro versículo do evangelho de João, onde vemos: "No princípio era *o Verbo*, e *o Verbo* estava com Deus, e *o Verbo* era

Deus". (João 1:1, grifo nosso.) (N.T.: A autora faz uma comparação do termo "a palavra", no Livro de Mórmon, com "o Verbo", na Bíblia. Em inglês esses termos são exatamente iguais, o que não ocorre em português.) Mais adiante, no versículo 14, lemos: "E *o Verbo* se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a Sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade". (João 1:14, grifo nosso.)

No evangelho de João, *o Verbo* refere-se ao Salvador Jesus Cristo. O profeta Alma, ao ensinar-nos sobre fé, ajuda-nos a entender como se fortalece a fé em Cristo. Alma compara *a palavra*, ou seja, o evangelho, abrangendo a fé no Senhor Jesus Cristo, a uma semente. Ele diz:

"Comparemos, pois, a palavra a uma semente. Se derdes lugar em vossos corações para que uma semente seja plantada, eis que, se for uma semente verdadeira ou boa, e não a rechaçardes por vossa incredulidade, resistindo ao Espírito do Senhor, ela começará a germinar em vosso peito; e quando lhe sentirdes os efeitos começareis a dizer a vós mesmos: Deve realmente ser uma boa semente, ou uma boa *palavra*, porque começa a dilatar a minha alma e a iluminar o meu entendimento; sim, começa a ser-me deliciosa.

E eis que isso não faria aumentar a vossa fé? Digo-vos que sim; não obstante, não é o suficiente para um perfeito conhecimento." (Alma 32:28–29, grifo nosso.)

O Progresso Pessoal é semelhante a uma experiência com *a palavra*. Há experiências com a oração, com o estudo das escrituras, com o fortalecimento das relações familiares e com o serviço ao próximo. Exercitar a fé torna-a maior e mais forte. Ao observar o desempenho de grandes atletas, surpreendo-me ao ver que alguns, apesar de saberem que a aptidão física requer exercícios e treinamento, acham que o crescimento espiritual pode ser conseguido sem esforço.

Ouvi, agora, a promessa maravilhosa dada a quem exerce fé—a quem continuar a nutrir *a palavra*:

A Presidência Geral da Sociedade de Socorro, a partir da esquerda: Irmã Chieko N. Okazaki, primeira conselheira, Presidente Elaine L. Jack e Irmã Aileen H. Clyde, segunda conselheira.

"Mas, se cultivardes *a palavra*, sim, tratando da árvore à medida que começa a crescer, através de vossa fé, grande esforço e paciência, esperando pelo fruto, ela criará raiz; e eis que será uma árvore que brotará para a vida eterna." (Alma 32:41, grifo nosso.)

Crescer espiritualmente exige fé, grande esforço e paciência. Esperar por alguma coisa cuja conseqüência seja eterna, requer maturidade.

Na infância, a pequena Hannah reagirá positivamente a vozes carinhosas, fraldas secas e alimento quando sentir fome. Levará algum tempo até que ela perceba que sua mãe está lendo as escrituras para ela enquanto a alimenta. Levará muitos meses até que ela compreenda por que, antes do jantar, as pessoas abaixam a cabeça e oram à mesa. Sua fé, contudo, começará a criar raízes nesse ambiente de confiança. Uma criancinha pode aprender a reagir positivamente a bons sentimentos, mas vós estais aprendendo a ser responsáveis por vossa fé.

Ouvi as palavras de três jovens, relatando as experiências que lhes deram a oportunidade de exercer fé:

[Foi mostrado um vídeo no qual várias jovens falaram de experiências e desafios que tiveram na vida e quais os efeitos disso em sua fé.]

Cada uma dessas jovens teve uma experiência diferente, mas todas decidiram exercitar e aumentar a fé. Sarah desprezou um sentimento de que o que estava fazendo era errado, por causa da ânsia de aprender a dirigir. Depois de passar por maus momentos, a fé motivou-a, ou deu-lhe coragem para avaliar aquela experiência assustadora e fazer mudanças. Haveis notado que a princípio ela se sentiu indigna e com a auto-estima fraca por ter feito essa má escolha? Disse que se sentira um tanto sem valor. Esses sentimentos são normais depois de cometermos um erro, mas ela avaliou sabiamente o que aconteceu e por que tudo ocorreu daquela forma. Lembrou-se do amor do Pai Celestial por ela e do que Ele gostaria que ela tivesse feito. Ela aprendeu a ouvir os pais, agradeceu a admoestação e reconheceu como poderia usar esse discernimento em outra circunstância. Dessa forma, toda experiência pode tornar-se edificante. O Pai Celestial quer que superemos as experiências ruins e não fiquemos presos a um sentimento de indignidade.

A segunda jovem, Carly, passou por uma situação difícil na família devido à transferência de seu pai no emprego, o que acarretou uma mudança para outro Estado. Ela aprendeu o valor do relacionamento familiar e da união da família. Por meio de fé e orações conjuntas, teve a bênção de sentir o amor e apoio do Pai Celestial, que reuniu a família novamente. Sua fé foi fortalecida.

Na terceira história, Paulette teve uma experiência diferente ao aprender a aceitar um resultado

pelo qual não esperava. Ela conhecia o grande poder da fé, um poder capaz de mover montanhas, e quando a mãe de sua amiga morreu, ela exerceu fé, confiando no plano do Pai Celestial para nós. Crescer espiritualmente requer que enxerguemos além de nossos próprios interesses e ampliemos nosso modo de ver as coisas. Devemos não somente nos desfazer do egoísmo mas, às vezes, deixar de lado coisas que desejamos muito, para compreender o ponto de vista do Pai Celestial.

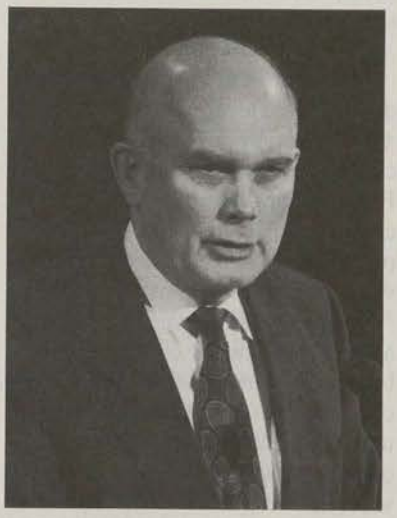
É extremamente importante que todos nós, hoje, desenvolvamos um núcleo de espiritualidade interior. Ao exercitardes fé e sentirdes essa espiritualidade crescer, começareis a sentir-vos mais seguras e confiantes. Pouco a pouco, chegaremos a um conhecimento mais completo do que significa confiar plenamente no Pai Celestial e servir de testemunha de Deus. (Ver Mosiah 18:9.) Ao nos tornarmos mulheres de fé, justas e capazes de solucionar problemas, aprenderemos a representá-Lo e a fazer Sua obra.

Há três anos, tive outra netinha que recebeu meu nome, Emily Janette. No dia de sua bênção, desejei muito o seu bem-estar; que ela recebesse as boas coisas da vida. Naquele instante, pensei no que representa tomarmos sobre nós o nome de Jesus Cristo por meio do convênio batismal. Pensei no quanto Ele deseja o nosso bem-estar. Senti o amor que Ele tem pelas jovens de Sua Igreja. Pensei também no Seu grande amor e apreço por vós, líderes, que ensinais a doutrina, que sois exemplos de boa conduta e criais um ambiente de confiança onde outros podem desenvolver fé e praticar a retidão. Tenho um testemunho do amor de Cristo por nós. Ele compreende nossos desafios e nos ajudará. Precisávamos de experiências que nos ajudassem a distinguir o bem do mal. Muitas de nós cometemos erros. Não podemos ser perfeitas sozinhas. O dom da expiação de Jesus Cristo permite que nos livremos das fraquezas e sejamos fortalecidas pela Sua perfeição. Presto testemunho de Sua expiação em nosso favor, em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Fé no Senhor Jesus Cristo

Élder Dallin H. Oaks
do Quórum dos Doze Apóstolos

Fé no Senhor Jesus Cristo é a convicção e a confiança de que Deus nos conhece e nos ama, e de que ouvirá nossas orações da forma que for melhor para nós e a elas responderá.



Amadas jovens, sinto-me inspirado pelas orações, pela música e pelos discursos desta reunião maravilhosa. Acho que cada jovem que está assistindo a esta conferência teve fortalecida sua determinação de tornar-se uma mulher de fé, justa e capaz de solucionar problemas, como foi o desafio lançado pela Presidente Janette C. Hales.

Essas mulheres extraordinárias que formam a Presidência Geral das Moças da Igreja do Senhor disseram-nos como isso pode ser conseguido—como buscar, obter e aumentar a fé no Senhor Jesus Cristo. Irmã Pearce deu-nos exemplos inspiradores de homens e mulheres que exerceram fé e confiaram no Pai Celestial e em Seu Filho, Jesus Cristo, acreditando que Eles são os responsáveis por este mundo, que nos conhecem, amam e têm um plano para nós. Irmã Pinegar disse-nos que podemos e devemos procurar crer em Jesus Cristo e em Seu amor e nos determinarmos a fazê-lo.

Esses ensinamentos são verdadeiros e podeis acreditar no que essas irmãs disseram. Sinto que é uma grande responsabilidade encerrar esta reunião com um tema tão fundamental.

O primeiro princípio do evangelho não é somente "fé", mas "fé no Senhor Jesus Cristo". (4ª Regra de Fé.) Quero falar-vos, jovens, sobre esta verdade de extrema importância.

A fé não existe por si mesma. Fé requer um objetivo. Exercemos fé em alguma coisa ou em alguém.

Nesse aspecto, fé é semelhante ao amor. O amor não existe se não for dirigido a um objeto.

Uma experiência pessoal servirá para ilustrar este ponto. Irmã Oaks e eu temos seis filhos e, desses, quatro são mulheres. Nossa filha mais nova é ainda adolescente. Como pais, temos aprendido muito sobre as adolescentes. Lembro-me de quando uma de nossas filhas nos participou que estava apaixonada por oito rapazes. Mostrou-nos uma lista de nomes. Pensei comigo que ela nunca saíra com alguns desses rapazes e um deles nem sequer conhecia. Em poucas semanas, ela cortou vários nomes da lista e acrescentou outros. Quando lhe perguntei como conseguia ficar apaixonada e perder o interesse por esses rapazes tão

rapidamente, ela admitiu com sabedoria: "Acho que não estou apaixonada por esses rapazes; estou só apaixonada pelo amor". Vossos pais e avós devem lembrar-se da letra desta música antiga: "Apaixonar-se pelo amor é apaixonar-se pelo faz-de-conta". (Lorenz Hart, "Falling in Love with Love", *The Boys from Syracuse*, Chappell & Co., 1938; tradução livre.)

O amor não tem significado, a menos que seja direcionado a alguém ou alguma coisa. Amamos nossos pais. Amamos nossos irmãos e irmãs e amamos a Deus.

Com a fé, dá-se o mesmo. Se achamos que temos fé, devemos perguntar: Fé em quem, ou em quê? Para alguns, a fé significa apenas fé em si mesmo. Isso é somente autoconfiança e egocentrismo. Outros têm fé na fé, que é algo como confiar no poder do pensamento positivo ou acreditar na tese de que podemos conseguir o que quisermos, manipulando nossos poderes inatos.

O primeiro princípio do evangelho é a fé no Senhor Jesus Cristo. Sem essa fé, o profeta Mórmon disse: "Não (seríamos) dignos de ser contados entre o povo de sua igreja" (Morôni 7:39).

As escrituras nos mostram que adquirimos fé quando ouvimos a palavra de Deus. (Ver Rom. 10:17.) Essa palavra, que recebemos por intermédio das escrituras, dos ensinamentos proféticos e da revelação pessoal, ensina-nos que somos filhos de Deus, o Pai Eterno. Ensina-nos sobre a identidade e missão de Jesus Cristo, o Filho Unigênito, nosso Salvador e Redentor. Com base nesses conhecimentos, a fé no Senhor Jesus Cristo é a convicção e a confiança de que Deus nos conhece e nos ama, e de que ouvirá nossas orações da forma que for melhor para nós; e a elas responderá.

Na verdade, Deus fará mais do que isso. Fará o que for melhor para todos os Seus filhos. Essa convicção é um ingrediente fundamental da fé no Senhor Jesus Cristo. Essa importante verdade foi descrita de forma muito bonita numa experiência registrada num livro recente do Élder John H. Groberg, *In the Eye of the Storm* ("No Olho da Tempestade"). Ele descreve uma lição que aprendeu quando era um jovem missionário e viajava num veleiro nas ilhas de Tonga.

"Devíamos sempre orar por proteção, sucesso, por mar calmo e bons ventos para nos levarem a nosso destino. Certa vez, pedi ao Senhor que nos abençoasse com um vento de popa, a fim de chegarmos rapidamente a Foa. Quando nos pusemos a caminho, um dos homens mais velhos disse: 'Élder Groberg, você precisa modificar um pouco suas orações.'

'Como assim?', repliquei.

'Você pediu ao Senhor um vento de popa para levar-nos rapidamente a Foa. Se orar por isso, o que acontecerá com quem está tentando vir de Foa para Pangai? São boas pessoas e está orando de uma forma que irá prejudicá-las. Ore só por um bom vento, não por um vento de popa!'

Isso me ensinou algo importante: às vezes oramos por coisas que nos beneficiarão, mas poderão prejudicar outras pessoas. Podemos orar por uma condição climática específica ou para preservar a vida de um indivíduo, e a resposta a essa oração pode prejudicar alguém. É por isso que devemos sempre orar com fé, porque não podemos ter a verdadeira fé dada por Deus em algo que não está de acordo com Sua vontade. Se estiver, todas as partes serão beneficiadas. Aprendi a orar por um vento bom e pela capacidade de chegar ao meu destino em segurança, e não necessariamente por um vento de popa." ([Cidade do Lago Salgado: Bookcraft, 1993], p. 175.)

A fé deve incluir confiança. Fico contente que todos os membros da presidência tenham falado sobre isso. Quando temos fé no Senhor Jesus Cristo, temos que confiar Nele. Precisamos confiar Nele a ponto de ficarmos contentes em aceitar Sua vontade, compreendendo que Ele sabe o que é melhor para nós.

O tipo de fé que inclui confiança no Senhor contrasta com muitas imitações. Algumas pessoas não acreditam em nada, exceto em si mesmas. Outras depositam a mais alta confiança num amigo ou num outro membro da família, talvez porque sintam que essa pessoa é mais reta ou mais sábia que elas, mas essa não é a maneira do Senhor. Ele nos pede que tenhamos fé e confiança no Senhor Jesus Cristo.

O Salvador deu-nos um modelo desse tipo de fé e confiança. Estais lembrados de como Ele orou ao Pai na agonia do Getsêmani? Esse foi o evento culminante de Sua vida, o clímax de Sua missão como Salvador. O evangelho de Lucas descreve como Ele Se ajoelhou e orou:

"Pai, se queres, passa de Mim este cálix, todavia não se faça a Minha vontade, mas a Tua." (Lucas 22:42.)

Vemos aqui a absoluta fé e confiança do Salvador no Pai. "Todavia, disse Ele, não se faça a Minha vontade, mas a Tua". A resposta do Pai foi rejeitar o apelo do Filho Unigênito. A expiação tinha de ser realizada por aquele Cordeiro sem mácula. Embora o pedido do Filho tenha sido recusado, Sua oração fora respondida. A escritura registra: "E apareceu-Lhe um anjo do céu, que O confortava". (Lucas 22:43.)

Fortalecido pelo céu para fazer a vontade do Pai, o Salvador cumpriu Sua missão. "E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o Seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue, que corriam até o chão." (Lucas 22:44.)

Quando tentamos desenvolver fé em Jesus Cristo, em vez de meramente cultivá-la como um princípio abstrato de poder, entendemos o significado das palavras do Salvador: "Se tiverdes fé em Mim, tereis poder para fazer tudo quanto Me parecer conveniente". (Morôni 7:33.)

Da mesma forma, o Salvador ensinou aos nefitas que sempre deveriam orar ao Pai em Seu nome; e acrescentou: "E tudo quanto pedirdes ao Pai, em Meu nome, se pedirdes o que é direito e com fé, eis que recebereis". (3 Néfi 18:20.)

Aqui o Salvador nos relembra que

a fé, não importando quão grande seja, não pode produzir um resultado contrário à vontade Daquele que retém esse poder. O exercício da fé no Senhor Jesus Cristo está sempre sujeito à ordem dos céus, à bondade, vontade, sabedoria do Senhor, que escolherá o momento oportuno para que alguma coisa seja realizada. É por isso que não podemos ter uma fé verdadeira no Senhor, sem também confiar plenamente na vontade Dele e na Sua sabedoria quanto à hora certa de responder a nossas orações. Quando temos esse tipo de fé e confiança no Senhor, desfrutamos verdadeira segurança na vida. O Presidente Kimball disse: "A segurança não provém da riqueza inexaurível, mas da fé inabalável". (*The Teachings of Spencer W. Kimball*, ed. Edward L. Kimball, Cidade do Lago Salgado: Bookcraft, 1982, pp. 72–73.)

Li sobre uma jovem que exerceu esse tipo de fé e confiança. Durante muitos meses, sua mãe estivera seriamente enferma. Finalmente, o fervoroso pai chamou os filhos à cabeceira da cama da mãe e disse-lhes que se despedissem dela, pois estava morrendo. A filha de doze anos protestou:

"Pai, não quero que minha mãe morra. Estive com ela no hospital (. . .) seis meses; muitas e muitas vezes (. . .) o senhor abençoou-a e ela sentiu alívio da dor e dormiu calmamente. Quero que imponha as mãos sobre minha mãe e cure-a."

O pai, que era o Élder Heber J. Grant, disse aos filhos sentir que a hora de sua mãe havia chegado. As crianças saíram do quarto e ele ajoelhou-se ao lado da cama da esposa. Mais tarde, recordando sua oração, comentou: "Disse ao Senhor que sabia do Seu poder sobre a vida [e] a morte (. . .) mas que me faltavam forças para aceitar a morte de minha esposa e o efeito que isso causaria nos meus filhos pequenos". Ele suplicou ao Senhor que desse à filha "o conhecimento de que era Sua vontade que a mãe morresse".

Em uma hora a mãe morreu. Quando Élder Grant chamou novamente os filhos ao quarto da mãe e contou-lhes que ela havia falecido, seu filhinho de seis anos começou a chorar desconsoladamente. A filha de doze anos pegou-o no colo e disse: "Não chore, Heber; quando saímos do quarto, a voz do Senhor me disse dos céus: 'A morte de sua mãe será a vontade do Senhor.' (Bryant S. Hinckley, *Heber J. Grant: Highlights in the Life of a Great Leader*, Cidade do Lago Salgado: Deseret Book Co., 1951, pp. 243–44.)

Quando temos o tipo de fé e confiança demonstrado por esta jovem, temos a força necessária para nos sustentar em todos os acontecimentos importantes da vida. Presidente Spencer W. Kimball disse que precisamos ter o que ele chama de "reservatórios de fé" para permanecermos firmes e termos forças para resistir às tentações e adversidades da vida. ([Spencer W. Kimball, *Faith Precedes the Miracle*, Cidade do Lago Salgado: Deseret Book Co., 1972], pp. 110–11.)

Amadas jovens, cada uma de vós deve construir um reservatório de fé, a fim de utilizá-lo quando alguém que vós amais e respeitais não for leal convosco, quando alguma descoberta científica trouxer dúvidas a respeito de um princípio do evangelho, quando alguém fizer pouco caso das coisas sagradas, como o nome de Deus ou as cerimônias sagradas do templo. Será necessário recorrerdes a vosso reservatório de fé quando vos sentirdes fracas ou quando alguém contar convosco para fortalecer-se. Precisareis também recorrer a vosso reservatório de fé quando algum chamado para servir na Igreja interferir em vossos interesses pessoais.

Se quiserdes cumprir vosso dever de "servir de testemunhas de Deus em qualquer tempo, em todas as coisas e em qualquer lugar" (Mosiah 18:9), necessitais da força proveniente da fé e confiança no Senhor Jesus Cristo. Em tempos de provação, precisais do conforto que as escrituras oferecem, o que vos dá a certeza de que com o escudo da fé "podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno". (D&C 27:17.)

A fé no Senhor Jesus Cristo prepara-vos para qualquer coisa na vida. Esse tipo de fé prepara-vos para lidar com as oportunidades da vida—aproveitar as que aparecem e superar as decepções causadas pelas oportunidades perdidas.

Acima de tudo, a fé no Senhor Jesus Cristo abre as portas da salvação e exaltação: "Nenhum homem pode ser salvo, a não ser que tenha fé em Seu nome." (Morôni 7:38.)

Testifico que essas coisas são verdadeiras. Invoco as bênçãos do Todo-Poderoso Deus sobre vós, jovens fiéis, ao procurardes desenvolver e exercitar a fé e a confiança no Senhor Jesus Cristo e ao procurardes servi-Lo e guardar Seus mandamentos. Em nome de Jesus Cristo. Amém. □

Eles falaram para nós

Relatório da 164º Conferência Geral Anual em 2 e 3 de abril de 1994

Presidente Gordon B. Hinckley, Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência: "Pelo poder do Espírito Santo, prestamos testemunho pessoal de que Aquele que foi morto no Calvário, o nosso Salvador, levantou-se dentre os mortos e por meio de Seu sacrifício concedeu o dom da vida eterna a todos os que obedecerem a Seus mandamentos."

Presidente Thomas S. Monson, Segundo Conselheiro na Primeira Presidência: "Enquanto uma professora dedicada encaminhava uma criancinha à grande porta do Templo de Lago Salgado e ela estendia a mão para tocá-lo, eu quase vislumbrava o Mestre recebendo as crianças e ouvia Suas palavras confortadoras: "Deixai vir os pequeninos a mim, e não os impeçais; porque dos tais é o reino de Deus."

Élder Boyd K. Packer, do Quórum dos Doze Apóstolos: "Aprendi com um menininho a identidade e o valor da alma humana (. . .) Senti-me invadido de amor por ele. Percebi que ele era um filho de Deus."

Élder L. Tom Perry do Quórum dos Doze Apóstolos: "Sois a geração escolhida—reservada para esta época especial na história da humanidade. Tendes muito a contribuir para o crescimento das famílias às quais pertenceis."

Élder Neal A. Maxwell, do Quórum dos Doze Apóstolos: "Numa família saudável, antes de tudo podemos aprender a ouvir, perdoar, elogiar e louvar as realizações uns dos outros."

Élder M. Russell Ballard, do Quórum dos Doze Apóstolos: "Lembremo-nos de que o conselho básico da Igreja é o conselho familiar. O pai e a mãe deveriam aplicar atentamente os princípios mencionados hoje em seu relacionamento como casal e no relacionamento com os filhos. Fazendo isso, nossos lares poderão tornar-se um céu na Terra."

Élder Joseph B. Wirthlin, do Quórum dos Doze Apóstolos: "Nossa esperança e nossa oração é que cresçais fortes e obedientes na fé e que, como o jovem Jesus, cresçais "em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens". (Lucas 2:52.)

Élder Kenneth Johnson, dos Setenta: "Como é emocionante ouvir as crianças cantarem "Sou um Filho de Deus". Somos, verdadeiramente, Seus filhos, e Ele "não está longe de cada um de nós". (Atos 17:7.)

Élder Albert Choules, Jr., dos Setenta: "Jesus mostrou várias formas de demonstrarmos o amor que devemos ter por Ele e pelo Pai Celestial, mas resumiu-as numa simples declaração: "Se me amardes, guardareis os meus mandamentos". (João 14:15.)

Élder Merlin R. Lybbert, dos Setenta: "Essas preciosas criancinhas são como anjos em nosso meio."

Sister Ruth B. Wright, Segunda Conselheira na Presidência Geral da Primária: "Os filhos estarão mais preparados para enfrentar os desafios que surgirem, se souberem e compreenderem que, guardando os mandamentos, sentirão paz e alegria." □

Élder Robert D. Hales

Do Quórum dos Doze

Quando o Élder Robert D.Hales se mudou do Escritório do Bispado Presidente, no Prédio de Escritórios da Igreja, para seu novo escritório no Prédio de Administração da Igreja, o primeiro quadro que colocou na parede foi uma pintura do Bosque Sagrado. "Quando eu era diácono, meu pai me levou ao Bosque Sagrado", diz Élder Hales. "Uma vez lá, oramos juntos e fizemos uma dedicação de nossa vida. Ele falou-me de coisas sagradas. Quando voltamos para casa, meu pai que era pintor e trabalhava na Cidade de Nova York, pintou um quadro do Bosque Sagrado para mim. Sempre coloco este quadro em meu escritório; e quando olho para ele, recordo-me de meu pai e da conversa que tivemos naquela tarde de verão".

Experiências como estas sempre fizeram parte da vida da família Hales, que morava em uma área densamente arborizada em Long Island, Nova York. Nascido em 24 de agosto de 1932, Robert foi o terceiro e último filho de John Rulon e Vera Marie Holbrook Hales. "Sempre fui grato a meu irmão mais velho, Jerry, e a minha irmã Janet, por deixarem que me juntasse a eles", diz Élder Hales. "Éramos uma família muito unida. Meu pai gostava de trabalhar no jardim e queria que aprendêssemos a trabalhar; por isso, trabalhávamos todos juntos no jardim. Nosso lar era um maravilhoso local para uma criança passar a infância; e minha família sempre foi uma fonte de força para mim". O evangelho era o centro da vida familiar dos Hales. Ao longo dos anos, o pai e a mãe de Robert serviram em várias posições na Ala de Queens, localizada a vinte milhas (aproximadamente 32 km) da casa da família Hales. Seus pais também serviram como missionários de estaca. Na verdade, numa determinada época, todo o bispado era composto por pessoas que foram convertidas pelo trabalho missionário deles. Quando o pai de Robert servia no bispado da ala, sempre organizava projetos de serviço com o Sacerdócio Aarônico para limpar e embelezar os jardins da capela. Élder Hales diz: "Lembro-me de cavar o buraco para a pia batismal juntamente com os outros rapazes do Sacerdócio Aarônico. Aprendemos a importância do batismo enquanto trabalhávamos juntos." Foi na Ala de Queens que Robert, então no segundo ano da faculdade, conheceu Mary Crandall. "Depois que a conheci, nunca mais saí com outras moças", diz Élder Hales. Eles namoraram por mais de um ano, enquanto estudavam em uma faculdade em Utah. Casaram-se no Templo de Salt Lake em 10 de junho de 1953 e mais tarde tornaram-se pais de duas crianças: Stephan, nascido em 1955 e David, nascido em 1958.

Após sua formatura na Universidade de Utah em 1954, Robert ou Bob para os amigos, serviu por três anos e meio na Força Aérea Americana como piloto de jatos de caça. Em seguida, freqüentou a Universidade de Harvard, onde recebeu diploma de mestrado em administração de empresas, em 1960. As oportunidades profissionais surgiram rapidamente em sua vida, servindo em importantes posições administrativas de várias empresas americanas, como: Gillette, Paper Mate—uma divisão da Gillette, Max Factor e Cheesebrough-Ponds. Devido a esse trabalho, a família Hales morou na Inglaterra, Alemanha, Espanha e várias áreas do Estados Unidos.

Simpático e resoluto, Élder Hales é um líder nato, que tem servido a Igreja toda a sua vida, inclusive como presidente do ramo em Albany, Estado de Georgia; em Weston, Estado de Massachusetts, em Frankfurt, na Alemanha e na presidência de um ramo em Sevilha, Espanha; e como bispo em Weston, Estado de Massachusetts; em Chicago, Estado de Illinois e em Frankfurt, Alemanha. Servia como representante regional quando foi chamado para trabalhar para a Igreja em tempo integral, em 1975, como Assistente do Quórum dos Doze. Em 1976, tornou-se membro do Primeiro Quórum dos Setenta.

"Uma das maiores alegrias que tive em meu serviço na Igreja, foi durante os primeiros três anos como Autoridade Geral, quando ajudei a planejar vinte e sete conferências de área", diz Élder Hales. "Adorava viajar com os membros da Primeira Presidência, os Apóstolos, as Autoridades Gerais e outros líderes e conhecê-los, bem como suas esposas. Observar os profetas, videntes e reveladores prestarem testemunho da veracidade do evangelho aos santos em país após país, era absoluta-

mente incrível."

Observar e ser parte do crescimento da Igreja tem sido "a alegria da minha vida", diz Élder Hales. Enquanto era membro dos Setenta, Élder Hales presidiu a Missão Londres Inglaterra de 1978 a 1979. Em abril de 1985, foi chamado como Bispo Presidente da Igreja, onde sua principal responsabilidade eram os negócios administrativos da Igreja. "Sentia grande satisfação, em ver a fidelidade e a bondade dos membros da Igreja nos dízimos e ofertas", diz Élder Hales. O Comitê de Bem-Estar da Igreja pôde cuidar de muitas pessoas necessitadas, tanto membros da Igreja como não-membros em todo o mundo, com ofertas de jejum generosas e ofertas voluntárias. Ao vivermos os princípios de bem-estar, o amor e a compaixão serão abundantes em nossos lares, em nossa vida, em nossa adoração e em nosso serviço a outros."

O lazer para Élder Hales geralmente era na forma de esportes e música. Quando menino, adorava jogar beisebol. Hoje, quando tem alguns minutos para relaxar, vê trechos de eventos esportivos—todos gravados em vídeo dos programas de televisão. Também gosta de jogar golfe e passar tempo com os netos.

Élder Hales sente prazer em tocar piano—"se ninguém está escutando", diz ele. Certa ocasião, relembra, pediram-lhe que acompanhasse o hino de abertura para uma reunião dos Setenta. Tudo correu bem, até que começou a tocar cada vez mais rapidamente. Quanto mais rapidamente tocava, mais depressa os Setentas cantavam. Foi uma boa corrida, mas Élder Hales diz: "Terminei apenas um pouco antes dos Irmãos".

Embora goze de boa saúde hoje, Élder Hales já sofreu dois ataques do coração. "Agradeço cada dia que estou aqui", ele diz. "Sou mais grato a todos e por tudo, tanto na Terra como no céu".

Não é surpresa que uma das escrituras prediletas de Élder Hales seja Doutrina e Convênios 41:11, onde, após ter chamado Edward Partridge como "bispo para a Igreja", o Senhor disse que: "o coração puro de Edward Partridge era semelhante ao de Natanael dos tempos antigos, em quem não havia dolo. Élder Hales tem muito em comum com Edward Partridge. Ele, como sua esposa diz, "Não tem qualquer dolo. Tem um coração puro. Quer apenas fazer o que é certo".

Seguir os líderes sempre foi uma das "coisas certas" que Élder Hales procurou fazer. É um princípio que aprendeu, como jovem, de seu futuro sogro, que o aconselhou quando lhe pediu a mão de Mary em casamento. "Meu sogro disse que quando visse um documento com a assinatura da Primeira Presidência, eu nunca erraria se seguisse suas instruções. Foi um conselho que nunca deixei de seguir".

Seu respeito pelos líderes da Igreja permaneceu firme através dos anos em que os serviu. Agora, como Apóstolo, será, com eles, testemunha especial de Cristo.

"Não quero deixar o tempo passar sem prestar testemunho", diz Élder Hales a respeito de seu novo chamado. "Sei que Deus vive e que Jesus é o Cristo e nosso Salvador e Redentor. Se tivermos fé em nosso Salvador, ele nos ajudará a vencer as provas e tribulações e perseveraremos até o fim, retornando a Sua presença depois desta provação mortal. Como lemos em 3 Néfi 5:13: "E eis que sou discípulo de Jesus Cristo, o filho de Deus, e fui por Ele chamado para anunciar Sua palavra ao povo, a fim de que possa alcançar a vida eterna." □

Chamados Novos Setentas

Élder Cláudio Roberto Mendes Costa
Dos Setenta

Quando o Élder Cláudio Roberto Mendes Costa recebeu o testemunho do evangelho, após uma noite de profundo estudo e meditação, em 1977, quis ser batizado no mesmo dia.

"O Senhor tocou meu coração", lembra Élder Costa, que nasceu no dia 25 de março de 1949, em Santos, no litoral brasileiro. "Percebi que havia desperdiçado muito tempo, não sendo membro da Igreja".

Élder Costa, recém-chamado como membro do Quórum dos Setenta, encontrara os missionários pela primeira vez na juventude. Ficou tão impressionado que os apresentou a sua família, a qual logo afiliou-se à Igreja. Ironicamente, entretanto, Cláudio deixou Santos com a idade de dezessete anos para ir trabalhar próximo a São Paulo, sem se batizar, o que só aconteceu quando voltou para casa, aos vinte e sete anos.

Um ano depois, Élder Costa casou-se com Margareth Fernandes Morgado, em São Paulo. Foram, mais tarde, selados no templo. Eles têm quatro filhos.

Élder Costa serviu como bispo, sumo conselheiro, conselheiro de presidência de estaca, presidente de missão e representante regional. Mais recentemente, foi diretor do instituto de religião da Igreja, em São Paulo. Antes de começar a trabalhar no Sistema Educacional da Igreja, em 1981, Irmão Costa estudou gemologia e "marketing", e trabalhou na gerência de uma loja de jóias.

Ele diz que o evangelho verdadeiramente é uma "pérola de grande valor". Diferentemente das pedras preciosas que negociava profissionalmente, porém, "o evangelho não tem que ser dividido em partes. É todo precioso".

Élder Costa aprecia a leitura de livros em inglês a respeito do Profeta Joseph Smith. Isso não só o ajudou a aprender inglês, mas fortaleceu seu testemunho do Profeta.

"Quando se sabe que Joseph Smith foi um profeta, fica fácil receber um testemunho do Livro de Mórmon e do profeta atual", diz. "A liberdade e felicidade verdadeiras têm origem no respeito ao Senhor e seus profetas. Nossa responsabilidade é compartilhar esse conhecimento com outras pessoas e fazer o que o Senhor nos pede". □

Élder W. Don Ladd
Dos Setenta

O próprio Élder W. Don Ladd admite ser uma pessoa que "pode sempre encontrar algo positivo". Sua esposa, Ruth Pearson Ladd, e seus quatro filhos concordam. "Em todos os nossos anos de casados (eles se casaram em 20 de dezembro de 1962, no Templo de Logan), não me lembro de uma vez que ele tenha sido negativo", observa ela. "Ele sempre sabe que as coisas se resolverão."

O evangelho apenas reforçou essa tendência natural. Nascido a 14 de julho de 1933 em San Mateo, Flórida, Don cresceu com algum conhecimento da Igreja. Sua mãe era membro da Igreja, mas seu pai, não. Um dedicado bispo, porém, colocou o adolescente Don sob suas asas, o que fez uma duradoura diferença em sua vida.

"Foi a influência desse homem que me estimulou", comenta Élder

Ladd. E ele, uma vez que iniciava alguma coisa, nunca desistia. Batizado aos dezenove anos ("Meu pai queria que esperasse até me tornar adulto"), Élder Ladd já servia no bispado com vinte e um anos. Recrutado pelo exército após a Guerra da Coréia, foi chamado como presidente de ramo durante sua estada na Alemanha. Desde essa época, já serviu como presidente de estaca, representante regional e conselheiro da Igreja em assuntos públicos e governamentais.

Após o serviço militar, Élder Ladd foi para Washington D. C., onde trabalhou como auxiliar administrativo de um congressista. Depois, trabalhou por quinze anos no Ministério da Agricultura dos Estados Unidos, após o que foi nomeado vice-presidente de assuntos governamentais da Marriott International, Inc., em 1982.

"A Igreja sempre foi o centro de minha vida", diz Élder Ladd. "Tudo o que realizei ou cumpri foi por causa do evangelho e sua influência." □

Élder James O. Mason
Dos Setenta

Aos dezenove anos, como estudante da Universidade de Utah, Jim Mason pensava em algo além da escola—uma futura missão.

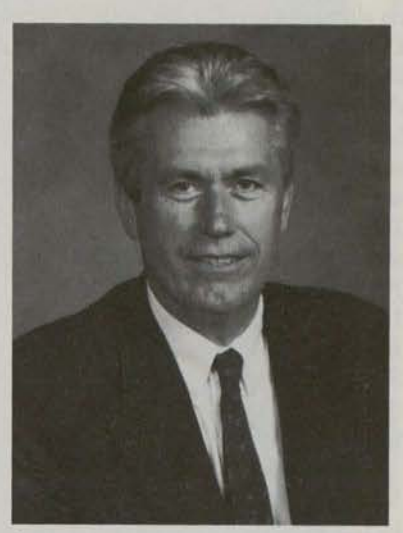
"Eu sentia que o evangelho era verdadeiro", explica. "Mas nunca tivera a experiência de que Morôni fala em Morôni 10:3–5. Eu queria ir para o campo missionário não só tendo aceito o evangelho, mas com um testemunho de sua veracidade".

Assim, Jim parou de estudar por um trimestre só para ler as escrituras. Estudou o Velho e o Novo Testamentos, o Livro de Mórmon e a Pérola de Grande Valor. Em um domingo de jejum e testemunho, "uma mulher foi ao púlpito e disse que sabia que aquelas coisas eram verdadeiras", recorda ele. "Lembro-me de ter pensado: 'Gostaria de poder dizer isso'. Só sei que assim que ela sentou-se eu já estava lá testificando a veracidade do evangelho de Jesus Cristo; eu recebera a manifestação do Espírito pela qual orara".

Então Jim foi em missão para a Dinamarca. Pouco depois de retornar, casou-se, em 29 de dezembro de 1952, no Templo de Lago Salgado, com L. Marie Smith, que também era membro de sua ala nativa, na Cidade do Lago Salgado. Jim (nascido a 19 de junho de 1930 na Cidade do Lago Salgado) continuou os estudos, adquirindo os graus de bacharel e médico pela Universidade de Utah, e mestrado e doutorado em saúde pública pela Universidade de Harvard.

Depois de muitos anos trabalhando em várias divisões do Centro Nacional de Controle e Prevenção de Doenças, em Atlanta, Georgia, o Irmão Mason tornou-se o diretor dessa entidade, em 1983. Junto com os serviços do Centro, cumpria designações como comissário de serviços de saúde da Igreja e como primeiro diretor gerente dos Serviços Unificados de Bem-Estar da Igreja. Foi muito útil ao desenvolvimento do programa missionário de serviços de bem-estar e inaugurou as atividades internacionais de bem-estar. Depois de trabalhar para a Igreja, foi diretor executivo da Secretaria da Saúde do Estado de Utah e lecionou na Escola de Medicina da Universidade de Utah. Em 1989, o presidente dos Estados Unidos pediu-lhe que dirigisse o Serviço de Saúde Pública do país, um cargo que exigia confirmação do Senado. No ano passado, ele aposentou-se do serviço no governo.

Um reconhecido perito em prevenção de doenças e promoção da saúde, Élder Mason tem-se pronunciado em congressos e é bastante qualificado para dar conselhos a respeito de estilos saudáveis de vida. "O melhor conselho que posso dar", diz, "é este: Para desfrutar as bênçãos de paz interior, saúde e felicidade, guardem os mandamentos". Élder Mason já foi bispo, presidente de estaca e representante regional. Ele e sua esposa têm sete filhos e dezessete netos. □



Élder Dieter F. Uchtdorf
dos Setenta

Por ser piloto, Dieter F. Uchtdorf viaja, com freqüência, bem acima da terra. "Vejo quão belos são os desertos, as florestas e os mares", diz ele. "Mesmo depois de dez longas horas na cabine, assombro-me com o nascer do sol. Maravilho-me com as diferentes culturas do mundo. Todos são diferentes, e ainda assim, somos iguais."

Élder Uchtdorf lembra-se de quando um dos primeiros astronautas a orbitar a terra declarou: "Estive no céu e não vi Deus". Em contraste, Élder Uchtdorf diz que, embora não tenha voado tão alto, ele viu Deus através do testemunho de suas obras. "Sou tão grato ao

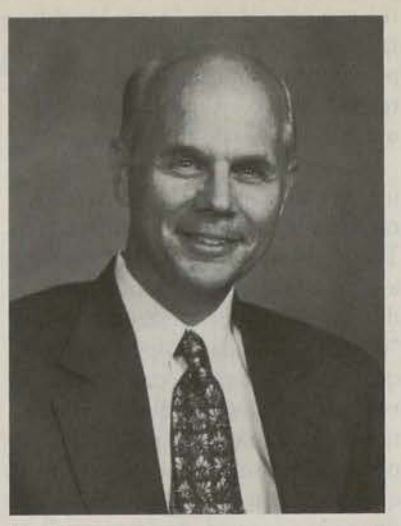
Senhor por sua criação", diz ele.

Élder Uchtdorf passou a maior parte de sua vida profissional na Linhas Aéreas Lufthansa. As funções que lá desempenhou incluem: piloto chefe, vice presidente de operações de vôo sênior, diretor de serviços de vôos internos e chefe da escola de pilotos da companhia aérea. Anteriormente foi piloto de caça na força aérea alemã. Estudou administração de empresas em Colônia, na Alemanha, e cursou o Instituto Internacional de Administração em Lausane, na Suiça.

Nasceu a 6 de novembro de 1940 em Ostrava, na Tcheco-Eslováquia, onde o pai trabalhava nos escritórios da alfândega alemã. Mais tarde Dieter mudou-se com a família para Zwickau, na Saxônia, uma região da Alemanha. A família afiliou-se à Igreja quando tinha seis anos de idade. Aos doze anos a família mudou-se para Frankfurt, onde Dieter freqüentemente distribuia o sacramento para a jovem Harriet Reich. Casou-se com Harriet em Dezembro de 1962 e foi posteriormente selado a ela no Templo da Suiça. Os Uchdorfs, que vivem ao sul de Frankfurt, em Darmstadt, tem um filho, uma filha e netos gêmeos.

Quando de seu chamado ao Segundo Quórum dos Setenta, Élder Uchtdorf presidia a Estaca Mannheim Alemanha. Foi também presidente da Estaca Frankfurt, sumo conselheiro, presidente da missão da estaca e vice-presidente do comitê do Templo de Frankfurt.

"Minhas experiências como portador do sacerdócio ensinaram-me a ser confiante em público, a saber quem sou e a perceber que tudo é possível quando estou ao lado do Senhor", diz Élder Uchtdorf. "Minha experiência profissional, por sua vez, preparou-me para melhor servir na Igreja. O evangelho é vida!" □



Élder Lance B. Wickman
Dos Setenta

Quando ainda era da Primária, sentado durante uma reunião sacramental, Lance B. Wickman escolheu em que centralizar sua vida.

Acima do púlpito brilhava uma placa envernizada, que se encontrava ali desde que o local era uma capela protestante. Inscrito na placa—e gravada para sempre na mente do menino—estavam as arrebatadoras palavras de Josué: "Escolhei hoje a quem sirvais" (Josué 24:15).

"Aquelas palavras penetraram profundamente em meu coração", diz Élder Wickman, recém-chamado ao Segundo Quórum dos Setenta. "Olhando para trás, vejo que meu testemunho e meu amor pelo serviço na Igreja datam daqueles dias."

Lance nasceu a 11 de novembro de 1940, filho de Alton C. e Irene Carlson Wickman. Como portador do Sacerdócio Aarônico e residindo em Glendale, Califórnia, Lance gostava das inúmeras despedidas e retornos de missionários de sua ala, "o que consolidou em minha mente o desejo de cumprir uma missão".

Após concluir a missão na Inglaterra e retomar os estudos de ciências políticas na Universidade da Califórnia, em Berkeley, Lance casou-se com a namorada dos tempos de faculdade, Patricia Farr, no Templo de Los Angeles, em 1963.

A seguir, serviu como oficial de infantaria por cinco anos, dois deles no Vietnã. O mau pressentimento que costumava ter antes de um combate foi vencido, diz ele, pela "mansa e delicada voz do Espírito, tão clara como um sino recitando Provérbios 3:5–6: 'Confia no Senhor de todo o teu coração (. . .) e ele endireitará as tuas veredas'". Essa escritura, também, foi a pedra angular de sua fé quando ele e seu pelotão sobreviveram à explosão de uma mina que destruiu o veículo blindado em que estavam. Lance recebeu, entre outras condecorações, a Medalha Estrela de Bronze.

Após seu retorno do serviço militar, o Irmão Wickman formou-se pela Universidade de Stanford e começou a advogar em Los Angeles. Os Wickmans têm quatro filhos e uma filha; o segundo filho, Adam, morreu de uma doença rara aos cinco anos de idade. A família mudou-se para San Diego quando a firma de advocacia de âmbito nacional em que Lance trabalha abriu um escritório lá.

O serviço de Élder Wickman na Igreja, no sul da Califórnia, inclui chamados como bispo, presidente de estaca e representante regional. Por seu devotado serviço como escoteiro, recebeu a Medalha *Silver Beaver*(Castor de Prata).

"Sou profundamente grato pelo ministério do Espírito Santo", diz ele. Élder Wickman sabe que pode confiar nesse ministério, em sua atual oportunidade de servir ao Senhor de todo o coração. □

***Elias, o Profeta, contende com os Sacerdotes de Baal,* de Jerry Harston**

Ridicularizando os profetas de Baal e repreendendo os filhos de Israel por terem se afastado de Deus, Elias, O Profeta, suplicou ao Senhor que realizasse um milagre no altar de sacrifícios, "Para que este povo conheça que tu, Senhor, és Deus" (ver I Reis 18:17–40).

Praça do Templo, de Rebecca W. Hartvigsen, mostra os jardins e edifícios após uma chuva de primavera. À esquerda encontra-se o Tabernáculo, onde são realizadas as sessões das conferências gerais. Ao centro localiza-se o belo Templo de Lago Salgado. À direita está o Assembly Hall, onde se realizam concertos e outros eventos.

94987059